

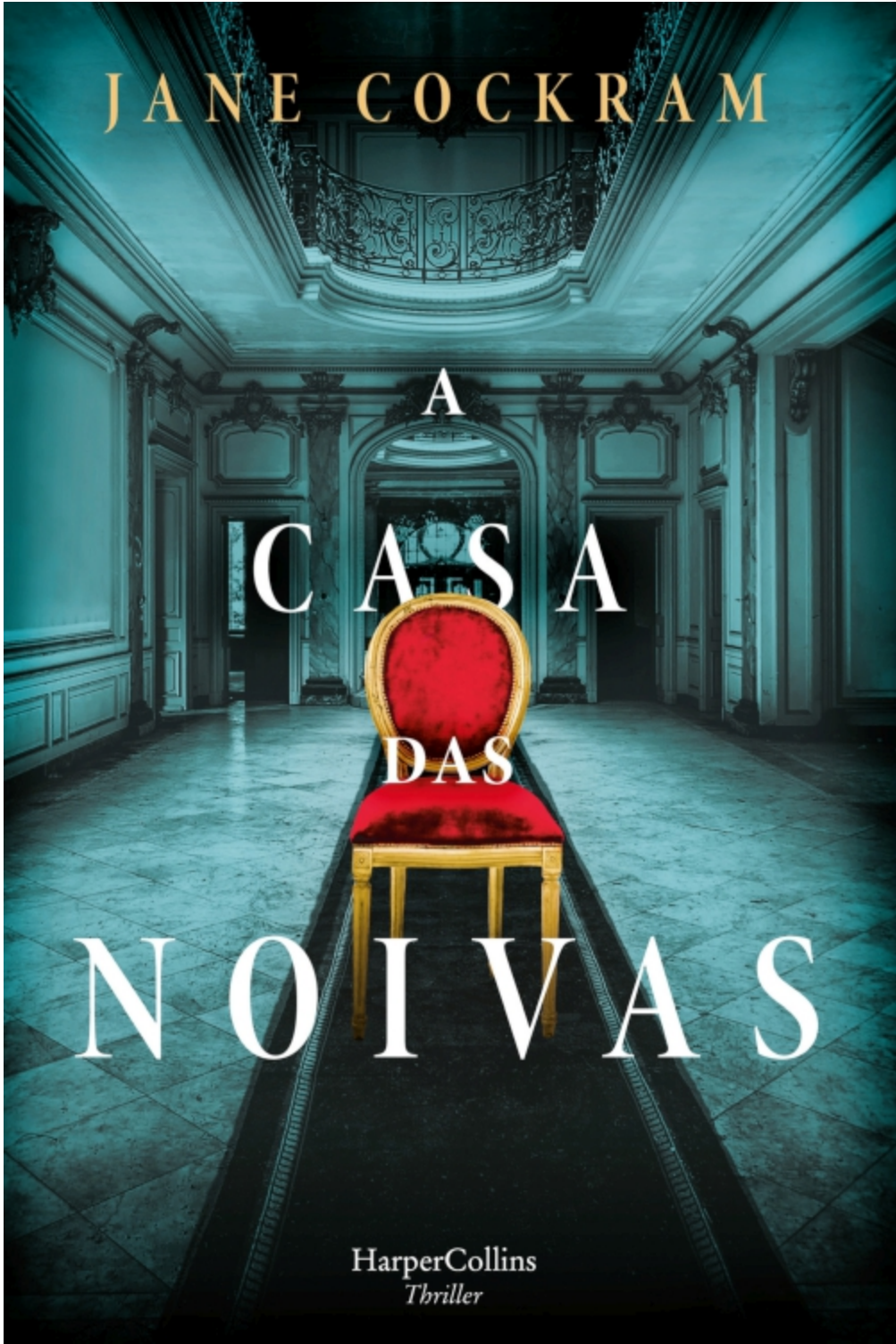
A grand, ornate hallway with a red velvet chair in the center. The hallway is long and narrow, with high ceilings and decorative moldings. The floor is made of large, light-colored tiles. A dark red velvet chair with a gold frame is positioned in the center of the hallway, facing away from the viewer. The walls are decorated with intricate carvings and a balcony with a decorative railing is visible in the distance. The overall atmosphere is mysterious and elegant.

JANE COCKRAM

A
CASA
DAS
NOIVAS

HarperCollins
Thriller





JANE COCKRAM

A
CASA
DAS
NOIVAS

HarperCollins
Thriller

JANE COCKRAM

A

CASA

DAS

NOIVAS

Editado por HarperCollins Ibérica, S.A.
Núñez de Balboa, 56
28001 Madrid

A casa das noivas
Título original: The House of Brides

© 2019, Jane Cockram
© 2021, para esta edição HarperCollins Ibérica, S.A.
Publicado originalmente pela HarperCollins Publishers LLC, New York, U.S.A.

Tradutor: Mariana Mata

Reservados todos os direitos, inclusive os de reprodução total ou parcial em qualquer formato ou suporte.

Esta edição foi publicada com a autorização da HarperCollins Publishers LLC, New York, U.S.A. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e situações são produto da imaginação do autor ou são utilizados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, acontecimentos ou situações são pura coincidência.

Desenho da capa: Caroline Johnson
Imagens de capa: © Des Panteva/Arcangel (cadeira); © Andrzej Kwolek/Arcangel (sala)

1ª edição: Fevereiro 2020

ISBN: 978-84-9139-502-7

Conversão ebook: MT Color & Diseño, S.L.

Sumário

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

[23](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[49](#)

[50](#)

[51](#)

[52](#)

[53](#)

[54](#)

[Agradecimentos](#)

Para a Alice e o Edward

*A família...
aquele querido polvo a cujos tentáculos nunca conseguimos bem
escapar, o que, de facto, nem sequer desejamos, no fundo do
coração.*

— DODIE SMITH

PRÓLOGO

ONTEM ENCONTREI um artigo sobre a Casa Barnsley numa velha revista. Levei algum tempo a reconhecê-la. Não só não estava preparada para tropeçar nela, como também só a tinha conhecido no inverno. Foi um choque ver o local fotografado em todo o seu fulgor, ao sol, e antes de sequer pensar no que estava a fazer, já tinha arrancado as páginas para saborear mais tarde, longe dos olhares indiscretos dos outros.

Numa fotografia, a curva azul do porto está cheia de barcos à vela e traineiras de pesca. É provável que tivessem tirado as fotografias há anos, quando o hotel abriu. Talvez na primavera, quando o tempo começava a aquecer e os campos em redor ainda não estavam queimados pelo calor do verão. O Max diz que, nessa altura do ano, o céu estava cheio de drones a tirarem fotografias das casas de campo prestes a entrar no mercado imobiliário e a capturarem imagens da famosa faixa costeira para programas de *lifestyle* na televisão.

Vejo essa paisagem de cada vez que fecho os olhos, mas é melhor tê-la diante de mim: a erva a inclinar-se de forma a que as falésias e a vila abaixo dela fiquem escondidas, a linha do mar a ocultar bancos de areia por debaixo de ondas traiçoeiras. A partir de Barnsley, não se consegue ver o porto calcetado ou o pontão a partir do qual o pequeno *ferry* parte a cada hora, se a maré o permitir, para fazer a excursão à linha costeira. Não se conseguem ver as lojas de peixe frito e batatas fritas e as galerias com os seus vidros martelados ou os cafés e esplanadas recônditos dos *bed and breakfast*. E ainda assim, estavam todos nas fotografias, como se fossem parte integrante do hotel.

É fácil de recordar a sensação de ver Barnsley pela primeira vez. Não em fotografia, mas ao vivo, com a grande casa a aparecer à minha frente. A beleza da pedra calcária é difícil de ver numa fotografia e ainda mais de explicar. A pedra é diferente da de outras casas da zona, mais macia, de certo modo, e no verão, ficava quente ao toque durante semanas a fio, contou o Max. Nalguns dias, quando o sol não estava suficientemente forte para aquecer os frios ossos das antípodas da Daphne, ela encostava-se à parede e esperava que o calor lhe trespassasse o vestido de verão e o casaco. Isso foi antes de eu ter chegado. Tem estado apenas frio, um frio gélido, desde que a conheço.

Será que o hotel vai voltar a ter sucesso? Ou será o artigo inútil, a direcionar turistas americanos ricos para uma casa de fantasmas? Um hotel que perdeu o rumo, e a mulher que o geria, e não por essa ordem. Tenho de ter esperança de que consigamos dar a volta a Barnsley, pois entrou-me de algum modo no sangue, tal como entrou no sangue das mulheres que me precederam.

1

— UM BRINDE À Miranda — disse o meu pai enquanto erguia o copo no ar, fazendo-o chocar de seguida com força contra o copo igualmente erguido da minha madrastra. — Que a tua carreira na Grant and Farmer seja longa e próspera!

Não era a primeira vez que ele brindava a uma nova direção na minha carreira — só deus sabe que houve algumas voltas e reviravoltas antes de me ter dado mal desta última vez —, mas foi a primeira em que ele se envolveu na missão de tentar arranjar-me um emprego. Depois de tudo o que aconteceu, eu não tinha outra hipótese senão aceitá-lo.

O meu pai teve de cobrar alguns favores. E quando isso não funcionou, acho que teve de começar a fazer promessas. Cedências. Acho que não chegou ao ponto de haver mesmo troca de dinheiro, mas não tenho a certeza. Não me pareceu estar a imaginar coisas quando lhe detetei uma ligeira ameaça na voz. Mais do que um ligeiro ênfase na palavra *longa*.

— Sim, querida Miranda. Boa sorte na Grace and Favour! — disse a minha madrastra Fleur, juntando-se ao brinde, mesmo já tendo terminado de beber o seu segundo copo de champanhe.

Ri-me, apesar de tudo. A Fleur só era verdadeiramente engraçada durante uma pequena parte do dia, algures entre a sua segunda e quarta bebida. E aquela janela era muito mais curta do que se poderia esperar, dada a sua habilidade em consumir champanhe e vinho branco seco.

Para além disso, eu queria apreciar esta celebração enquanto durasse; era a primeira vez que tínhamos alguma coisa para celebrar em muito tempo. A julgar pelo ar das minhas duas meias-irmãs mais novas, sentadas em silêncio e a abanar os cubos de gelo da limonada enquanto a alegria

continuava em seu redor, também elas sabiam bem que as coisas rapidamente se podiam alterar. *É só aguardar*, diziam os seus rostos, *ela também vai estragar isto*.

— O que é que alguém com uma licenciatura em escrita criativa vai fazer numa empresa de relações públicas? — perguntou a minha madrinha Denise, virando-se para mim depois de o brinde ter acalmado. Como era hábito, a minha família tinha escolhido esquecer a minha pós-graduação em nutrição e dietética. À nossa volta, os empregados pousavam os tabuleiros das entradas: reluzentes pimentões vermelhos grelhados, rolos grossos de presunto, e carnudas azeitonas sicilianas. O meu restaurante italiano preferido era sempre o local para todas as celebrações familiares, e no que concerne a celebrações de família, eu ter finalmente conseguido arranjar outro emprego era bastante significativo. Pelo menos era o que parecia que o meu pai estava a tentar dizer-me ao convidar a família inteira, incluindo os meus padrinhos, para se juntarem ao jantar de celebração.

— O que é que alguém com uma licenciatura em escrita criativa vai fazer seja onde for? — disse bem alto o meu pai na ponta da mesa, rindo-se ruidosamente da própria piada, olhando em redor para se assegurar de que os clientes à volta também se estavam a rir. Lá se foi a minha tentativa de passar despercebida.

— Não é tudo escrita criativa nas relações públicas? — interveio a Fleur.
— Ou sou eu que estou a ficar confusa com as notícias falsas?

Eu estava preocupada que toda a conversa sobre escrita criativa pudesse descambar numa discussão sobre a escrita criativa que me lançou em sarilhos, por isso concentrei-me na Denise ao responder. — Acho que no começo vou ser só mais uma espécie de assistente executiva. Não terei nada a ver com clientes. Talvez acabe por poder trabalhar nalgum *copy*, coisas assim, imagino.

Não soei mais entusiástica do que me sentia. Trabalhar como *copy* estava tão longe daquilo que tinha andado a fazer. A gerir o meu próprio negócio. Um blogue famoso. Um contrato literário. A comunicação social dizia que eu era influenciadora.

— O que é uma assistente executiva? — perguntou uma das minhas meias-irmãs. Daquela vez, a Ophelia, mas podia facilmente ter sido a Juliet, dado que o conhecimento geral de ambas era igualmente não-existente. E sim, todas temos nomes saídos de Shakespeare. A minha mãe começou a

tradição e a minha madrasta continuou-a. O meu nome tinha algum significado para a minha mãe, ao passo que suspeitava que a minha madrasta teve de usar o Google. Cérebro matemático, diz ela. Cérebro de ervilha, acho eu.

— Reservam voos, preparam as salas de reuniões, esse tipo de coisas — arrulhou a minha madrasta, acariciando suavemente o cabelo da Ophelia devido à natureza potencialmente perturbadora desta informação. — E é por isso que não quero que tirem uma licenciatura em artes. — A Ophelia e a Juliet acenaram solenemente, mesmo que estivessem a vários anos de distância de tomar quaisquer decisões sobre as suas formações universitárias.

Concentrei-me em encher o prato com uma seleção de entradas, prestando mais atenção do que era realmente necessária à colocação da comida, de forma a conseguir engolir as lágrimas que ameaçavam verter para cima dos pratos de barro.

— A mim parece-me ótimo — disse a Denise a apertar-me a mão, mas a compaixão na sua voz piorou as coisas. Ela estaria a pensar na minha mãe, a sua melhor amiga, e a perguntar-se como é que eu podia ter saído tão medíocre quando a minha mãe tinha sido tão extraordinária. Desejei que regressasse a Londres com a sua pequena família perfeita e me deixasse ali com as pessoas que não esperavam muito de mim. Era mais fácil assim.

A conversa mudou para uma viagem de esqui que a Denise e o Terence tinham planeado. Senti-me a desligar, a pensar em vez disso no *casarecce* com beringela e salsicha italiana que em breve estaria a vir na minha direção, e no tiramisu que se seguiria, se estivesse disposta a arriscar os comentários de desaprovação da Fleur.

— E é por isto que ela não consegue manter um emprego a sério — ouvi o meu pai a dizer quando me apercebi de que o empregado de mesa estava a tentar pousar-me o jantar à frente. — Sempre a sonhar acordada. — Era verdade, eu era uma sonhadora. O meu pai costumava achar isso engraçado, até encantador, mas ultimamente andava a fazer todo o tipo de observações irónicas. *Não podes ser assim tão vaga a vida inteira, Miranda. Já tens vinte e seis anos. Não está na altura de encarares a realidade?*

Eu conseguia perceber porque é que estava preocupado. Não me conseguia imaginar sentada a uma secretária o dia todo, a prestar atenção

em reuniões intermináveis, a lembrar-me de números, nomes e datas, mas era isso que ia fazer assim que começasse na Grant and Farmer.

Havia risadas por todo o lado em redor: estridentes da parte da Fleur, educadas da Denise. Conseguia vê-la outra vez a observar-me e sorri-lhe debilmente para mostrar que estava bem.

O barulho do restaurante subia de tom à medida que a noite progredia. As cadeiras eram arrastadas para trás quando os clientes se levantavam para se cumprimentarem, o *sommelier* puxava as rolhas para fora de garrafas de *prosecco* e os empregados transportavam taças intermináveis de *pasta* a fumegar saídas da cozinha. O ambiente era leve, os aromas divinais e nas mesas à nossa volta as pessoas sorriam, riam e bebericavam *Chianti* e *pinot grigio*, inclinando-se para a frente para se ouvirem bem uns aos outros por cima do burburinho.

Todas as mesas à exceção da nossa. Se não fosse a comida e a conversa que surgia em função dela, estaríamos quase completamente em silêncio. *O que é que pediste? Spaghetti alle vongole. Tem um aspeto delicioso, não é que tens gostos maduros? Este Barolo está delicioso, Bruce. Sim, é um dos teus favoritos. Este sítio nunca muda, pois não? É por isso que gostamos dele, Terence.*

Tinha sido má ideia convidar os O'Halloran: de algum modo, a presença de estranhos realçou a inquietação a que me acostumei de alguma forma ao longo dos anos, e agora conseguia ver o que a nossa família composta devia parecer aos olhos deles. Se a minha mãe ali estivesse, a nossa mesa ia parecer exatamente igual às outras e tenho a certeza de que não era a única a pensar isso. O tiramisu ia ter de esperar por outra ocasião. Eu precisava de sair dali.

— Meninas? Querem que vos leve a casa? Não têm trabalhos de casa ou de ensaiar oboé?

O alívio nos rostos da Juliet e da Ophelia foi imediato. A noite desabrochou à frente delas: a loucura das redes sociais, a Netflix, e as chamadas telefónicas sem os pais em casa. Não era fácil crescer com o meu pai e todas as suas regras.

Não há chamadas após as 21h00.

Não há telefones no quarto.

Não há televisão durante a semana.

Não há dormidas em casas do sexo oposto.
Não há telefones à mesa.
Não há *piercings*.
Não há tatuagens.
Não há álcool.
Não há drogas.
Não. Não. Não.

Eu sei, vivi com ele durante muito tempo. Demasiado, na minha opinião.
E na dele. E na da Fleur.

E agora estou de volta a casa.

No entanto, a Juliet e a Ophelia, ainda parecem pensar que eu sou fixe, nem que seja porque posso levá-las de carro a qualquer lado e mexer no meu telefone sempre que quiser. Até acham fixe que eu agora trabalhe numa loja de roupa desportiva e que lhes consiga arranjar desconto nas calças de compressão que elas e as amigas usam o tempo inteiro. Infelizmente, o meu pai não é assim tão fácil de impressionar.

— Leva o meu carro, pequerrucha. — O meu pai fez um grande alarido ao tirar a chave e fechar a sua mão à volta da minha. — Nós apanhamos um Uber. — Como se me estivesse a fazer um favor.

A Juliet e a Ophelia tagarelaram o caminho inteiro dentro do carro sobre a escola, os rapazes, os amigos, o *The Voice*.

— Porque é que vocês não estavam animadas no jantar? — perguntei após terem passado dez minutos até conseguir dizer uma palavra. — Agora parecem ter coisas a dizer.

— A Denise é estranha. Olha sempre para nós de uma forma esquisita quando falamos. Odeia-nos — explicou a Juliet.

— E odeia a mãe. — Portanto, a Ophelia sentia o mesmo.

— Isso não é verdade. — Não tinha pensado nisso dessa forma. Pensava apenas na Denise e no Terence como parte da família.

— É, sim. E está sempre a olhar fixamente para ti com uma expressão esquisita na cara. Reparaste?

Virei a esquina para a minha antiga rua, a prestar pouca atenção à estrada. Embora tivesse vivido fora de casa durante uns anos, ainda conseguia conduzir até ali em piloto automático.

Ainda pensava nela como a minha casa: a casa recuperada dos tempos da Federação que os meus pais tinham comprado quando se casaram e pensavam que tinham todo o tempo do mundo para estarem juntos. Afinal não tiveram assim tanto tempo e a casa só foi renovada anos mais tarde, quando a Fleur e a sua comitiva de arquitetos e empreiteiros caros apareceu em cena.

— Não — menti.

A Denise *tinha* passado imenso tempo nesta visita a olhar fixamente para mim. As pessoas sempre me tinham dito que eu não me parecia nada com a minha mãe, que eu era completamente parecida com o meu pai. A tua mãe era linda, diziam de um fôlego só, como se eu não pudesse entender a insinuação.

Mas talvez a Denise conseguisse ver algo em mim? Talvez eu me estivesse a parecer mais com a minha mãe à medida que envelhecia? Tentei ver o meu reflexo no espelho retrovisor enquanto estacionava ao pé da casa, mas não conseguia ver nada à luz do crepúsculo. Ouviu-se um raspar sonoro quando os pneus bateram na sarjeta. Praguejei entredentes quando percebi que os cantoneiros tinham deixado os nossos caixotes do lixo vazios no meio do caminho de entrada.

— Oh, o pai vai matar-te — sussurrou a Juliet. Alegria. Havia decididamente alegria no seu tom de voz. — Quantos champanhes é que bebeste, afinal? Borracholas! — Ambas se riram juntas, inebriadas pela liberdade, pela limonada e satisfação pelo meu infortúnio.

— Mal bebi um copo. — Era verdade, eu não bebia muito. Teria provavelmente pedido uma *Coca-cola Light* se a Denise e o Terence não estivessem ali. — Podem, por favor, ir tirar os caixotes do caminho?

O pedido foi recebido com o som das portas a bater. O par correu pelos degraus de pedra acima.

— Vá lá, Miranda, estou aflita. — A Ophelia deu um espetáculo a saltar de um pé para o outro, um movimento que se devia mais aos anos de aulas de teatro e oratória do que a quaisquer necessidades urgentes de bexiga. — Deixa aí o carro. O pai não se vai importar.

Olhei para cima, para a árvore acima do carro, cuja seiva tinha sido assunto de inúmeras discussões de família ao longo dos anos. O pneu estava mesmo encostado contra o passeio. Quaisquer danos seriam apenas visíveis quando se movesse.

— Está bem. — Suspirei. — Da próxima vez não bebam tanta limonada. — Era só por um instante, disse para mim. Regressaria e afastaria os caixotes e o carro assim que tratasse das miúdas. Subi as escadas para me juntar a elas a admirar o jardim pelo caminho.

Apesar de todas as falhas da Fleur, tinha de facto talento para a jardinagem. Ou para a arquitetura paisagista, como sempre me corrigiu. Nesta altura do ano, o jardim estava incrível e um foco de luz bem colocado realçava o jacarandá em flor em toda a sua glória. A minha mãe iria adorar. Uma das poucas coisas que tinha sido capaz de deduzir da sua escrita era o seu amor pelo mundo da natureza, a sua afinidade com o ar livre.

O cheiro da casa atingiu-me assim que abri a porta. Fechada o dia inteiro, pareceu ter manifestado a sua fragância: os restos das sempre presentes velas de figo da Fleur, as flores de gardénia a flutuarem numa taça na mesa do *hall* de entrada e o inconfundível cheiro de um pinheiro de Natal. Subjacente a tudo, o cheiro a lar. Algumas coisas não tinham mudado, apesar de tudo.

— Já há árvore de Natal? — perguntei à Ophelia enquanto me empurrava para passar, com a sua necessidade desesperada de ir à casa de banho aparentemente esquecida, enquanto eu via devagar algumas cartas pousadas na mesa do *hall*.

Durante muito tempo não tinha havido nenhuma para mim. Revistas da escola de tempos a tempos. Catálogos. Nada de interessante.

E depois, os envelopes grossos dos escritórios de advogados começaram a chegar. Nalguns dias havia maços deles. Noutros, só um ou dois. Mas durante alguns meses foi incessante.

Suspirei de alívio que não houvesse nada para mim naquele dia.

— Já sabes como é a mãe — disse a Ophelia ao longe. Ouvi-a a atirar-se para o sofá, com o som da televisão a acordar para a vida. Estava em casa e podia ligá-la. Do sítio onde estava parada, conseguia ver a Juliet através do conjunto de janelas envidraçadas nas traseiras da casa.

Quase passei pelo envelope sem o ver. De papel pardo com um canto completamente coberto de selos coloridos, todos impressos com a pequena cabeça da rainha de perfil. Exatamente o mesmo tipo de envelope que eu tinha passado a infância inteira à procura.

A morada tinha sido riscada e reescrita, novamente riscada e reescrita. Era como se tivesse andado no sistema postal durante algum tempo e tinha

obviamente atravessado meio mundo. Mas essa não era a parte estranha. A parte estranha era a quem estava endereçada.

À minha mãe.

2

A CARTA TINHA sido aberta. A aba, outrora diligentemente colada com camadas de fita-cola grossa, agora à deriva do corpo principal da coisa, com a fita-cola seca e sem utilidade. O endereço do remetente era-me familiar: mais simbólico do que qualquer outra coisa, um sinal do passado mais do que um verdadeiro local. Casa Barnsley. Era como receber uma carta do Polo Norte ou do céu.

Claro que eu tinha procurado aquele endereço do remetente na minha juventude. Nas costas dos cartões de aniversário e em envelopes. De cada vez que chegava uma carta com um carimbo régio no canto, de cada vez que via a cabeça da rainha com o seu azul, roxo e azul petróleo de fundo, tinha esperado que dessa vez a carta fosse de Barnsley.

No final, o meu pai comprou-me um álbum filatélico. Tinha interpretado mal o meu interesse pelo correio como um grande interesse em filatelia. Durante anos, rasgava diligentemente os selos e humedecia-os para os tirar do papel numa frigideira cheia de água, embora não tivesse qualquer interesse neles, de todo. O meu único interesse era encontrar uma carta com a morada escrita no envelope que estava agora à minha frente.

Foi suficiente olhar apenas por um instante para a formação mística daquelas letras.

Inspirei profundamente, tentando entorpecer ligeiramente a minha expectativa. Passados vinte anos, tinha antecipado cenários mais do que suficientes para aquele momento. Um pequeno, mas significativo contacto. Uma mensagem de Natal. Uma oferta para adoção completa.

Mas aquilo era diferente. A carta estava endereçada à minha mãe. Não sabiam que estava morta?

A ouvir cuidadosamente os movimentos das minhas meias-irmãs, movi-me para dentro do escritório do meu pai, fechando a porta quase sem fazer um som sobre o tapete de pelúcia. O crepúsculo avançou rapidamente pela divisão, dificultando a leitura das palavras, por isso levei a carta para o banco da janela, forçando-me a sentar-me e a respirar, apesar do fluxo de sangue nos meus ouvidos.

Desdobrei devagar a carta, prestando especial atenção ao espesso papel creme, levando-o depois até perto do meu nariz. Bafiento, sim, mas com um ligeiro cheiro a humidade. De fumo, até. Tinha esperado um momento proustiano — uma baforada do perfume a água de rosas da minha mãe ou uma saudável colónia masculina —, mas fiquei desapontada. Não me fez lembrar de nada para além da lareira na cabana húmida de praia que costumávamos alugar no Wilsons Prom durante a Páscoa.

Li a carta, a primeira vez depressa, e a segunda devagar, a tentar encontrar detalhes que não estavam lá.

Querida Tessa,

Encontrei a tua fotografia por acaso. Não devia ter procurado. O pai diz sempre que eu sou demasiado curiosa para o meu próprio bem, mas é o que acontece quando nunca ninguém nos conta nada.

O problema neste lugar é que, quando se começa a procurar respostas a uma questão, acaba-se por encontrar um conjunto inteiramente separado de segredos.

Adiante. Encontrei uma fotografia tua e tinhas um ar amável, normal. Não como as pessoas nas fotografias antigas normalmente aparentam, com penteados esquisitos e camisolas engraçadas.

Quando virei a fotografia ao contrário, tinha escrito «Tessa, 19», em letra antiga com arabescos, como se quem quer que a tivesse escrito tivesse medo de carregar na esferográfica com força a mais.

Por alguma razão nunca pensei em ti como uma pessoa real. Quer dizer, sabia que escreveste O Livro. Sabia que te foste embora há muito tempo,

mas nunca pensei que pudesses ser capaz de nos ajudar. Na verdade, nunca precisámos antes de ajuda.

Aconteceu uma coisa má. Passa-se alguma coisa com a minha mãe. O pai diz que alguém precisa de cuidar de nós, mas diz que precisamos de mantê-lo em família. Vai enviar-nos para um colégio interno depois do Natal. Até à Agatha. Apesar do que aconteceu.

Podes vir cá ajudar-nos? Por favor.

Com amor,

Sophia Summer (a tua sobrinha)

Foi um choque ouvir uma voz jovem e contemporânea vinda de Barnsley. Uma voz que podia ter pertencido a qualquer das jovens que eu conhecia — uma voz que soava como a da Ophelia, ou a da Juliet. Eu tinha lido *A casa das noivas* centenas de vezes. O livro da minha mãe foi um sucesso quando foi publicado e conseguiu vender centenas de milhares de exemplares antes de ter saído de catálogo no final dos anos 1990. Mas nunca tinha pensado no que o livro poderia representar para as pessoas que viviam atualmente em Barnsley. Que se lhe pudessem referir como O Livro da mesma forma singular e reverente do que eu.

A casa das noivas era a minha única ligação à minha mãe e ao seu passado, e mesmo assim, não era a mais pessoal. O que eu sabia da Casa Barnsley era o que todos os leitores sabiam sobre ela. E do que eu me lembrava sobre a minha mãe era basicamente o mesmo do que eles. Era mais do que isso: a minha mãe era o livro, e o livro era a razão de eu ter estudado escrita criativa na universidade.

A casa das noivas abordava profundamente a história da Casa Barnsley; as mulheres que tinham casado com um membro da família e que tinham trazido mais fama e prestígio com elas. Eram escritoras, arquitetas e *socialites*, mulheres que, invulgarmente naquele tempo, tinham ultrapassado os limites e encontrado o sucesso, a notoriedade. Sarah

Summer. Beatrice Summer. Os seus nomes eram-me mais familiares do que os de alguns dos parentes do meu pai ainda com vida. Entre os exemplos dessas mulheres e o da minha mãe, eu sentia uma pressão imensa para fazer algo de especial com a minha vida.

A maioria do tempo andava a percorrer inutilmente o livro à procura de dicas sobre a minha mãe. Ao contrário da tendência moderna dos escritores se dedicarem à narrativa não ficcional, ela estava curiosamente ausente. Conseguia sentir a sua atenção pelo detalhe, a sua rápida mudança de expressão, mas não havia mais nada dela nele, nada para além da familiar fotografia de cabeça: o seu cabelo direito e macio, o largo sorriso inofensivo.

O seu livro era a história objetiva da Casa Barnsley e das mulheres que lá tinham vivido ao longo de várias gerações. Havia escândalos, sim: suicídios, ligações secretas e as obrigatórias alegorias góticas — quartos secretos, fantasmas e incêndios inexplicáveis —, mas era um livro de História. Um passado típico de uma casa de campo daquela era, mas sempre tinha imaginado Barnsley como um local agora benigno. Talvez estivesse enganada.

Todo este tempo tinha estado à espera de que alguém de Barnsley viesse à minha procura. Mas agora que alguém o tinha feito, já não tinha tanta certeza de ser aquilo que eu, afinal de contas, queria.

3

CASA BARNSLEY. Teclei o nome e depois olhei para ele, a escutar os sons da casa em meu redor, à espera de alguma espécie de sinal de que era seguro continuar. Lá fora, a rua estava sossegada, à exceção do barulho ocasional de uma porta de automóvel a fechar ou o bater da bola de basquetebol contra a tabela na entrada no nosso vizinho. Havia um tempo limitado até o meu pai e a Fleur regressarem do jantar e eu ainda não queria responder às suas perguntas sobre o que estava a fazer. Ainda não sabia ao certo o que estava a fazer.

Wikipédia, Grandes Casas de Inglaterra, TripAdvisor; surgiu uma panóplia de resultados. Cliquei no *link* da Wikipédia, a pensar que um resumo geral seria o melhor sítio para começar.

Casa Barnsley

A Casa Barnsley, também conhecida por Casa Barnsley Hotel, situa-se numa localização geográfica única, na ponta de duas enseadas da costa escarpada da região oeste de Inglaterra. Continuamente sede da família Summer há mais de duzentos anos, passou para a posse de Maximilian Summer em 1987, sendo gerida como hotel rural que incluía o restaurante A Sala dos Summer, distinguido com uma estrela Michelin. Supõe-se que o jardim tenha sido projetado por Hugo Bostock, mas não há documentação que o ateste, sendo considerado pela maioria dos historiadores demasiado a sul da área habitual de Bostock podendo, por isso, muito provavelmente ser um derivado.

A casa, então conhecida como Barnslaigh, aparece pela primeira vez em mapas no século XVII. Por volta do século XVIII, era a base de um pequeno porto de *ferry* numa linha que corria nos meses de verão entre as povoações espalhadas ao longo dessa

linha costeira. As águas eram reconhecidamente agitadas e o serviço de *ferry* agora só funciona nos meses mais quentes. Consequentemente, a terra e a pequena casa senhorial foram vendidas a um lavrador local, Montgomery Summer, que andava a expandir as suas já substanciais propriedades rurais. Summer construiu a casa que lá permanece até hoje.

De forma invulgar para a época, Barnsley foi construída em pedra trazida de Cotswolds, e em consequência, a casa é impressionante e única na zona. Os jardins, que nos seus tempos áureos eram tratados a tempo inteiro por dezoito jardineiros e pessoal da terra, foram restaurados e atualizados nos últimos anos pelo atual titular e devolvidos à sua antiga glória.

A Casa Barnsley tem uma longa e colorida história e é localmente conhecida como «A casa das noivas», em referência ao livro *best-seller* homónimo escrito por Tessa Summer. O título do livro refere-se ao carácter distinto das castelãs de Barnsley ao longo dos anos. Embora a casa tenha quase chegado a ser vendida uma série de vezes, foram sempre estas mulheres empreendedoras e engenhosas que evitaram que a propriedade saísse das mãos da família.

A primeira e mais notável «noiva» foi Elspeth Summer, que convenceu o marido a construir-lhe o anexo chamado Casa Summer numa ilha mesmo ao largo da costa da casa principal. Elspeth era uma eremita convicta e recusava-se a acompanhar o marido nas suas viagens ao estrangeiro. Ele trouxe-lhe uma coleção de plantas incomuns de todas as partes do mundo e ela foi muito bem-sucedida a instalar um jardim quase tropical no local. A sua paixão pelo vinho branco francês era bem conhecida e tentou começar uma vinha na ilha para plantar as uvas e produzir o seu próprio vinho. O projeto falhou devido às condições adversas, mas a ilha foi renomeada como Ilha Minerva pela família em honra de uma casta rara de uva de França (*minervae*). Ainda conhecida por esse nome, é privada, mas aberta a visitas de grupo durante os meses de verão.

A nora de Elspeth, Sarah Summer, de forma invulgar para a época, acompanhava o marido em muitas das suas viagens e desenvolveu um grande interesse pela arquitetura. Inspirada pelas suas grandes viagens, de forma controversa supervisionou a transformação da capela anglicana de St. John em Minton, nas redondezas, numa réplica quase exata de uma igreja minúscula italiana que tinha visitado na Toscânia.

Muito mais tarde, no início do século XX, a Casa Barnsley foi o lar da famosa escritora Gertrude Summer, uma das últimas herdeiras americanas que casou com o então dono e levou com ela a sua fortuna americana. Usava a casa como cenário de fundo para a sua ficção policial, satirizando a classe alta britânica que se recusava a aceitá-la nos seus círculos íntimos. No processo, a Casa Barnsley tornou-se quase tão conhecida como os seus livros, cujas vendas, juntamente com a sua herança, sustentaram a propriedade durante anos. O casamento acabou devido a alegações de infidelidade e Gertrude mudou-se para um sítio mais distante ao longo da costa, onde viveu o resto da sua vida.

A casa caiu em degradação depois da Segunda Guerra Mundial, durante a qual ganhou alguma notoriedade como campo de treino de agentes dos serviços secretos. Teve um breve ressurgimento sob o domínio de Maximilian Summer (sénior) e da sua esposa Beatrice, que ficou conhecida pelas suas grandes festas em casa numa altura em que a maioria das outras casas de campo estavam a ser vendidas e o entretenimento em geral estava a ser reduzido. O famoso e efémero Festival Barnsley foi igualmente fundado e depois posto de lado sob a sua alçada.

Pela altura em que o proprietário atual, Max Summer, recebeu a herança do seu pai Maximilian, a casa estava decrépita e as dívidas avultavam-se. Juntamente com a sua esposa, Daphne Summer, Max Summer revigorou a Casa Barnsley como hotel rural de luxo.

A maioria daquilo já eu sabia, ou tinha um conhecimento vago. Não havia referência a nada desfavorável que tivesse acontecido recentemente, apesar do que a Sophia mencionava na sua carta.

Presumi que a Sophia fosse filha do Max e da Daphne. Não havia referência a nenhuns filhos na página da Wikipédia, por isso cliquei rapidamente no *link* da Daphne Summer. Direcionou-me para um artigo do *Daily Telegraph* datado de julho, e li-o avidamente, desejosa de descobrir alguma coisa escrita sobre a Daphne a partir do ponto de vista de um estranho.

Durante muito tempo, não me tinha importado com nada a não ser comigo mesma. Ou para ser mais específica, com aquilo que as outras pessoas pensavam sobre mim. A minha existência inteira era baseada em projetar uma imagem do meu estilo de vida, e se algo não estivesse no Instagram, então na minha cabeça não tinha acontecido. Tinha perdido imensa coisa. O mundo real. Amigos. Família. Bom senso.

Sabia bem pensar noutra coisa.

4

O SOL DE VERÃO POR KELLY O'HARA

De algum modo fica-se com a sensação de que Daphne Summer – chefe celebridade, colunista de jornal e autora de livros de receitas – não gosta de protagonismo. De facto, parece mesmo odiá-lo. Se pudesse deixar a comida falar por si mesma, era o que faria, diz.

Ao contrário de outros chefes da sua época, ela não tem uma necessidade premente de inventar a roda ou mudar a forma como a nossa nação come; só quer cozinhar boa comida e quer fazê-lo usando ingredientes locais. Oh, e quer que o resto de nós também o faça.

Até este desejo é pontuado pela sua característica gargalhada autodepreciativa, e enquanto nos sentamos na esplanada do jardim do seu restaurante homonimamente chamado Casa Summer, sopra a franja para fora dos olhos e diz: «Bem, talvez eu queira mudar a forma como as pessoas comem, afinal.» Está numa pausa entre o agitado serviço de almoço repleto de visitantes e clientes locais, que diz serem o seu principal sustento, e casa cheia à espera de jantar nessa noite. No relvado diante de nós, os seus três filhos saltitam, a viva imagem de saúde e felicidade, a chamarem ocasionalmente pela mãe para ela ver um pino ou uma cambalhota.

O seu sotaque australiano, que mal se nota no seu programa de televisão, é mais forte na vida real, e diz que se não fosse por Max Summer, que conheceu romanticamente e com quem se casou no espaço de uma semana no final dos anos 1990, estaria de regresso à Sydney da qual ainda sente saudades. Felizmente para nós que o conheceu, porque a comida que acabei de comer na Casa Summer foi algo que nunca tinha experimentado nesta parte do mundo.

Os sabores são delicados sem serem esquisitos, e é como se os ingredientes não tivessem sido muito elaborados, o que normalmente significa que foram bastante tratados. A proveniência de cada prato é listada na ementa escrita à mão: o marisco vem dos pescadores locais, cujas embarcações minúsculas pude observar a balançar na enseada enquanto comíamos; o borrego da quinta ligada à Casa Barnsley, também gerida pela família Summer há gerações; e as ervas que estimulam cada prato são apanhadas na própria manhã nas extensas hortas que rodeiam a casa por onde Daphne nos convidou para passear enquanto falamos.

Sem formação formal, Daphne aprendeu as suas habilidades em restaurantes de grande qualidade que costumavam estar ligados a todos os hotéis de cinco estrelas em Londres. Primeiro como uma pobre jovem australiana a viajar à boleia de mochila às costas, lavou pratos, e depois foi subindo na cozinha, acabando por cozinhar sob a alçada de um dos mais conhecidos *enfants terribles* da cena da restauração dos anos 1990. Foi à porta de uma dessas cozinhas que conheceu o marido.

Esgueirando-se para a rua para fumar um cigarro a seguir ao seu turno, foi contra Max, que estava a fazer o mesmo, a tentar escapar a um encontro romântico desastroso na sala de jantar.

Enquanto falamos, Daphne interrompe frequentemente para apontar para coisas na sua horta. «É bem diferente do velho canteiro de vegetais com o qual cresci», diz, apanhando favas para um escorredor de esmalte pelo caminho. «O meu pai trabalhava num banco, mas adorava a sua horta, e tinha uma pequena parcela com vegetais, mas nada que se pareça com isto: metade do tempo tínhamos um enorme excesso de acelgas e ruibarbo, e no resto, os caracóis chegavam às coisas antes que nós conseguíssemos. Mas fez-me aperceber da quantidade de trabalho que envolve fazer crescer uma cenoura, por isso, agora, como cozinheira, asseguro-me de que trato aquela cenoura com algum respeito.»

Daphne parece fazer questão de nunca se apelidar de chefe, referindo-se a si como cozinheira, em vez disso. Apesar dos prémios que recebeu, diz que ainda se sente mais confortável dessa forma. «Não sou chefe. Sou apenas alguém que adora comida e quer partilhá-la com o máximo de pessoas possível. Há um limite para o que a minha família consegue comer, por isso tornou-se num trabalho. É só isso.» É um comentário típico desta mulher humilde cujo livro de receitas *A minha Casa Summer* foi um dos maiores sucessos de vendas do ano passado.

Ainda a meio da casa dos quarenta anos, imagino que deva ter sido bastante estonteante quando conheceu Max. Quando faço referência a tal, a gargalhada surge de novo, antes de me fitar com uma lágrima no olho. «O Max gosta de sinais de uma grande personalidade e deplora a fraqueza. Muito frequentemente, uma cara bonita pode ser mal interpretada como ambas.» Recusa-se a elaborar, voltando a encher o meu copo de rosé quando regressamos ao terraço, em vez disso.

E acerca dos rumores de um problema com o álcool ter posto um fim à produção das suas primeiras séries no ano anterior? Dá apenas um gole de vinho ocasional e escolhe as palavras com cuidado. «É uma coisa comum nesta indústria. O stresse do serviço combinado com o abençoado alívio de beber um copo a seguir, e um pode espoletar o outro. Houve um incidente que rebentou e saiu completamente fora de proporção. Cortei com o álcool desde então, mas para mim, enquanto cozinheira, uma refeição sem vinho não é uma refeição de todo.»

A localização remota da Casa Barnsley, situada numa linha costeira espetacular sobre uma série de praias rochosas, é bastante apelativa para pessoas que aqui vêm para escapar ao mundo. É de um charme do género de fim de mundo, simpático para visitar, mas viver aqui deve ser solitário. Daphne não acha. «Podia ficar aqui para sempre. As pessoas estão sempre a pedir-me para aparecer em Londres, para fazer uma consulta neste lugar ou cozinhar naqueloutro, mas sou feliz aqui. Tenho tudo o que preciso.»

Dito isto, morde a ponta de uma fava e cospe-a para o jardim, espremendo para fora os gloriosos botões verdejantes para que eu os pudesse examinar. «Vê? O que mais poderia eu querer?» Ela tem razão: A Casa Barnsley é o mais próximo do paraíso a que se pode chegar.

Para mais informações, visite barnsleyhousehotel.co.uk. O autor foi convidado pela Direção de Turismo do Oeste.

ESTAVA SENTADA a pensar naquilo que tinha acabado de ler quando um carro parou diante da casa. Apaguei apressadamente o histórico de pesquisa e fechei as janelas do navegador. Da janela conseguia ver o meu pai a sair do Uber, a sorrir para o condutor, e depois a segurar a porta aberta para a Fleur. O seu sorriso rapidamente desapareceu assim que viu o seu carro parado debaixo da árvore. Mesmo a partir de casa, conseguia ver que a

seiva pegajosa que ele tanto desprezava já tinha feito estragos no tejadilho e rapidamente me arrependi da minha decisão impulsiva de deixar ali o carro.

O meu pai, que me tinha ajudado a suportar o ano que passou. Apoiou-me quando todos os outros no mundo me chamavam de mentirosa. E com razão. Tinha feito de tudo para me arranjar um emprego junto de uns velhos amigos, um emprego que, para ser verdadeiramente honesta, só com sorte se prolongaria para além do período experimental de três meses.

Algo me disse que aquela não era a noite para referir a carta; na verdade, o meu mais profundo instinto era de não a mencionar de todo.

Num impulso — que novidade! —, corri para a secretária do meu pai e abri o pequeno cofre debaixo da cadeira. O código, apesar de tudo, era o aniversário da minha mãe. Sempre foi. Só que nunca tive de usá-lo.

Mil novecentos e sessenta e oito. O Verão do Amor. Os protestos estudantis em Paris. E a minha mãe a aterrar na terra, no meio de nenhures. Na Casa Barnsley. Perguntei-me se a sua vida teria sido diferente se ela tivesse nascido noutro sítio.

Estava escuro dentro do cofre e eu tinha demasiada pressa para acender a luz. O meu pai e a Fleur estavam agora nos degraus da entrada.

— Qual é a dificuldade de colocar o carro dentro da garagem?

— Provavelmente estava distraída. — A Fleur deve estar cansada de me defender.

— Ela faz de propósito. É tão ingrata!

— «Depois de tudo o que fiz por ela», disse para com os meus botões a enfiar profundamente as mãos no cofre no momento exato em que o meu pai dizia exatamente aquelas palavras do lado de fora da janela.

A campainha soou ruidosamente. As chaves do meu pai estavam na mesa do *hall* de entrada. Previsivelmente, não houve sons das minhas meias-irmãs. A Ophelia provavelmente estava a dormir no sofá a esta altura e a Juliet ainda estava lá fora ao telefone. Os meus dedos finalmente agarrados à volta do pequeno livro azul, quase novo e duro nos cantos devido à falta de uso. Fechei o cofre com força e voltei a empurrar a cadeira até à posição original.

— Miranda! — Agora parecia zangado. A correr para a porta quase tropecei na ponta do seu tapete, enquanto o meu telefone começava a vibrar em cima da secretária onde o tinha deixado.

O meu pai tinha-me escondido o passaporte durante as profundezas do meu desespero. Achou que eu corria risco de fuga. Eu sabia onde estava o tempo todo, apenas não tinha para onde ir. Enfiei-o dentro da parte da frente das minhas *leggings* enquanto destrancava a porta de entrada. Só para prevenir. No último momento, enfiei também lá a carta.

5

O MEU PAI NÃO entrou de imediato. Em vez disso, ele e a Fleur tiveram uma discussão calma sobre a qual não consegui discernir, mesmo apesar de estar parada em silêncio do outro lado da porta, de respiração sustida, a tentar perceber se teria tempo de recuperar o meu telefone. Eles tinham anos de prática naquilo, tendo criado três filhas juntos. Eu também tinha anos de prática de escuta, sem sucesso, apesar de ter apurado a função dos meus ouvidos, ao contrário da vista, mesmo após anos a consumir bananas em excesso. #potássio #boato #bem-estar

Aquilo era mau. Se o meu pai estivesse moderadamente chateado, ia chamar o nome da filha transgressora assim que abrisse a porta de entrada. Invocada dessa forma, a filha iria aparecer, ligeiramente cautelosa, mas imperturbável, sabendo que para as maiores infrações seria primeiro levada a cabo uma conferência com a Fleur. Seriam discutidas as motivações e feitas as avaliações de carácter e, eventualmente, chegariam a acordo sobre o castigo, tudo de forma inaudível. Uma invocação imediata é em si mesma uma espécie de reprimenda.

Sou uma mulher adulta, e mesmo agora, sei que é assim que isto funciona. Devia ter guardado o carro. Devia ter afastado os contentores. Não devia ter sido preguiçosa ou ter dado ouvidos às adolescentes. Dar ouvidos a adolescentes já me trouxe problemas anteriormente.

Decidi arriscar. A experiência dizia-me que aquelas conversas podiam arrastar-se durante imenso tempo. Fui a correr até ao escritório e agarrei no meu telefone.

— Miranda!

Dei um pulo. Tinha estado tão atentamente à escuta dos pequenos sons que não estava de todo preparada para os grandes. O passaporte deslizou ligeiramente da minha cintura. Surpreendentemente, pois a minha cintura estava bastante apertada ultimamente.

— Pai?

A porta abriu-se mais. Fiquei parada no meio do escritório. Era demasiado tarde para fingir estar a fazer qualquer coisa. A minha mão foi instintivamente até ao colar com o berloque de ouro em formato de rosa — uma herança de família deixada pela minha mãe — que trazia ao pescoço. Nunca o tirava, mesmo apesar de se mexer e de me incomodar quando corro. Ou costumava incomodar quando ainda corria.

— O que é que estás aqui a fazer? — ralhou o meu pai.

Esta pergunta foi como um impulso vindo dele, as palavras proferidas antes que se desse conta. Uma das suas muitas regras: nada de andar a mexer no seu escritório.

— Estava só... só a ver uma coisa no teu computador.

Esperava que o domínio do meu pai em computadores se mantivesse tão rudimentar como sempre. No ano anterior, tinha-me surpreendido a contratar um especialista para enterrar os resultados negativos nos motores de busca com uma série de histórias mais positivas e recentes — o que não resultou, já agora. Há um velho ditado: «A nata vem sempre ao de cima», o que pode ter feito sentido nos dias em que as pessoas costumavam manter uma vaca no quintal, mas no ciberespaço simplesmente não é verdade. A parte branca aquosa, a parte sem qualquer sabor ou substância, é a que permanece atualmente.

Adiante, não queria que ele soubesse que andei a pesquisar a Casa Barnsley no seu computador.

— Quero falar contigo sobre outra coisa. — Olhei pela janela. O carro já estava coberto com a seiva pegajosa que ele tanto odiava. A Fleur tinha desaparecido nos confins da casa. Nem mesmo ela queria estar por perto para assistir à minha última desilusão.

— O carro. Desculpa.

O meu pai olhou pela janela, com a expressão alterada. Os ombros descaíram ligeiramente, como se a batalha para a qual se estava a preparar tivesse sido subitamente cancelada. O fôlego tinha visivelmente abandonado o seu corpo.

Quando falou, foi num tom quase desgastado. Não sabia se era da sobrecarga de hidratos de carbono, ou do *Barolo*, mas estava cansado.

— Pedi-te antes para colocares o carro na garagem, Miranda. A seiva faz danos irreparáveis à pintura se permanecer lá mais do que algumas horas.

Eu queria dizer que a culpa tinha sido da Ophelia, que estava aflita para ir à casa de banho, que queria regressar e tirá-lo de lá, mas até na minha cabeça isso soava como mais uma desculpa esfarrapada. Pelo tom de voz do meu pai, ele já estava farto das minhas desculpas.

— Desculpa. Eu levo o carro à lavagem de manhã.

Cinquenta dólares. É quanto custa a lavagem do carro, no único sítio onde o meu pai deixa que se aproximem do seu carro. Cinquenta dólares faziam uma grande mocha no meu salário nesta altura.

— O que é que fizeste à carta?

Estava tão ocupada a pensar na lavagem do carro que nem antecipei a pergunta. — Que carta? Não vi carta nenhuma... — Isto não era muito convincente. Pelos parâmetros de ninguém. Certamente que não pelos meus.

— Não me mintas, Miranda! Estou farto de mentiras. — O meu pai dá uns passos na minha direção e, por um momento, pensei que eu tivesse finalmente ido longe demais. Apesar de tudo o que passámos juntos, ele nunca tinha reagido assim.

Recuei um passo, batendo na secretária. Ele tinha-me encurralado. O impacto da secretária no meu corpo trouxe-o de volta a si e respirou fundo. Um longo e frustrado suspiro.

— Miranda. — Esticou a mão na minha direção, à espera que eu cedesse.

Por isso cedi. Pesquei a carta de dentro da cintura das minhas *leggings*. Assim que ficou liberta do meu corpo, arrancou-ma da mão e enfiou-a bem fundo no próprio bolso, sem verificar o conteúdo. — Sei o que estás a pensar, Miranda.

Aquilo era impressionante, pois nem eu própria fazia ideia do que estava a pensar. Tudo o que sabia é que tinha encontrado uma carta com um pedido de ajuda de uma parente que nunca tinha conhecido. Que eu esperava saber notícias de alguém de Barnsley, fosse quem fosse, desde que tinha memória. Que a esta altura seria bom sentir-me útil. Começar de novo. Mas não lhe chamaria pensar. Pensar era uma palavra demasiado precisa para o turbilhão gigante de emoção que estava a sentir.

— O que é que estou a pensar?

— Estás a pensar que isto pode ser uma forma de escapares a todos os teus problemas.

Imaginei-me no aeroporto. Só com bagagem de mão. A acenar ao meu pai e à Fleur a partir da porta de embarque. Lágrimas nos seus olhos. Melhor ainda, imaginei a minha chegada a Heathrow. Com uma grande família a cumprimentar-me. Um tio idoso, um bando de adolescentes simpáticas. Um cão *wolfhound* gigante e desgrehado. Num aeroporto? Era uma fantasia, afinal de contas.

— Vou começar um emprego novo na próxima semana. — Esperava que soasse mais convincente do que a mim me parecia.

— Sim.

— Não tenho dinheiro nenhum.

— Não.

— Nunca conheci esta rapariga.

— Não.

— Não tenho qualquer obrigação para com ela. Ela enviou esta carta para a minha mãe. Nem sequer sabe que eu existo.

O meu pai ficou com um ar evasivo. — Sabe que eu existo?

A casa em meu redor estava sossegada, como se estivesse a sustentar a respiração juntamente comigo. Lá fora, o rapaz da porta ao lado batia com a bola a um ritmo constante apenas pontuado pelos baques irregulares contra a tabela. Normalmente, o meu pai suspirava exasperadamente em relação a esta banda sonora constante no nosso final de tarde, mas esta noite não parecia notar. No entanto, recuou um passo e fechou suavemente a porta do escritório, como se não se tivesse apercebido quão profundamente egocêntricas a Ophelia e a Juliet eram e o pouco interesse que teriam nesta conversa.

— Eu e a tua mãe tentámos manter o contacto com eles. Enviámos-lhes fotografias quando nasceste. Quando a tua mãe morreu, contactei o irmão. Sabes o que recebi de volta? Uma carta do advogado.

Oh. Estava familiarizada com aquela sensação. O meu pai esfregou os olhos. O torpor do vinho ao jantar tinha-se desvanecido, deixando-o cansado e machucado.

— O que é que dizia? — Tentei ignorar a desilusão esmagadora que estava a crescer dentro de mim. Tentei esquecer-me dos anos a pensar que

talvez houvesse uma carta da família da minha mãe. Que deveria ter havido alguma razão para não contactarem. Pela expressão do meu pai, não me parecia que aquela carta fosse a que eu tinha estado à espera todos aqueles anos até agora.

— Não dizia muita coisa, na verdade. Só a conversa habitual de advogado. Que nem a tua mãe, nem qualquer um dos seus descendentes tinha quaisquer direitos à propriedade de Barnsley.

— Mais nada?

— Presumi que fosse por causa do que aconteceu com a tua mãe quando se veio embora, mas agora nem sei se ele sequer o sabia.

— O que é que aconteceu?

Abanou a cabeça. Fechando-se novamente em copas, como em todas as outras vezes na minha infância em que lhe fazia perguntas sobre a minha mãe e a sua família. Caminhou até ao aparador e serviu-se de um uísque num dos copos de cristal que a Fleur tinha ali disposto.

— É seguro beber isso? — Em todos os anos que o uísque tinha ali estado, tinha partido do princípio que era só para decoração. Mais um toque da Fleur. Na verdade, até àquele momento, não tinha cem por cento de certeza de que não era detergente. Pelo ar da careta do meu pai, ele também não.

— Então, o que te estava a tentar dizer é: não há lá nada para ti, seja qual for o plano idiota que estiveres a engendrar. E conheço-te melhor do que te conheces a ti mesma, mesmo que ainda não te tenha ocorrido, a certa altura nos próximos dias, a tua mente vai regressar a esta carta no meu bolso e vais pensar que talvez, só talvez, te devas envolver.

— Eu não estava...

O meu pai levantou vigorosamente a mão no ar, a que estava a segurar o uísque. Houve uma pequena quantidade de uísque que lhe salpicou a mão. Observei a gota a assentar, qualquer coisa era melhor do que estabelecer contacto visual. Não tinha a certeza se conseguiria disfarçar a emoção nos meus olhos.

— É melhor deixar algumas coisas — algumas pessoas — no passado. Podes achar que é boa ideia dirigires-te para lá para ver o que podes fazer para ajudar. Que podes compensar... — Hesitou. — Que podes resolver as coisas de toda a gente. Que podes fazer algo de extraordinário. Mas, Miranda — e desta vez olhou para mim diretamente nos olhos, e eu não

podia fazer mais nada senão retribuir-lhe o olhar —, está na hora de cresceres. Está na hora de aceites que a vida é vulgar.

Soube então que ele estava errado. Sabia que estava destinada a fazer alguma coisa especial. Claro que tinha começado em falso uma ou outra vez. Claro que tinha cometido erros, mas se a minha mãe me tinha mostrado alguma coisa, era que a vida não precisava de ser vulgar. Eu não precisava de ser vulgar.

Era muito nova no dia da nossa conversa, mas a minha mãe tinha sido insistente. O colar com o berloque — retirado do seu pescoço enquanto estava deitada na banheira, com a água quente a escorrer-lhe pelo pescoço abaixo e para debaixo da minha farda da escola quando me dobrei para recebê-lo — era uma joia da minha mãe, a essência da minha mãe. Não sabia que era um presente de despedida, que as palavras que me dirigiu nesse dia foram um legado calculado. Que ela então já devia saber como estava doente.

— Isto pertencia à minha mãe. E agora vou dar-to a ti. É uma lembrança do sítio de onde venho. De onde *tu* vens. — Parou para ganhar fôlego, fosse devido à sua doença, ou porque sempre teve tendência para as pausas dramáticas. — Da Casa Barnsley.

Voltei a esperar, tirando um momento para examinar o colar com atenção. Mesmo que tivesse sempre estado pendurado ao pescoço da minha mãe, agora era meu, e cada curvatura em ouro e ligações preciosas pertenciam-me. Os meus dedos traçaram as iniciais gravadas no escudo:

P.G.

Não fazia sentido. O nome da minha avó era Beatrice, o nome que a mãe tinha escolhido como o meu segundo nome. Miranda Beatrice Courtenay.

— O sítio mais belo do mundo — disse a minha mãe, de olhos a vaguear pela sua situação corrente com desdém. A casa de banho ainda não tinha sido renovada. A minha mãe tinha dado o seu melhor com uma banheira em segunda mão de pés de garra, mas ainda não havia soalho e o papel de parede estava caído em vários sítios. Muitos sítios. — Talvez um dia lá vás.

Fechou os olhos. — Barnsley é tão belo. Tão belo. É magnético. As pessoas são atraídas para o local. Pessoas especiais. — Os seus olhos abriram-se de repente, fixos nos meus. — Pessoas como eu e tu.

— Quem é o P.G.? — perguntei, contente por ter a sua atenção. Mostrei-lhe o escudo, mas ela não olhou para ele.

— *A casa das noivas*.

Eu era então demasiado nova para entender a mitologia do lugar. Só sabia que *A casa das noivas* era o livro da minha mãe. *O* livro. Ela *era* *A casa das noivas*.

— Sarah... Gertrude... Elspeth... Houve algumas mulheres incríveis nesta família. — A minha mãe sentou-se, com a água da banheira a chapinhar e a fazer ondas. Desviei o olhar protegendo a privacidade da minha mãe, mas ela agarrou-me na mão, forçando-me a olhar para ela. Tentei não reparar como os seus dedos estavam ossudos, como o seu outrora corpo forte parecia tão frágil. — Promete-me, Miranda. Promete-me que não vais ser vulgar. — O seu lábio enrolou-se ligeiramente a dizer a palavra. — Promete-me que também vais ser uma mulher incrível.

A minha pele arrepiou-se com a memória. Ouviu-se um grito na porta ao lado. Uma bola de basquetebol saltou pesadamente pela rua abaixo. Um baque surdo ao aterrar no capô do carro do meu pai e depois a ligeira pausa até o alarme do carro trespassar o ar silencioso da noite. Ficámos a olhar um para o outro por mais um momento, como se mais alguns segundos pudessem aliviar o ambiente entre nós e, de alguma forma, fazer desaparecer por magia a desilusão e arrependimentos do último ano. Por fim, o meu pai suspirou e virou-se para se ir embora. Ouvi-o agarrar nas chaves do carro da bandeja no corredor e depois a sua cabeça reapareceu de repente à entrada.

— Grant and Farmer, Miranda. Na próxima segunda. Sem desculpas. — E depois ouviu-se a porta de entrada a bater.

6

FOI A vergonha que acabou por me fazer decidir. As pessoas dizem que não se pode fugir dos problemas, mas pode. Só é preciso encontrar um sítio qualquer como Barnsley, com uma ligação duvidosa à Internet e pessoas tão ocupadas que não se importassem minimamente com o que todas as outras pessoas no mundo andavam a fazer. Foi um choque encontrar pessoas que não sabiam ou se importavam com o que estava a acontecer no Instagram ou nas redes sociais. Era mesmo do que eu precisava.

Mas não foi a carta que acabou por me fazer decidir. Apesar do que o meu pai disse naquela noite no escritório. Eu não tinha um plano nessa altura, mas talvez a semente estivesse plantada e só tivesse sido preciso alguém para a nutrir. No final, foi uma mulher que eu nem sequer conhecia que me fez bater no fundo. Uma estranha. Foi uma das poucas pessoas que me disse alguma coisa na cara. A maioria escondia-se por detrás dos seus perfis no Twitter ou tentavam suavizar o golpe daquilo que estavam a escrever com *hashtags* intermináveis. #autêntica #bem-estar #falsa

Um dia normal de trabalho, alguns dias depois de eu ter encontrado a carta. Era a minha última semana na loja de roupa desportiva. Era suposto começar na Grant and Farmer na segunda-feira seguinte. Apesar do crescente calor de verão, eu tinha sempre frio. Ou era a culpa, ou o ar condicionado que punham no máximo na loja para fazer com que os clientes se sentissem com mais vontade de experimentar calças de compressão e fibras sintéticas.

A mulher que me levou ao limite parecia inocente, ao início. Quarenta e poucos anos, razoavelmente em forma: boas pernas, mas consciente do seu abdómen. O cliente semanal típico. Estávamos a dar-nos bem. Depois de

tudo o que se tinha passado, as minhas ligações mais significativas eram com estranhos. Jogava cardio-ténis duas vezes por semana, fazia Pilates. Bebia mais do que devia, mas não é isso que toda a gente faz? Experimentou a dieta 5:2 e a do tipo de sangue, sem muito sucesso.

Eu estava nas cabines de prova nesse dia. Fazíamos-lo em turnos rotativos na loja. Uma hora nas cabines de prova, uma hora no piso de *merchandising* e a falar com os clientes, uma hora na caixa registadora. Talvez se eu estivesse na caixa registadora, ela pudesse não ter dito nada. Há uma troca emocional menos significativa nessa altura. Os clientes começam a preocupar-se. A parte lógica do cérebro entra em ação.

Tomei a decisão certa?

Devo pagar isto com o Visa ou usar o dinheiro da alimentação?

Preciso mesmo deste *top* curto/tapete de ioga/casaco impermeável de duas cores? Aquele é o inspetor de estacionamento?

O mundo real fica mais próximo.

Mas estávamos no casulo das cabines de prova: tudo cheio de iluminação suave e espelhos colocados no ângulo certo. Ali o mundo é um sítio bom.

Eu tinha-a na mão: três calções no tecido novo que mal se via, dois *tops* bastante compridos com costas para corrida que, por sua vez, exigiam a compra de um sutiã específico. Seria um bom começo para atingir o meu total de vendas do dia. Ela tinha acabado de dar a voltinha obrigatória ao espelho quando o disse. Num minuto, estava a assegurar-lhe que não, que eu decididamente não lhe conseguia ver a roupa interior através das *leggings*, e que sim, que ela ia sentir-se cem por cento confiante durante os agachamentos das suas sessões de Pilates; no seguinte fui deixada atordoada, dobrada e a retirar-me da cabine de prova. O meu lugar seguro? Já não era assim tão seguro.

— Você é aquela rapariga, não é? — perguntou ela, com a cabeça a balançar entre os joelhos enquanto tentava apanhar um vislumbre da sua traseira ao espelho.

Nessa fase eu era uma concha: passava pelos movimentos do dia-a-dia, mas sem qualquer satisfação. Para além da minha família e dos meus colegas de trabalho, não via ninguém. Tinha demasiado medo de contactar os meus velhos amigos, e os meus seguidores, bem, a essa altura já andavam a seguir outras pessoas. O gerente da loja sabia da minha história, mas mais ninguém sabia quem eu era. Os dez quilos a mais que ganhei

devido à comida reconfortante e à prisão domiciliária tinham algo a ver com isso, mas tinha parado de fazer madeixas e evitava o contacto visual. Para além disso, a maioria das minhas publicações eram sobre comida e aquilo que eu costumava chamar de #fitspo. Na maioria das vezes, mantinha a minha cara fora disso.

O cabide que eu estava a segurar caiu a tilintar no chão. Empurrei rapidamente a porta da cabine para a fechar para que ela não me pudesse ver.

Para que não pudesse ter a certeza.

— Quem? — perguntei a tentar evitar que se notasse o embargo na minha voz.

— Aquela rapariga? Aquela da *app*? A que fez declarações sobre fertilidade, cancro e não sei que mais. — Riu-se, como se achasse a coisa toda ridícula. Como se não pudesse bem acreditar que estava sequer a falar de mim, quanto mais comigo.

— Essa? — A minha voz soou esganiçada. Transtornada. — O que é que ela estaria a fazer a trabalhar aqui? Tenho a certeza de que está escondida num sítio qualquer com montes de dinheiro à espera que a coisa toda desapareça. — Porque era o que andavam a dizer de mim *online* e eu não tinha outra opção credível.

— É parecida com ela, não é? Imagino que esteja sempre a ouvir isso! Dificilmente é a pessoa ideal com quem ser comparada! Toda a gente a odeia! Depois do que ela disse àquela mulher! E sem qualquer sustentação médica. É criminoso.

Não era. Os meus advogados, após muitas deliberações e ainda mais horas faturadas, tinham decidido que as queixosas não tinham caso para levar a julgamento. Se eu restituísse o dinheiro das vendas da *app* e suspendesse as minhas contas nas redes sociais, então acabar-se-ia tudo. Só que não foi assim. Estaria a enganar-me se achasse que foi.

— Não me parece que ela alguma vez tenha feito declarações sobre cancro. Isso foi aquela outra rapariga — respondi em desespero. Não tinha mesmo feito. Nos meus piores momentos, tinha sido esse o meu consolo. Que havia outros que tinham feito pior. Que outros tivessem feito mais danos.

Tinha começado no Instagram. A partilhar fotografias de comida saudável. Saladas arco-íris, taças de açaí, bolas energéticas. Começou por

ser só um *hobby*, enquanto andava na faculdade, mas foi na altura certa. Os meus seguidores não paravam de aumentar. Fiz um curso de fotografia e um curso de *media* digital.

As pessoas começaram a convidar-me para seminários de saúde e bem-estar. Eram salas enormes de mulheres que queriam ouvir o que eu tinha a dizer, que me tiravam fotografias. Aplaudiam quando eu falava, republicavam as minhas fotografias e comentavam as minhas publicações. As empresas pagavam-me pelo *marketing* indireto. Comecei a acreditar que era especial. Que aquilo era a vida extraordinária para a qual estava destinada.

Algumas pessoas que o meu pai conhecia na comunicação social contactaram-me para desenvolver uma *app*. Foi um sucesso instantâneo. Os sete dias de *detox* e o mês de alimentação saudável eram os que vendiam mais. Pagaram-me o carro e fiquei com condições para sair de casa.

Talvez se me tivesse ficado só por aí, tudo tivesse corrido bem. Mas houve um dia em que uma mulher me contactou e me contou que andava a tentar ter um bebé, mas estava com dificuldade em engravidar. E que depois seguiu a minha dieta e engravidou. Colocou-me uma ideia na cabeça. Uma nova *app*, uma dieta para ativar e encorajar a fertilidade. A Mãe Miranda.

— Mãe Miranda! É isso. É mesmo você. — O brilho revelador do ecrã do seu *smartphone* resplandeceu por debaixo da porta. A sua voz soou convicta e acusatória, tal como a de todos *online*. — É preciso ter muita lata. A minha irmã comprou a sua *app*...

— A maioria das pessoas diz que me pareço com a Julianne Moore em jovem. — Tentei dizê-lo sem raiva na voz, mas pela primeira vez em dias, a minha temperatura corporal subiu. A mulher não parava de falar. Até a Rosie na caixa registadora ouvia.

Bloqueando a porta com o meu corpo, virei a fechadura, deixando a mulher presa lá dentro, ainda a falar sobre a pessoa horrível que eu era. Sou. Saí pela porta para o armazém, vasculhei no meu cacifo à procura da minha mala, chaves e telefone. Tirei a minha identificação e pendurei-a num cabide.

Estava quase a sair pela porta das traseiras quando algo dourado me chamou a atenção. De algum modo, o meu colar de berloque tinha ficado enrolado no cordão da placa de identificação e estava pendurado, ainda a balançar ligeiramente do movimento da sua apressada remoção. Agarrando-

o de volta, segurei-o com força na mão. Ainda estava quente da minha pele e parecia transmitir uma sensação de calma. Como se de alguma forma me ligasse à família da minha mãe através dos anos e oceanos. Como se talvez me oferecesse a possibilidade de ser uma pessoa diferente.

Não havia ali nada para mim. As batidas vindas da cabine de prova fizeram-me ter quase a certeza. Abri a pesada porta das traseiras, ignorando o alarme acionado pela minha saída, e senti o calor do sol do meio-dia a aquecer-me. Respirei fundo. Atualmente, o ecrã vazio do meu telefone já não era um choque tão grande. Antigamente tinha um dilúvio de mensagens e notificações. Agora mostrava simplesmente a data e hora. Um cenário de fundo inócuo com um protetor de ecrã padrão.

Abri a primeira página da Qantas, convencida de que se o fizesse depressa, não me ia sentir tão mal. De que não teria hipótese de mudar de ideias. Demorou mais a calcular as horas e preços dos voos do que eu esperava. A qualquer altura podia ter fechado o navegador, considerado ser má ideia e regressado para dentro da loja com o rabinho entre as pernas. Mas não o fiz. O preço, quando surgiu, fez-me ficar sem fôlego. O Natal estava próximo e só havia tarifas disponíveis em executiva. Custavam muito mais do que eu tinha na minha conta bancária, muito mais do que eu teria gastado no auge do meu sucesso.

Só havia uma opção. Ele atendeu ao primeiro toque, mas fazia sempre isto com as filhas. Quaisquer que fossem as nossas diferenças, estava sempre disponível para mim. Não falou de imediato, acabando a sua conversa antes de se dirigir a mim. Eu esperava que se tivesse esquecido da nossa conversa na outra noite.

— O que se passa?

Cada telefonema era uma lembrança daquele que eu lhe tinha feito meses antes, em lágrimas e desespero. O pânico na sua voz ainda não tinha desaparecido por completo, mas estava agora mais suave.

— Pai?

— Sim, pequerrucha. — A frustração misturada com o alívio de não ser urgente. De eu não estar a soluçar como da outra vez.

— Acabei de ver um livro incrível para a Fleur. Para o Natal. Gostava imenso de comprá-lo para ela, mas... — Deixei a frase por acabar.

— Mas o quê? — Agora decididamente com mais frustração do que alívio. Murmurou algo a alguém, afastado do telefone.

— É caro.

Um suspiro.

— É sobre os jardins em redor do Lago Como. — Foi um golpe baixo. O pai tinha levado a Fleur a Itália na lua-de-mel e falavam muitas vezes sobre a possibilidade de lá voltarem assim que as miúdas acabassem a escola. Tentei não pensar em como esta minha pequena excursão os podia voltar a atrasar um par de anos.

— Isto não pode esperar?

— É o último. São de um fornecedor estrangeiro e não conseguem mandar vir mais antes do Natal. Queria só comprar-lhe alguma coisa bonita como agradecimento. Por tudo.

A vergonha fez-me a bílis subir à garganta e engoli-a de volta. Estava a ficar mais fácil lidar com isso com o tempo, como se tivesse tido terapia de exposição ao mau comportamento. Ainda assim, isto era a pior situação possível para mim. Apesar de tudo o que as pessoas diziam de mim, tudo o que fiz foi com boa intenção. Pensava genuinamente que estava a ajudar as pessoas. Desta vez, não tinha tal ilusão. Forcei-me a recordar-me da cara do meu pai no escritório na outra noite. A forma como se fechou em copas e não me disse mais nada sobre a minha mãe. A forma como mantinha segredos. A forma como me estava a mentir.

— Eu passo-te à Susie. — A sua secretária. Ela geria-lhe a vida. E as finanças. Dar-me-ia as informações do seu cartão de crédito. Ia pedir o *American Express*, pois sabia que não tinha limite e, bom, pelo menos receberia pontos disto.

— Obrigada, pai.

— E, Miranda?

— Sim? — Já o tinha em alta voz a essa altura, a atualizar rapidamente o ecrã para que o bilhete não se perdesse.

— Sei que não preciso de dizer isto. — Sinto-o a hesitar. — Mas só o livro, está bem? — Vergonha de novo. Quente e ácida. Mas a essa altura já mal conseguia notar.

— Está bem. — Passou-me à Susie e ela deu-me as informações. A transação passou sem qualquer problema. Ia no próximo voo para Heathrow, graças ao meu pai.

Como referi: bater no fundo.

7

— JÁ ALGUMA VEZ estive nesta parte do país? — perguntou-me o taxista enquanto nos aproximávamos de Barnsley pela primeira vez. Toda a zona rural estava banhada por uma luz tépida, com o dia indeciso na sua chegada ou partida.

— Não.

— Vai ter uma surpresa. — O carro abrandou à saída da autoestrada e entrou numa estrada local mais pequena.

A terra em redor começou a abrir-se em campos e, por detrás deles, colinas por desbravar cobertas de fetos para os quais eu não tinha ponto de referência. A viagem interminável de avião, seguida por uma longa espera em Heathrow pelo autocarro e agora um táxi para a cidade mais próxima: Não fazia a menor ideia se era de dia ou de noite, quanto mais onde raio estava, ou como se chamava a fauna local. Era bastante diferente do cenário ameno e aconchegante que tinha visionado para a minha chegada a Barnsley. Sabia que tinha sido uma fantasia, mas no meu estado desorientado e cheio de *jet lag*, começava a ter dúvidas sobre o meu plano de aparecer sem avisar.

À distância, um animal desconhecido estava parado sem se mexer num afloramento rochoso.

O taxista pareceu pressentir a minha confusão. — É a ponta do pântano. Agora seguimo-lo a toda a volta até Barnsley — explicou.

— Que animal é aquele?

— Um veado. São ferozes por aqui. Há conversas sobre abatê-los, especialmente depois do acidente, mas já sabe como é, os grupos dos

direitos dos animais e o gosto... — Deixou a frase por acabar e remexeu-se no banco.

O acidente?

Passado mais um instante, acrescentou: — Tem roupa quente?

— Sim, acho que sim. Tenho um bom casaco e botas. É a isso que se refere?

Os seus olhos examinaram a minha roupa de viagem ao espelho. A camisola de algodão e as calças de ganga que tinham parecido apropriadas para o crescente calor do verão australiano não chegavam para o frio cortante com o qual fui confrontada quando saí do autocarro. Vi os seus olhos passarem pelo colar de berloque da minha mãe ao meu pescoço. Brilhava aos últimos raios de luz da tarde e tentei enfiá-lo para dentro da roupa.

— Vai precisar de roupa prática por aqui. Botas de borracha. Equipamento impermeável. — Olhou para mim pelo retrovisor, medindo-me de alto a baixo. — Não me parece que as coisas da Daphne lhe vão servir.

A minha pele, debaixo das suas camadas de roupa nada prática, arrepiou-se ligeiramente. Ficámos em silêncio enquanto o dia se transformava em noite, com a escuridão a instalar-se com rapidez. Por fim, após percorrer um longo caminho que se seguiu a uma curva na estrada, coberto de ambos os lados por sebes descuidadas, o taxista parou o carro num pequeno desvio.

Ao lado, eu conseguia distinguir a forma de um par enorme de portões de ferro claramente fechados a cadeado por uma robusta corrente. Havia uma tabuleta com letras douradas a anunciar a Casa Barnsley, mas tinha a luz por cima apagada.

— Eles não sabem que você vem. — Era uma afirmação e não uma pergunta.

A minha confusão deve ter-me transparecido na cara. O taxista não pareceu acreditar em mim quando lhe assegurei do contrário. Não esperava que estivesse tão escuro quando chegasse. Não esperava que parecesse tão... abandonado. — Porque é que não lhes faz um telefonema, querida?

Sim, porque é que não faço?

Pensei com rapidez.

— O meu telefone não funciona aqui. Há alguma outra maneira de entrar?

— A família usa a entrada privada ao fundo da rua.

— Sim. — Tentando soar mais confiante desta vez, acrescentei: — Foi o que me disseram, lembrei-me agora.

Esperei. O taxista hesitou e depois suspirou. Libertou o travão de mão e fez o carro voltar à estrada.

— Quem é que você disse que era, mesmo?

— Uma amiga. Da família. — Tinha sido uma decisão repentina mentir. Não sei bem porquê. Reverter a situação. Não queria que aquele homem fizesse perguntas.

— Eles não têm muitos amigos a aparecer ultimamente.

Observou-me com atenção pelo espelho retrovisor. Só podia esperar que a escuridão em redor estivesse a disfarçar um pouco os meus nervos. A última coisa de que precisava era de perguntas. Tinha retirado a carta da Sophia do escritório do meu pai. Ardia-me no bolso do casaco. Era certamente imaginação minha, mas parecia irradiar calor enquanto avançávamos lentamente pela estrada alinhada por árvores, como se estivesse a apanhar alguma espécie de sinal vindo da paisagem.

— Cá está. A Casa Barnsley — disse enquanto parávamos de novo, apenas um pouco mais à frente na estrada.

Os portões estavam abertos. O taxista hesitou antes de se decidir a continuar com um arranque tão subtil que me empurrou contra a tensão do meu cinto de segurança.

O caminho, agora fora da estrada principal, era serpenteante, e nalguns sítios caía abruptamente para se encontrar com o agitado mar cinzento. — Você parece-me familiar — disse o taxista, olhando-me pelo retrovisor. — Apareceu nas notícias?

Tinha aparecido, mas parecia-me improvável que as notícias das minhas desgraças se tivessem espalhado até tão longe. Antes de tudo acontecer, costumava sentir uma leve excitação quando as pessoas me reconheciam. Costumava sentir-me especial. Mesmo que fosse raro, gostava. Era uma das coisas de que sentia falta na minha vida antiga. — Não vejo muito as notícias — respondi e era verdade. Muito para desespero do meu pai, eu nunca tinha tido sede de notícias como ele. Tal como muitas pessoas, só as achava interessantes quando tinham alguma influência na minha própria vida, e depois de repente, no ano anterior, a minha vida tornou-se notícia e

perdi todo o gosto por elas. Sabia por experiência própria quão destrutivas podem as notícias ser para uma pessoa.

Ou uma família.

Que foi a razão de eu ter parado de procurar Barnsley e a família Summer no Google, pouco tempo depois de ter começado. Com certeza que apreciei o frenesim inicial de me refastelar com a história da casa e de ler sobre o restaurante, mas havia algumas ligações em que não conseguia clicar. Algumas publicações que não conseguia ler. Depois do que tinham escrito sobre mim, tinha jurado nunca mais ler nada escrito nas suas páginas.

— Você é parecida com aquela atriz, é isso. Por um momento achei que a conhecia.

Suspirei de alívio.

Existiam lacunas no meu conhecimento, mas preferia assim. Ia descobrir em primeira mão ou não descobrir de todo. Não estava interessada no julgamento de quaisquer outros feitos na comunicação social.

Como que se lesse a minha mente, o taxista disse: — A Internet por estes lados não é das melhores.

— Não faz mal, posso procurar um sítio qualquer na cidade se precisar de ficar *online* — disse eu, sem ter bem a certeza a que cidade é que me estava a referir, esperando que algures neste isolamento se escondesse uma cidade, de preferência com um café acolhedor e ligação WI-FI gratuita. Por muito que estivesse a gostar de estar *offline*, ainda era de alguma forma reconfortante saber que existia.

Chamem-me só Patty Hearst.

— Que cidade é essa, querida?

— Aquela de onde saí do autocarro, South Bolton.

— Deu uma vista de olhos ao local? — Ele riu-se. — É só mesmo aquilo, uma paragem de autocarro na rua principal. Não há Internet em cafés escondidos, sabia?

— Há alguma biblioteca?

— Não. Não do tipo a que se refere. A Jean Laidlaw gere uma biblioteca, mas é mais uma sociedade histórica. E é em Minton, e não em South Bolton. Será Minton o local para onde querará ir, e não South Bolton.

— Certo. — Isso pode vir a dar jeito mais tarde. Fiz uma nota mental para fixar Minton. E a Jean Laidlaw.

Nuvens baixas, que mal se viam no escuro, moviam-se na nossa direção, e as primeiras gotas de chuva aterraram no para-brisas. — Mesmo na hora certa — disse o taxista do banco da frente, fazendo-me outro olhar curioso ao espelho. Havia mais qualquer coisa no seu olhar desta vez. Um aviso.

Escolhi ignorá-lo enquanto contornámos a última curva, saímos debaixo das copas das árvores e vi a casa pela primeira vez. A magia de Barnsley entrou-me nos ossos a partir desse preciso momento.

Não era o que eu estava à espera. Parecia diferente vista das traseiras. Mais pequena, mais como uma casa do que o forte colossal que eu tinha congeminado na minha mente. Não sabia que a escuridão estava a esconder grande parte da casa e que a luz brilhava só nas janelas da parte da casa que a família usava, e que essa era uma parte muito pequena. A casa revelar-se-ia por acréscimos, tal com a família que vivia dentro dela.

Para mim, os rastos escuros das trepadeiras nuas de hera que emolduravam as janelas a brilhar e as portas eram muito bonitas, muito mais encantadoras do que as imagens iluminadas pelo sol que eu tinha visto. Mas o local estava deserto. Tínhamos parado numa grande rotunda de gravilha ao lado de um pequeno vestíbulo. Não havia carros em lado nenhum. Não conseguia ver quaisquer hóspedes. O jardim estava na escuridão.

E se a minha intuição estivesse correta, eu era a única pessoa no local. O meu plano de chegar como hóspede anónima do hotel estava tremido.

Veio um Labrador preto a correr da parte lateral da casa e o taxista deu um grito de alegria. Saltou para fora do carro e deixou que o cão lhe saltasse em cima, sem se incomodar com as patas lamacentas ou com a chuva miudinha que caía. A luta poderia ter continuado indefinidamente caso eu não tivesse ido buscar a minha mochila ao porta-bagagens. Ele desembaraçou-se e intercetou-me.

O cão saltava em seu redor, enlouquecido e incapaz de se acalmar. A sua cauda bateu-me na perna, com força, e eu gritei. O taxista olhou para mim de forma estranha e deu uma palmadinha tranquilizadora na cabeça do cão. — Não faz mal, Thomas, não faz mal — disse em tom apaziguador.

— Não sou muito dada a cães — murmurei, como se não tivesse sido evidente. Paguei ao taxista, a contar cuidadosamente as notas desconhecidas, incerta sobre a necessidade de lhe dar gorjeta. Decidi dar-lhe cinco libras, principalmente por não ter feito demasiadas perguntas. Ele

pareceu deliciado com isso e estava prestes a ir-se embora quando mudou de ideias e se aproximou.

— Tem a certeza de que fica bem a entrar ali?

— Ótima. Estão à minha espera. — O cão ainda continuava a rondar. Não houve movimento dentro da casa, nenhuma luz se acendeu no vestíbulo. Com certeza que alguém seguiria o cão até à rua a qualquer momento, senão qual seria o objetivo de tê-lo?

No pequeno vestíbulo do lado de fora da porta das traseiras estava uma casota de cão enferrujada e montes de sapatos descartados. Botas de borracha e ténis, chinelos de enfiar no dedo e sapatos de uniforme escolar todos amontoados em conjunto numa pilha indiscriminada. Tudo naquilo mostrava felicidade doméstica: uma família feliz a viver no interior.

— Não tem de se preocupar comigo — disse eu, com a mão a subir instintivamente até ao colar, tocando-o por cima do algodão leve da minha camisola.

A porta do vestíbulo abriu-se e a cabeça de uma mulher surgiu à espreita. Um gato esgueirou-se atrás dela. O cão ladrou e o taxista enfiou-se depressa para dentro do carro. Ligou o motor e as rodas viraram com tamanha rapidez que pequenos pedaços de pedra se levantaram e me bateram nos tornozelos.

Foi só quando o barulho do carro se desvaneceu que a mulher falou.

— Vem por causa da vaga para ama?

8

— VAI TER DE ENTRAR para falar com o Max — disse-me, assobiando para o cão logo imediatamente a seguir.

O Thomas olhou desconfiado para a mulher e depois foi direito a ela, dando-lhe um encontrão à passagem. Ela soprou a franja loura para fora dos olhos, um gesto que pareceu tanto transmitir uma frustração bem-humorada como uma reação irónica à minha chegada. — Sou a senhora Mins. Espero que venha a ser um prazer conhecê-la.

Usava argolas douradas nas orelhas — maiores do que eu pudesse achar apropriado para o campo — e vestia um vestido cruzado num tecido de algodão justo. O castanho não seria cor que eu usaria, mas ficava muito bem à senhora Mins. Ela era muito mais velha do que eu, talvez estivesse no início da casa dos cinquenta anos, mas estava muito bem conservada para a idade. Senti um despeito deselegante, apesar de ser pelo menos vinte anos mais nova.

A vaga para ama. Eu *não* tinha vindo para trabalhar como ama. Tomei conta de crianças quando era adolescente — quem não tomou? — e não tinha qualquer intenção de voltar a fazê-lo. As birras, as refeições caóticas e os minutos a passarem devagar. Não, obrigada.

Mas à medida que os minutos passavam, ficava mais difícil dizer que não. Por que outra razão estaria eu ali? Não tinha de facto uma razão para ter vindo, pelo menos não uma que pudesse anunciar de imediato. Não esperava ser encostada à parede assim. Os avisos do meu pai ecoavam-me ao ouvido: É melhor deixar algumas coisas — algumas pessoas — no passado.

Os meus planos de pura e simplesmente aparecer e de falar com a Sophia pareciam-me débeis, agora que estava ali parada na cozinha. Ela era uma adolescente. Eu não podia simplesmente aparecer e pedir para falar com ela sem acionar toda a espécie de alarmes. Devia ter passado a noite na cidade e orientar-me. Devia ter um plano mais elaborado. Agora era demasiado tarde para isso.

A cozinha era acolhedora e muito mais pequena do que eu tinha esperado pelo tamanho visto de fora. Estava banhada por uma luz suave vinda de umas luzinhas penduradas sobre uma cómoda antiga. Não havia crianças à vista e, ainda assim, havia sinais delas por todo o lado. Era rústica, comparada com a cozinha comercial que eu costumava alugar para testar as minhas receitas, e sem qualquer sinal do equipamento caro e da tecnologia que outrora achava indispensáveis.

Os sinais de um lar feliz estavam por todo o lado: mochilas atiradas para o chão, um cesto de roupa lavada empurrado contra o armário, cadernos de trabalhos de casa abertos em cima da mesa da cozinha. Uma panela respingou ao lume, com a chama tão alta que o molho vermelho se borrifava sem se notar pelo topo do fogão a lenha. A senhora Mins estava à espera de que eu dissesse alguma coisa. — Sim, igualmente — respondi esticando a mão para apertar a dela.

— *Vem por causa da vaga para ama?* — perguntou com uma pequena faixa de cor a subir-lhe ao decote exposto. Havia medo no tom de voz ou teria sido alguma coisa que imaginei em retrospectiva? A voz do meu pai de novo: *Está na hora de cresceres.*

Um emprego era crescer, não era?

— Sim. Sim, vim — respondi. O alívio familiar da mentira espalhou-se pelo meu corpo, com o entusiasmo a trazer-me ousadia. Sempre trouxe. Dobro-me e abro o fecho da frente da minha mochila. — Tenho aqui algures algumas recomendações ou chegou a receber aquelas que enviei por *email*?

— Não se preocupe com isso. Tenho a certeza de que o Max as recebeu. Embora aqui entre nós, ele não lide muito bem com o *email*. Para além disso, não sei se ele a avisou, mas a ligação à Internet por aqui é um pouco duvidosa.

— Ah, sim, ele disse — respondi agradecida pelos avisos do taxista. Tinha-me ajudado de mais formas do que alguma vez imaginou.

— Venha por aqui para irmos ver o Max. Pode deixar aí a sua mala — disse ela.

Preparei-me para a reunião com o meu tio Max, a perguntar-me quanto é que ele saberia sobre mim ou se saberia sequer que eu existia. Depois do que o meu pai me contou, duvidava até que tivesse lido as cartas.

A agitação inicial da mentira desvaneceu-se e agora vinha a segunda fase: o medo da exposição. A terceira fase podia resultar em duas formas: euforia pela continuação do engano ou a humilhação devastadora de Ser Descoberta. Eram a primeira e a terceira fase que eu achava muito viciantes.

Que outra escolha é que eu tinha? A carta da Sophia levou-me a acreditar que a situação era bastante delicada. Que não tinha ninguém em quem confiar. A sua única opção era alguém que nunca tinha conhecido, do outro lado do mundo. Talvez fosse melhor manter a minha identidade só para mim até perceber qual seria o meu próximo passo, até descobrir porque é que ela se sentia tão desesperada. Esta era a minha única forma de entrar, por agora. Para além disso, eu tinha tomado conta da Ophelia e da Juliet desde que eram pequenas. Conseguia tratar de algumas crianças inglesas pequenas.

A senhora Mins encaminhou-me por um corredor alinhado com arte infantil emoldurada em molduras antigas em folha de ouro. Alguém, no passado, tinha tido o sentido de humor de remover o conteúdo original e substituí-lo pelos desenhos pintados com os dedos, esguichos abstratos de aguarelas, para além de outras fotografias de família. O resultado era uma massa turva de felicidade.

E ainda assim, a Sophia tinha-me mandado a carta. O hotel, outrora famoso e detentor de prémios, parecia estar encerrado. Não havia sinal da Daphne. Não havia sinal das crianças felizes das fotografias. Os alarmes estavam a soar-me naquilo em que me considerava especialista: havia mentiras em todo o lado, se se soubesse o que procurar.

A senhora Mins bateu ao de leve a uma porta fechada. Veio uma voz de dentro e ela abriu-a. A cabeça familiar do Labrador emergiu e voltou a desaparecer.

— Acabámos de receber uma reserva para um casamento em setembro — estava a senhora Mins a dizer enquanto eu fiquei parada atrás dela no corredor escuro.

— De quantos quartos? — perguntou o Max. Não conseguia vê-lo, por isso imaginei-o sentado à lareira a fazer festas na cabeça do Thomas.

— O hotel inteiro.

— Ótimo. Já é qualquer coisa. O que é que está a passar com as ervas daninhas?

— O senhor Mins diz que estão a crescer como loucas no relvado da frente. Mas ele tem um plano.

— Mais alguma coisa?

A esta altura, eu não tinha bem a certeza de que a senhora Mins fosse mencionar a minha presença, de todo. Imaginei-me a ficar presa no corredor, a rondar pela parede de fotografias num limbo nostálgico até que alguém para além do cão reparasse na minha presença.

A senhora Mins entrou no escritório e fechou a porta. Agora tinha ficado mesmo no escuro. Passaram dez minutos. Escutei com atenção, mas as paredes eram grossas e só um murmúrio baixo era perceptível. Ainda não havia sinal — audível ou outro — das crianças. Perguntei-me onde estariam e depois lembrei-me de onde estava. Numa casa daquele tamanho podiam estar em qualquer lado. Podiam passar-se dias até me cruzar com elas. Ou será que as vão colocar em parada à minha frente, ao estilo Von Trapp, num *hall* de entrada qualquer ainda por descobrir?

Quando eu estava a sorrir de forma maliciosa com a ideia, a porta voltou a abrir-se e a senhora Mins mandou-me entrar.

9

SE HÁ uma pessoa no mundo que percebe bem a diferença entre uma *persona* apresentada na Internet e a realidade dessa pessoa, devo ser eu. Sei tudo sobre filtros, ecrãs fumados, omissões deliberadas e inclusões estratégicas. Percebo de *marketing*, *branding*, criação de imagem e relações públicas. Pensei que estava pronta para o Max porque tinha descoberto a sua conta no Instagram.

Estava pronta para a pálida imitação do homem das imagens. São sempre. Os homens nunca são tão bronzeados ou altos como parecem *online*, e as mulheres são sempre mais bronzeadas e mais magras. Toda a gente parece mais velha na vida real. Ou IRL^[1], como eu lhe costumava chamar. O Max era uma exceção a essas regras.

Não postava imagens há mais de um mês, mas a conta ainda estava ativa. No começo, tinha sido um tesouro de informações, até eu ter chegado ao familiar ponto doentio de saturação e de me ter forçado a parar de passar as fotografias. A última imagem que tinha publicado era da Daphne ao pé de uma fogueira ao ar livre com um copo de vinho quente na mão.

As fotos mais antigas apresentavam uma vida encantadora: veleiros ao pôr-do-sol, férias nos Alpes e crianças a correr em pedaços intermináveis de relvados. Na vida real, agora sabia que a relva verdejante tinha sido invadida por ervas daninhas e estava à espera do equivalente humano. Um homem no seu auge, abatido pelo insidioso rastejar da vida.

Estava errada.

Apesar do cabelo grisalho do Max, tinha uma aura jovem e uma natureza divertida no olhar quando sorria, tal como estava agora a sorrir. Parecia mais novo do que o meu pai. Imagino que a sua idade andasse pelos

quarentas e muitos. Se a minha mãe estivesse viva, teria quarenta e oito anos. Suspeitava que ele fosse só um ano mais velho ou pouco mais. A sua familiaridade desconcertou-me por um instante, até me ter lembrado de que era suposto eu ser a ama. Não devia deixar que o meu reconhecimento se mostrasse. *Calma, Miranda. Vai com calma.* Os meus olhos deslizaram aleatoriamente pela divisão, ansiosa por encontrar outra coisa qualquer para onde olhar.

Concentrei-me na sua roupa. Vestia uma camisola preta de gola alta que lhe deveria ficar ridícula, mas que, contra todas as probabilidades, não ficava. Mostrava-lhe a constituição magra e não o fazia parecer ter carne a mais à volta da papada, da mesma forma que parecia nalguns homens.

— Olá, sou o Max Summer — apresentou-se. Levantou-se e esticou-me a mão para a apertar, mas permaneceu atrás da secretária, forçando-me a aproximar-me e sair da sombra onde eu estava a tentar ficar o máximo de tempo possível.

— Miranda — respondi, deixando propositadamente o apelido de fora, Courtenay, mesmo apesar de ter a certeza de que não me iria distinguir. Não tinha a certeza de que se lembraria ou sequer conheceria o nome do marido da minha mãe, mas não me pareceu valer a pena o risco.

— Miranda — repetiu ele de imediato, e olhou para mim de alto a baixo. Senti os seus olhos em todas as partes do meu corpo e senti-me aliviada por estarem, na maioria, cobertas de roupa. — Veio reclamar o seu reino?

Recriminei-me.

O Max deve ter visto o medo nos meus olhos, pois primeiro riu-se e depois disse: — Então não é fã de Shakespeare, hã?

— A minha mãe era... — respondi antes de me calar.

Estava habituada a que as pessoas comentassem o meu nome na Austrália. Ou, de forma mais precisa, estava habituada a que gritassem o meu nome em som agudo, numa imitação dos últimos minutos do filme *Piquenique na Montanha Misteriosa*. Não estava habituada a que as pessoas fizessem a ligação a Shakespeare, a ligação que a minha mãe tinha pretendido.

Se o Max não se tinha já apercebido de quem eu era, precisava de parar de lhe dar dicas. As minhas motivações eram tão retorcidas e dissimuladas que deixei que a realidade retrocedesse. Tinha-me esquecido do que vinha ali fazer e de quem eu era, aos olhos do Max. Por agora, não queria que

soubesse que era sua sobrinha. Se quisesse dar um bom espetáculo a ser ama, tinha de pensar como uma. — Onde é que estão as crianças?

O Max suspirou como alguém que tinha sido indevidamente interrompido e desiludido de seguida pela intervenção. — As crianças — repetiu, com o brilho no olhar a ficar ligeiramente menos brilhante.

— Posso voltar noutra altura — disse eu, de repente ciente de que já era tarde e da minha aparição sem aviso prévio. Até a mim não me parecia muito bem a minha chegada surpresa numa noite fria de inverno mesmo antes do Natal.

O Max ignorou a oferta. — A Sophia é a mais velha. Tem doze anos e já não sente que precisa de uma ama. E tem razão. Não está cá tanto por ela, mas mais pelos outros. Principalmente pela Agatha, mas já falaremos dela. A Sophia é como a sua mãe, obstinada e apaixonada e capaz de fazer o que quer que tente. É atlética, mas também esperta e tem um julgamento astuto de carácter. Vai avaliá-la com bastante rapidez, por isso esteja preparada. Depois do Natal está matriculada num colégio interno aqui perto — mas virá a casa aos fins de semana — e mal pode esperar. Fartei-me de a ouvir dizer-me como odeia Barnsley e tenho a certeza de que vai mudar de tom assim que passar um período na escola. Não sabe a vida boa que tem.

Esta descrição não me disse nada, de facto, e não parecia a rapariga que tinha escrito à minha mãe. Ele podia estar a falar de qualquer miúda adolescente que conheço, como a Ophelia ou a Juliet, ou até eu naquela idade. A maioria dos miúdos com doze anos que eu conhecia estavam a descobrir-se a eles próprios e a acharem que o resto da população não interessava. Perguntei-me o que teria mesmo motivado a Sophia. Já sabia que ela tinha desplane suficiente para enviar uma carta a alguém do outro lado do mundo que nunca tinha conhecido e esse comportamento parecia casar com a descrição feita pelo Max.

— O Robbie é o meu rapaz e é do género sossegado. A maioria dos seus amigos são rápidos a lutar, a fazer piadas mal-educadas e a arranjar problemas, mas o Robbie afasta-se e fica a observar. Não se junta até ter a certeza sobre a situação e então, só mesmo se quiser. — O Max faz uma pausa e eu aproveito a oportunidade para perguntar a idade do Robbie. Acabou de fazer dez anos. — Não os celebrámos devidamente, não desta vez...

Senti a senhora Mins a agitar-se atrás de mim. Tinha-me esquecido de que estava ali e parecia que o Max também. — Obrigado, senhora Mins, eu tomo conta disto.

— Não preferes que eu...

O Max simplesmente abanou a cabeça e voltou a sentar-se na cadeira. Sem ser convidada, sentei-me na cadeira em frente. Uma mola dura tinha irrompido pela pele rachada e fazia-me pressão nas costas. Esperava que houvesse mais cuidado com a manutenção noutras áreas da casa.

— O Robbie gosta muito de edifícios antigos: fortes, castelos, qualquer coisa que tenha uma história ligeiramente violenta. Acho que gosta um pouco de se ver como um caça-fantasmas. — O Max deu um risinho. Eu não. Caçar fantasmas não me parecia uma noção assim tão absurda naquela casa.

— E depois temos a Agatha. A minha querida pequena Agatha. É a criança com o ar mais angélico que já se viu. — Ele entrou em êxtase a descrever a Agatha e os seus caracóis louros quase brancos, os seus olhos azuis e a sua boca em formato de botão de rosa. Achei que devia estar a dourar a pílula até conhecer a Agatha e ver com os próprios olhos que ele não tinha exagerado. Na verdade, acho que não lhe fez jus: a Agatha Summer era a criança mais divina que alguma vez vi na vida. Mas o que ele deixou de fora da sua descrição acabou por ser bem mais importante do que os detalhes que incluiu.

— Podemos agora entrar e conhecê-la? — ouviu-se uma vozinha atrás de mim.

Esperando um sorriso indulgente da parte do Max, olho em direção à porta na expectativa. Estava mais do que preparada para conhecer os donos de todos aqueles sapatos na porta das traseiras, para colocar caras nos nomes e descrições, para conhecer os meus primos. A senhora Mins estava parada à porta, a fazer de conta que examinava as estantes.

Até de onde eu estava sentada, conseguia ver a lombada distinta d' *A casa das noivas*. Era umas das edições especiais de capa dura, com a sobrecapa marmoreada. Aquilo não me surpreendeu. Imaginei a minha mãe a enviar cuidadosamente um exemplar, possivelmente a escrever uma nota lá dentro. Esperava que a dada altura conseguisse ficar sozinha na divisão para verificar. O que me surpreendeu foi o Max ter conservado o livro,

apesar daquilo que o meu pai me tinha contado. Não pela primeira vez, senti que não tinha apanhado a história completa.

Ignorando o pedido, o Max disse, tardiamente e de alguma forma redundante: — E esta é a senhora Mins.

Agora forçada a olhar devidamente para mim, a senhora Mins esticou a mão como uma pata. Sem a certeza se a deveria beijar ou apertar, decidi-me pela última. — Imagino que o Max lhe tenha contado tudo sobre a casa.

— Um pouco, sim. — Na verdade, não me tinha contado nada, quer sobre a casa, quer, de forma mais alarmante, sobre a Daphne. Havia sinais da sua presença por todo o lado e, ainda assim, ninguém a tinha mencionado. — Ah, só sobre as crianças, na realidade.

A senhora Mins interpretou isso como um sinal para se lançar num discurso que parecia ter sido ensaiado. — A família Summer vive na Casa Barnsley há várias gerações, mas só recentemente é que a necessidade de diversificar e gerar mais rendimento se tornou urgente. Entre a gestão do local e da ilha, o dinheiro de família tinha desaparecido todo e os impostos sucessórios estavam a piorar a situação. O senhor Summer não teve opção.

— Sou eu — clarificou o Max.

— Chamam-se todos Summer, sabe? Pode tornar-se confuso.

— E muitas vezes também nos chamamos Maximilian. A mim chamam-me Max. Ao meu pai chamavam Maximilian.

— O senhor Summer — este, e a sua esposa — começaram o hotel. — Reparei que a senhora Mins não se referiu à Daphne pelo nome. — Foi, e é, um grande sucesso. — Ela tinha assumido o tom arrogante de um guia particularmente consciencioso do Fundo Nacional. A dada altura quase fiquei à espera de que falasse de lado para um *walkie-talkie*.

— E voltará a ser. Acabámos de receber uma reserva para setembro, não foi, Meryl? — O Max olhou para a senhora Mins, com uma vulnerabilidade evidente no rosto.

Ela sorriu-lhe de forma tranquilizadora. O rubor voltou-lhe ao peito. Esperei que o Max interviesse, para fazer regressar a senhora Mins aos assuntos domésticos, mas ele só acenou de forma encorajadora, fechando os olhos alegremente durante alguns momentos particularmente bajuladores, enquanto ela continuava a contar-me sobre a casa durante os tempos de guerra e a contribuição que a família tinha dado à pequena comunidade piscatória, ambas no passado como grandes proprietários, e agora como

uma enorme atração turística. Era óbvio que a senhora Mins levava o seu trabalho muito a sério e que tinha um investimento emocional no hotel, mas era menos óbvio porque é que ela tinha de mo contar com tanto detalhe.

Mexi-me no lugar. Queria perguntar sobre a Daphne, mas não sabia como, sem revelar o quanto sabia. — A sua... — Engasguei-me com as palavras. — A sua es... Posso conhecer as crianças? — perguntei perdendo a coragem no último instante.

Um raspar na porta foi seguido por outra batida, de metal a bater na madeira, um silvo. Perguntei-me durante quanto tempo é que ele planeava ignorá-las.

— As crianças? — O Max olhou para mim com ar confuso.

— Sim, achei que seria bom conhecê-las...

— Vai aceitar o trabalho? — perguntou apressadamente a senhora Mins, movendo o seu corpo de novo para a frente da porta. Quase esperei que se atirasse contra ela.

Se ao menos o meu pai estivesse ali para ver aquilo: uma oferta de emprego no espaço de minutos. Sem desculpas desconfortáveis por causa das recomendações em falta. Sem perguntas incómodas sobre o processo judicial. Sem referências nojentas à inoportuna sessão fotográfica em fato de banho que tinha feito para uma revista de domingo. Devia ter-me mudado para o estrangeiro há mais tempo. Tê-lo-ia feito, se soubesse que podia fazer um corte tão limpo com a minha vida antiga.

Não hesitei. Estava ali para ajudar a Sophia. Estava ali para descobrir o que a tinha feito sentir-se tão desesperada ao ponto de achar que tinha de contactar uma parente há muito perdida no outro lado do mundo.

E, a um nível muito mais egoísta, estava ali para saber mais sobre a minha mãe. Se tivesse de contar algumas mentiras durante o processo, bom, paciência. Era a mulher certa para isso. — Sim, adorava. Se me quiserem.

O Max e a senhora Mins olharam um para o outro com alívio. Descrédito. Talvez até surpresa.

— Eu trago as crianças para dentro — disse rapidamente a senhora Mins, como se eu fosse capaz de mudar de ideia e sair por uma das portas do terraço a qualquer altura. Imaginei-a a encaminhá-las, em fila indiana, numa marcha de precisão militar.

A sua escolha de palavras tornou-se clara um momento mais tarde, quando a Sophia e o Robbie se apresentaram, seguidos pela senhora Mins a

empurrar a Agatha que estava numa cadeira de rodas.

[1] IRL é a abreviatura de *In real life*, uma sigla normalmente utilizada nas redes sociais que em português significa na vida real. (N.T.)

DORMI MAL nessa primeira noite em Barnsley. Parecia que tinham passado anos desde a última vez que tinha dormido bem. Desde a chegada da carta da Sophia que eu sentia dificuldade em adormecer e, quando adormecia, era atormentada por sonhos fragmentados constantes. Na maioria das manhãs, acordava antes da madrugada, e naquela primeira manhã em Barnsley foi a mesma coisa. Tinha a cabeça a fervilhar. Queria saber porque é que a Sophia tinha escrito a carta. Queria saber porque é que a Agatha estava numa cadeira de rodas. Queria saber onde é que estava a Daphne. Queria saber o que é que aquilo tudo tinha a ver com a minha mãe. Queria saber o que tinha a ver comigo.

A combinação do *jet lag* e de tantas perguntas às voltas na minha cabeça fez com que voltar a adormecer fosse em vão. Em vez de tentar combater a insónia, decidi explorar o terreno e conhecer o local.

Já tarde na noite anterior, depois de todos termos comido, a senhora Mins tinha-me levado por um estreito corredor comprido para a ala oeste da casa. Semelhante a um claustro coberto, havia uma fila de cabides e cacifos baixos num dos lados, sendo que o outro dava para o que parecia ser um pequeno jardim de rosas. No final do corredor, uma porta pesada escondia outro pequeno átrio com uma mísera escadaria utilitária que levava até aos quartos no andar de cima.

O meu quarto, uma acomodação pequena, mas confortável, com uma casa de banho privativa, ficava ao lado dos quartos das crianças e do quarto principal. Estava decorado num estilo que eu acreditava ser do início dos anos 1990, com um ar de Laura Ashley, que resultava no facto de todas as superfícies lisas estarem cobertas de folhos de tecidos a condizer. O padrão

repetido e o tamanho do quarto criavam um efeito ligeiramente claustrofóbico e perguntei-me se seria de propósito. Alguém tinha colocado lá o meu saco e eu apressei-me a verificá-lo assim que a senhora Mins fechou a porta. Os cadeados estavam intactos.

A ansiedade ainda era evidente na minha expressão na manhã seguinte quando examinei a casa de banho. O *jet lag* apanhou-me na noite anterior e não tinha sequer escovado os dentes antes de cair na pequena cama. Uma banheira, demasiado curta para estar lá deitada, e um pequeno lavatório de parede estavam encaixados ao lado de uma sanita. Verifiquei atrás da porta em vã busca por um chuveiro, mas não havia nenhum. O meu cabelo, no minúsculo espelho da casa de banho, já estava numa situação desesperada. Perguntei-me como é que iria ficar depois de ser lavado numa banheira. A minha pele tinha um ar macilento, como se já se tivesse aclimatado à pálida luz europeia, translúcida o suficiente para revelar o preto azulado da falta de sono debaixo dos meus olhos. Escovei rapidamente os dentes e tentei evitar o reflexo.

A luz malva filtrava-se pela galeria de janelas no corredor silencioso. Parecia que as crianças ainda estavam a dormir. O Max e a Daphne pareciam não ter apreensão em colocar alguém que mal conheciam em tal proximidade aos seus filhos adormecidos, mas agora enquanto percorria o corredor, vi que o Thomas estava enroscado na sua cama à porta dos seus quartos. Levantou a cabeça quando passei e decidi que eu não era ameaça iminente.

O Robbie estava estiraçado na sua cama de casal de barriga para baixo, destapado e a ressonar baixinho. Aproveitei para examinar o quarto, que tinha todas as superfícies cobertas de recipientes e caixas meticulosamente etiquetadas. As paredes estavam cheias de pósteres de corridas de cavalos a passarem a linha de meta, do género que os proprietários dos cavalos de corrida eram capazes de comprar. Eu não tinha visto quaisquer estábulos quando entrámos, mas senti que havia bastante de que não me tinha apercebido no escuro.

O quarto da Sophia vinha a seguir. Era uma lixeira completa. Apesar das pilhas de roupa amontoadas em cima da colcha da cama, consegui ver imediatamente que estava vazia. Encontrei-a no quarto a seguir, profundamente enroscada à volta da irmã mais nova. A julgar pela noite anterior, tinha observado que a Sophia protegia ferozmente a Agatha.

Observava-me com muita atenção quando eu estava ao pé da irmã mais nova. Perguntei-me se dormiam juntas todas as noites ou se tinha sido só devido à chegada de uma estranha à casa. Podia significar que seria difícil apanhar a Sophia sozinha. Nalgum momento, iria precisar de falar com ela sobre a carta.

Seria por isso que ninguém me tinha contado sobre a Agatha? A proteção não podia ser desculpa. Enquanto a senhora Mins empurrava a Agatha até à cozinha, ela não tinha tirado os olhos de cima de mim por um segundo e, em resposta, eu não tinha desviado os meus da cara da Agatha. Se ela achava que algo como uma criança numa cadeira de rodas me ia perturbar, então tinha-me subestimado. O que me enervou de facto foi o Max não me ter contado. Tinha de haver uma razão qualquer.

Ainda mais desconcertante era a ausência da Daphne. Fazia sentido que ela não estivesse ali para a minha chegada imprevista, mas contava que aparecesse para jantar.

O frio foi um choque depois do calor da cozinha. A apertar o casaco e a puxar as mangas da camisola por cima das minhas mãos, dirigi-me para uma ponta da casa e encontrei-me numa vasta extensão de relvado aberto que se estendia até ao mar. Daquele ângulo, a Casa Barnsley era verdadeiramente espetacular.

Levei a mão ao bolso à procura do telefone, por reflexo. Estava a enquadrar a fotografia, a ajustar o filtro, a pensar como ia ficar tão bem no meu perfil, quase a considerar a legenda antes de me ter lembrado.

Mesmo que houvesse cobertura de rede, não fazia sentido. Ninguém queria saber.

A minha publicação mais popular de sempre tinha sido no dia em que lancei a aplicação. Tive milhares de gostos. Outros influenciadores republicaram a minha fotografia. As mensagens diretas inundaram-me a caixa de correio. Foi incrível. A minha fotografia de Barnsley, cheia de grão e luz matinal, iria desaparecer no vácuo. A única pessoa que se iria importar seria o meu pai e por todas as razões erradas. Guardei o telefone.

Ainda não havia sinais de quaisquer hóspedes e parecia tudo calmo, demasiado calmo. Até àquela hora da manhã havia habitualmente atividade num hotel. Normalmente, os jardineiros estariam cá fora e os funcionários dos serviços de quartos estariam a abastecer os carrinhos para o trabalho da

manhã. Ali não havia nada. O local estava deserto, silencioso, para além do som sempre constante das ondas a bater na muralha de rochas atrás de mim.

Todos os cortinados estavam corridos nas janelas do andar de cima viradas para mim, e perguntei-me se seriam os quartos de hóspedes. Encostei a cara contra o vidro da janela panorâmica. Era uma espécie de sala de estar, decorada de forma simples e com bom gosto, numa versão de casa de campo com estilo moderno. Uma grande lareira dominava a outra ponta da sala, de grelha vazia. Ou não havia lume nela há algum tempo ou alguém a tinha limpado recentemente de forma meticulosa. Havia revistas dispostas em cima de uma mesa de centro, mas eu não conseguia ver com clareza suficiente para ler as datas.

Esperando encontrar sinais de vida algures, recuei, a planear espreitar por outra janela. Todos os cortinados estavam corridos, mas um baloiçava ao de leve devido a movimento recente. Tinha a certeza de que estavam abertos apenas há instantes. Alucinação? Imaginação? Noite em branco?

Libertei-me da ideia. Disse a mim mesma que tinha sido só uma ilusão ou uma corrente de ar. Ou finalmente a Daphne. Ou que havia hóspedes, afinal de contas. Talvez alguém tivesse chegado tarde na noite anterior, a implorar por um quarto. Fazia sentido haver hóspedes num hotel. Mais sentido do que qualquer outra coisa que o meu cérebro estava a imaginar naquela manhã.

Havia muito para ver à medida que olhava os terrenos em redor, mas estava mais centrada nos pensamentos sobre as pessoas da Casa Barnsley do que sobre o local em si. Os jardins não eram de modo algum acessíveis a alguém em cadeira de rodas. Perguntei-me como é que a Agatha conseguia. Os caminhos eram constantemente interrompidos por lanços de escadas e os relvados estendiam-se à distância, com inclinações acentuadas. Não havia vedações nem quaisquer rampas.

Até a parte da casa onde ela vivia era apertada, com corredores estreitos quase intransitáveis. O Max tinha-a carregado para a cama na noite anterior, mas ele não podia estar por perto o tempo todo. Parecia que todos, incluindo a própria Casa Barnsley, estavam em negação acerca da imobilidade da Agatha.

Queria saber porque é que a Agatha estava numa cadeira de rodas e há quanto tempo, mas não sabia a quem perguntar. Ao Max estava fora de

questão, e parecia desapropriado preocupar as crianças com tais assuntos. Mais do que tudo, queria era saber onde é que estava a Daphne.

A senhora Mins parecia a pessoa óbvia a quem perguntar, mas ela aterrorizava-me. Ao jantar, na noite anterior, tinha-me amplamente ignorado, fazendo-me apenas perguntas acutilantes de vez em quando, que pareciam destinadas a destacar as minhas lacunas mal disfarçadas.

Mesmo então, eu sabia que expor-me mais a ela seria tolo e possivelmente até perigoso. A Sophia não se lhe tinha referido especificamente na carta, e não fazia ideia do grau de proximidade dela com a família, mas tencionava descobrir. Até lá, iria mantê-la à distância.

Infelizmente, no meio daquela casa, eu não parava de ser atirada de novo para o seu caminho. E naquela manhã não foi diferente. Quando saí da ponta oeste do relvado e entrei na horta, lá estava ela, a tratar de um pedaço de terra que até a mim parecia incultivável, completamente inativo. Perguntei-me se estaria a observar-me, pois não havia outra razão para estar ali ao frio, completamente vestida e arranjada, àquela hora da manhã a revirar solo árido.

— SAIU PARA CONHECER o sítio, foi? — perguntou a senhora Mins a arrancar ervas daninhas invisíveis. — Passarinho que madruga apanha minhocas.

A senhora Mins gostava de falar com aforismos batidos. Iria aprender que eram a forma de ela se proteger de pensar demasiado profundamente sobre qualquer coisa, e uma das formas de ter sobrevivido em Barnsley todos aqueles anos.

Dessa primeira vez, levei os seus comentários de forma literal. Era cedo, e pelo que me era dado saber, as minhocas eram uma coisa que serviam no restaurante em Barnsley. E minhocas pareciam ser a única coisa provável de ela poder estar a colher daquele pedaço de terra árida em particular. — São para o restaurante?

A senhora Mins parou de escavar e apoiou-se na enxada. Olhou para mim com atenção. — Não reparou?

Havia muita coisa em que eu tinha reparado nas minhas doze horas, ou perto disso, em Barnsley. Uma governanta sinistra. Uma mãe ausente. Crianças negligenciadas. Uma notória falta de hóspedes. Correntes de ar árticas. Nenhuma delas parecia apropriada de se mencionar. — Reparar no quê?

— O hotel está fechado. Assim como o restaurante. Tem estado assim desde o acidente.

— Mas no *website* não referem isso — gaguejei em choque. Era verdade. Tinha passado imenso tempo naquele *website*: a fotogaleria; as sugestões de coisas para fazer na região; a história dos edifícios. Nada daquilo sugeria que o hotel estava fechado, na verdade.

— É referido quando se tenta fazer uma reserva. O Max não quis que fosse demasiado óbvio. Na verdade, nunca tomou de facto essa decisão. Apenas parou de atender os telefonemas e fechou os portões principais.

Pensei no meu rato a pairar sobre o «Reserve Agora!» e a minha decisão de aparecer sem aviso. — Vão reabrir? — perguntei ainda a juntar as peças na minha cabeça.

— Bom, ele deixou-me aceitar aquela reserva para o casamento. Já é um começo. Mas há muito trabalho a fazer, de qualquer modo. — Com uma mão de luva calçada apontou para o jardim além da casa. Naquela manhã, vestia umas calças de ganga e uma camisola azul de pescador, do género que o meu pai usaria para visitar as quintas dos amigos, mas ainda tinha as argolas douradas. Nas suas roupas de trabalho, ainda parecia mais em casa do que na noite anterior, e mais uma vez mais arranjada do que eu alguma vez estaria.

— Há quanto tempo é que está fechado? — perguntei, a pensar até que ponto levaria a minha curiosidade.

Ela não pareceu importar-se. — Há quase um mês. Tive de recusar todas as pessoas que fizeram reservas para o Natal e o Fim de Ano. Todas aquelas reservas. Puf!

— Eles voltam.

— Não tenho assim tanta certeza. O sítio começa a ganhar uma certa reputação.

— Parece-me que já tem uma há um tempo.

Um pequeno som escapou da garganta da senhora Mins. Olhou para baixo e deu um pontapé numa raiz na terra. Parecia que a conversa tinha acabado.

Crescer com a Fleur tinha-me sintonizado com a arquitetura paisagista, e alguém com olho treinado tinha definido aquela. De alguma forma, era uma versão nostálgica de um jardim Eduardino, com canteiros demarcados por vedações em madeira e ervas a rodear cada pedaço de terra, mas exibia uma simetria mais moderna. Fazia-me lembrar as hortas a que a Fleur me tinha levado em casa. A Stonefields. À horta de Heide. Agora estava vazia, mas imaginava o que devia ser em descarga completa. — Devia ver esta horta no verão — disse a senhora Mins, como que a ler-me a mente. — Aquele canteiro inteiro ao longo da parede é de menta. De cinco ou seis tipos diferentes. Sabia que dá para plantar menta chocolate? Se pudesse só

cheirar... Ali, alfaces. De pelo menos quatro tipos. É só ervas à frente da alface, de todo o tipo que possa imaginar. Mas imagino que não tenha muito interesse nesse tipo de coisas.

— Oh, sim, tenho — respondi antes de pensar bem nisso. Estive quase a contar-lhe a minha formação. Herbalismo. Naturopatia. Bem-estar. Nutricionista. — A minha madrastra é jardineira. Arquiteta paisagista, na realidade.

A senhora Mins olhou devidamente para mim, com os olhos a dispararem para as minhas mãos, à procura de sinais que lhe denunciassem uma jardineira a sério. Não encontrando nenhum, pareceu revirar os olhos para um observador invisível. — O que é que está a fazer a trabalhar em cuidados infantis, então? — Parecia desconfiada.

— As crianças ainda estão a dormir — respondi a evitar a pergunta.

Ela abanou ligeiramente a cabeça, como se estivesse a expulsar alguma coisa do ouvido. — Por aqui, todos dormem até tarde. A não ser eu — respondeu. Era uma ameaça? Parecia uma, mas apesar da minha idade, sempre fui madrugadora e não sentia que tivesse de mudar. A senhora Mins não tinha o monopólio das madrugadas.

Parecia-me estranho que o Max dormisse até tarde. O meu próprio pai era sempre o primeiro a levantar-se: a fazer o café, ler o jornal, a ver as notícias na televisão. Olhei de novo em redor em busca de sinais de vida. Havia uma sebe no final da horta e para além daquela fronteira verde ficava o parque de estacionamento, agora vazio à exceção de um pequeno veículo, mais parecido com um carrinho de golfe do que uma carrinha. — Oh, é a senhora que gere o hotel do senhor Summer? — perguntei. O que é que ela fazia o dia inteiro, enquanto estava fechado?, perguntei-me. Quem era ela?

Só foi preciso uma pequena picada para a fazer falar. — E tudo o resto — respondeu com o suspiro martirizado dos sobrecarregados crónicos. — Não era suposto também tomar conta das crianças. Não foi para isso que me contrataram.

— E para que é que a contrataram? — perguntei, encostando-me para apanhar alguns pés de salsa já tão desenvolvidos que me chegavam à cintura.

— Eu costumava trabalhar em Capri. Itália?

Acenei com a cabeça como se conhecesse.

— O Max e a Daphne foram lá ver-me. Tinham ouvido falar do que eu tinha lá feito. Eu estava a trabalhar num pequeno hotel, numa vila minúscula na encosta de um penhasco que tinha sido convertido num *resort* de luxo. Tinha-se tornado muito famoso e não só por causa do local. A indústria hoteleira de luxo é muito mais pequena do que possa pensar.

Nunca tinha realmente pensado sobre nada disso, mas acenei com a cabeça, ainda assim.

— Tínhamos um chefe de cozinha incrível — não uma celebridade, como a Daphne, mas que cozinhou mesmo muito bem. Os melhores funcionários costumavam vir trabalhar comigo e tinha ótimas críticas. As pessoas vinham passar luas-de-mel, aniversários, mas na sua maioria eram conhecedoras, o tipo de pessoa que vinha todos os anos, ficava durante um mês e nem sequer perguntava o preço.

— Parece fantástico. Como é que o senhor Summer a convenceu a vir para aqui?

— Ofereceu-me imenso dinheiro, muito mais do que eu estava lá a ganhar. Os proprietários não nos pagavam muito, mas a vida era boa. Tínhamos alojamento e havia pequenos restaurantes nas ruas secundárias só para as pessoas que trabalhavam nos hotéis. Mas não foi pelo dinheiro.

Parecia que ela ia continuar a falar sem parar, mas surpreendeu-me ao virar costas de repente e a afastar-se, deixando-me parada no meio do caminho de pedra e forçando-me a chamá-la. — Foi porquê? Como é que ele a convenceu a vir? — perguntei.

Ela parou e ficou quieta por um momento. De costas parecia muito mais nova e pensei de novo como é que o Max a podia ter tentado. Ela olhou para as janelas, e deu para ver que eram as janelas ao longo do corredor das crianças. Com certeza que devem estar quase a acordar. A senhora Mins deve ter tido o mesmo pensamento, pois só depois de estar satisfeita por não estar lá ninguém a ouvir é que se virou de novo. — Como é que o senhor Summer a convenceu a *si* a vir? — perguntou ela calmamente.

De imediato houve uma sensação de sangue a correr-me para a face. — As crianças... Ele precisava de alguém para as crianças — acabei por gaguejar em resposta. Eu não tinha razão real para a minha aparição súbita. Nem sequer sabia se o emprego tinha sido anunciado. Pelo que me era dado saber, tinha havido uma carta a subir por uma chaminé, ao estilo da Mary Poppins.

— As crianças — repetiu, pensativa, a senhora Mins. — Não foi certamente assim que ele me convenceu a mim.

— Tem filhos, senhora Mins?

— Eu? Não. É demasiado tarde para isso. — Foi uma resposta a outra pergunta, talvez aquela que eu deveria ter perguntado. Ficámos num silêncio estranho por um instante.

— E a senhora Summer? Vai ter mais filhos? — Estava a atirar ao escuro, mas foi a única forma de que me lembrei de trazê-la à conversa. Afinal de contas, eu era a ama.

— A Daphne? — A senhora Mins pareceu afetada. — Porquê? O que é que o Max disse?

— Ah, nada. Pensei que talvez fosse por isso que precisasse de uma ama.

Os olhos da senhora Mins foram até às janelas do andar de cima. Quando falou, foi devagar, como se estivesse a avaliar cada palavra à medida que a dizia. — A Daphne precisa de uma ama porque tem estado de cama desde o acidente. Os médicos dizem que precisa de descansar. Quando estiver melhor, vai ficar novamente ocupada com o restaurante.

— Que acidente? — perguntei de rompante. Ao contrário da senhora Mins, não demorei tempo nenhum.

— Não me cabe a mim falar sobre o acidente. — *Nem a ti*, disse-me ela com o olhar.

— Fica à sua vontade — respondi quando ficou claro que ela não ia desenvolver.

— Talvez me possa ajudar quando o tempo melhorar. É demasiado trabalho para mim e para o senhor Mins e bem que nos fazia falta mais um par de mãos. Posso ver se o Max lhe paga um pouco mais por isso.

Depois da forma como ela esteve a olhar para o Max na noite anterior, fiquei surpreendida por ouvi-la falar sobre um senhor Mins. Aqui estava a minha oportunidade para perguntar. — O seu marido também trabalha aqui?

— Vai conhecer o meu irmão em breve. — Acenei com a cabeça, confusa e ainda sem perceber porque é que ela estava a chamar o irmão de senhor Mins. — Se souber o que anda a fazer, claro. Não a vou querer a trabalhar ali se não tiver a certeza sobre as coisas.

Já tinha passado muito tempo desde que eu tinha sentido saber inteiramente o que ando a fazer sobre qualquer coisa e não conseguia

imaginar sentir-me a ter a certeza sobre nada nos próximos tempos. Tudo ali parecia tão ambíguo.

Havia muito a aprender.

Mas havia mais uma pergunta que eu estava desesperada por fazer e o convite da senhora Mins para que a ajudasse na horta trouxe-me o incentivo de que precisava para tal.

— O que é que aconteceu à Agatha? — perguntei tão depressa que as palavras saíram atabalhoadas. Presumi que tivesse alguma coisa a ver com o acidente.

A senhora Mins levou um momento a processar o que eu tinha perguntado. Suspeitei que soubesse que eu iria perguntar mais cedo ou mais tarde e que a altura da pergunta fosse a única parte que achou surpreendente. Imaginava que pensasse que eu ia demorar mais tempo para ganhar coragem. — A curiosidade matou o gato — respondeu. E deixou-me à espera tanto tempo em silêncio que, por fim, não tive outra alternativa senão afastar-me e ir ter com as crianças.

12

AS CRIANÇAS ESTAVAM acordadas. Apressei-me a passar pelo pequeno portão e a entrar dentro de casa, à espera de encontrá-las na cozinha, à espera do pequeno-almoço. O Robbie estava sentado à mesa, a ler um guia antigo de corridas de cavalos. A Sophia também lá estava, a enroscar o cabelo à volta de um dedo, encostada contra a bancada. Parecia muito mais nova esta manhã, ainda meio a dormir, e o pijama curto que usava, apesar do frio, revelava as pernas compridas que devia ter herdado do pai.

— Onde é que está a Agatha? — perguntei.

— À espera de que alguém a traga para baixo? — respondeu a Sophia com uma entoação de voz crescente no final da frase assim colocada de propósito. Vi a cadeira de rodas na esquina e lembrei-me de o Max a ter carregado para cima na noite anterior. A casa não era adequada para alguém numa cadeira de rodas e o Max não tinha feito nada acerca disso. Em vez disso, deixou a Agatha no seu quarto, ao cimo de uma escadaria minúscula e no final de um corredor estreito.

— Oh. Certo. — A Sophia ficou a observar-me enquanto me encaminhava para as escadas. — O teu pai não me disse nada.

Já tinha passado muito tempo desde que tinha trabalhado para outra pessoa, o que era uma das razões de achar tão fácil descartar o compromisso com a Grant and Farmer. Não tinha falado com o meu pai desde que me vim embora. Numa jogada cobarde, deixei um recado a explicar que a Denise e o Terence me tinham convidado para passar o Natal com eles em Londres e que podia lá passar algum tempo à procura de trabalho após o Ano Novo. De modo algum ele ia acreditar naquilo, mas achei que me podia fazer ganhar algum tempo.

Tinha basicamente colocado de quarentena a culpa por aquelas mentiras, mas lamentava, de facto, pela Fleur e pelas minhas meias-irmãs, que de certeza teriam de suportar a força da raiva dele após a minha partida. Desta vez, sentia que as minhas mentiras serviam um fim, um bem maior, de uma forma que não serviram antes. Pelo menos era assim que o justificava.

Do que me lembrava sobre começar um novo trabalho era que as pessoas que já lá trabalhavam prestavam normalmente uma qualquer espécie de orientação. Uma descrição do trabalho. Algumas tarefas simples para colocar a pessoa à vontade no ambiente. Talvez uma visita guiada às instalações e um cartão de acesso. Até agora, em Barnsley, eu tinha recebido alojamento e uma refeição e, ainda assim, nenhum dos outros aspetos mais tradicionais do trabalho. Era um cenário fora do comum.

Teria de descobrir algumas coisas por mim. Fiz uma lista mental enquanto fazia o agora familiar caminho de volta à escadaria. Horas de dormir. Comidas favoritas. Horários. Carro? Escola. Trabalhos de casa. Roupa para lavar. Regras. Nenhuma da minha experiência anterior parecia relevante.

Passei por uma porta fechada ao fundo do corredor. O quarto do Max e da Daphne. Adquiriu uma qualidade diferente, agora que eu sabia que a Daphne estava lá dentro. Parei por um instante, à espera de ouvir alguma coisa vinda do interior, mas não se ouviu nada. Sem qualquer som.

A Agatha estava no seu quarto a ler a *Pipi das meias-altas*. — Costumava adorar esse livro — comentei sentando-me ao seu lado. — Mas o filme era demasiado triste. Não conseguia parar de chorar no final.

— Há um filme?

— Sim. Devíamos vê-lo. — Não sabia bem como é que ia tratar disso, dado o buraco negro da Internet no qual eu tinha tropeçado, mas possivelmente conseguia encontrá-lo em DVD na vila. Parecia o tipo de local que ainda devia ter uma loja onde se podiam alugar DVD.

— Disseste que era demasiado triste.

— Bom, vemos outra coisa qualquer. De que outros filmes gostas?

— Da *Annie*. *Ana dos cabelos ruivos*.

Seria uma coincidência que todas essas histórias tivessem mães mortas ou ausentes? Achava que não. Tinha-me sentido atraída precisamente pelas mesmas histórias na idade dela. A diferença era que a minha mãe estava morta. A da Agatha estava só, bem... ausente. Não era minha intenção

revelar nada sobre mim tão prematuramente, mas tinha pena da Agatha e quis que soubesse que eu sabia o que ela estava a sentir. — Perdi a minha mãe com a tua idade — contei, e depois, a achar que talvez não tivesse sido suficientemente clara, acrescentei: — Morreu. Esteve doente durante muito tempo e depois morreu quanto eu tinha mais ou menos a tua idade.

Assim que as palavras me saíram da boca, arrependi-me da sua insensibilidade. A pobre criança tinha a mãe a recuperar de um acidente grave e eu estava a falar sobre a morte da minha mãe.

A Agatha levantou o olhar do livro, interessada, mas um pouco chocada pela minha franqueza. Estava desconfiada. Na altura, não sabia que ela desconfiava de toda a gente, de que tinha boas razões para isso. Contei-lhe que o meu pai voltou a casar e que a nossa casa se tornou feliz de novo, que as minhas irmãs me trouxeram muita felicidade. Que eu mal me conseguia lembrar da minha mãe, mas que me recordava de a amar.

— Anda, vamos andando — disse eu pegando-lhe ao colo. Era leve como uma pena e pensei se comeria alguma coisa de todo. Depois de a minha mãe ter morrido, parei de comer quase por completo. O meu apetite desapareceu. Só conseguia aguentar palitos de cenoura e de aipo com manteiga de amendoim. Foi o começo da minha viagem para a nutrição e comida saudável. O pior de tudo era a comida que a minha mãe costumava fazer: frango assado, esparguete à bolonhesa, rabanadas. Ainda hoje não consigo comer nenhuma delas sem pensar nela. Se a Agatha estivesse acostumada à comida da Daphne, não me surpreenderia se parasse de comer quando tivesse de baixar os seus padrões culinários.

— O que é que queres ao pequeno-almoço? — perguntei a assumir que o pequeno-almoço fazia parte das minhas tarefas. — Panquecas? Chocolate quente?

— Torrada. Com Marmite. Sem manteiga — respondeu a Agatha.

Na confusão da minha chegada na noite anterior, não prestei muita atenção, mas a Agatha também tinha comido torrada então. Com Marmite. Sem manteiga. Parecia que até as chefes distinguidas com estrelas Michelin conseguiam produzir miúdos esquisitos com a comida. — E depois o que é que vamos fazer? — perguntei. Não fazia ideia de como era a logística da cadeira de rodas naquela manhã; da dificuldade que era movimentá-la, não só na Casa Barnsley, mas também na vila. Tive visões das peripécias d' *Os cinco*: nós os quatro a subir com esforço contra o frio seguindo o caminho

da encosta até à vila para ir explorar. Uma garrafa térmica. Algumas sanduíches e um pão-de-ló. Eu não só queria desesperadamente criar uma ligação com as crianças, como estava completamente desorientada e desejosa de me familiarizar com as redondezas.

— Temos de ir para a escola — respondeu a Agatha, com grande surpresa. — O autocarro chega às oito. — Houve um elemento de deleite pela minha ignorância.

Ninguém me tinha dito. Na Austrália, as minhas meias-irmãs já estavam de férias de verão. Por nenhuma razão lógica em especial, presumi que o período escolar inglês tivesse um calendário semelhante. — Ainda têm escola? Estamos quase no Natal — perguntei.

— Acaba esta semana. Temos o concerto.

Não havia tempo de falar sobre o concerto naquele momento. O relógio de brilhantes ao lado da cama da Agatha mostrava que já estávamos perto da chegada do autocarro de uma forma alarmante. Corremos apressadas para vestir a Agatha. Vi-me a ficar cada vez mais frustrada.

Não estava habituada a ter de me preocupar com outras pessoas. O meu instinto era descarregar na Agatha, dizer-lhe para se despachar. Enquanto lhe penteava o cabelo louro num rabo-de-cavalo rebelde, ela contorcia-se, com as minhas mãos a puxarem as pontas com a falta de experiência, fazendo-a protestar e contorcer-se ainda mais. Estava habituada a que as pessoas se rendessem a mim e não ao oposto.

Só podia ser uma questão de tempo até eu ser acusada de fraude, um pressentimento terrível com o qual já estava demasiado familiarizada. Estavam lá todos os sinais. Mentiras. Absoluta falta de experiência. Colocar as vidas de outras pessoas em perigo. Segundas intenções. Amaldiçoei-me, e à Sophia, por acabar por estar outra vez nesta posição.

Quando nos estávamos finalmente a dirigir para a porta, o Robbie desapareceu lá para cima.

Enfie a cabeça na escadaria. — Robbie?... Robbie!

A Agatha rolou a cadeira até ao meu lado. — Ele foi lá acima dizer adeus à mãe.

— Ah. — Olhei para ela. Olhei para as escadas. Queres que também te leve lá acima para dizeres adeus?

— Não é preciso. Ela vai estar a dormir, de qualquer modo — respondeu a Agatha, e voltou a rolar a cadeira até à porta, no preciso momento em que

a Sophia vinha a descer as escadas, completamente vestida. Sorri-lhe, tentando forjar uma aliança. Tentei mostrar-lhe que eu era alguém em quem podia confiar. Ofereci-me para lhe preparar o almoço e ela escarneceu e disse algo que não consegui compreender.

O Robbie, que tinha acabado de reaparecer do andar de cima, teve de servir-me de intérprete. — Ela disse que almoçamos na escola, menina — clarificou.

— Não tens de me chamar de menina — respondi, mas já eles estavam a correr para a porta.

— Sophia? — chamei quando passava a correr por mim. Era a primeira vez que estava próxima da Sophia sem o Max ou a senhora Mins por perto. Queria dar-lhe um sinal de que tinha recebido a carta. De que estava do lado dela.

A Sophia não parou, abanou apenas ligeiramente a cabeça, como se estivesse a tentar expulsar água do ouvido.

— Recebi a carta.

Ela olhou para mim sem expressão. — Vamos chegar tarde ao autocarro. — Ela tinha razão. Quase o perdemos.

ASSIM QUE regressei à casa, o Max convocou-me ao seu escritório. Uma vez lá, ignorou-me prontamente, concentrando-se em vez disso nos números do que parecia ser um antiquado livro vermelho de contabilidade. Enquanto estava à espera, observei as imediações de uma forma que não tinha tido oportunidade na noite anterior.

A divisão estava dividida em duas por um par de sofás que rodeavam a lareira. Atrás de cada sofá estava uma secretária; uma para o Max e, aparentemente, outra para a Daphne. Sentei-me no sofá diante da secretária do Max, olhando em direção à zona que a Daphne tinha aparentemente vagado apenas recentemente. De costas para o Max, podia observar bem as coisas. Havia conjuntos altos de estantes repletas de livros de cozinha e velhos artigos de revistas de cozinha dispostos ao longo de uma comprida parede, juntamente com prémios e artigos emoldurados.

Era fácil de imaginar os dois ali sentados nos sofás para ele e ela frente à lareira a discutirem os planos para o hotel e o restaurante, as suas ideias para a ementa, as crianças. Ali, mais do que em qualquer outro lado até agora, sentia a presença dela.

Havia um cheiro intoxicante a fumo que primeiro achei que vinha das cinzas da lareira, mas o meu nariz levou-me até à vela em cima da mesinha de centro à minha frente. Esquecendo-me de onde estava, peguei-lhe e inalei-a profundamente: tinha precisamente o mesmo cheiro do que o Max, ainda que destilado. — Pouse isso.

A voz do Max sacudiu-me instantaneamente e pousei a vela, mais por embaraço do que medo. — A minha irmã vem cá hoje conhecê-la.

Isto era mesmo típico do Max, fazer duas declarações completamente distintas em estreita relação e ainda esperar que o ouvinte seguisse a sua linha de pensamento. — Então e a mãe das crianças? — O pânico instalou-se e eu tinha falado sem pensar.

O Max olhou para mim de forma severa. — A Elizabeth estará aqui em breve. Vive num dos chalés.

— Chalés?

— Com certeza que os viu. Talvez na sua caminhada matinal.

Parecia que nada acontecia na Casa Barnsley sem que o Max estivesse ciente disso. Entre a senhora Mins e a sua própria vigilância, parecia ter todos os centímetros quadrados da sua vasta propriedade cobertos a toda a hora. Mais tarde, descobri as câmaras que faziam a maioria do trabalho por ele.

Ficámos sentados em silêncio por um instante. Revi mentalmente a minha caminhada matinal. Tinha espreitado por umas quantas janelas, rodeado a casa, mas nada de inconveniente, tinha a certeza disso. Era perfeitamente natural que alguém na minha posição estivesse curiosa.

— Espia todos os seus funcionários? — perguntei. Sem esperar que respondesse, levantei-me do sofá e fui até à cornija da lareira.

Ali, entre conchas, fotografias antigas e convites para coquetéis de Natal (do ano anterior; parecia que o Max tinha sido cortado da lista de convidados deste ano), encontrei aquilo que procurava. Abanei a caixa para ver se estava cheia e depois tirei um fósforo, que raspei e usei para acender a vela antes que o Max tivesse oportunidade de impedir-me.

A porta do escritório abriu-se de rompante e uma figura elegante e animada entrou apressada. Era a Elizabeth, irmã do Max, minha tia.

— Olá, querida. Sou a Elizabeth — apresentou-se quase sem olhar para mim, mas a esticar a mão de imediato para apertar a minha, mesmo estando ainda a vários passos de distância. Chamava querida a toda a gente. Dizia que lhe facilitava a vida. E facilitava. Era aquele tipo de pessoa que escapava sem aprender os nomes das pessoas. O coração subiu-me à boca e não senti confiança para falar. Por sorte, ela continuou, sem precisar de qualquer encorajamento da minha parte.

— O Max provavelmente já lhe falou de mim — disse ela, atirando-se para o sofá oposto. — Muito promissora, mas sem nunca ter chegado a lado nenhum. Bebe durante o dia inteiro. O marido é um jogador inveterado,

esse tipo de coisa. Por falar nele... — Virou-se para a porta e esperou. — Cá está. Este é o Tom.

— Como o cão — disse o Tom e cumprimentou com um aceno de cabeça. Sentou-se ao lado da Elizabeth e começou a ler o jornal.

— O cão chama-se Thomas — disse o Max atrás de mim. Contornou a secretária e ficou parado ao pé da lareira, mantendo um olhar cauteloso na vela o tempo inteiro, como se tivesse medo de que a chama saltasse por vontade própria e envolvesse tudo em chamas.

— Eu também me costumava chamar — disse o Tom. E mal voltou a falar durante o resto da visita, enterrando-se nas páginas das corridas.

— Veio para tomar conta das crianças — disse a Elizabeth, numa declaração e não numa pergunta, mantendo o olhar no Max o tempo todo. Ainda não tinha olhado decentemente para mim e eu esperava que não o fizesse.

— Sim. — Foi provavelmente a única vez naqueles primeiros dias em que eu podia ter admitido quem era, mas senti-me em minoria. O Max. A Elizabeth. O Tom. A casa.

— Uma escolha interessante. Posso fumar aqui, Max? — Não esperou por uma resposta e apenas retirou um cigarro de algum lado e inclinou-se para acendê-lo na vela. — Esse cheiro faz-me lembrar a Daphne — declarou.

— Estava com esperança de que fizesses um resumo do que é esperado na função, do que as crianças precisam, etc. — interrompeu o Max.

— Já conheceu as crianças? — perguntou a Elizabeth a soprar fumo. Eu não via alguém a fumar há anos, ainda para mais dentro de casa, e por um instante fiquei hipnotizada. E depois instalou-se uma ligeira sensação de raiva.

Na sua maioria, tinha-me rodeado de pessoas que seguiam o mesmo estilo de vida do que eu: sem açúcar, comida orgânica, aperitivos vegetais. O fumo era sufocante e eu não conseguia acreditar que o Max o permitisse quando havia crianças em casa. Não conseguia acreditar que o permitisse quando o cancro de pulmão tinha matado a minha mãe, a sua outra irmã. Ou talvez ele não o permitisse. A Elizabeth não parecia o tipo de pessoa que pedia permissão para o que quer que fosse. Mordi a língua. Tentei não inalar o ar acre cheio de fumo.

— Sim — respondi ao mesmo tempo que o Max disse:

— Ela chegou ontem à noite.

— Explicaste a questão da Agatha? — perguntou a Elizabeth, batendo o cigarro na lateral de um prato de cerâmica. A cinza caiu num monte perfeitamente posicionado.

— Vou deixá-la com a Elizabeth — disse-me o Max. — Tenho coisas para fazer. — Saiu do escritório e o Thomas seguiu-o. Nunca saía de ao pé dele, aquele cão.

— SE QUISER compreender o que aconteceu à Agatha, temos de começar pela Daphne — começou a Elizabeth, enfiando as pernas debaixo de si, no sofá, com os pés calçados com meias escondidos debaixo do vestido. Tinha uma forma antiquada de vestir: saias de lã e blusas, pregadeiras e *collants*. Noutra pessoa qualquer ia parecer retrógrado, mas nela parecia descontraído e, de alguma forma, intemporal. As suas botas robustas e o vestuário cuidado combinavam com o cenário, mas tal como todas as coisas em Barnsley, o seu estilo acabou por ser cuidadosamente orquestrado. Uma fantasia inteligente. — Para começar, eu não gostava dela, de todo — continuou a Elizabeth. — Era australiana, como sabe.

Fiz um aceno de cabeça. Todos pareciam pensar que a nacionalidade da Daphne era do meu interesse. Seria só por eu também ser australiana ou teria ela passado a vida inteira a ser apresentada em Inglaterra dessa forma? — Esta é a minha mulher, Daphne. É australiana. — Parecia oferecer uma visão elusiva sobre o seu carácter que todos pareciam decifrar menos eu.

— O Max conheceu-a em Londres. Nessa altura, havia imensos australianos em Londres. Há sempre imensos australianos em Londres, imagino. O Max estava a afundar-se um pouco sob a responsabilidade da casa e de, bem, tudo. Mesmo que sejamos gémeos, o Max nasceu primeiro. Ou assim o dizem. Eu nunca me convenci por completo. Primogenitura e isso tudo. Por isso, foi o Max que herdou Barnsley. E isso deixou-me a mim e ao Tom com um chalé. E a ilha.

Ela deve ter visto a curiosidade na minha cara, pois pousou o cigarro no prato e espremeu-o até lhe apagar a brasa. Segui-a até à janela por detrás da secretária do Max, a tentar dar uma espreitadela ao livro de contabilidade

em cima da secretária quando passámos. «Contabilidade de Barnsley 2017», lia-se na capa. Dificilmente fascinante, pensaria eu, e ainda assim o Max estava absorto naquilo.

— A ilha de Minerva.

A Elizabeth apontou a sua mão pequena para um território só a alguns metros da costa. Estava tão perto que parecia estar ligada ao continente, mas inclinando-me para a frente, conseguia ver um pedaço de água agitada a separar a ilha da terra onde Barnsley se situava.

— Vive ali? — Não havia sinais de vida. Apenas um cais de aspeto rudimentar de um lado e depois uma massa densa de folhagem que escondia parcialmente um edifício de pedra com ar deserto, um forte escarpado em pedra bravamente agarrado à beira do terreno que se elevava. Tinha uma bandeira fortemente assente contra o vento golpeante, apenas com as pontas esfarrapadas a dar sinais da batalha que combatia diariamente contra os elementos.

— Não. Não seja tola. Se olhar com atenção, consegue ver os restos da tentativa da minha tetravó de plantar vinhas. Como pode ver, não foi um sucesso. Já alguma vez bebeu um bom Barnsley *Pinot Grigio*?

Olhei para ela sem expressão já que não conseguia diferenciar nenhuma outra planta àquela distância. — Bem me pareceu. O resto daquela vegetação é na sua maioria uma selva. O marido da Elspeth trouxe com ele fetos e buganvílias, e alguns deles pegaram mesmo bem. — Voltou para os sofás e, por isso, eu também. Esperei enquanto ela acendia outro cigarro.

O tempo passava devagar. A ilha tinha agitado uma excitação estranha em mim. Era em parte o romance, mas também o mistério. Em todo o caso, senti a centelha de uma ligação à paisagem, uma profunda familiaridade. A Elizabeth começou outra vez a falar. — Não há lá casas. Não tem eletricidade, água, nada. Costumávamos acampar lá no verão. O jardim era perfeito para explorar e nos perdermos. Eu e o Tom pensámos em tentar fazer uma casa ali a dada altura, mas iria sair muito caro.

A Elizabeth a dizer que é pobre parecia-me implausível. Tinha lido *Orgulho e preconceito*. Sabia como as coisas funcionavam nas famílias latifundiárias, mas dificilmente conseguia acreditar que não tivesse o dinheiro para fazê-lo acontecer. Com a sua roupa de aspeto luxuoso e a sua óbvia inteligência, simplesmente não fazia sentido. — Cavalos — disse ela,

a pressentir a confusão na minha expressão. Acenei com a cabeça, como se o problema me fosse familiar.

— Até o Max conseguia ver que era injusto, ele com tudo isto. — A Elizabeth gesticulou em redor, com a cinza do cigarro a voar por todo o lado. — E nós com tão pouco. Prometeu-me que ia arranjar uma solução, mas nenhum de nós tinha muito rendimento e as casas de campo estavam aqui a ser vendidas por todo o lado para serem convertidas em apartamentos. Port Perry daquele lado recebe um festival no verão; Concoppel tem uma loja rural, esse tipo de coisa. Antes de morrer, o meu pai estava determinado a que Barnsley permanecesse como casa de família. — Fez uma pausa. — Não nos deu grande hipótese. Eu e o Tom concordámos em ficar aqui enquanto o Max foi a Londres reunir com os bancos. Advogados. Esse tipo de coisa. Havia uma família de Espanha interessada em arrendar a propriedade por inteiro, deixando-nos os chalés para vivermos. Nós os dois ficámos mortificados com a ideia, mas o Max achou que seria bom encontrar-se com eles e ver que proposta tinham antes de recusá-la por completo. Tivemos um desentendimento sobre isso e ele foi-se embora para Londres de péssimo humor. Uma verdadeira chatice, não foi, Tom?

Tinha-me esquecido de que o Tom estava ao lado dela.

— Uma chatice terrível — concordou ele, sem sequer mover a página para o lado ou elaborar.

A Elizabeth fez uma pausa para acender outro cigarro, dando ao processo uma quantidade excessiva de tempo e atenção. Pelo menos deu-me um momento para processar o que tinha dito até àquela altura. Para mim era interessante, mas quão interessante poderia ser para qualquer outra pessoa? Para, digamos, uma ama acabada de chegar da Austrália que não tinha ligação a Barnsley?

— O MAX ESTEVE UMA semana fora e quando regressou vinha com a Daphne. Uma semana. Bastou isso. Eu ainda nem tinha lavado o meu cabelo e ali estava ele com uma mulher com quem dizia ir casar. Ela entrou nesta sala — precisamente aqui —, e ficou parada ao pé da lareira. Estava um dia sombrio e eu mal a conseguia distinguir. Inicialmente achei que era muito mais nova do que ele, mas quando o Max acendeu as luzes, consegui ver a sua cara com mais clareza e era pelo menos da idade do Max. Apenas pequena. Muito pequena.

Parecia que tinham passado horas desde que a Elizabeth tinha começado a sua história, e porém, o relógio prateado em cima da cornija da lareira dizia-me que ainda nem eram horas de almoço. Nem perto disso. Tive a certeza de que, se o Max ainda estivesse ali, já lhe teria dito para se despachar. Tive a certeza de que a impediria de continuar a falar com tanto detalhe com a nova ama. — Eles puxaram de guardanapos de papel cheios de escritos, esboços e contas, e eu soube logo que estava em apuros. Um hotel, disseram, não com muitos quartos, mas com um restaurante. Um restaurante incrível, com comida proveniente das hortas e produtores locais. As pessoas iam vir de Londres, do estrangeiro, só para comer aqui. A Daphne iria tratar da comida e o Max ia gerir o hotel. Estavam a planear começar de imediato. O Max até tinha um empreiteiro local que vinha nessa tarde para ver as paredes a deitar abaixo, a colocação das casas de banho. Pensei: Onde é que eu fico nisto? — Ela parou. Olhou em redor à procura de qualquer coisa. — Chá?

Depois da minha madrugada e do calor da lareira, uma bebida parecia-me boa ideia. — Oh, sim. Por favor. — Havia algo na Elizabeth que me fazia

ter cuidado com as minhas maneiras.

— A senhora Mins vai tratar disso. — Voltou a sentar-se. Levou-me um momento a perceber que ela queria dizer que eu o devia comunicar à senhora Mins. Saí da sala. Incapaz de encontrar a senhora Mins por perto nalgum lado, tratei eu da tarefa de fazer o chá.

Levou-me mais do que tinha esperado a arranjar tudo. A parte da chaleira foi fácil. Estava na bancada, ainda quente, de alguma pessoa desconhecida que a tinha antes colocado a ferver, mas não conseguia encontrar nenhum saco de chá. Por fim, quando ouvi o telefone a tocar no escritório, encontrei algumas folhas de chá numa lata antiga da *Fortnum & Mason*. O meu nariz disse-me que não eram definitivamente ervas naturais. Estava a provar-se difícil manter os meus princípios de vida saudável nesta parte do mundo. Era essa a minha desculpa, pelo menos.

O Tom tinha posto o jornal de lado e a Elizabeth estava sentada à secretária do Max a falar ao telefone quando regressei com o tabuleiro. Tinha-o encontrado em cima do frigorífico e suspeitava que tinha sido feito por uma das crianças. Ao limpar o pó que tinha em cima, revelou-se um retrato de família: uma mãe, um pai e três crianças com pernas e braços de palito e grandes sorrisos abertos. Estava datado do ano anterior. E a Agatha não estava numa cadeira de rodas. — Obrigada por ter ligado. Vou com certeza avisar o senhor Summer de que ligou — disse ela e desligou de imediato.

— Serei a mãe — disse a Elizabeth quando entrei, levantando-se. Pareceu que estava a olhar devidamente para mim pela primeira vez. Tinha deixado o livro de contabilidade completamente aberto, sem tentar esconder o facto de ter estado a lê-lo. Fiz uma nota mental para fechá-lo antes de sair da sala. Não queria que o Max pensasse que eu tinha andado a bisbilhotar.

— Mãe? — perguntei com os meus sentidos em grande alerta com a palavra.

— Quer dizer que ela serve o chá — disse o Tom por fim, quando ficou claro que a Elizabeth não tinha intenção de responder.

A Elizabeth serviu cuidadosamente o chá, erguendo ligeiramente as sobrancelhas perante a seleção variada de canecas que eu tinha desencantado. Ofereci-lhe um biscoito e os cantos da sua boca curvaram ligeiramente para baixo. Entendi-o como uma recusa. O Tom tirou um e depois outro, muito depressa, como alguém que não comia há algum tempo.

Esperou que a Elizabeth adicionasse leite e três cubos de açúcar à sua caneca de Melhor Mãe do Mundo antes de se retirar de novo para detrás do seu jornal.

— Perdi o fio à meada — disse a Elizabeth de forma natural.

— O hotel — recordei-a eu, apesar de ser a última coisa que tinha em mente.

— Nunca tinha visto o Max tão feliz, tão cheio de energia, pelo menos não desde os tempos da escola. Trabalharam muito e ergueram o hotel para estar a funcionar naquele verão. O restaurante foi um sucesso quase instantâneo. Os jornais apareceram e fizeram artigos sobre a incrível Daphne e a sua horta: a horta que tinha sido plantada pela minha avó, e tratada com tanto cuidado pela minha família, nenhum dos quais mencionado. Depois vieram as crianças: uma, duas, três.

O chá estava forte. As folhas tinham formado uma beberagem espessa. Achei-a difícil de engolir. Já tinha passado muito tempo desde a última vez que tinha bebido leite de vaca, mas adicionei-o. E açúcar. A Elizabeth observou, mas deixou o dela simples. O leite e o açúcar tornaram a bebida mais agradável. O toque pouco familiar da cafeína foi um bônus. — A imprensa ficou louca. Mãe de três. Cozinheira distinguida pela Michelin. A querida Daphne: a salvadora de West Country, a trazer para aqui hordas de turistas, revitalizando a vila e o porto. Escreveu um livro de cozinha e depois eles fizeram uma série de televisão. A Daphne cozinhava lá fora no relvado e as crianças corriam por ali atrás dela, vestidas com aventais. Foi tudo encantador, só que não era assim, de facto.

Fiquei de orelhas empinadas. Finalmente, pensei. Vou chegar ao cerne da questão.

— A Daphne não era a melhor das mães. Nunca passava tempo nenhum com os filhos, a não ser quando estavam a ser usados como decoração para a sua vida perfeita e isso causou discussões intermináveis entre ela e o Max. Bebia e depois começou a tomar medicamentos. As suas receitas eram todas sobre porcos criados ao ar livre, chocolate do comércio justo, vegetais orgânicos, enquanto entretanto experimentava nas traseiras da cozinha o que quer que os seus ajudantes trouxessem: cocaína, pastilhas, *speeds*.

Formou-se uma lágrima no olho da Elizabeth. Desviou o olhar do meu, como se houvesse alguma coisa na cornija a precisar de uma grande atenção, mas era demasiado tarde, eu tinha visto. — O Max tentou protegê-

la e aos filhos, mas não podia estar lá o tempo inteiro. Na manhã do acidente estava a dormir. Tinha havido mais uma discussão horrível na noite anterior. O hotel estava cheio de hóspedes e tinha havido uma cena. Foi a polícia que o acordou. A Daphne e a Agatha ficaram feridas com gravidade. Só muito mais tarde nessa noite é que descobrimos o que é que tinha acontecido. O Max ficou devastado. Culpou-se, percebe? Mesmo apesar de a Daphne ir a conduzir, sentiu-se responsável. Não devia ter deixado os filhos sozinhos, disse, e não se perdoou. E é por isso que está aqui. Ele já não acredita que seja seguro as crianças ficarem sozinhas com a Daphne.

Pousou a caneca na mesa. Ainda estava cheia, com as suas mãos a tremer a ameaçarem derramar o chá.

— Mas o que é que aconteceu? — Estava confusa. A Elizabeth virou-se de costas para mim. Agora não havia dúvida das lágrimas nos olhos.

— Desculpe — disse eu rapidamente. — Não tenho nada a ver com isso.

— Não. Precisa de saber.

Eu não tinha a certeza se seria bem assim, dado o meu estratagema de ser a ama, mas estava tão desesperada por ouvir o que aconteceu a seguir que não protestei.

— De tempos a tempos, a Daphne atirava-se de novo para o seu catolicismo como uma espécie de penitência por tudo o resto na sua vida. Ou era isso, ou era para enervar o Max, era difícil de dizer. Fossem quais fossem as suas razões, naquela manhã decidiu levar a Agatha à missa, mesmo apesar de as estradas estarem molhadas e com gelo, e mesmo apesar de ter estado a beber na noite anterior. O Max culpou-se, mas a culpa foi toda dela, e ela sabia disso.

Aqui parou de súbito e levantou-se, como se tivesse tocado uma campainha noutra divisão que só ela conseguisse ouvir, a convocá-la para a ação. Tal como tudo na Casa Barnsley, a prestação de informação só me tinha deixado mais desnorteada do que quando tinha começado.

— Qual é a natureza da lesão da Agatha? — gaguejei a tentar exercer alguma autoridade e a encaminhar a conversa de novo para as crianças pelas quais assumi a responsabilidade.

A Elizabeth ficou com um ar confuso. — Acho que é bastante evidente que não pode andar — respondeu, dando ao marido um pequeno toque no tornozelo. Ele levantou o olhar sem expressão e pareceu surpreendido por se encontrar na sala com nós as duas a olhar para ele. — Tom, almoço.

O Tom entrou rapidamente em ação, dobrando o jornal num retângulo perfeito.

— Espere! — exclamei sem querer levantar a voz, mas perdendo o controlo. Ao som estridente do meu sotaque, o seu lábio comprimiu-se ligeiramente em aversão. — O senhor Summer disse que me ia dizer o que é que eu precisava de fazer com as crianças?

— Ah, sim, as crianças. Espera, Tom, enquanto eu penso. Então, há a Sophia, o Robbie e, claro, a Agatha — começou, listando-as mais por necessidade dela do que minha, presumi. — Vão estar na escola a maior parte do tempo. Alimentá-las, imagino. Prepará-las para o autocarro. Trabalhos de casa. Jantar. Esse tipo de coisas. Quando o hotel voltar a abrir, evitar que incomodem os hóspedes.

— Há algo específico que necessite de saber? Alergias? Medicamentos? — Tinha a sensação de que esta seria a minha única oportunidade para fazer perguntas, de que após esta conversa, a Elizabeth ia sentir que a sua missão estava concluída e eu tinha de me desenvencilhar sozinha.

— Não. Alergias? Não. Não. Nada desse tipo de coisas — murmurou a Elizabeth, encaminhando o marido em direção à porta. Parou. — Há uma coisa.

— Sim? — perguntei, a antecipar um medo do escuro ou um recital de piano iminente.

— Seria melhor se a Daphne não soubesse que está aqui.

— Oh?

O único som que restou foi o crepitar dos troncos na lareira e o tiquetaque regular do relógio em cima da cornija. Tinha a certeza de que o bater desenfreado do meu coração conseguia ser ouvido acima disso.

— É o melhor — disse a Elizabeth, virando-se para se ir embora.

— Bom, talvez nos vejamos em breve — disse eu alto em desespero, de repente assustada por ser deixada sozinha na sala. — Talvez possamos levar as crianças à ilha no fim de semana para fazerem um piquenique.

A Elizabeth virou-se devagar para mim. Primeiro pensei que estivesse zangada ou chocada, mas depois um sorriso radiante irrompeu na sua cara. Ao seu lado, o Tom também começou a sorrir. O movimento transformou-lhes os rostos por completo, fazendo-os parecer anos mais novos, quase jovens o suficiente para serem pais de crianças pequenas.

— Levava-as? — perguntou ela sem fôlego. — As crianças nunca estiveram na ilha. A Daphne nunca o permitia. Levava-as?

Do sítio onde eu estava parada, consegui-a ver. Apesar da sua aparência hostil naquela manhã, tinha a certeza de que um dia soalheiro e um piquenique iam transformá-la num paraíso infantil. — Por que não? Adorava sair e ir ver a ilha. Tenho a certeza de que as crianças também.

O meu coração disparou como se tivesse conquistado uma grande vitória. Senti-me como se estivesse prestes a infiltrar-me no local sagrado, como se ir até à ilha fosse cimentar a minha posição em Barnsley. Miranda, a primeira australiana a ir à ilha.

Foi uma sensação emocionante, a perspetiva de ir contra os desejos da Daphne, mesmo que parecesse que nunca ia descobrir. As nossas despedidas foram animadas e quando o Tom e a Elizabeth saíram, senti que tinha feito aliados importantes. Podia ser que houvesse um futuro para mim em Barnsley.

O PRIMEIRO DIA passou.

Desfiz a mala. Surpreendentemente, a minha roupa desportiva ocupou pouco espaço no roupeiro enorme. Os três pares de ténis de corrida ficaram alinhados em baixo, a zombarem comigo devido à sua incongruência.

O que tinha servido à minha vida antiga em Melbourne era manifestamente desadequado. Eu era manifestamente desadequada. Deixei o meu exemplar d' *A casa das noivas* guardado em segurança no meu saco e escondi-o debaixo do cadeirão. A casa continuava em silêncio. A Elizabeth e o Tom tinham desaparecido e o Max não tinha regressado do sítio para onde quer que tenha anteriormente escapado. Não conseguia ouvir a Daphne, embora soubesse que estava no quarto. As crianças estavam fora. Eu não sabia bem o que fazer a seguir.

Por isso, fiz o que qualquer pessoa faria na minha situação. Bisbilhotei.

Encaminhei-me para o andar de baixo, para a porta sólida que dividia as acomodações da família da parte principal da Casa Barnsley. Esperando que estivesse trancada, rodei o trinco e empurrei com força. Cedeu de imediato e caí no corredor que se estendia em frente.

Estava gelado. O aquecimento estava obviamente desligado naquela parte da casa há muito tempo, talvez desde o acidente. Parecia frio o suficiente para ser assim. Fechei a porta atrás de mim que desapareceu no meio dos painéis.

No corredor silencioso, veio-me *A casa das noivas* à memória. Havia um quarto no andar de cima, algures na ala leste, onde a Gertrude tinha escrito a maior parte das suas obras. Sabia que também havia uma biblioteca algures. E depois existiam as divisões posteriores ao livro. O restaurante,

por exemplo. A cozinha comercial. Eu estava na base de uma escadaria enorme, que parecia ser uma interseção em T da casa em si. A casa parecia ter sido construída em grande parte ao longo do topo do T, com todos os quartos com vista para o mar, enquanto a secção utilitária da casa estava enfiada na atarracada parte de baixo. A luz débil do dia filtrava-se pelas janelas de vitral do patamar, mas falhavam em perturbar a penumbra dos corredores de ambos os meus lados.

Encaminhei-me para a esquerda, passando por portas fechadas, até chegar a um conjunto de umas maiores ao fundo. Foram construídas em aço negro, mais moderno do que qualquer outra coisa no edifício. Detetei o toque da Daphne. Empurrei a porta e apareceu um jardim de inverno gigante. A Casa Summer. O restaurante tinha um nome apropriado. As paredes eram completamente envidraçadas e lá dentro estava ainda mais frio do que no corredor. Fechei o casaco e puxei as mangas para cima das mãos, com os polegares dentro dos buracos especialmente desenhados para o efeito.

As mesas ainda estavam postas. Os copos de vinho mantinham-se em posição, cobertos por uma ligeira camada de pó. Os talheres, apenas ligeiramente manchados, ladeavam os guardanapos engomados. As cadeiras eram forradas com o mais macio veludo cor-de-rosa. Toquei numa, quase como reflexo. O veludo sempre teve esse efeito em mim. — A ideia foi minha. — Dei um pulo, derrubando um copo de vinho e fazendo oscilar um prato. Espalhou-se sal marinho e pó pela toalha de mesa de linho. — O Max não ficou louco por elas.

Daphne.

O seu sotaque australiano era mais pronunciado do que eu estava à espera, passados todos aqueles anos ali. As minhas vogais já se estavam a suavizar ao fim de apenas alguns dias.

Virei-me para olhar para ela. Estava a andar devagar, com calma. A Elizabeth tinha razão. Ela era muito pequena. Tinha o cabelo louro ligeiramente oleoso, com a sua outrora distinta franja mais comprida afastada para o lado do seu rosto em formato de coração. — São encantadoras — respondi só pela necessidade de dizer alguma coisa.

— É australiana — respondeu a Daphne. As minhas vogais não estavam suaves o suficiente.

— Sim.

A Daphne aproximou-se, com uma mão pousada de lado, usando as costas das cadeiras como apoio enquanto se movia pela divisão. A sua figura ficava diminuída pela roupa que vestia: um vestido longo, grande demais para ela, e um casaco de malha comprido. Fechou a mão em concha por debaixo do rebordo da mesa e num conjunto de movimentos capazes usou a outra para varrer o sal até ela. Olhando em redor para depositar o sal poeirento e não encontrando sítio nenhum, depositou-o suavemente no prato original. — Quem é você?

Era uma pergunta razoável, mas o aviso da Elizabeth veio-me à cabeça: «*Seria melhor se a Daphne não soubesse que está aqui.*».

Antes de ter hipótese de responder, a Daphne voltou a falar: — Você é uma porcaria de uma ama, não é? — Ela suspirou e puxou de uma cadeira, embrulhando-se no casaco comprido. Alguma coisa lhe tiniu no bolso. — Eu disse-lhes que estava bem. Eles não me deixam chegar perto das crianças, sabia? — As palavras arrastavam-se ligeiramente. Ainda estávamos a meio da manhã e já estava bêbada. Começava a perceber a preocupação deles. — Vá ali buscar um pano. — Apontou para um aparador. Segui as suas instruções e peguei num pano da parte de baixo. — Traga também um para mim. — Para alguém tão pequena, era bastante boa a dar ordens. Podia imaginar que fosse formidável numa cozinha atarefada. — Agora faça de conta que está ocupada.

Segui a direção da sua cabeça até a um canto, onde podia agora ver uma pequena câmara branca quase camuflada na pintura. A Daphne pegou num copo de vinho, por isso fiz o mesmo, limpando o pó com pouca convicção enquanto ela falava. — Imagino que lhe tenham contado sobre o acidente. O Max e a Meryl. — Disse o nome da Meryl da mesma forma que uma criança falaria de um colega de escola provocador. — Eu ia a conduzir. Batemos num veado. A Agatha ficou ferida com gravidade. — A sua voz tinha-se estranhamente alterado para um tom monocórdico e o copo tremia-lhe na mão.

— Também ficou ferida? — Concentrei-me no meu copo, a fazer o meu número para a câmara, mesmo apesar de mal conseguir ver o que estava a fazer sem os meus óculos. Quem quer que fosse que estivesse a observar ficaria impressionado com a minha minúcia. Invadiu-me uma agitação familiar, a emoção do logro.

A Daphne hesitou. Reconheci a hesitação. Mentir ou dizer a verdade: nunca se torna mais fácil, mas não lhe podia dizer isso. — Sim. Sim, fiquei. Com bastante gravidade.

— Porque é que não a deixam aproximar-se das crianças? — Era uma pergunta perigosa e podia ser o suficiente para a irritar, especialmente naquele estado.

Pousou o copo, usando os dedos para estabilizar a base. Apesar da sua condição, o copo brilhava. — Quer que lhe faça uma visita guiada à casa? — perguntou-me animada, como se não tivesse sequer ouvido a pergunta de há instantes.

— Seria muito simpático da sua parte, obrigada. Julguei que ninguém o faria.

— Parecia estar a fazer um bom trabalho sozinha.

Movimentámo-nos devagar. A Daphne devia ter passo leve no seu melhor e, naquela manhã, com os pés revestidos apenas por umas meias tricotadas à mão, mal fazia um som. Seria fácil para ela movimentar-se em Barnsley sem ninguém dar conta. — Agora é difícil de imaginar um dia de verão, no auge do serviço de almoço — disse.

Acenei com a cabeça e tentei imaginar. — Os raios de sol a entrarem pelas janelas e só se conseguir ver o verde da relva e o azul da água do mar. É espetacular. Não há nada igual.

A Daphne empurrou uma porta escondida. Esticou a mão, de forma instintiva, mesmo no escuro, e filas de poderosas luzes fluorescentes iluminaram a divisão. Bancadas de aço inoxidável polido refulgiam à luz brilhante. Fornos da última geração e fogões de topo pareciam estar à espera que a chefe regressasse a qualquer momento. Que a Daphne regressasse.

— Vai voltar a cozinhar?

A Daphne olhou para mim, atemorizada. Reconheci-lhe o olhar. Terror. Medo de falhar. Mais do que isso, medo de falhar após um grande sucesso. Via-o ao espelho, nalguns dias. — Vem cá uma mulher da vila para manter esta zona limpa — disse antes de desligar as luzes, deixando-me completamente ao escuro. — A meu pedido.

A visita continuou pelo corredor.

— Deste lado — apontou a Daphne —, ficam as zonas dos hóspedes. Uma sala de estar. — Abriu a porta apenas o suficiente para eu ver que era a

sala para a qual tinha antes espreitado. Os cortinados estavam corridos e a sala estava escura, mas a forma da janela panorâmica era inconfundível. — Costumava ser a sala de jantar da família há muito tempo. Ainda a usam em ocasiões especiais.

— Acho que li sobre a sala de jantar n' *A casa*... — Parei de falar. Demasiado tarde. A Daphne olhou desconfiada para mim.

— Leu? — perguntou e depois o seu rosto ficou sem expressão. O pensamento tinha-se perdido.

Continuou a andar, a abrir porta atrás de porta só o suficiente para eu ter um vislumbre das divisões escuras e poeirentas do interior. A sua respiração tornou-se mais forçada, os seus passos mais animados.

— *Lounge*. Bar. Sala de pequenos-almoços.

A esta altura, já tínhamos passado a escadaria e estávamos na outra ponta do edifício. — E acima de nós ficam os quartos da família?

— Sim, correto.

— Podemos ficar por aqui, se quiser.

— Há uma coisa lá em cima que gostava que visse. — Fez uma pausa. — Já que é fã d' *A casa das noivas*. — Era difícil ler-lhe a expressão na penumbra.

— Lá em cima? Não sei se isso é boa ideia. Talvez a possa ajudar a voltar para a cama?

A Daphne começou a subir as escadas. O resto da casa estava silenciosa, mas sentia que o Max podia reaparecer a qualquer momento.

— Precisa de saber no que se está a meter. — Ia a soprar e a murmurar mais para si do que para mim. Comecei a desejar ter aceitado o conselho da Elizabeth e ter-me mantido longe da Daphne.

— Porque é que o Max... hã, o senhor Summer... não fez nenhuma adaptação à casa para a Agatha?

Silêncio, para além da respiração. — Como um elevador? Ou algumas rampas pelo local?

— Sim. Percebi o que quis dizer — disse a Daphne de rompante.

— Os médicos acham que ela vai ficar na cadeira de rodas para sempre?

A Daphne tirou algumas chaves do bolso do casaco de malha e levantou-as à luz da janela de vitral. O tinir. Não era uma garrafa, afinal de contas. Parecia estar à procura de uma em particular. Pareciam-me todas iguais. —

Primeiro pensaram isso, mas agora talvez haja uma hipótese de não ficar. É a única coisa que me faz continuar a viver.

Chegámos ao cimo e encontrámo-nos na passagem transversal da casa. No geral, estava demasiado escuro para se ver qualquer coisa. À nossa frente estava uma parede sólida com uma entrada; à esquerda um corredor mais pequeno. Percebia que aquilo era a parte traseira dos nossos quartos, estando o andar de cima ligeiramente consumido pelas nossas modestas acomodações. Parecia haver alguns quartos naquela direção, mas a maioria ficava à nossa direita, ao longo de um corredor largo que curvava e desaparecia para além da minha visão. — Os quartos de hóspedes — disse a Daphne, em esforço ao proferir cada palavra.

A combinação da fraca iluminação e da minha visão igualmente desanimadora tornavam difícil ler as placas. Mas uma destacou-se. Lembrei-me dela do livro.

— O Quarto Amarelo.

A Daphne sacudiu a cabeça e passou pelo Quarto Amarelo. — O Quarto da Ilha. — Afastou os cortinados com uma força que eu não teria adivinhado e o quarto foi revelado. Era um quarto de esquina, mais do género de uma suíte. A decoração era clássica, mas não demasiado sentimental: antiguidades com ar resistente e um cadeirão macio estofado a tecido de lã. Um candeeiro de bronze na mesinha de cabeceira colocado em cima de um pequeno monte de livros clássicos da *Penguin*.

— Batizado em honra da sua vista para a Ilha Minerva — arrisquei dizer.

A Daphne ignorou-me. Passou as mãos por debaixo do colchão. Pegou nos livros e virou-os. O seu comportamento maníaco era perturbador. Estava perturbada. Percebia porque é que precisavam de alguém que ajudasse com as crianças. Pegou numa almofada do cadeirão e desapertou-a. Estava prestes a deixá-la sozinha quando o seu rosto relaxou e retirou a mão.

Tinha uma coisa minúscula dourada pousada na palma. — Quero que me guarde isto.

— O que é? — perguntei com falsa ingenuidade, pois até mesmo à luz sombria e com a minha visão terrível conseguia perceber que era uma chave.

— Quero que me guarde isto em segurança. Não tem laços a este lugar. Ninguém vai suspeitar de si.

Escapou-se-me um som pela boca, mas a Daphne não pareceu notar. — Se alguma coisa me acontecer, quero que use isto. — Avançou para mim, a segurar a chave de mão esticada, sem desviar o olhar. Quando não me mexi, agarrou-me na mão e forçou-me a segurar na chave. De perto, o fedor a álcool que eu esperava estava ausente, mas no seu lugar havia um cheiro químico estranho. Havia qualquer coisa nela que não estava bem.

— Já alguma vez estive na ilha? — perguntei, desesperada para voltar à normalidade. Enfieei a chave no bolso, resoluta a entregá-la mais tarde ao Max.

A Daphne aproximou-se e ficou parada ao meu lado, com a almofada abraçada ao peito. — Não.

— Porquê?

— Não me parece que isso lhe diga respeito.

A voz apanhou-me de surpresa. Primeiro apareceu o Thomas e depois, instantes mais tarde, o seu dono. — Vi os cortinados abertos. O que é que estão a fazer aqui?

— Estava só a mostrar a esta rapariga onde é que tu... — gaguejou a Daphne.

— O autocarro da escola está a chegar a qualquer minuto — interrompeu o Max.

— Sim, senhor Summer — respondi, tentando afastar-lhe a atenção da mulher, que estava parada sem se mexer à janela, os braços ainda à volta da almofada. Estava ligeiramente a tremer, mas subiu-lhe um leve rubor às faces e tinha um olhar desafiador.

— Vá lá, então — disse o Max.

Voltei a olhar para a Daphne e ela fez um ligeiro aceno de cabeça, como que a dar-me permissão para me ir embora. O terror em que tinha reparado anteriormente, na cozinha, tinha-lhe regressado ao rosto. Não tinha outra hipótese senão deixá-la ali com o Max.

Enquanto me movia para sair para o corredor escuro, só tinha a luz do Quarto da Ilha para me guiar pelo caminho na passagem às escuras. Instantes mais tarde, fecharam suavemente a porta e fiquei imersa pela escuridão.

MAIS TARDE, NA CAMA, depois de ter alimentado as crianças com um jantar simples de *pasta* (torrada com Marmite para a Agatha), ajudar com os trabalhos de casa e supervisionar a hora de deitar, não conseguia dormir, apesar da minha exaustão. Os detalhes do dia andavam-me às voltas na cabeça e não me deixavam descansar.

Todos pareciam estar a esconder qualquer coisa. Havia coisas que não pareciam corretas, partes da história que não soavam bem verdadeiras. Coisas que só outro contador de histórias notaria.

Quando finalmente adormeci, dormi mal. Uma combinação bombástica de *jet lag* e ansiedade. Teria eu ouvido a Daphne se estivesse a dormir profundamente? Não tenho a certeza. Nas horas de silêncio após a meia-noite, os seus gritos pareciam ensurdecadores e, assim que a ouvi, saltei da cama, certa de que estava ferida.

O Thomas barrou-me a entrada, de cauda a bater ruidosamente contra a guarnição da porta, com a boca a abrir ligeiramente num baixinho rosnar tímido. Os gritos estavam a desvanecer-se e eu conseguia ouvir a voz do Max, em tom baixo e consolador, em resposta, por isso regressei pelo corredor em pijama, mais acordada do que nunca. Tinha enfiado a chave que a Daphne me deu no colar de berloque da minha mãe que pousava agora contra a minha pele. Agora aquecido, a lembrar-me da sua presença.

Liguei o candeeiro da mesinha de cabeceira, uma pequena escultura em ferro com um abajur azul ondulado em forma de jacinto. O quarto pareceu mais quente de imediato, com as sombras da noite a serem empurradas de novo para os seus míseros cantos. Fazia um contraste tão grande com os quartos remodelados do hotel. Era óbvio que todo o dinheiro tinha sido

gasto nas zonas públicas e não na zona privada da família. O meu saco estava debaixo do cadeirão descolorado, onde o tinha deixado. O livro chamava-me tentadoramente de lá dentro.

Os meus dedos localizaram-no pelo toque, após remexer apenas um pouco. Não era uma edição luxuosa como a do Max. A que tinha trazido comigo era a minha estimada edição de bolso, cuja ausência seria menos notada do que as primeiras edições de capa dura. Tinha-a surripiado para o meu quarto há anos, juntando mais os exemplares restantes para esconder o espaço entre eles. O meu pai nunca disse nada, o que não quer dizer que não tenha notado. Nunca dizia nada, de facto, naquilo que dizia respeito à minha mãe.

Agora começava a perguntar-me porquê. Se saberia de alguma coisa que eu não sabia. Só agora começava a parecer-me estranho o pouco que tinha falado sobre o passado dela, da sua família e a quantidade de informações que me tinham faltado. O pouco que o meu pai tinha falado sobre o sucesso dela. Parecia-me agora incrível que nunca tenhamos falado sobre como era diferente a sua vida na Austrália em relação à que tinha tido ao crescer em Barnsley. Ou que tenha saído deste lugar. Nenhum dos outros pareceu sair. Seria por não haver futuro aqui para ela? Seria por não haver qualquer hipótese de alguma vez se tornar numa das famosas noivas?

A capa era macia, quase com um toque semelhante à pele, o papel estava vincado nos cantos e as pontas das páginas eram tão suaves como o veludo das cadeiras do restaurante. *A casa das noivas*. Não me tinha atrevido a tirá-lo do saco desde a minha chegada, receando-o como se fosse um talismã e não um objeto inanimado. Como se as partes do livro fossem saltar para a minha cabeça por osmose e me fosse descair sem querer sobre elas em conversa. Como se a maior parte do livro não estivesse já impregnada no meu subconsciente, uma bomba volátil pronta a implodir a qualquer momento.

Ao longo dos anos, li-o uma série de vezes. Li-o de uma ponta à outra, especialmente no final da minha adolescência e durante os anos de faculdade, à procura de pistas sobre a minha mãe. As páginas dos agradecimentos eram então de grande interesse para mim: as únicas páginas pessoais no livro inteiro, repletas de nomes que não significavam nada para mim, apesar da minha esperança constante de que um deles se pudesse destacar por me parecer familiar. As referências a amigos e locais que

tinham significado algo para a minha mãe faziam-na parecer uma pessoa viva real, mas também me deixavam mais à deriva. Ela tinha tido uma vida completa antes de mim, uma sobre a qual eu nada sabia.

Empoleirei-me na ponta do cadeirão e enfiei os pés gelados debaixo do rabo, na esperança de que algum calor se transferisse para eles. Querendo estar alerta e não demasiado confortável. Uma porta bateu no corredor e eu sobressaltei-me. O Thomas fez um curto rosnar e o Max assobiou-lhe baixinho.

Instantes mais tarde, o som da porta a fechar de novo. Desta vez com mais suavidade. A pensar que seria uma das crianças, pousei o livro e saí para o corredor. O Thomas tinha desaparecido, mas a Daphne estava parada à porta do quarto, de expressão agitada e o rosto marcado por lágrimas silenciosas. Dei uns passos na sua direção e estava prestes a falar quando ela abanou devagar a cabeça e levantou um dedo até aos lábios. Sem saber o que fazer a seguir, estiquei a mão para ela, mas ela abanou outra vez a cabeça e fez-me um sorriso abatido. Não tive outra hipótese senão regressar ao meu quarto e fechar a porta.

Não havia hipótese de adormecer, não depois daquilo.

Ainda a escutar os sons no corredor, folheei as primeiras páginas d' *A casa das noivas*. Pela primeira vez, reparei que não tinha dedicatória. Parando um momento para pensar naquilo, virei as páginas todas do livro até chegar ao índice. Desta vez, queria saber coisas sobre o Max.

Queria saber porque é que a Daphne tinha ficado com medo dele. Queria saber se tinha alguma coisa a ver com a partida da minha mãe, há tantos anos. Só havia umas poucas entradas. O livro chamava-se *A casa das noivas* por uma razão. Os homens eram postos de lado, na periferia, sendo ofuscados pelas suas parceiras mais bem-sucedidas.

Maximilian Arthur Summer (1967–), 18-19, 32, 38, 42, 44, 225-29, 240

O Max era uma espécie de figurante na narrativa. A minha mãe tinha-se mantido firme e tinha-se focado robustamente nas mulheres da história. Podia ter sido uma vingança do Max pela sua herança exclusiva de Barnsley, ou podia regredir mais atrás, à relação dela com o pai. Eram todas pessoas reais, não só aquelas que ainda estavam vivas, e eu pensei que pudessem ter a chave para a razão de ela ter fugido para a Austrália.

As primeiras poucas entradas assinalavam que o Max era o atual proprietário da Casa Barnsley, tendo assumido a sua gestão após a morte do pai. Não havia referência à Daphne. A minha mãe não a deve ter chegado a conhecer, ou talvez sim e não a tenha considerado permanente o suficiente para ser incluída. Verifiquei a data de publicação na parte da frente do livro: 1991. Mesmo antes de eu ter nascido. O Max ainda nem sequer tinha conhecido a Daphne. O livro tinha sido escrito muito antes de se terem casado.

Se a minha mãe estivesse viva, podia escrever um novo capítulo, incluí-la. Tentei imaginá-lo: uma edição atualizada, uma festa em Barnsley para celebrar, o Max a erguer o seu copo num brinde, o meu pai a sorrir cheio de orgulho. A imagem recusou-se a obedecer, alterando-se na minha mente como houvesse outra pessoa ao comando. Concentrei-me na página à minha frente em vez disso.

Não havia nada de novo sobre o Max, nada que me tivesse escapado. Nas alturas em que ela não conseguia evitar mencioná-lo, as suas descrições eram aborrecidas, desprovidas da cor e personalidade que esbanjava nas parentes femininas. Só se tornava relevante em virtude da sua herança, apenas definida por um conjunto de datas e lugares. Nascido, ensinado, herdado. As palavras do meu pai ecoavam na minha mente. «É melhor deixar algumas coisas — algumas pessoas — no passado.»

AINDA ASSIM, APESAR do aviso do meu pai, não conseguia largar o livro.

Se há uma constante ao longo das gerações em Barnsley, é o amor por uma festa.

Tem estado muito mais calmo nos anos recentes, mas no tempo em que a minha mãe e o meu pai eram os responsáveis, a casa estava muitas vezes repleta aos fins de semana, mesmo durante os meses de inverno. Claro que no verão a propriedade inteira se enchia, mesmo os chalés mais afastados que durante o resto do ano eram considerados inabitáveis. Mas durante os meses de verão, as pessoas dormiam em qualquer lado para conseguirem um pedaço do Festival Barnsley de Verão.

Os anos do pós-guerra foram afamadamente duros para as casas de campo. Barnsley sofreu tanto como as outras e levou mais tempo a adaptar-se do que outras propriedades da zona e a mudar para se ajustar à nova ordem mundial. A situação em Barnsley não tinha melhorado na altura do meu pai, Maximilian Summer, herdada nos anos 1960. Levou a sua jovem noiva Beatrice para a sua casa de família e tiveram três filhos em rápida sucessão: os meus irmãos mais velhos, os gémeos Max e Elizabeth, e depois eu, pouco tempo depois. Só depois começaram a dar a volta aos destinos da Casa Barnsley.

O Festival Barnsley de Verão foi a metamorfose de uma festa de casa de campo num evento lucrativo. Rapidamente ganhou popularidade, decorrendo nos três anos anteriores à morte trágica de Beatrice durante o festival, que resultou no seu cancelamento.

Mas no seu auge foi um grande sucesso. Era montado um palco enorme no relvado da frente e as pessoas ficavam deitadas em mantas a ouvir música. Durava dias, com homens e mulheres a dormirem onde quer que estivessem deitados e a fazerem piqueniques com a comida que traziam. No final da semana, estavam todos cansados, sujos e a precisar de uma refeição decente, mas o clima geral ainda era positivo. Houve um ano em que apareceu o Ross Mackie com um executivo de uma companhia discográfica e ficaram na casa principal; numa outra vez, os Moderns saltaram da relva e tocaram um set de improvisado. As modelos amigas de Beatrice eram só parte da tentação para os músicos. Enquanto o resto da zona ainda andava a sacudir o decoro, a Casa Barnsley já era um popular local liberal, um símbolo para os tipos criativos.

Segundo relatos em primeira mão, numa apazível noite sufocante durante o Festival Barnsley de Verão de 1969, Beatrice e o Maximilian regressaram à casa para realizar um pequeno jantar

privado para um círculo íntimo. Alguns amigos, alguns participantes no festival. A tensão subiu durante o jantar. A Rosamund West, que esteve presente nessa noite, supostamente grande amiga da minha mãe, escreveu no seu diário:

O drama habitual em Barnsley hoje à noite. A Beatrice chegou atrasada e bêbada ao jantar. Visivelmente perturbada. Esteve a fumar o tempo inteiro. Criticou o marido a noite inteira. Porque a música do festival estava demasiado alta. Porque não havia água quente para o seu banho. Porque o quarto estava abafado.

Era como ter uma criança à mesa, o que ela é nalguns sentidos, apesar de ter três filhos no infantário. E gémeos, ainda por cima! Nunca acharia que fosse capaz. O Maximilian ignorou-a sensatamente, mas o ar em torno deles estava carregado. Finalmente, às dez da noite, ela empurrou a cadeira para trás e saiu a correr, deixando-nos todos em paz. Infelizmente, isso não foi o fim dos problemas.

Perguntei-me quem seria esta Rosamund West e quanto poderia confiar na sua descrição da minha avó. Duvidava que o Max tivesse ficado feliz com a forma como a minha mãe tinha retratado a mãe deles, mas seria o suficiente para destruir por completo o relacionamento? Não me parecia.

A narrativa retomou pela voz da minha mãe:

O fogo-de-artifício acabara de terminar e os convidados tinham voltado a sentar-se quando a noite teve uma reviravolta terrível. Não havia detetores de fumo nessa altura, por isso, a primeira coisa que souberam foi quando a ama apareceu, com o pequeno Max ao colo e a gritar.

A Rosamund descreve a cena:

Ela estava a suar e aflita. Ao princípio foi difícil entendê-la. Estava a dizer qualquer coisa sobre um fogo, mas a música fora da sala de jantar tinha aumentado de volume àquela altura e estávamos todos um pouco tocados. Achámos que estava a ter uma reação estranha ao fogo-de-artifício. Tinha sido uma exibição particularmente triunfante. O Maximilian agarrou-a pelos

ombros, envergonhado pelo alarido. Empurrou-a em direção à porta, um pouco com firmeza a mais, achei. Uma das outras mulheres presentes, Hilda Le Page, manifestou-se: «Deixa-a falar, por amor de Deus, Mills.».

Avancei à procura da parte sobre o Max.

Pela altura em que o alarme foi dado, já era demasiado tarde. O fogo tinha consumido a ala leste. Os bombeiros tiveram dificuldade em passar pelo meio da confusão do festival e do fogo-de-artifício, tendo como melhor acesso a parte da frente da casa que estava repleta de público a ver o concerto. De qualquer modo, o dano na ala leste já era imenso.

Muitos dos frequentadores tinham desmaiado na relva ou estavam pura e simplesmente demasiado fora de si para seguirem instruções. Uma grande maioria achou que os bombeiros faziam parte da diversão e aplaudiu ruidosamente quando eles chegaram. Houve mulheres que tentaram dançar com eles e homens a empurrarem bebidas na sua direção. Foi um pesadelo.

A ama tinha salvo a vida do jovem Max. Ele estava no quarto com Beatrice quando o fogo começou. Levou dias até que o corpo de bombeiros conseguisse juntar as peças sobre o que tinha acontecido. Beatrice tinha de facto saído a correr do jantar naquela noite.

Na verdade, era conhecida pelas suas saídas dramáticas e normalmente regressava à festa algum tempo depois, depois de se acalmar com mais álcool e alguns cigarros reparadores.

No entanto, desta vez, ela não regressou. Também ninguém achou isto anormal. A quantidade de álcool que todos tinham consumido fez apenas parecer razoável que alguns deles pudessem ter apagado. Na verdade, o Frederick Howard já estava a dormir numa ponta da mesa, com a cara plantada em cima do prato principal. Era esse tipo de noite.

Beatrice tinha ido para o Quarto Amarelo na ala leste. Era o seu quarto, tal como tinha sido o da Gertrude e da Sarah e, antes delas, da Elspeth. Tal como as suas antecessoras, Beatrice tinha vista para o relvado e para o mar. Enquanto a Gertrude se tinha ali sentado e formulado a sua ficção, Beatrice utilizou o ninho como o olho de águia sobre a propriedade. Talvez se tivesse sentado um pouco à janela nessa noite, fumado um cigarro, pensado no seu comportamento ao jantar. Importar-se-ia com o que os outros pensavam dela? Nunca saberia que as suas extravagâncias seriam imortalizadas nessa noite no diário da Rosamund. Considerava a Rosamund uma amiga próxima.

O que quer que tenha feito, por qualquer razão, fê-la sair do quarto por volta da meia-noite e ir até ao berçário. Na altura, a ama estava a dormir, apesar do barulho contínuo da festa lá fora. Terá ouvido o bebé a mexer-se? É pouco provável. As paredes em Barnsley são grossas: o rescaldo do fogo revelou que tinham várias camadas. Canas grossas, painéis de madeira e camadas de tijolos escondidos debaixo de estuque sólido. Para além disso, a ama não ouviu nada.

Beatrice deixou duas filhas adormecidas para trás — Elizabeth, gémea do Max e a irmã Therese, de um ano — e levou o seu filho de dois anos. O herdeiro de Barnsley, o último Maximilian Summer numa linhagem em crescimento constante.

Levou o seu rapazinho de volta para o Quarto Amarelo e abriu a torneira da banheira. Não há forma de saber porque é que pensou que o Max precisaria de um banho a meio da noite. Se vomitou, não se viu depois sinal disso na sua cama. Estávamos no verão, e mesmo que a criança tenha estado doente com difteria no inverno anterior, nesta altura estava de boa saúde.

Enquanto o banho corria, acendeu um cigarro e deixou-o a queimar num dos numerosos cinzeiros no seu quarto. Pesados e feitos de vidro, os cinzeiros eram uma visão habitual pela casa. Levando o Max para a casa de banho, esqueceu-se do cigarro e ficou absorta na tarefa de despi-lo e prepará-lo para o seu banho inesperado. O cigarro rolou da sua posição vacilante, ardendo devagar na carpete até saltar rapidamente para os cortinados voluptuosos. O barulho da rua escondeu quaisquer sons vindos do fogo.

A ama acordou com o cheiro a fumo. Correndo pelo corredor, encontrou Beatrice caída ao lado da banheira, desmaiada pela embriaguez, inalação de fumo ou uma combinação das duas. O Max tinha rolado para o chão, vestido somente com uma fralda. A ama agarrou rapidamente no bebé, indo buscar as outras crianças às suas camas pelo caminho. Tentou fazer soar o alarme, mas os seus gritos depressa eram engolidos pela atmosfera barulhenta da noite.

Pela altura em que apareceu na sala de jantar já era demasiado tarde. O Maximilian e os outros chegaram ao andar de cima, mas o ar já estava denso do fumo e as chamas saltavam da entrada do Quarto Amarelo. Não conseguiam passar. Era impossível salvar Beatrice.

Mesmo sabendo o que estava para vir, a morte da Beatrice, minha avó, foi um choque para mim. Esperava de algum modo que as coisas tivessem resultado de forma diferente para ela, agora que eu conhecia a casa, agora que conhecia o Max.

Mas o que me chocou mais foi a forma como a minha mãe escreveu sobre isso. O uso impessoal do nome da sua mãe. O desapego indiscutível. A minha mãe estava a escrever sobre a morte da sua mãe com a mesma emoção que escreveria sobre a morte de alguém que não conhecesse. Era um bebé nessa altura, só com alguns meses, na noite em questão. Nunca teve hipótese de conhecer a mãe, mas mesmo assim, a sensação de distância na sua escrita parecia estranha. Fria. Como se estivesse zangada com ela.

Recostei-me no cadeirão. Pensei nisso durante um tempo. A casa agora estava em silêncio, entrando nas longas horas de quietude entre a meia-noite e a madrugada. Completamente desperta, a minha mente funcionava com rapidez. Pela primeira vez desde que tinha chegado, senti-me agradecida pelo *jet lag* que me tinha atacado. Andava grogue e com náuseas durante o dia, mas agora, a meio da noite, sentia-me alerta. Sintonizada. Como se as peças do *puzzle* se estivessem a encaixar.

A morte da Beatrice.

O Max dentro do quarto.

O livro publicado logo a seguir à minha mãe ter ido para a Austrália.

O afastamento entre o Max e a minha mãe.

Estava tudo ligado.

Anteriormente, não tinha sido capaz de ler nas entrelinhas, mas conseguia agora vê-lo claramente. A Beatrice tinha tentado matar o seu filho bebé naquela noite, tinha a minha mãe insinuado, e se não fosse o fogo, podia ter conseguido. De todos os acontecimentos n' *A casa das noivas* — e havia imensas infidelidades e desonestidade —, era este o mais chocante. Era este o mais vergonhoso. Não só retratava a mãe dela como assassina, como tendo como objetivo vitimar o próprio filho.

Max.

A minha mãe podia ter deixado a história de fora. Podia ter parado a narrativa na Gertrude, a noiva antes da Beatrice. Teria feito sentido: comparada com a Gertrude, a Sarah e a Elspeth, a Beatrice era uma rapariga leviana, famosa pela sua aparência e pelas festas e pouco mais.

Mas em vez disso, incluiu a história, numa acusação velada e por provar. Fiquei surpreendida por até existir sequer um exemplar em Barnsley.

Procurando alguma tranquilidade, regressei aos agradecimentos, à ronda de pessoas que tinham sido importantes para a minha mãe e que depois tinham desaparecido. Voltei nesse momento a ler os nomes. Alguns deles eram-me familiares porque tinha lido os agradecimentos muitas vezes, e outros eram simplesmente tão desconhecidos como sempre tinham sido. Esperei que me descesse uma sensação de calma. Dormir parecia uma boa ideia, se conseguisse, mas havia alguma coisa a incomodar-me.

Um dos nomes. Voltei à página, li-os de novo.

Jean Laidlaw. Conhecia aquele nome. O taxista. A sociedade histórica.

Talvez vá ver se encontro a Jean Laidlaw de manhã...

Mas isso não aconteceu, pois precisamente no dia seguinte, descobrimos que a Daphne tinha desaparecido.

NÃO ME APERCEBI de imediato. Ninguém se apercebeu. As crianças saíram para a escola, como de costume na manhã seguinte, e quando o Robbie foi lá acima dizer-lhe adeus, regressou para baixo sem referir que a Daphne não estava na sua cama.

Eu estava a tentar fazer biscoitos para as crianças quando tocou o telefone. As minhas habilidades a fazer bolos são diminutas, de alguma forma por nunca ter tido uma mãe que me ensinasse o básico, e apesar de a mãe do meu pai ter demonstrado algum interesse no meu desenvolvimento, não se enquadrava no género de partilhar uma acarinhada receita de família de *scones* ou de bolo inglês. A escola que frequentei não tinha economia doméstica, por isso fui autodidata na aprendizagem da cozinha, a observar os pais dos meus amigos e a respigar algum conhecimento de programas de culinária, incluindo o da Daphne, ironicamente.

E nos anos que se seguiram, não se proporcionou fazer bolos, em especial do género dos que fazia naquele momento, carregados de açúcar. Bolas de proteína, cheias de ingredientes esotéricos e caros, essas sabia fazer de olhos fechados.

A massa não estava a crescer. Estava pegajosa e os grumos deformados tinham ar de irem certamente resultar em biscoitos disformes e malcozidos. A cozinha estava pior do que na noite em que cheguei. A bancada estava repleta de farinha e todos os botões do fogão estavam cobertos de massa peganhenta.

O telefone passou ao atendedor de chamadas antes que eu conseguisse lavar as mãos decentemente. Estava a secá-las quando me apercebi de que a voz na mensagem gravada pertencia à Daphne. «Olá! Ligou para a família

Summer. Provavelmente estou ocupada no restaurante e não faço ideia do que o Max esteja a fazer, mas deixe a sua mensagem, por favor, ou volte a ligar daqui por uns dias se nos esquecermos de lhe retornar a chamada.»

A sua voz estava tão diferente daquela que eu tinha ouvido no dia anterior — confiante e melódica, a conter-se para não desatar a rir-se, como se alguém estivesse ao seu lado a fazer caretas. Perguntei-me quem é que poderia ter sido, nesta casa cheia de pessoas sérias e tristes. A máquina apitou e a voz da Elizabeth soou muito alta, forçando-me a correr pelo meio da cozinha e a agarrar no auscultador com as duas mãos. — Está? — disse eu, sem saber bem como atender um telefone fixo e a maravilhar-me com a novidade disso.

— Tenho duas coisas para lhe dizer e preciso que me ouça — começou ela, sem pausas para cortesias ou se assegurar de que tinha a pessoa correta em linha. A ligação era má e, embora eu não tivesse visto o seu chalé, sabia que era muito perto para soar como se estivesse a ligar do outro lado do mundo.

— A linha está má — disse eu a gritar para ter a certeza de que me ouvia.

— A linha está sempre má. — Ouvi uma inalação: estava outra vez a fumar. — Não precisa de gritar.

— Não posso falar muito tempo. Tenho biscoitos no forno. — Para além disso, tinha planos para ver se encontrava a Jean Laidlaw antes de as crianças virem da escola.

— Não estou a ligar para ficar na conversa — respondeu com outra inalação.

— O que são, então, as duas coisas?

— Lamento dizer-lhe que tive uma conversa com o Tom e que a viagem à ilha fica sem efeito por agora. É demasiado perigoso nesta altura do ano. O tempo é imprevisível. Não seria boa ideia depois de tudo o que aconteceu.

— Oh. — Mal conseguia disfarçar a minha desilusão. Numa agenda completamente vazia, uma viagem à ilha foi a única coisa pela qual eu ansiava com todo o tipo de entusiasmo. — Estava mesmo com vontade de ir. Tem a certeza de que não há mesmo forma de podermos ir lá? Você e o Tom parecem ir e vir com bastante facilidade.

— A Agatha está numa cadeira de rodas, querida — respondeu a Elizabeth, como se me pudesse ter esquecido. — Não é seguro, pura e

simplesmente. Nem sequer refira a ideia ao Max e às crianças. Ou à Daphne — acrescentou posteriormente.

— Poderemos fazê-lo quando o tempo melhorar? No Verão? — perguntei esperançosa, mantendo um olho no relógio e no forno.

A Elizabeth riu-se. — Acha mesmo que ainda vai cá estar nessa altura?

— Não sei... Gosto disto — respondi com sinceridade, pois parecia que as crianças começavam a aceitar-me. A casa e os seus segredos atraíam-me. Começava a esquecer a verdadeira razão de ter vindo. Começava a pensar que seria simplesmente bom ficar ali como empregada, começar de novo num sítio onde ninguém conhecia o meu passado. Não sabia quando tempo é que ia conseguir escapar-me disso. Com certeza que não ia demorar muito tempo até o meu pai me encontrar, ou um dos Summer descobrir a minha verdadeira identidade.

A voz da Elizabeth soou mais simpática quando voltou a falar. — Bem, veremos. Tudo depende da Daphne. Ainda falta muito para o verão. Temos primeiro de aguentar o inverno. — O temporizador do fogão soou bem alto e já conseguia ver os biscoitos a mudar rapidamente de castanho dourado para queimados, mesmo do outro lado da cozinha.

— Elizabeth? Tenho de ir. Os biscoitos estão a queimar-se. O que era a outra coisa?

— Biscoitos. Fabuloso. A Daphne faz umas coisas engraçadas achatadas chamadas *anzacs*. Não tinham muito bom ar, mas eram deliciosos. São esses que está a fazer?

— Não. Apenas uns com pepitas de chocolate. São mais parecidos com *cookies*, suponho.

— A receita para aquelas coisas dos *anzacs* anda provavelmente algures por aí. Devia procurá-la.

O cheiro a biscoitos queimados chegava-me agora ao nariz. Tinha passado de amanteigado a pungente numa questão de instantes. — Peço desculpa, Elizabeth, vou ter de lhe voltar a ligar.

— Não há necessidade de me ligar de volta, querida. Quando me perguntou sobre as crianças, sabia que havia qualquer coisa de que me estava a esquecer, mas fiquei tão entusiasmada com a ideia da viagem à ilha que me esqueci completamente de referi-la. Alguém lhe falou sobre a gaveta?

— A gaveta? — perguntei a esticar-me na direção do fogão a pensar se conseguia fazer com que o fio esticasse o suficiente para chegar à pega e retirar os biscoitos em segurança.

— É a gaveta da cómoda antiga. Nem se dá conta de que lá está, era assim que as construíam antigamente, mas se tatear por debaixo ao longo da última prateleira, tem lá um puxador.

Deixei a folga no fio ir na direção oposta e encaminhei-me para a cómoda, sobre a qual apenas instantes antes tinha estado encostada. Não havia sinal de gaveta nenhuma, mas o certo é que, quando deixei a mão explorar debaixo da borda, consegui sentir um pequeno entalhe. Mas por muita força que eu fizesse, a gaveta resistia. — Encontrei-a. Está trancada — disse. A chave pousada contra o meu peito. A cara aterrada da Daphne.

Um instinto qualquer disse-me para não a referir. Ainda não. — Oh. — A voz da Elizabeth saiu num invulgar tom neutro.

Perdendo a esperança de salvar quaisquer biscoitos, fisquei o colar debaixo do decote da minha camisola e tirei-o sobre a cabeça. A tentar não fazer qualquer som, coloquei a chave dentro da fechadura de bronze na lateral da cómoda. Ouviu-se um pequeno suspiro e a gaveta soltou-se.

— Decididamente trancada — repeti enquanto deixava os meus olhos examinarem o conteúdo. No início, parecia uma coleção inútil de mil e uma coisas: avisos de excursões escolares; um pequeno vaso cheio de trocos soltos, alguns recados e um cartão de crédito com o nome da Daphne; chaves de automóvel e protetor solar. Mas mais para o fundo da gaveta estava um caderno de apontamentos com capa dura de pele preta e gasto nas pontas, e pilhas de papéis, receitas, postais e cartas. — Imagino que não seja grande ajuda para mim — disse a tentar disfarçar a excitação na voz.

— A Daphne costumava guardar tudo aí — declarou a Elizabeth. — O diário, avisos da escola e coisas do género. Estava sempre a escrever num caderno. Se ao menos conseguíssemos encontrar a chave, tenho a certeza de que ia encontrar tudo o que precisa. — A ligação estava tão má que me levou um momento a aperceber-me de que ela já tinha desligado.

A Elizabeth estava errada sobre imensas coisas. A verdade fugia-lhe muitas vezes, quer fosse por acidente ou com intenção, mas tinha razão sobre a gaveta. Tinha lá dentro tudo o que eu precisava.

PARECEU-ME MAL, ao início, ler o caderno. Era demasiado pessoal, escrito com uma intenção que eu ainda não tinha percebido. Pareceu-me mal porque ainda não sabia que a Daphne tinha desaparecido. Mas mesmo apesar de me parecer mal, vi-o dentro da gaveta e aproveitei. A Daphne era um enigma, sim, mas mais do que isso, tinha confiado em mim quando estava mais vulnerável, tanto à porta do quarto na noite anterior, como na tarde em que me impingiu a chave com tamanha urgência. Sabia que o conteúdo da gaveta haveria de ser importante.

As primeiras páginas do caderno estavam cheias de notas do dia-a-dia: receitas anotadas, listas de compras, lembretes de coisas a fazer. Parecia que a Daphne se andava a preparar para o Natal: tinha um menu inteiro planeado, com iniciais ao lado dos pratos dos quais parecia ter abandonado o controlo de forma pouco característica. — A MM — Meryl Mins, presumi — estava encarregue do bolo inglês, e a EC do recheio. Tudo parecia muito acolhedor.

O Robbie precisava de sapatos novos para a escola e a Sophia tinha uma consulta marcada para ir fazer um *check-up* a um dentista a seis de janeiro. A minúcia da vida familiar era de pouco interesse para mim. Talvez a Daphne fosse mesmo tão louca quanto aparentava. Virei mais algumas páginas de notas e lembretes e os meus pensamentos ociosos sobre a consulta no dentista foram completamente esquecidos.

Elizabeth,

Isto é para ti. Não sei se vais encontrar este recado. Tentei escondê-lo algures num sítio onde não fosse encontrado, mas também me preocupa que possa estar demasiado bem escondido e que não venha a ser descoberto. Ambas as opções são uma preocupação para mim, e sabes como me preocupo!

Estás sempre a perguntar-me porque é que ando com este caderno para todo o lado e sempre te respondi com a verdade: receitas, listas de compras, coisas de que tenho de me lembrar. Desde que tive as crianças que não me consigo lembrar de nada. Antes que digas alguma coisa, não é das drogas. Apareceu antes disso, mas imagino que esses anos não tenham ajudado.

Às vezes, posso estar na horta e apanhar qualquer coisa: funcho ou até só uma erva e quando chega a altura de cozinhar com ela à noite, já me esqueci do que tinha planeado. Mesmo tendo o funcho ou o estragão mesmo ali à minha frente! Não é bom para o negócio, deixa que te diga. Por isso, comecei a apontar tudo. Parece loucura escrever isto, mas este é o meu plano de emergência.

Só para o caso de me acontecer alguma coisa, quero que alguém saiba aquilo que sei. Acho que estou em perigo. Sei que pensas que ela é inofensiva. Não é. Far-me-ia mal se conseguisse descobrir uma forma de fazê-lo sem perturbar o Max, e acho que também lhe faria mal a ele. Sei que achas que são as drogas a falar, ou o álcool. Alguma espécie de efeito secundário. Mas sabes bem há quanto tempo me livreí dessas coisas e sou mais paranoica sem elas do que alguma vez fui com elas.

Eis o que penso sobre a Meryl — e sim, vou chamar-lhe assim aqui, mesmo que não tenha a coragem de usar o seu nome verdadeiro na vida real. Ela ama o Max. Oh, Daphne, já te consigo ouvir a dizer. Que merda, não me digas! Sempre gostei de te ouvir dizer asneiras na tua bela e generosa pronúncia. Na verdade, da primeira vez que te vi, quebraste o gelo com uma bela asneira bem-colocada, e eu soube que, apesar de tudo, com todos os ventos e marés contra mim, eu ia gostar de Barnsley. Especialmente contigo e com o Max ao meu lado.

Eu também amo o Max, mas é um amor adulto normal. Às vezes discutimos (bom, bastantes vezes, especialmente desde o acidente), testamos a

paciência um do outro, mas queremos mesmo o melhor um para o outro. Sei quais são as suas fraquezas e ele sabe as minhas, e se um desses montes de fraquezas se empilhar mais alto do que o outro, bem, eu aceito-o por completo. Não sou perfeita. O Max também não é perfeito. Mas aos olhos da Meryl, é.

O Max diz que não sabes a história toda sobre os Mins...

Aqui a escrita interrompeu-se e a última palavra estava ligeiramente esborratada. Abaixo disso, a Daphne tinha voltado às listas.

Costelas assadas de vaca. Gordura de pato.

Clementinas. Presente do Max?????

Continuava dessa forma, com a letra elegante da Daphne a tornar atrativa até a mais mundana das coleções de palavras. E depois, na página seguinte, a letra mudou de novo, ligeiramente mais inclinada e menos elaborada, como se tivesse sido escrita à pressa.

Ela apareceu aqui! Acreditas? Entrou quando eu estava a escrever a última parte e tive de tapar o caderno como se estivesse de regresso à escola. Aquela mulher tem olhos em todo o lado e um sexto sentido para a maldade. Foi provavelmente por isso que a tua mãe a empregou, para começar. Vou ter de apontar rapidamente isto, para o caso de ela voltar a aparecer. Tenho a certeza de que estava a tentar ver o que eu estava a escrever.

— A tua mãe? — A Beatrice tinha contratado a senhora Mins? Pensei que tinha sido o Max que a tinha trazido de Itália...

Mesmo apesar de ter estado de passagem com a Daphne, era engraçado não ter apanhado nenhuma visão dela enquanto pessoa. Era difícil ligar esta

voz forte e animada à figura delicada da mulher que tinha encontrado no meu primeiro dia em Barnsley.

O Max sempre disse que não precisas de saber a história completa sobre o senhor e a senhora Mins. Tem um certo sentido de proteção em relação a ti. Eu digo-lhe: Max, ela pode ser a tua irmã mais nova, mas podia enfrentar-te em qualquer dia da semana. Também é verdade que és uma boa mulher para se ter ao lado. Assim que embarcaste na história do restaurante e do hotel, soube que ia funcionar. E funcionou. Dar-te-ia um toque de punho se estivesses aqui, mas sei como odeias gestos afetados, o que me faz ter ainda mais vontade de fazê-lo, ah ah.

É uma coisa antiquada, imagino, proteger o mulherio. Por isso, aqui vai. Talvez apesar daquilo que o Max pensa, saibas parte ou a maioria. As mulheres sabem sempre mais do que transparecem. E no final, acho que seremos nós — eu e tu — a proteger o Max.

O Max contou-me tudo isto na primeira onda de confidências, nas noites mesmo a seguir a nos termos conhecido. Ainda estávamos em Londres e, naquela altura, não sabíamos o que o futuro nos reservava, que apenas dias mais tarde estaríamos noivos. Mas naquela noite, ele pôs as cartas todas na mesa. Não sei se teria sido tão comunicativo se soubesse que eu ia acabar por vir para Barnsley com ele, como sua mulher. Fui apenas uma boa ouvinte e o Max bem que precisava disso.

Tive de forçar-me a devolver o caderno à gaveta. Tinha de lidar com o problema dos biscoitos e a chegada iminente do autocarro escolar. Mas mais do que isso, não queria que a Daphne me apanhasse a lê-lo. Não sabia então que não precisava de me preocupar com isso. Tranquei a gaveta, enfiando de novo a chave com cuidado no meu colar e jurei regressar a ele o mais rapidamente possível.

A TARDE ESTAVA a fechar-se em noite. A escuridão chegou a Barnsley da forma mais prematura do que em qualquer outro sítio onde tivesse estado. Enquanto regressávamos da paragem de autocarro, fiquei de olho a ver se via o Thomas — que quase não se distinguia no escuro — ao longo do caminho sinuoso. Tinha percebido que o Thomas nunca se aventurava para longe do Max.

E o Max não tinha sido visto em lado nenhum desde aquela manhã.

Só tinham passado uns dias desde que eu tinha chegado, mas as crianças já se começavam a sentir suficientemente confortáveis comigo para desabafarem as suas desgraças do dia na escola no caminho de regresso a casa. A Agatha estava calada; a escola cansava-a facilmente. A Sophia andava a ter problemas com outra rapariga na escola que queria ser a sua melhor amiga e ao mesmo tempo deitá-la abaixo. O Robbie estava a chatear-me por causa de uma velha abadia assombrada nas imediações que queria ir visitar no fim de semana. — Ontem conheci a vossa tia — comentei quando os dois mais velhos terminaram, com a chamada telefónica e o caderno a aguçarem-me a memória. Queria obter a opinião deles sobre a Elizabeth.

— Elizabeth — disse o Robbie.

— Só temos uma tia. — A Sophia suspirou e olhou pela janela, com um exaspero exagerado para com o irmão, tal como era habitual nas raparigas da sua idade. Perguntei-me se estaria a pensar na minha mãe, se estava a ser deliberadamente obtusa.

— Sim, a Elizabeth.

— Veio cá a casa? — perguntou a Agatha atrás de mim.

— Sim.

— Ela não pode ter filhos. Passa-se qualquer coisa com ela.

— Agatha! Não temos nada a ver com isso — disse a Sophia de rompante.

— Chama-se ser infértil. — Esta foi do Robbie, sempre desejoso de colocar um nome às coisas. Era a sua forma de controlar o seu mundo imprevisível. — Aposto que foi antes do almoço.

— Porquê? — perguntei intrigada.

— O que é que ela queria? — Deixei a Sophia mudar de assunto, mas olhei para ela de relance. Estava a olhar pela janela, de uma forma demasiado intensa para ser convincente.

— Veio cá para falar de vocês. Para me dizer o que fazer, esse tipo de coisas. «Jantar às seis, deitar às sete», acho que foi o que ela disse. — A minha tentativa de fazer humor passou-lhes ao lado, por isso continuei: — Acho que ela só queria ver como eu era, ter a certeza de que o vosso pai tinha feito a escolha certa.

— Espero que não lhe tenha dado ouvidos.

— Porquê, Sophia?

— Ela não tem filhos e não tem qualquer noção sobre crianças. Depois do acidente, desapareceu por completo. Foi todos os dias para aquela merda daquela ilha e não se atreveu a dar a cara.

— Oh. Tenho a certeza de que ela só não sabia o que fazer. Algumas pessoas são mesmo assim, não sabem como lidar com as coisas quando correm mal — comentei eu a pensar em todas as pessoas que tinha perdido na minha vida quando a minha mãe morreu. Até amigos da escola que eu conhecia desde sempre pararam de repente de me convidar para ir a sítios, como se ter uma mãe doente fosse contagioso, ou ter um pai sozinho fosse perigoso.

— A Sophia disse merda — sinalizou a Agatha.

— A mãe diz pior. Ela diz f...

— Robbie! Já chega! — gritei mesmo a tempo, quase batendo com a carrinha numa das sebes fronteiriças.

— Ela diz que estar casada com o nosso pai é o suficiente para fazer qualquer pessoa dizê-lo.

Por mais que eu quisesse ouvir mais coisas sobre a Daphne e as suas blasfêmias, estávamos a aproximar-nos da casa e eu só tinha um tempo

limitado para capitalizar esta efusão de informação antes que a Sophia fugisse do carro e se retirasse para o quarto, tal como fazia todas as noites a seguir à escola. — Então não veem muito a Elizabeth? — perguntei timidamente, com muita vontade de regressar ao assunto, mas sem querer alertar a Sophia com o meu interesse.

— Já não. Ela costumava estar por cá o tempo todo. A mãe e o pai costumavam discutir por causa disso.

— Porquê?

— O pai dizia que ela era má influência para a mãe. — Aqui foi o Robbie, e a julgar pelo olhar que a Sophia lhe lançou, não ficou nada contente por ele ter partilhado aquela informação. Parecia que estava encarregue daquilo que eu podia ou não saber. O Robbie parou de falar.

A Elizabeth tinha-me levado a acreditar que ela e a Daphne não eram próximas, mas aqui estavam as crianças a contarem-me que eram amigas, mais do que amigas, parecia. A Elizabeth deve ter ultrapassado a sua infelicidade inicial com a mulher do Max, mas não incluiu isso na sua história. Não se tinha incluído na história de todo, apercebia-me agora. — O que é que ela vai fazer para a ilha? — Conseguia vê-la do sítio onde estava, sombria e pouco atrativa, o tipo de local onde não havia realmente muito que fazer para além de adquirir um caso sério de queimaduras pelo vento.

A Sophia fungou. — O que é que os velhos fazem em qualquer sítio?

— Nós não sabemos. Eles nunca nos levaram lá — acrescentou o Robbie, olhando para mim de forma apologética como se eu, juntamente com a Elizabeth, a Daphne, o Max e a senhora Mins, fosse considerada um dos «velhos».

— A mãe diz que é demasiado perigoso.

— A mãe acha que tudo por aqui é perigoso — disse a Agatha de voz embargada pela emoção.

— Bom, e tinha razão, não tinha? — E acabou-se. Mais um tópico de conversa rapidamente encerrado pela Sophia.

Fomos o resto da curta distância em silêncio.

— Cá estamos — declarei ao estacionar ao lado da entrada das traseiras. Tinha-se tornado nosso hábito estacionar perto da casa. Era difícil levar a Agatha o caminho todo pela gravilha na cadeira de rodas, e desta forma funcionava muito melhor para todos nós. Contornei o carro até à parte de

trás e, encontrando aí a Sophia, aproveitei a oportunidade. — Recebi a tua carta — disse com tanta pressa que mal consegui desenvolver.

— Que carta? — A Sophia olhou para mim com desdém. A sua expressão lançou-me de imediato de regresso à secundária. Tinha de me recordar que eu é que era a adulta ali.

— A carta — repeti de uma forma significativa, ciente de que o Robbie se estava a aproximar e que a Agatha ainda estava à espera no carro. — Podes confiar em mim.

— Tu não és...

— A Tessa. Não. A minha mãe morreu.

Os olhos dela arregalaram-se e percebi que percebeu. Estava prestes a dizer qualquer coisa quando o Robbie se empurrou contra nós a agarrar na mochila de tal forma que lançou a cadeira de rodas a voar contra o corpo da Sophia. O momento tinha sido perdido. — Não sei do que estás a falar.

O Robbie olhou confuso da Sophia para mim, e a Sophia aproveitou a oportunidade para desaparecer para dentro de casa. Não a veríamos de novo até fazer uma aparição mal-humorada ao jantar.

Uma vez dentro de casa, as crianças olharam de forma desconfiada para os meus biscoitos queimados, mas foram educadas o suficiente para provar. Até a Agatha, pela primeira vez desde a minha chegada, comeu outra coisa qualquer sem ser torrada com Marmite.

O Robbie comeu três de forma bastante entusiasta, mas a Agatha deu algumas dentadas e depois voltou a pousar o dela no prato. — Está bastante duro e magoa-me no dente a abanar — comentou.

— Tens um dente a abanar? — perguntei a sentir o espaço entre nós a abrir-se de novo. Uma mãe não precisaria de fazer essa pergunta. A minha mãe parecia ter um inventário pessoal de tudo dentro da minha boca e sabia quase antes de eu saber quando é que um dente ia começar a soltar-se.

— Dois — respondeu o Robbie, solícito, a pegar noutro biscoito antes que pudesse impedi-lo. — Possivelmente mais depois destes biscoitos.

— Posso abaná-lo? — perguntei, arrependendo-me a seguir. A Agatha estava ainda só a começar a falar comigo. Não tinha a certeza de que ficasse confortável comigo a colocar-lhe a mão na boca, mas ela acenou com a cabeça, e eu dei um pequeno abanão ao dente de baixo. — Estes caem sempre primeiro.

— Os meus caíram — disse o Robbie, a mostrar os dentes todos, apesar de ter a boca cheia de migalhas. — E depois estes caíram a seguir.

— Fecha a boca enquanto estiveres a comer, Robbie — ralhei antes de voltar novamente a minha atenção para a Agatha. — Vou ter de te fazer uns biscoitos mais macios para a próxima.

— A mãe costumava fazer biscoitos macios.

— Costumava?

A Agatha confirmou com a cabeça. — Eram doces e achatados e tinham um nome engraçado.

— *Anzacs* — disse eu.

O Robbie ficou de boca aberta, mais uma vez a revelar o interior. — Como é que sabias?

— Magia, parece-me. Por isso é melhor tomares atenção, que eu sei tudo. Também sei que provavelmente tens trabalhos de casa para fazer, por isso, que tal preparares tudo em cima da mesa enquanto eu faço o jantar?

Para variar, o Robbie fez de imediato o que lhe pedi. Estava a empurrar a Agatha até à sala de estar para ela ver um pouco de televisão depois da escola quando ouvi a porta das traseiras a bater com força. — Quem raio é que deixou aquele carro no caminho? — O Max começou a gritar mesmo antes de entrar em casa. Sem necessidade, pois mais ninguém conduzia a carrinha pequena.

Não o tinha visto o dia inteiro. Parecia existir à margem da vida em Barnsley. Não comia com os filhos e passava a maior parte do tempo no escritório. À noite desaparecia durante horas, ou para o *pub* local, ou para outro lado qualquer, ainda não tinha percebido bem. Ainda assim, isso era bom para mim. Não ia gostar nada de estar sentada a ver televisão com ele no sofá.

— Fui eu — respondi, a entrar pela porta, de repente muito ciente dos restos da massa de biscoito espalhados por todo o lado. Tentei manter o contacto visual com o Max, mais para evitar que visse a confusão, mas ele não olhava para mim.

— Sei muito bem que foi você — rugiu. — Só um australiano deixaria o carro parado daquela maneira, com as portas completamente abertas como se tivesse estado envolvido num assalto a um banco.

Um olhar de relance pela janela disse-me que ele tinha razão. A porta do passageiro estava completamente aberta e o banco da frente estava a ficar

molhado pela chuva miudinha. A culpa foi da Sophia. Seria de esperar que uma miúda de doze anos fechasse sozinha a porta do carro, mas mal a conseguia culpar sem que eu própria parecesse uma criança petulante. — Peço desculpa. É muito mais fácil trazer a Agatha para dentro de casa a partir dali. A cadeira de rodas fica presa na gravilha — expliquei.

— A senhora Mins nunca teve qualquer problema — ripostou o Max. Esperei que dissesse alguma coisa sobre o estado de sítio enquanto ali estava, mas começava a perceber que o Max sofria de um caso extremo de cegueira doméstica. Tudo para lá do escritório do hotel estava imaculado, enquanto ali na parte de trás, nas suas acomodações privadas, os seus padrões eram incrivelmente mais baixos. Era quase como se esta parte da casa não existisse para ele. A não ser o pátio, evidentemente.

— Talvez a senhora Mins tivesse demasiado medo de dizer alguma coisa — respondi. O riscar do lápis do Robbie parou de imediato e eu conseguia senti-lo à escuta.

Levou bastante tempo até que o Max respondesse.

— Talvez tenha razão — disse a coçar a ponta do nariz como se tivesse lá qualquer coisa a incomodá-lo —, mas o carro tem de ir para o estacionamento. Tenho a certeza de que encontrará uma solução. — Saiu disparado.

Deixei passar, mas resolvi continuar a estacionar o carro precisamente no mesmo lugar. O lugar que melhor se adequava aos seus filhos. A Agatha já tinha bastante dificuldade em movimentar-se sem a indignidade acrescida de ser arrastada ao longo de hectares de gravilha no final do dia. Era bom ter regras — o meu pai decerto que tinha mais do que suficientes —, mas ter regras sem razão para isso era ridículo.

Ainda estava a fumar quando o Max reapareceu um minuto mais tarde. Tossiu, com um ar ligeiramente envergonhado. — Viu a Daphne?

A MALA DA DAPHNE ainda estava no quarto, sem ser usada há semanas. O seu carro, condenado pelo acidente, estava parado no estacionamento, impossível de conduzir. Não conhecia suficientemente bem os seus pertences para fazer um julgamento, mas as crianças pareciam convencidas de que não faltava nada.

Eu e as crianças procurámos pela casa e pelo hotel inteiro, acendendo cada luz à medida que avançávamos para não encontrarmos nada. A senhora Mins e o Max procuraram nos terrenos, incluindo nos anexos.

Havia outras pessoas que tinham desaparecido anteriormente da minha vida. Quando tinha oito anos, a minha mãe morreu de cancro de pulmão. Os pais do meu pai morreram novos. Depois da minha queda em desgraça, os amigos tinham-me abandonado. Mas nunca ninguém alguma vez desapareceu sem razão, sem que eu soubesse para onde e porque é que tinham desaparecido. Aquilo incomodava-me.

Mas não parecia incomodar os outros.

— Ela faz isto de tempos a tempos. Não é caso para preocupação — disse o Max.

— Foi-se embora com uma das suas crises — disse a senhora Mins, assegurando-se de que o Max não a conseguia ouvir.

As crianças não disseram nada.

Na altura em que desistimos, era quase meia-noite e não havia sinal da Daphne em lado nenhum. A senhora Mins saiu para o seu chalé e o Max estava prestes a retirar-se para o seu escritório.

— Quer que eu ligue à Elizabeth? — perguntei. Se ela e a Daphne eram tão amigas quanto as crianças tinham reportado, parecia-me que a Daphne

poderia ter ido para lá.

— Talvez amanhã — respondeu o Max sem olhar para trás.

— E à polícia?

Ele parou de repente. Virou-se com rapidez. — De modo algum. Não vou desperdiçar o tempo da polícia com as encenações da minha mulher.

Lembrei-me da expressão assustada da Daphne, da transferência urgente da chave. O Max conhecia-a há mais tempo do que eu. Talvez ela fosse dada a encenações, mas mesmo assim, começava a duvidar do meu primeiro instinto de entregar a chave ao Max.

Resolvi regressar ao caderno assim que pudesse. Assim que as crianças foram para a cama e adormeceram, o que levou algum tempo, dado o estado bastante agitado, esgueirei-me pelas escadas até lá abaixo, retirei o caderno da gaveta trancada e levei-o comigo para o quarto. De volta à minha leitura.

Ao início, foi como se o Max estivesse a falar uma língua estrangeira. Levou-me um tempo a ajustar-me, a perceber que quando ele falava da Casa Barnsley, estava a falar sobre a sua casa de infância, e que quando referia a Nanny[2], não estava a falar sobre a sua avó, mas de uma empregada. Para alguém que cresceu nas praias do Norte em Sydney, isto era um grande ajuste. A minha avó tinha permanente e conduzia até ao bingo num Corolla, mas a mulher de quem o Max falava era mais nova e, pelo que parecia, bastante atraente. (Era difícil de acreditar que ele estava a falar da Meryl, ah ah.)

Vocês eram apenas bebés quando a vossa mãe morreu, pairando nos limites de memórias retidas. O Max não se lembra da noite do incêndio, mas diz que lhe vêm coisas à memória de vez em quando. Poderás já ter reparado que não suporta a Noite da Fogueira, e que se mantém afastado o mais possível daquele quarto na ala leste. A vossa mãe, Beatrice, era considerada muito bonita, como sabem. É engraçado. Às vezes ouvimos falar de alguém de gerações anteriores a ser descrita como uma beleza e depois vê-se uma fotografia e pensa-se: estariam sob o efeito de drogas? Mas a Beatrice era linda, mesmo nas fotografias antigas. Na verdade, a Sophia começa a parecer-se bastante com ela, que Deus nos ajude.

Publicaram a Beatrice na capa da Country Life, o que não era habitual, uma vez que naquela altura ela já estava casada e com filhos, mas deve ter sido um mês calmo para debutantes, não sei. Tenho a certeza de que sabes mais sobre esse tipo de coisa do que eu. O Maximilian convenceu-a a fazer aquilo (o teu pai. Que coisa é essa de repetirem nomes? Acho-o infinitamente confuso e proibi o meu Max de continuar esta tradição com o querido pequeno Robbie).

O Maximilian sentia-se ansioso com os feitos de algumas das anteriores senhoras de Barnsley — e isto até foi antes daquele maldito livro! — e queria exhibir a sua mulher como estando bastante à altura das suas predecessoras. Nem que fosse só em virtude da sua aparência!

Não se importou que ela tivesse duas crianças pequenas e um bebé naquela altura, e que provavelmente não se estivesse a sentir no seu melhor. Tiraram-lhe a fotografia e ela foi incluída na edição de 5 de junho de 1969. Ele uma vez mostrou-me a revista. Há um exemplar na biblioteca. Caso não a tenhas visto, está enfiada entre alguns volumes antigos da Enciclopédia Britânica.

Fiz uma nota mental para ir procurá-la na biblioteca.

Para além da sua aparência, que se desviava mais para o território da Elizabeth Taylor do que para o da beleza pastoral, a fama da Beatrice entre os que a conheciam devia-se às suas festas. A casa estava sempre cheia de gente e as festas duravam dias, ficando todos os quartos ao longo do corredor da ala leste cheios de convidados que literalmente comiam e bebiam à custa da casa e lar dos vossos pais. O Max contou-me que a adega estava completamente cheia antes de os teus pais terem bebido tudo. Uma pena não estarmos por lá nessa altura! E isso foi até antes de eles terem começado com o festival.

Virei algumas páginas. Não era nada que não tivesse lido n' *A casa das noivas*.

A Beatrice tinha uma ama a tempo inteiro, uma senhora mais velha, mas isso não era o suficiente. Com vocês os três, a ama estava atolada em trabalho e a Beatrice estava a ser chamada ao berçário demasiadas vezes para o seu gosto. Pediu a uma jovem rapariga da vila para vir ajudar. Podes ver onde é que isto vai parar.

A Meryl começou a trabalhar na Casa Barnsley no verão de 1969. Tinha apenas catorze anos e o Max dois. A Meryl vinha de uma família com problemas. O pai era pescador, assim como o avô, e antes dele, o bisavô. Não eram tempos fáceis para se ser pescador — os barcos pequenos como o do pai da Meryl estavam a ser ultrapassados pelos grandes barcos apoiados por grupos económicos enormes. Ele estava a perder dinheiro com rapidez e pedia emprestado, dando o barco como fiança para alimentar a sua família, sem nunca fazer dinheiro suficiente para conseguir pagar. Viviam de semana a semana, mas como sabes, a linha costeira por aqui é perigosa e nesse mês de janeiro rebentou uma tempestade pior do que era habitual. Algumas pessoas descreveram-na como um furacão, outras discordam, mas de qualquer modo foi terrível e causou destruição ao longo de toda a linha costeira. O pequeno embarcadouro na enseada foi arrancado pelo mar, o campo de ténis levado pelas ondas, o jardim na ilha sofreu uma derrocada (foi quando a maioria das vinhas foi levada pelas ondas, felizmente).

O pai da Meryl perdeu o barco na tempestade. Não teve outra hipótese senão a de ir trabalhar para uma das grandes traineiras de pesca, na esperança de fazer dinheiro suficiente para alimentar a família e pagar o barco que jazia em bocados no fundo do mar. Levando o seu filho mais velho, Michael, com ele, ficava fora no mar durante meses a fio, deixando a mulher em casa com os seus outros quatro filhos. A Meryl andava na escola, mas com três crianças mais novas, o fardo do trabalho da escola e a ajuda que tinha de dar à mãe com os irmãos e irmãs tornou-se demasiado. O Leonard nasceu anos mais tarde, tornando a situação ainda mais intensa. Se ela quisesse perseguir o seu sonho de estudar política na universidade, precisava de arranjar um emprego onde pudesse ganhar dinheiro e estudar.

Obviamente que Barnsley não era um grande empregador nesses dias, como tinha sido no passado, mas ainda assim era o primeiro porto de escala para

alguém que andasse à procura de trabalho doméstico ou manual.

A Beatrice, tua mãe, agarrou a Meryl de imediato. Gostou da ideia de ter uma rapariga mais nova, alguém a quem pudesse dar ordens — a ama mais velha estava na família há anos e a Beatrice sentia-se intimidada por ela. A ama achava que tinha sempre razão e a Beatrice achava-a sufocante e condescendente.

A Meryl tornou-se indispensável quase de imediato, sem nunca deixar as crianças chorarem, devotando-se ao Max em particular. Gostava de viver em Barnsley e era muitas vezes vista a empurrar o carrinho de bebé, tirando partido dos terrenos e da casa que anteriormente só tinha sido capaz de admirar à distância. À noite conseguia estudar enquanto as crianças dormiam. Era a situação perfeita.

Pelo que o Max me conta, a Meryl era tão bela quanto a sua mãe. Difícil de acreditar, não é? Enquanto a Beatrice era sombria e refinada, a Meryl era justa e etérea; a Beatrice vestia roupa cara de bom corte, enquanto a Meryl flutuava pelas redondezas em vestidos boémios compridos. Não se passou muito tempo até que o Maximilian comesse a prestar mais atenção à Meryl. Pela primeira vez, foi visto fora do escritório a divertir-se na relva e até a sair com a Meryl durante dias no seu veleiro. Estava a formar-se a tempestade perfeita e a Beatrice nem sequer reparou. Naquele verão, tinha outras coisas em que pensar. A fotografia na *Country Life* tinha feito mais do que orgulhar o seu marido, tinha capturado a atenção de Peregrine Grenville, um almirante da Segunda Guerra Mundial.

As minhas mãos foram até ao meu pescoço, ao colar de berloque.

P.G.

Peregrine Grenville.

Um símbolo de amor ilícito, em vez de preciosa herança de família. Era compreensível que a minha mãe nunca tivesse referido o nome dele. Era só uma criança. Perguntei-me se saberia dele, sequer.

Ele era muito, mas muito mais velho do que a Beatrice, e um conhecido mulherengo, mas algo na fotografia lhe espicou o interesse, e sob o pretexto de ir visitar amigos nas redondezas nesse verão, foi de barco até à costa e atracou na pequena enseada. A casa dos barcos tinha sido reconstruída na primavera e, no preciso dia em que o Peregrine chegou, a Beatrice ia dar uma festa para celebrar a sua reconstrução.

A Beatrice estava aborrecida. Despachada para a remota Barnsley logo a seguir a um romance e noivado apressado, só tinha vinte e dois anos e três filhos e um marido distante. Estavam no final dos anos 1960 e parecia que o tempo tinha avançado em todo o lado exceto em Barnsley, onde ela tinha permanecido simplesmente como mãe e esposa, enquanto todas as suas amigas viviam vidas glamorosas em Londres.

O Peregrine, com o seu golpe de charme e atitude arrogante em relação à tradição, abalou um pouco as coisas, e não passou muito tempo até estar completamente embrenhado no rebanho de Barnsley. Passados alguns dias a dormir no seu barco, desistiu de qualquer pretensão de se mudar para casa dos amigos e assumiu residência num dos quartos de hóspedes. Os amigos foram convocados para a festa em Barnsley, que se estendeu durante semanas ao longo de um quente verão. (Fico sempre desconfiada quando os vossos verões ingleses são descritos como quentes, mas o Max jura que é como lhe foi descrito — de facto, o calor foi uma das razões de tudo ter sucedido daquela forma, segundo ele.)

O Peregrine era um daqueles homens que ficavam mais atraentes à medida que os anos avançavam, em vez de menos. E numa idade em que deveria estar a planear a reforma com uma mulher de idade similar, e desejoso de ter netos, não tinha desistido da sedução. Na verdade, os anos de prática tornaram-no muito bom nisso. Tinha um olhar perspicaz sobre as fraquezas das pessoas, sabia como explorar as mulheres e era muito elegante, com um rosto robusto e bronzeado e cabelo liso que lhe caía para a frente, sobre os olhos, nas fotografias.

Com o seu faro para o engano, o Peregrine sentiu a familiaridade entre o Maximilian e a Meryl quase de imediato, e logo na primeira noite na casa dos barcos, sugeriu-o a Beatrice. (Podes imaginar a cena: uma noite quente de verão, as luzes a brilhar penduradas pelo cais, a música a tocar num

velho sistema de som. Todos aqueles discos que o teu pai tinha trazido de Londres que ainda se tocam no restaurante.)

Com as palavras do Peregrine nos ouvidos, a observar os convidados da casa a atirarem-se completamente vestidos para a água escura e parada naquela noite, o Maximilian e a Meryl entre eles, a Beatrice sentiu um alívio de qualquer coisa. Do compromisso, talvez? Ou da lealdade para com o Max? Em todo o caso, após aquela noite, os seus olhos abriram-se e a sua estrutura moral alterou-se. O Peregrine sugeriu que ela estava presa a um casamento infiel e depois insinuou uma forma de escapar dele. A Beatrice aceitou a sua sugestão e no espaço de dias dormiram juntos. A casa dos barcos era o seu local especial e a pequena antecâmara à saída do edifício principal — aquela com as camas amovíveis para as crianças —, onde eles se esconderam durante horas naquele verão, saindo apenas de vez em quando para ir ao banho, regressando à casa só para jantar. Foi uma traição flagrante e durante algum tempo toda a gente esteve ciente dela, à exceção do Maximilian.

Pela primeira vez, pensei atentamente sobre o mundo em que a minha mãe tinha nascido. Nunca tinha considerado a sua vida independente da minha, nunca tinha pensado nela como filha de alguém ou irmã mais nova do Max e da Elizabeth. Tinham crescido sem mãe, com um pai que era no máximo ambivalente e — dei-me conta —, com a senhora Mins como ama. Quem era o seu modelo quando era miúda? Alguém a deve ter encorajado a continuar a escrever, incentivado a fazer grandes coisas, tal como ela tinha feito comigo. Mas a Barnsley do caderno de apontamentos parecia desprovida de quaisquer possíveis candidatos.

A Meryl, no entanto, mantinha um olhar astuto sobre os acontecimentos. Tens de te lembrar que ela só tinha catorze anos nesta altura, e que quando não era necessária no berçário — o que acontecia muitas vezes, considerando que as crianças ainda faziam a sesta durante o dia —, tinha o talento adolescente para se esconder, movendo-se pelo local sem ser vista ou ouvida, tão lânguida e impercetível como um gato.

Nessa altura, a Meryl ainda tinha planos de regressar à escola no outono. Queria estudar política e andava sempre de nariz enfiado num livro da biblioteca de Barnsley. O Maximilian encorajava-lhe o interesse, sugerindo títulos e contando coisas sobre os seus ilustres amigos. Deslocando-se até à enseada numa tarde para dar um mergulho e ler, ficava a flutuar na água onde podia esperar pela Beatrice e pelo Peregrine sem ninguém notar.

Atirei, zangada, o caderno de apontamentos para o lado. Estas histórias antigas não me ajudavam minimamente. A única parte interessante era a da senhora Mins ter mentido sobre a sua primeira vinda para a Casa Barnsley, como se houvesse algo no passado que quisesse esquecer. Algo que quisesse esconder.

Não me dizia onde estava a Daphne. Não me dizia o que tinha acontecido entre o Max e a minha mãe. Com essas perguntas em mente, deixei-me finalmente sucumbir ao sono.

[2] Em inglês, *nanny* tem dois sentidos, podendo referir-se tanto ao nome carinhoso que as crianças costumam dar às avós, como à ama. A autora joga aqui com os dois. (N.T.)

ERA O PENÚLTIMO DIA de escola antes do Natal e adormeci. Estava a sonhar que o meu pai vinha até à Casa Barnsley à minha procura. Estava zangado, a gritar por causa do cartão de crédito. No sonho, não fiquei surpreendida por ele ter aparecido. Parecia inevitável e real, e a ansiedade que criou só aumentou quando, ao acordar, descobro o Robbie a pairar em cima de mim.

— Menina? — chamou ele.

Não fazia ideia de onde estava.

— Tem as orelhas de rena para o concerto?

A pergunta só ajudou ao meu desconcerto. — O quê? — A minha cabeça latejava ligeiramente e tinha a mente nublada. O sonho tinha-me atirado de novo para o mundo real. O meu mundo real. Aquele em que eu tinha roubado o meu pai e lhe tinha mentido.

— Para o concerto. Amanhã à noite?

Por fim, algo se ligou no meu cérebro. — As orelhas de rena! Sim, quer dizer, não! Procurei no sótão e não consegui encontrar nenhuma.

A expressão do Robbie mudou.

— Eu arranjo umas hoje.

O sorriso, quando apareceu, não era convincente. — Robbie? — Ele parou a caminho da porta. Já estava completamente vestido com a farda da escola e de cabelo penteado como se pertencesse a outra época. — A tua mãe já voltou?

O Robbie abanou a cabeça com tristeza e saiu disparado pela porta antes que lhe pudesse fazer mais perguntas.

Depois de as crianças saírem para a escola, bati à porta do escritório. Com as crianças na escola, assumi que fazia o que queria com o meu tempo, mas a explosão do Max sobre o carro fez-me sentir relutante em inflamar de novo a sua fúria.

— Entre. — Estava sentado à secretária, a franzir os olhos para um papel. Quando levantou o olhar, pô-lo debaixo do mesmo livro vermelho de contabilidade que eu tinha visto na outra manhã.

— Olá. Olá, senhor Summer — gaguejei.

— Olá, Miranda. Pode chamar-me Max. — Olhou na direção de um retrato de um homem com um ar bastante austero na parede oposta. — É... mais fácil. — Ele tinha razão, *era* mais fácil.

— Só queria dar-lhe conhecimento de que vou a pé até à vila para ir buscar algumas coisas para as crianças. Um disfarce, na verdade. Para o concerto de amanhã.

O Max olhou para mim sem expressão. À espera da questão. Tinha imensa coisa na cabeça, imagino. — Não demoro muito. Talvez uma hora? Ou duas. Você sabe melhor do que eu. Quanto tempo é que demora a fazer o caminho a pé para a vila?

— Qual?

— South Bolton? — Tentei recordar-me do que o taxista me tinha dito.

— Ah! Não dá para ir a pé até lá. Espero que queira dizer Minton.

— Quero?

— Estamos a quilómetros de South Bolton. Pode conduzir até lá, se quiser, mas não há lá nada. E as estradas são traiçoeiras para iniciantes. Tem de ter atenção aos veados ao anoitecer. — A sua voz embargou-se.

Olhei pela janela. O sol brilhava através do vidro. Parecia estranho estar a pensar no anoitecer àquela hora da manhã. — Então, talvez vá a Minton.

— Acho que é melhor. Há um caminho ao fundo do jardim. Vai precisar de sapatos confortáveis.

Já estava quase de saída quando o Max voltou a falar. — Porque é que precisa de ir à vila?

— As crianças precisam de orelhas de rena. Procurei no sótão e não consegui encontrar nenhuma.

Ele pareceu ficar ainda mais confuso, talvez um pouco alarmado.

— Para o concerto.

— Qual concerto?

— O concerto de Natal. Amanhã.

— Sim. Sim. — O Max pareceu ficar vagamente em pânico.

— Começa às seis e meia.

— Certo. Sim. Boa. E, Miranda?

— Sim?

— Não mencione nada na cidade, ainda não. Sobre a Daphne. — Acenei com a cabeça. Não sabia que mais fazer.

Sabia bem sair de Barnsley. Quando saí para o sol, à procura do caminho junto à costa que o Max tinha referido, esperei que a Daphne, onde quer que tenha ido, tivesse sentido o mesmo ao sair. Quando a vi, tinha-me parecido frágil, adoentada. Algum tempo longe de Barnsley ia provavelmente fazer-lhe muito bem.

O ar estava fresco. Tinha frio mesmo de gorro, casaco e cachecol. Mas graças à obsessão que as pessoas em Barnsley tinham com o meu calçado, pelo menos tinha sapatos confortáveis.

O caminho começava ao pé do campo de ténis e descia até ao nível da praia quase de imediato, por isso, assim que se lá entrava, ficava-se invisível para alguém que estivesse a observar do hotel. Estava utilmente assinalado com tabuletas da Casa Barnsley especialmente criadas para o efeito, com insígnia e tudo: a do início do caminho informava-me que a distância até à vila era de três milhas e meia. As minhas conversões do sistema imperial para métrico estavam um pouco enferrujadas, mas calculei que fossem quase quatro quilómetros. Uma caminhada razoavelmente robusta, tendo em conta a viagem de volta. Senti-me culpada pela roupa desportiva enfiada na gaveta lá de cima, por usar, e fiquei feliz por estar finalmente a fazer algum exercício, embora tranquilo. #bem-estar #ativa #arpuro

O céu limpo fazia o mar parecer mais azul do que antes; a ideia de nadar naquelas águas nos meses mais quentes tornou-se mais possível, até apelativa. Ao longo do caminho do lado da terra, arbustos de uma altura imensa — azáleas e rododendros, pelo ar — esperavam o florescimento magnífico do verão. Passado um curto período, o caminho curvava em redor de uma pequena enseada e tornou-se húmido debaixo dos pés, atolado de matéria vegetal. Estendia-se outro pequeno caminho a partir do principal, com uma tabuleta da Casa Barnsley que indicava ser o caminho para a casa dos barcos.

A descrição da casa dos barcos no caderno de apontamentos ainda estava fresca na minha mente e o tempo estava ameno. A minha curiosidade aguçou-se e enveredei pelo pequeno caminho até à beira da água. Talvez a Daphne tenha descido até ali para se afastar da atmosfera claustrofóbica da casa. O Max disse que tinha verificado, mas eu não estava convencida de que o tivesse feito como deve ser. Dado o medo no olhar da Daphne, achei que ela se pudesse estar a esconder dele.

Havia uma pequena cabana de madeira presa à beira das rochas, e por debaixo dela, uma mão cheia de barcos a remo a boiar ao longo do molhe de madeira. Em comparação com o resto de Barnsley, a casa dos barcos e o molhe tinham mantido o padrão imaculado. A madeira do molhe parecia ter sido recentemente envernizada e todos os postos brancos de madeira do molhe brilhavam com tinta fresca.

Um olhar pelas janelas a brilhar revelou uma sala decorada com elementos náuticos, sofás brancos cobertos e um cordão de luzes. Não havia sinal da Daphne, mas conseguia imaginar a Beatrice e o Peregrine sentados no bar de madeira recuperada numa noite quente de verão a beberem coquetéis, escondidos do mundo entre os velhos coletes de salvamento e boias de vidro.

Um ranger no molhe atrás de mim perturbou o meu devaneio. — Isto é propriedade privada, menina.

O forte sotaque tornava as palavras quase incompreensíveis e virei-me para ver de onde vinham. O homem elevava-se acima de mim, muito mais alto do que o Max, e uma barba densa tornava difícil adivinhar-lhe a idade.

Ele devia estar a pé desde antes de o sol nascer, pois vestia roupa para fazer face a condições atmosféricas mais inóspitas, com gabardina comprida, calças em tecido encerado e um chapéu para a chuva do tipo que os pescadores usam nos livros de fotografias. A pele do seu rosto tinha um tom acinzentado e via-se desgastada nos sítios onde não estava coberta pela barba, os olhos de um verde marinho, sempre a perscrutar.

— Sou a ama nova. Lá de cima... na casa — balbuciei, a sentir-me exposta. Tinha acabado de me aperceber do nível da minha vulnerabilidade naquele local recôndito.

— É mesmo? É mais velha do que pensava. — Fungou e meteu a mão no bolso, revelando um maço de tabaco e um pacote de mortalhas. Seria a

única por ali que não fumava? — A Meryl referiu que era possível que a encontrasse por aqui a bisbilhotar.

Fiquei parada enquanto ele tentava enrolar o cigarro. Apesar do seu equipamento contra o tempo húmido, as mortalhas pareciam ter ficado molhadas e ele esforçava-se para separá-las com os dedos pouco cooperantes devido ao frio. Por fim, conseguiu fazê-lo e acendeu a coisa, inalando profundamente para depois se virar a olhar para o mar, em vez de para mim. — Isto é lindo num dia como este. — Acenei com a cabeça. — Mas não são águas fáceis. A ilha fica mais longe do que parece.

Era verdade. Daquele ângulo, a ilha parecia mais longe do que me tinha parecido a partir da casa e estava agora parcialmente tapada pelo promontório onde se situava a Casa Barnsley. Eu só conseguia ver a ponta saliente onde o jardim parecia quase tropical, e disse-o, sem saber como preencher o silêncio de outra forma com este homem enorme e inquietante, a perguntar-me quanto tempo mais teria de esperar antes de conseguir fazer a minha escapadela.

— Aqui isto é mais tropical do que em qualquer outra parte de Inglaterra. Conseguimos fazer crescer plantas que não se dariam em nenhum outro sítio. O trisavô do senhor Summer plantou o jardim ali para a sua esposa como presente de casamento. Ela não podia viajar, sabe, e ele queria que visse as plantas que ele viu durante as suas viagens de barco, por isso trouxe-as de volta até ela. Plantou-as na ilha para que não interferissem ali com o seu jardim.

— Isso é romântico — disse eu pela necessidade de dizer qualquer coisa.

— Não é romântico, não. Pragmático. Se é de romance que anda à procura, os homens Summer não serão a melhor aposta, diria.

— Não estou à procura... — comecei por dizer, mas ele virou o olhar na minha direção e eu fiquei com a frase em suspenso, por terminar.

— Seja como for, é um raio de um pesadelo, aquele jardim. Tento olhar por ele o mais que posso, mas aqueles dois não ajudam nada. — Esticou a cabeça em direção à ilha. — Quanto mais se faz, mais há para fazer, dizia a minha mãe. E aqueles dois não fazem nada de nada. Nada.

— Quais dois?

— A Elizabeth e o Tom.

Era claro o desdém no seu tom de voz. — Não percebo o que ela vê neles todos.

— O que vê quem? — Agora não era claramente a altura certa para tornar conhecida a minha ligação ao «eles».

— A Meryl, a minha irmã. Pensa que o sol brilha a partir das suas... — Parou. Estremeceu.

Olhou em redor como se alguém pudesse estar a observar. Segui-lhe a linha de visão. Uma pequena câmara, enfiada debaixo do beiral da casa dos barcos. Alguém *estava* a observar.

— Sou a Miranda. — Estiquei a mão, na esperança de que aquilo parecesse um encontro inocente para quem quer que estivesse a observar. Um encontro por acaso entre dois estranhos. Que era precisamente o que era.

Sorriu, sacudiu a cabeça e deu um último bafo no cigarro. — Sou o Leonard. Todos aqui me chamam de senhor Mins. — Ah, o famoso senhor Mins.

Apagou o cigarro na sola da sua bota pesada e depois, assim que a última cinza ficou completamente negra, enfiou-o de novo no bolso do casaco. — O Max não gosta de ver beatas por aí — disse ele à laia de explicação. — E quem é que lhe pode levar a mal? Hábito nojento. — Riu-se, tossiu e depois voltou-se a rir. — E nós não queremos fazer o Max zangar-se, pois não?

Por fim, pegou na minha mão esticada e apertou-a com firmeza, olhando-me nos olhos o tempo todo. — Tenho de ir andando — disse eu, a tentar desviar-me devagar. Alguma coisa naquele homem estava a fazer-me sentir desconfortável.

— Agora, ninguém diria — disse ele, ou por não me ter ouvido, ou escolhido não ouvir —, mas no verão a maré desce tanto que nalguns dias até dá para se ir a pé até à ilha. — Olhei para a água, mesmo encostada às rochas do porto, a bater loucamente debaixo do molhe, embora não estivesse qualquer vento. Não conseguia imaginar a enseada sem água, como os enormes bancos de areia nas praias onde eu costumava brincar em criança.

— Não, não consigo imaginar isso, de todo — respondi. — Vemo-nos por aí. Estou a caminho da vila.

— Mas não no inverno — respondeu a abanar a cabeça. — Ela não teria entrado na água.

— Como assim? Sabe onde está a Daphne?

O senhor Mins olhou para mim com ar severo. Arrependi-me de imediato de ter dito o que quer que fosse. — Fazer mexericos não compensa por aqui. Tem de aprender isso rapidamente.

Mesmo apesar de o seu sotaque ser forte, percebi cada palavra proferida. Virei-me e disparei em direção ao caminho principal, desistindo por completo da ideia de uma despedida civilizada, e só parei de correr quando cheguei à beira da vila. Foi uma sorte ter calçado sapatos confortáveis.

MINTON ERA inesperadamente bonito e estranhamente familiar. Deve ter sido usado como local de filmagens para algum programa de televisão que a Fleur e o meu pai viam ao domingo à noite, do género daqueles que eu costumava escarnecer até perceber no ano passado como a televisão de escape podia ser reconfortante. Com certeza que deveria ter visto um veterinário excêntrico a pedalar por aquelas ruas, ou uma donzela peituda a despedir-se de um pretendente marinho naquela mesma cidade, mas não conseguia situar bem a memória.

A caminhar pelas pequenas ruas calcetadas, tive a sensação de estar num universo alternativo. Chalés coloridos abriam-se diretamente para as ruas e os pequenos *pubs* abatidos pelo tempo tinham ar de quem servia a mesma cerveja e tartes há gerações. Estava sossegado, só com alguns moradores em redor, mas a profusão de gelatarias e quiosques sugeria que no verão devia de facto ser bastante movimentado.

O tipo de loja que eu procurava existia por todo o lado na Austrália, em qualquer artéria comercial suburbana e centro comercial local. Vendiam de tudo, de papel de embrulho a camas para cães, de disfarces do Dia das Bruxas a cestos de plástico. Esperava que esse tipo de lojas fosse de conceito universal, e fiquei agradada ao virar para a rua ao longo da beira da água e ver o sinal indicador: pilhas de bacias de plástico à frente de uma montra.

De orelhas de rena na mão e de missão cumprida, vagueei pelas ruas por algum tempo. Parte de mim esperava dar com um café como os de que eu tinha saudades em casa. Apesar de tudo, ansiava pelo tipo de comida a que estava acostumada. Taças de açai. Sumos verdes. Abacate esmagado sobre

pão de sementes. *Shots* de curcuma. Não havia nada relativamente perto disso, só quiosques fechados de peixe frito e batatas e algumas pastelarias a vender pastéis da Cornualha. Contentei-me com uma barra de chocolate da parafarmácia da *Boots* para comer no caminho de regresso a Barnsley. Não havia ninguém ali para ver, afinal de contas.

Quando me estava a dirigir na direção de onde tinha vindo, pensei no que fazer a seguir. Tinha vindo de tão longe — desistido do meu emprego e colocado a minha já frágil relação com o meu pai em perigo — a capricho de uma adolescente em histeria. Precisava de conseguir estar sozinha com a Sophia para conseguir mesmo falar com ela, mas as portas fechadas a bater e os maus humores juvenis estavam a tornar isto mais difícil do que tinha esperado.

A verdade — e nunca a tinha admitido até agora — era que não me tinha de facto importado com a Sophia quando recebi a carta. Era uma saída fácil, uma razão para fugir. Foi uma oportunidade de descobrir mais coisas sobre a minha mãe, mas na verdade, era uma oportunidade de descobrir mais sobre mim mesma. Ao vir para Barnsley, ia descobrir mais sobre a mulher que eu tinha idolatrado e porque é que ela tinha deixado a casa de família. Talvez descobrisse porque é que tinha sido banida da família. Talvez descobrisse o que é que tinha feito de errado.

Assumindo que tinha feito algo de errado.

Daquilo que tinha lido no caderno de apontamentos, a admiração dos homens Summer podia rapidamente mudar. O Maximilian, pai da minha mãe, tinha idolatrado a sua mulher Beatrice, até ao dia em que deixou de fazê-lo. O Max, meu tio, amava a Daphne, mas não tinha casado com ela. Talvez o único verdadeiro crime da minha mãe tenha sido dizer a verdade sobre os homens da sua família. Tinha posto a cabeça acima do parapeito e sido rapidamente derrubada. Conheço a sensação.

Todas as pequenas vielas pareciam iguais e nenhuma delas em linha reta. Depois de ter passado pelo mesmo chalé de reboco cor-de-rosa pela terceira vez, desisti de refazer os meus passos e, em vez disso, encaminhei-me para a água reluzente que me chamava entre os edifícios quase unidos. Era tudo muito parecido na zona ribeirinha, com os imóveis da cidade aparentemente divididos entre restaurantes de comida rápida e casas de férias impressionantes de estores corridos até aos meses de verão, mas pelo menos

podia finalmente ver o início do caminho junto à costa mais à frente do paredão.

A minha mãe devia ter caminhado naquelas mesmas ruas. Imaginei-a a passar pelas mesas de piquenique vazias e placas de sanduíches acorrentadas, a pensar nas mulheres mortas que existiram antes dela — a Elspeth e a Gertrude, ou a Sarah e a Beatrice — tal como eu estava agora a fazer. Também se agrupavam para mim. Não só as mulheres d'*A casa das noivas*, mas as que partiram recentemente. A minha mãe. A Daphne. Havia qualquer coisa errada em Barnsley e eu tinha de tentar consertá-la. E para fazer isso, precisava de saber o que era.

Saindo em direção ao mar, perdida nos meus pensamentos, quase fui varrida por um pequeno autocarro. A buzina soou de imediato, ensurdecedora até mesmo no meio da cacofonia das gaivotas. De coração acelerado, pulei de novo para o passeio. O autocarro público de Minton roncou pela colina acima, com as cabeças grisalhas a balançar à janela, aparentemente imperturbáveis com o quase atropelamento.

Decidindo que era perigoso ficar mais tempo numa cidade de cidadãos seniores enlouquecidos, dirigi-me para o caminho. A barra de chocolate no meu bolso pesava-me na consciência. Estava a pensar em abrir o pacote e dar a primeira deliciosa dentada quando o sol fez brilhar uma pequena placa de bronze num edifício baixo azul-claro, desviando a minha mente da guloseima por um momento.

SOCIEDADE HISTÓRICA DE MINTON

Colada ao interior de uma pequena janela, perto da placa, havia um aviso com o nome da Jean Laidlaw e um número de telefone. «Fechado durante o inverno», lia-se; «Por favor, ligue para fazer marcação.». Tinha um número de telefone em baixo.

Não havia tempo naquele momento. Olhando para o meu relógio, percebi que ia ter de me apressar para regressar a Barnsley antes do almoço. Tirei o meu telefone inútil, sem rede ou saldo, e tirei uma fotografia ao cartão. Noutro dia.

Enquanto vagueava pela colina até Barnsley, relaxada depois da minha caminhada e a vibrar pelo consumo de açúcar — o meu corpo ainda não estava acostumado aos ataques do açúcar refinado —, vi o Max a vir pelo

relvado da casa dos barcos. Parecia desconfortável, inquieto, constantemente a olhar pelo ombro como se alguém ou alguma coisa o estivesse a observar. Lembrei-me da câmara que tinha visto anteriormente na casa dos barcos. Talvez alguém estivesse. — Andou à procura da Daphne? — perguntei. Pareceu-me uma suposição suficientemente razoável.

— Não. Ela depois aparece. Ainda só passou um dia ou pouco mais.

O *só*, na minha opinião, pareceu um eufemismo. Para a Daphne, na sua condição, estar desaparecida uma série de horas podia ser perigoso. — Ela já fez isto alguma vez?

— Não desde o acidente, não. — O Max olhou em redor, como se alguém pudesse estar a ouvir. — Mas antes disso, bom, era uma ocorrência bastante comum.

Devo ter ficado com ar de dúvida, porque o Max parou, forçando-me a parar e a olhar para ele de frente. — Ouça, Miranda. Não se deve envolver demasiado nisto. A Daphne tem tendência a, hã, tendência a...

— Desaparecer?

— Fazer dramas.

Caminhámos juntos até casa. Num gesto de cavalheirismo pouco habitual, o Max aliviou-me do peso do saco de compras, e num ainda menos habitual gesto de interesse, perguntou-me o que tinha lá dentro. Estaria a tentar desviar a minha atenção? Ou pior, estaria mesmo interessado em mim? — Presentes para as crianças — respondi. — Os orelhas de rena. — Como se os cornos de feltro com sinos a baterem-lhe contra a perna das calças não fossem suficientemente óbvios.

— Natal — disse em tom monocórdico. — Claro.

— Na segunda — disse eu solicitamente, como se a data do Natal pudesse ter mudado naquele ano. — Tinha ideia de lhe perguntar: é suposto eu trabalhar?

— Ainda não pensei bem no Natal, para ser sincero — disse ele a esfregar uma barba imaginária no queixo. — Ainda não fiz nenhuns planos.

Compreensível. — Talvez a Elizabeth possa tomar conta disso — disse eu, esperançosa —, ou a senhora Mins. — Por favor, não me peças para cozinhar, estava eu a pensar. O meu repertório na cozinha não se estendia propriamente até ao peru, ganso, ou qualquer outra hipotética carne assada festiva costumeira naquele país.

Em casa, teríamos marisco: dezenas e dezenas de gambas descascadas pelo meu pai na véspera de Natal; lagostins encomendados com antecedência na peixaria e ostras descascadas na manhã de Natal. À noite comíamos pequenos rolos de presunto a bater os pés na piscina enquanto refletíamos sobre o dia. Isso não ia funcionar bem ali, suspeitava.

— Há uma coisa que pode fazer por mim que me ia ajudar imenso. Vem comigo à cidade para comprar presentes de Natal para as crianças? — perguntou o Max. — Parece tê-las conhecido bem com rapidez e tenho a certeza de que terá mais ideias do que eu sobre as coisas de que vão gostar.

— Mas acabei de vir de lá! — exclamei a esforçar-me por colocar as minhas emoções em conflito por palavras.

— Você esteve na vila. Eu proponho que vamos à cidade. Fica só a quarenta minutos ou pouco mais, se se conhecer as estradas secundárias.

— Tenho de estar de volta para ir buscar as crianças. — A ideia de regressar ao caderno de apontamentos estava a escapar-se.

— Vai ter imenso tempo. Até ainda podemos chegar a tempo de almoçar num *pub*, se formos já.

— Então e a Daphne?

— *Já chega* de falar da Daphne.

Parecia que eu não tinha voto na matéria.

FOMOS DE CARRO até à cidade num velho *Land Rover Defender* verde-tropa. Parecia-me um veículo agrícola, por isso afirmei-o.

O Max concordou. — Barnsley é uma exploração agrícola, sabia? Ali atrás temos centenas de ovelhas Jacob. — Ele apontou para algumas das pastagens por onde estávamos a passar. O tamanho do sítio chocou-me. Na minha cabeça, Barnsley acabava no final do caminho de entrada. — É um carro muito confortável e um verdadeiro burro de carga. Nunca me deixou ficar mal.

Para variar, o Thomas estava ausente, mas tinha deixado recordações da sua presença: milhares de pelos pretos que rapidamente se agarraram à minha roupa. Tentei escová-los com a mão e o Max, mantendo um olho na estrada, murmurou: — Se fosse a si, nem me dava ao trabalho. É uma batalha que não vai conseguir ganhar. Da próxima vez, vista-se de preto.

Parou o carro de repente. E o mesmo se passou com o meu coração. — Porque é que parámos? — As palavras saíram-me tremidas.

O cimo do penhasco onde estávamos tinha vista para a vila e sobre a baía.

Eu não conseguia ver a estrada do meu lugar. Só água. Agitada, picada e ameaçadora. Eu sabia nadar, mas aquilo era um abismo. A Daphne tinha desaparecido e agora eu estava sozinha com o Max. Alguém sequer se aperceberia se eu desaparecesse?

O Max inclinou-se do lugar ao volante de tal forma que o seu corpo ficou quase diante do meu. Sustive a respiração, em parte porque o seu cheiro de perto era arrebatador, mas mais porque não havia forma de negar a sua intenção. Mas depois, colocou a mão esquerda no lugar ao lado do meu e

apontou para a água. Expirei. — No verão, esta baía está cheia de barcos de pesca e de famílias a remar. — Os olhos do Max examinaram a costa de uma ponta à outra, à procura. Do quê, não sabia. — Provavelmente não é lá grande praia aos seus olhos australianos — a palavra *australianos* enrolou-se-lhe nos lábios —, mas em julho é o céu na terra.

— Sim, às vezes areia branca e mar azul tornam-se num exagero. O sol também — comentei. *Mantém a calma.*

O Max ignorou-me. — Não foi fácil construir esta estrada. Surgiu a grande custo e com extrema dificuldade. A maquinaria causou o caos nas estradas da zona, mas a Daphne insistiu. Dizia que esta vista a fazia recordar de casa.

Desta vez fui eu que examinei a costa de uma ponta à outra. Nem mesmo franzir os olhos e tentar imaginá-la num dia de verão adiantou. O panorama era sombrio e nada parecido com as praias da minha infância.

Por fim, o Max continuou o caminho. Tinha as janelas todas abertas, o que ajudava com o penetrante cheiro a cão, mas tornava a conversa bastante difícil. Concentrei-me em ver as paisagens e tentar situar-me. Era inútil. De cada vez que achava que íamos virar para um sítio, virávamos para outro.

As terras por detrás da Casa Barnsley rapidamente se tornaram rurais e passámos por fazendas ao longo de estradas limitadas por sebes e por caminhos silvestres. Por inúmeras vezes parámos e fizemos marcha-atrás em pequenos recortes para deixar passar os tratores das quintas. Num deles, havia uma pequena estrutura de madeira em vez de um portão.

— Sabe o que é aquilo? — perguntou o Max.

Engoli em seco com os nervos antes de responder. — Um portão do beijo[3].

Ele franziu as sobrancelhas e continuou a conduzir.

O Max não estava a brincar quando disse que íamos por estradas secundárias. Só deixando um rasto de migalhas é que eu conseguiria alguma vez encontrar o caminho de volta para Barnsley. Tentei imaginar a Daphne por aquelas estradas no escuro. — Acha que ela teria apanhado um táxi? — perguntei ao Max quando abrandámos para entrar na cidade e já era possível falar.

— Quem?

— A Daphne. O taxista que me foi levar na outra noite era muito conversador. Provavelmente seria capaz de lhe dizer onde é que ela foi. Não

pode ter ido longe. — Olhei para o Max, mas estava resolutamente focado na estrada. — No estado dela — acrescentei quando parámos nos semáforos, os primeiros que via em dias.

O Max olhou intensamente para mim. Persistiu um silêncio desconfortável até o semáforo ter passado finalmente a verde e o carro atrás de nós buzinar. A sua pele ficou branca na alavanca das mudanças enquanto colocava a primeira.

Por fim, quando falou, as suas palavras saíram forçadas. — Tenho um ditado sobre as compras de Natal: algo que queiram, algo de que precisem...

— Algo para vestir e algo para ler — completei eu a frase por ele. — A minha mãe também costumava dizer isso. Quer que eu telefone à companhia de táxis?

Ele voltou a ignorar-me. — A Daphne nunca cumpre. Os montes de presentes que compra aos filhos. É criminoso.

Criminoso. A palavra pôs fim à conversa e ficámos ambos em silêncio. Eu furiosamente a pensar na Daphne e na relutância de o Max fazer o mínimo esforço de investigação acerca do seu desaparecimento; e o Max, bom, simplesmente a parecer furioso. — Onde é que vamos primeiro? — perguntei quando chegámos à cidade ao meio de um aglomerado de peões e decorações de Natal penduradas. Tudo parecia alegre e natalício, e senti-me de repente mais festiva, conseguindo afastar a Daphne do pensamento por um momento.

— À livraria? — sugeriu o Max, olhando para as montras das lojas de roupa com ar desconfiado. A música estava aos berros, numa cacofonia de barulho. Ele estremeceu.

— Porque é que não despachamos logo isto? — propus. — Espere aqui.

Embrenhei-me na primeira loja, reparando que os manequins da montra tinham as mesmas calças de ganga e os *tops* às riscas de que a Sophia gostava. Os meus dias no retalho tinham-me sido úteis e sentia-me confiante para tomar decisões rápidas e calcular o tamanho da roupa da Sophia. Assim que reuni alguns itens, fiz sinal ao Max para entrar e pagar, o que ele fez, tirando uma carteira recheada com uma série de cartões de crédito. Hesitou antes de seleccionar um, aparentemente ao acaso, e reparei que nem sequer olhou para a assistente de loja nos olhos até ela ter completado a transação e as compras estarem em segurança nas minhas

mãos. — Não foi assim tão difícil, pois não? — perguntei, a saborear a oportunidade de estar em vantagem. Por uma vez, estava na minha zona de conforto e o Max bem longe da dele.

— Não sejamos complacentes. É uma prenda para uma filha. Tenho três filhos, como sabe.

Seguimos o padrão nas lojas seguintes, com o Max à espera lá fora enquanto eu selecionava os presentes, entrando só para pagar no último minuto. Até eu estava surpreendida com o quanto tinha aprendido sobre as crianças em tão pouco tempo: sabia que a Agatha precisava de alguns pijamas novos e que os que tinham unicórnios seriam os melhores; a Sophia falava tantas vezes no *iPod* da sua amiga Jasmine que convenci o Max a comprar-lhe um; e o Robbie ia adorar qualquer coisa com as cores da sua amada Southampton.

Quando chegámos à livraria na outra ponta da rua, estava surpreendida de como tínhamos sido eficientes. — Estamos quase prontos — disse eu, enquanto o Max me segurava a pesada porta da frente e uma rajada de ar quente passava por mim para a rua. Colocou-me a mão ao fundo das costas enquanto eu passava e o meu corpo ficou tenso. O seu toque foi demasiado alto para ser sugestivo, mas demasiado baixo para ser familiar. O cheiro da livraria estava em desacordo com o desconforto que eu estava a sentir: seguro, a papel e familiar.

O Max pegou ao acaso numa biografia do Winston Churchill e noutro livro da mesa de não-ficção que eu não consegui ver bem, e enfiou-os debaixo do braço. Pesquisámos em silêncio durante alguns minutos, a ouvir as notas familiares do *Little Drummer Boy*. Selecionei alguns livros para o Robbie, quase todos históricos e sobre os aspetos mais horrorosos do período Tudor, e depois pedi à assistente para me encontrar um pequeno guia sobre casas assombradas na zona. Para a Sophia foi fácil: encontrei algumas bonitas edições novas da Jane Austen que iam ficar muito bem ao pé da cama, mesmo se ela não as lesse. — Sobre a Agatha... — comecei enquanto *Little Drummer Boy* acabava e começava *Let It Snow*.

— Sim — disse o Max, a trautear ironicamente. — O que é que ela tem? — A sua disposição pareceu ter melhorado com a música.

— Acho que lhe devemos comprar alguns livros onde não figurem pais ausentes.

— Uma ideia adorável. Barnsley está nessa. — O Max apontou para o pequeno livro que eu tinha na mão para o Robbie. — É suposto haver uma velhota a rondar na ala leste. Pode dar-lhe pesadelos.

— Oh. — Uma velhota? A minha avó. A mãe dele. Engoli o meu choque, convencida de que era só mais um teste com o intuito de me fazer tropeçar. Forcei-me a recordar-me da minha mãe. De algum modo, o Max tinha-a banido para o outro lado do mundo. Não me ia atingir também a mim. — Então vou pô-lo no sítio. — Olhei em redor para ver de onde a rapariga o tinha tirado para que pudesse substituí-lo discretamente.

— Não me preocuparia com isso. Os vivos são de maior preocupação em Barnsley do que quaisquer velhas histórias sobre fantasmas. Podia fazer-lhe bem para ter uma ideia da história do local.

— Ah, são? — Virei-me, desejosa de aprofundar a conversa, mas o Max tinha avançado. Enfie o livro de novo no meu monte, resolvendo lê-lo antes de decidir se devia ou não colocá-lo debaixo da árvore de Natal. Antes de decidir o que era mais perigoso em Barnsley.

O tempo estava a passar. Escolhi uma história maravilhosamente ilustrada com elementos escondidos para o leitor descobrir, e alguns livros bastante inofensivos, divididos em capítulos, sobre duas raparigas e um pónei. Ia ter de servir, embora eu temesse que os livros fossem uma desilusão para a Agatha depois das aventuras excitantes da *Pipi das meias-altas* e companhia.

— Já são horas de almoço? — perguntou o Max quando saímos da livraria, num tom de voz que quase soou a um lamento. Também podia ter sido interpretado como sedutor, se ele não fosse meu tio e eu gostasse desse tipo de coisa. Que não gostava.

— Tenho mais uma ideia para o Robbie — disse eu a conduzi-lo até uma loja de eletrónica em que tinha reparado antes. Estava com muito mais gente do que a livraria e tivemos de nos empurrar para passar por uma série de gente aglomerada nos expositores dos *tablets*, portáteis e outros equipamentos eletrónicos. A maioria seria completamente inútil em Barnsley com o estado da ligação da Internet.

Um casal mais velho desviou-se a abanar a cabeça em perplexidade ante o produto diante deles, e conseguimos chegar mais perto. — Achei que isto podia ser bom para o Robbie. É uma câmara e pode-se levá-la connosco a onde quer que se vá. Até se pode arranjar uma bandana ajustável e amarrá-

la à cabeça, para que a câmara veja o mesmo que se está a ver. Pode dar jeito para as suas caçadas aos fantasmas.

Virei-me para o Max, à espera de ver um sorriso, especialmente por eu ter proferido as últimas palavras num tom de voz teatral deliberadamente assustador, mas ele não estava divertido. De facto, já se estava a afastar. — Não, de modo algum — respondeu já a retirar-se.

— Porque é que não? — perguntei sem ver a fúria a crescer na expressão do Max.

— Porque eu assim o digo e sou o pai.

Nesta altura já tínhamos chegado ao passeio e fiquei grata pelo ar fresco que serviu de algum modo para aliviar o ardor lento que me invadiu as faces. Era o embaraço a fazer-me corar, mas veio tingido de raiva. Estava a começar a ressentir-me pela forma como os humores do Max oscilavam de lugar em lugar, deixando-me de cabeça à roda a perguntar-me qual seria a sua próxima jogada.

— É só uma câmara.

— Não quero mais câmaras na minha vida. Já causaram problemas suficientes ao longo dos anos — declarou.

Lembrei-me das câmaras que tinha visto por Barnsley: no restaurante e na casa dos barcos. A quem é que causaram problemas? As câmaras detinham a pista para o desaparecimento da Daphne? Era mais um mistério para adicionar à minha lista crescente.

[3] No original, *kissing gate*, um portão semicircular, retangular ou em forma de V, muito comum no Reino Unido, colocado no limite das pastagens para permitir a passagem de pessoas sem soltar os rebanhos. Tem uma parte articulada que «beija» as extremidades de uma vedação. (N.T.)

A VIAGEM DE CARRO de saída da cidade foi tão tempestuosa como a anterior, com o cenário a desenrolar-se na direção inversa. Tentei tomar nota das viragens e estradas que tomámos até estarmos numa estrada secundária que, apesar da minha confusão, eu tinha a certeza de que não tínhamos tomado naquela manhã. Ainda à espera de que o Max dissesse alguma coisa, mantive-me calada. Por fim estacionámos num parque de estacionamento de um pequeno *pub* rural. Localizado junto a um rio, não era maior do que uma casa e, ainda assim, havia carros por todo o lado. Tínhamos chegado a um local muito popular.

— Vamos almoçar? — perguntou o Max. A expressão na sua cara sugeria que sabia que não se tinha comportado bem e que o almoço pudesse ser reparo suficiente.

— É você que paga? — Recusei-me a deixar que me intimidasse, mesmo apesar de o medo e a suspeita estarem a começar a importunar as zonas mais negras do meu subconsciente. Para além disso, tinha uma ligeira ansiedade a despontar: o Max estava a mostrar mais interesse em mim do que o estritamente apropriado, dado o facto de eu ser funcionária e, bem, mesmo sem ele o saber, sua sobrinha.

— Você pediu com tanta simpatia que não posso deixar de me sentir inclinado a isso, mas é claro que, para si, só um prato. E que seja uma entrada. — Tinha um sorrisinho nos lábios, mas que não se estendia até ao olhar. Havia ali outra coisa, mas eu não podia tocar na ferida. Saltei do carro e bati com a porta.

«Cabeça de Veado», lia-se na tabuleta por cima da porta, e abaixo dela, numa pequena placa de bronze tão polida que reluzia: «Proprietário: M.

Summer».

— Há alguma coisa por aqui que não lhe pertença? — perguntei a forçar-me a manter o ambiente leve enquanto o Max empurrava a porta. Era mais fácil estar relaxada na pequena sala de jantar com vigas baixas e mesas de madeira cheias de clientes, longe do confinamento claustrofóbico do carro. Para hora de almoço de um dia de semana, estava com muito movimento, e a maioria dos clientes reparou no Max a entrar, murmurando para os seus companheiros de almoço enquanto olhavam na sua direção.

Parecia provável que alguém nesta pequena comunidade soubesse alguma coisa sobre o desaparecimento da Daphne. Talvez estivesse na casa de um deles. Talvez tenha feito sinal a um dos seus carros. Talvez estivesse ali.

— Parece que até o dono pode ter dificuldade em arranjar lugar nesta altura do ano — comentou, alheio à atenção, a examinar a sala em busca de sinais de uma mesa vazia ou a partida iminente de um cliente. — Podemos ter de passar para o bar.

— Não me daria a esse trabalho — disse uma voz atrás de nós. — Há um grupo inteiro de professores lá dentro a celebrar o final do ano. Qual é o termo coletivo para professores, de qualquer modo?

A voz era instantaneamente reconhecível, mas o Max esperou até se ter virado para a encarar antes de lhe falar. — Elizabeth. — Beijaram-se em ambas as faces, tomando grande cuidado para minimizar o contacto físico.

— Gosto de te ver aqui.

— Só estou a ajudar o negócio de família. — Segurava o maço de cigarros na mão, claramente a caminho da rua.

— A almoçar de graça, queres tu dizer?

A Elizabeth ignorou-o. — Fiquem com a nossa mesa. Estávamos prestes a ir embora, não estávamos, Tom?

Antes de o Tom ter oportunidade de responder, o Max disse: — Não nos fazem companhia?

— Não sejas paternalista, Max. Não te fica bem. Já comemos.

A julgar pela figura esguia da Elizabeth, que estava realçada naquela tarde por um vestido de *tweed* cingido na cintura com um cinto cor de mostarda, qualquer coisa que tenha comido foi moderada, em contraste direto com a grande refeição que eu estava à espera de consumir às custas do Max. Andava a sobreviver à custa dos jantares remendados que fazia

para as crianças: *pasta* com *pesto* de frasco; ovos mexidos com ervas, cortesia da horta e galinheiro de Barnsley e, claro, torrada com Marmite. Tinha aprendido a gostar bastante de Marmite, mas desejava comer uma refeição decente: carne e vegetais, comida de faca e garfo com companhia adulta.

A Elizabeth espreitou em meu redor, à procura de alguém. — Nem parece da Daphne perder um almoço num *pub* — disse ela. O Max ignorou o comentário.

— Quem é que vai a conduzir? — perguntou ele. Vapores vinícolas reveladores emanavam da Elizabeth e uma franqueza cândida que parecia absolvê-la da responsabilidade.

— Vindo de ti, é uma bela pergunta — respondeu ela. Nenhum dos dois parecia reparar que o *pub* tinha ficado em silêncio em redor, tendo os clientes abandonado a sua indiferença cuidadosa em favor de olhares fixos diretos. — Não há nada mais hipócrita do que um viciado reformado.

— Eu vou a conduzir, Max, por isso está tudo bem — interveio finalmente o Tom. O seu desejo de acabar com o espetáculo deve ter-se sobreposto à sua relutância em pronunciar-se.

— Está bem, Tom. Peço-vos que tenham cuidado se saírem para a ilha. Agora o tempo está calmo, mas na rádio disseram que se vai levantar vento à tarde.

— Já o fizemos um milhão de vezes, Max — disse a Elizabeth, sem se deixar silenciar por muito tempo. Parecia dividida entre ir lá para fora com os cigarros ou entrar a matar. — Diria que ele conhece os canais para a ilha melhor do que qualquer pessoa.

O Tom agarrou com força mesmo por debaixo do cotovelo da Elizabeth, apenas com uma careta dela e os nós brancos dos dedos dele a darem indicação da força com que a segurava. Ela continuou a falar enquanto estava a ser conduzida porta fora. — A nossa mesa fica ali ao fundo, atrás da lareira. Mas não precisas que eu te diga isso, pois não?

Para minha surpresa, o Max riu-se. Assim que a porta se fechou em segurança nas costas da irmã, disse num tom mais alto do que o estritamente necessário: — Bem, podemos sempre contar com a Elizabeth para dar um belo espetáculo, não é verdade? — Caminhámos pelo restaurante, mais uma vez com os clientes a evitarem olhares, tirando alguns que se levantaram ligeiramente dos lugares, fizeram um aceno de

cabeça ou apertaram a mão ao Max. O Max foi simpático, cumprimentando as pessoas pelo nome e dando até uma palmadinha no ombro de um homem, questionando-o sobre a venda recente de uma parcela de terra. Mas quando ele perguntou pela Daphne, o Max avançou rapidamente e, quando chegámos à pequena mesa de fundo, tinha a exaustão estampada na cara.

— Eu sento-me aqui — disse, escolhendo a posição de canto no banco confortável. — Gosto de ficar de olho nas coisas. Que tal uma bebida? — Nesse preciso momento, uma caneca do que parecia ser água com gás foi-lhe colocada à frente e uma mulher loura ligeiramente redonda, de redonda cara vermelha a condizer, perguntou: — O que é que vai querer, querida?

Enquanto decidia, a empregada de mesa observou-me atentamente, absorvendo cada detalhe. Parecia desapontada com a minha aparência: uma camisola confortável cinzenta com a gola de uma camisa de xadrez a aparecer por debaixo. Calças de ganga e botins. Sem decote, sem tatuagens, sem cirurgia estética aparente.

— Um... — disse eu à procura de alguma espécie de lista de bebidas, um quadro de lousa com os vinhos, qualquer coisa que me pudesse ajudar.

— Ela bebe uma cerveja. Obrigado, Sue.

— Tem a certeza disso, querida? — A Sue olhou para mim, ignorando o Max, como se eu não soubesse o que queria. Sabia.

— Sim — respondi —, se faz favor — acrescentei para amenizar a minha expressão gélida. Uma cerveja podia ser uma mudança simpática e, no pequeno mundo em redor de Barnsley, não ganhava nada em colocar alguém de lado. Nunca se sabe quando é que voltavam a aparecer.

A Sue examinou-me de novo. Devia ter passado algum tempo desde a última vez que tinha vindo uma pessoa nova ao *pub*. — A Daphne está boa? — perguntou, por fim, colocando a tampa na caneta sem olhar para o Max. — Há uns tempos que não a vejo.

O Max engoliu em seco, com um movimento intencional de garganta.

— Ela costumava estar cá todos os...

— Ainda está a recuperar do acidente, Sue. Eu digo-lhe que mandou cumprimentos.

— Lamento pela Elizabeth — disse o Max quando a Sue se foi embora, mesmo apesar de a Elizabeth ser a última coisa que eu tinha em mente. — Ela tem tendência a beber muito. Sempre teve. Ultimamente tem andado

pior e não me parece estar a melhorar. Não ajuda que ela e o Tom estejam sempre a ir para a ilha, dia sim, dia não, sem nada para fazer.

— Ela não me incomoda. Gosto bastante dela.

A porta bateu e o Max esticou o pescoço para ver quem estava à entrada. — Cuidado. Ela parece divertida, mas é calculista. Não lhe conte nada que não queira ver ser usado contra si. Está convencida de que... — Calou-se quando a Sue reapareceu com a minha cerveja, dando um grande espetáculo a ajustar a base debaixo do copo, a atrasar-se o máximo de tempo possível.

— Está convencida de quê? — perguntei no preciso segundo em que a Sue ficou fora de alcance. Não queria que o Max perdesse o rumo da conversa, mas era demasiado tarde.

— O Tom deixa-a pisá-lo. Era meu amigo, sabe, de escola. Costumávamos ser muito chegados. Foi assim que se conheceram. O Tom costumava vir comigo para casa nas férias escolares porque a sua própria família era disfuncional. Trocou uma por outra. — Abanou a cabeça enquanto dava outro gole. — Adiante, como é que se está a ambientar? Está preparada para trocar a sua família disfuncional pela nossa?

Apressei-me a dar um gole enorme na minha cerveja. Engoli-a e depois senti o gás a efervescer dentro do nariz. Fiquei com lágrimas nos olhos com a tentativa de conter o gás. Tudo para evitar contacto visual com o Max.

Mas ele estava à espera. Queria uma resposta. Pensei no que dizer. Quanto mais tempo passava em Barnsley, menos me conseguia imaginar a voltar a entrar no meu velho mundo: uma vida familiar na qual eu esgravatava nas margens, desesperada para ser incluída, desesperada para ser perdoada. Amigos que evitavam as minhas chamadas e avançavam rapidamente em empregos conceituados, a começarem as carreiras, enquanto eu desperdiçava uma semana inteira de trabalho num emprego no retalho. Rapazes que eu tinha conhecido a vida inteira a substituírem-me por raparigas mais novas ou interessantes, raparigas com menos história. Pelo menos aqui em Barnsley, tinha o fascínio de ser uma estranha, um *glamour* de alteridade que disfarçava as minhas falhas transcendentais. Era inebriante.

— Gosto disto — respondi. Não só gostava, como me sentia necessária. As crianças precisavam de mim. E talvez até a Daphne precisasse de mim.

— Por enquanto. Espere até depois do Natal, quando vier o frio a sério. Quando chegarmos a fevereiro, vai estar a chorar pela sua mãe.

— A minha mãe morreu há muito tempo.

O Max olhou-me com atenção. — Ah, sim?

— Quando eu era criança. Tinha a mesma idade da Agatha, quase precisamente.

— Lamento.

— Não é preciso. Mas é difícil para os filhos.

— E o seu pai?

— Voltou a casar. Alguns anos depois. Foi demasiado cedo, para mim, mas ele estava feliz. A minha madrasta é simpática, mas não é a minha mãe e nunca fingiu ser.

— Isso é um alívio, imagino.

Nunca tinha antes pensado naquilo daquela forma. Durante a maior parte do tempo da minha infância, tinha desejado sentir-me mais incluída, mais amada pela minha madrasta, mas pelo menos ela tinha-me libertado de qualquer obrigação de a amar. Houve um instante de contacto visual e depois o Max desviou o olhar.

— Ah, Sue, cá está você.

— Vão pedir alguma coisa para comer hoje? É só porque a cozinha está prestes a encerrar e não queremos que fiquem com fome.

— Seria uma pena, não era? Ainda por cima no meu próprio *pub*.

— Uma pena terrível, senhor Summer.

— Poderia sugerir-nos alguma coisa do menu que não desse muito trabalho ao chefe a preparar? — Olhou para mim, com um sorriso cínico.

— O almoço à lavrador é rápido e fácil. Só temos de cortar algum pão e queijo, colocá-lo no prato e está a sair.

— Obrigado, Sue. Vou querer carne de veado.

A Sue pareceu perplexa, mas apontou o pedido, de qualquer modo, escrevendo-o cuidadosamente no seu pequeno bloco de apontamentos com espiral, colocando um asterisco ao lado. Presumi que aquilo fosse para alertar o chefe para um cliente «especial», o que parecia redundante, considerando que o chefe estava inclinado sobre o passa-pratos e a espreitar para a sala de jantar, deixando muito claro que estava à espera do nosso pedido.

Mais uma vez, procurei em redor por uma ementa, mas não parecia haver nenhuma nas proximidades, e a Sue, a sempre relutante anfitriã, falhou em

ir buscar-me uma. Lembrando-me das refeições ao balcão da minha juventude, perguntei: — Tem frango à *parmegiana*?

A Sue ficou sem expressão.

— Assado do dia?

— Só ao domingo.

— Eles fazem uma boa empada de galinha aqui — disse o Max, vindo finalmente em meu auxílio.

— Certo.

A Sue apontou aquilo no seu bloco, sem asterisco.

A janela ao lado do Max tinha vista para o parque de estacionamento, e para além dele, o relvado parecia estender-se até um ribeiro. A folhagem era densa e eu podia imaginar a Daphne e o Max sentados numa das mesas de piquenique no verão, com as crianças a correrem para dentro e fora do ribeiro.

As crianças! O parque de estacionamento tinha-se esvaziado. Uma olhadela ao meu relógio disse-me que já passava das três. De algum modo, tinha perdido a noção do tempo. — Max, preciso de voltar para ir buscar as crianças. — Conseguia vê-las à espera na paragem de autocarro, com a Agatha pacientemente à espera na cadeira de rodas, o Robbie a inventar desculpas adoráveis por mim e a Sophia a soprar. Percebi que não queria desiludi-los. Não quando já tinham tanta agitação nas suas vidas.

— Já são essas horas?

Observei com alívio quando ele fez sinal à Sue que estava atrás do bar e ela veio a correr. — Podemos ter outra rodada de bebidas, Sue? E poderia ligar para o hotel, falar com a Meryl e pedir que vá buscar as crianças ao autocarro?

A Sue pareceu muito interessada neste desfecho.

— Eu devia mesmo ir. É a minha função. — Levantei-me.

— Não, a sua função é fazer o que lhe digo. — O Max colocou-me a mão no braço e eu sentei-me. Seria imaginação minha, ou tinha-a lá deixado ligeiramente mais tempo do que o necessário?

Pela segunda vez nesse dia, as palavras do Max provocaram um silêncio de morte. Mas desta vez, ele avançou rapidamente para quebrá-lo. — Lamento por ter sido tão peculiar em relação à câmara.

— Ah. — Fiquei espantada com a natureza aleatória dos padrões de pensamento do Max. — Não faz mal. Só pensei que o Robbie ia gostar.

— Acho que ia gostar muito.

Chegou a comida. A Sue pôs os pratos, trouxe sal e pimenta e as nossas bebidas. — Há câmaras por todo o lado nas imediações do hotel, como tenho a certeza de que sabe — disse o Max depois de ela se ter ido embora.

Não sabia, mas não disse nada, ouvindo com atenção enquanto levantava a massa da empada para deixar entrar ar frio na taça de porcelana a ferver. O meu apetite tinha desaparecido.

— Estão maioritariamente lá como dissuasoras para os hóspedes. Temos imenso mobiliário de valor, antiguidades e coisas do género, na parte da frente do hotel. Sabia que quando abrimos perdemos todos os moinhos de pimenta de prata que tínhamos logo na primeira semana? Suspeito que tenham sido os funcionários, mas seja como for, as câmaras fizeram com que parasse. Parece impedir as pessoas de roubar, se souberem que estão a ser filmadas.

Forcei-me a engolir depressa a comida que tinha na boca, mesmo apesar de ameaçar escaldar-me a língua, para aproveitar a oportunidade de dizer alguma coisa sobre as câmaras.

— Talvez haja alguma coisa nas câmaras de vídeo que mostre para onde foi a Daphne. Quer dizer, ela não levou carro, pois não? Por isso, deve ter saído a pé. Ou alguém a deve ter vindo buscar.

A expressão anterior regressou-lhe aos olhos. Durou mais tempo e, desta vez, reconheci-a.

Medo.

— As câmaras de vídeo podem causar mais problemas do que o que valem, e não quero que o Robbie ande a vaguear pelo hotel com uma. Ponto final.

Não era o ponto final. Não para mim. O Max continuava a colocar de lado o assunto do desaparecimento da Daphne. Ignorei a sua falta de lógica. Por enquanto. — Não bebe álcool? — Arrependi-me da mudança desajeitada de assunto quase mal a proferi, mas queria que o Max pensasse que eu tinha avançado. Também queria que falasse para que não reparasse que eu não estava a comer.

— Desisti já há uns anos, em solidariedade para com a Daphne. Foi pena ela não se ter sentido da mesma forma. — Abanou a cabeça e deu outro gole na água com gás. — Acabei por gostar bastante disso, de não beber.

Dormia melhor... — Nesta parte levantei o olhar, lembrando-me da gritaria na minha primeira noite. — ... e era mais produtivo durante o dia. Nunca acaba bem para a minha família, a bebida.

— Eu não sou de beber muito — afirmei a apontar para a cerveja quase vazia à minha frente. — Bem, mais ou menos.

— Não ia durar muito na família Summer, posso garantir-lhe. — O Max abanou a cabeça, as palavras vagamente ameaçadoras. Cortou outro pedaço pequeno do seu veado, com a carne cor-de-rosa a separar-se delicadamente da peça principal. Os dedos agarravam ao de leve no garfo e juntava pedaços pelo prato, um bocado de puré, uma mancha de molho, uma ervilha errante.

— O que é que a Elizabeth e o Tom fazem na ilha?

O Max começou a trautear. — Gosto bastante desta canção. Faz-me lembrar a minha juventude.

Esforcei-me por ouvir a música. O barulho da multidão a almoçar tinha diminuído ligeiramente e só conseguia ouvir a canção se ficasse quieta e não mastigasse. As notas de abertura da *The Dance of the Sugarplum Fairy* eram inconfundíveis.

Comemos em silêncio durante mais um tempo, a ouvir a música. Tocaram todos os clássicos de Natal, mas nenhum deles suscitou mais reações do Max. De cada vez que a porta se abria ou fechava, a cabeça dele esticava-se. De cada vez que não era quem estava à espera, voltava ao seu almoço.

Forcei-me a comer. A comida era mesmo deliciosa e, para além de alguns sons de aprovação de nós os dois, concentrámo-nos puramente nela. Era quase companheirismo. A minha cerveja agora estava quente e sem gás. Acabei-a na mesma, sentindo a minha ansiedade a diminuir ligeiramente, reforçada pelo calor raro que tinha encorajado. Um homem de cara redonda, de faces rosadas do frio, passou por nós e perguntou pela Daphne. Esperei até ele se ter ido embora.

— Deve conhecer toda a gente da zona.

— Sim, praticamente. — O Max empurrou a faca e o garfo ligeiramente para a direita, mesmo apesar de já estarem perfeitamente posicionados na diagonal.

— Deve ter imensos amigos.

— Ah! — exclamou o Max. Olhou em redor para se certificar de que não estava ninguém por perto. Mesmo quando o fez, uma mulher no bar acenou-lhe e depois corou quando ele lhe sorriu em resposta.

Convencido de que ela estava fora de alcance, respondeu: — Conhecer as pessoas e gostar das pessoas não é a mesma coisa. Especialmente num sítio pequeno como este.

Aquilo era uma coisa com a qual me identificava. No auge da minha popularidade, tinha quase cem mil seguidores no Instagram. Todos os dias apanhava um grande estalo de endorfinas de todo o amor e aprovação que me davam. Agora, os meus amigos mais antigos nem sequer me ligavam no aniversário. Conhecer pessoas e gostar delas — ou elas de nós — não era decididamente a mesma coisa, apesar da ilusão que as redes sociais criavam.

— Os Summer dão-se basicamente uns com os outros. Nós — eu, a Daphne, a Elizabeth e o Tom — costumávamos fazer tudo juntos. Tenho saudades desses dias. E a Daphne, sendo a Daphne, fez centenas de amigos. Agora desapareceram todos. Pensam... — Parou abruptamente.

Visivelmente a tentar controlar-se, levantou-se. — Isto foi má ideia, vir aqui. Vamos embora.

Eu ainda não tinha acabado de mastigar, mas puxei a cadeira para trás e apressei-me a seguir o Max. No meu interior senti um pequeno nó de fúria e pânico a formar-se. Não me era estranho, aquele nó. Já o tinha sentido depois de a minha mãe morrer e esperava que desta vez — nestas circunstâncias — fosse temporário. Que não permanecesse durante anos, tal como tinha acontecido nessa altura.

A SENHORA MINS estava à nossa espera à entrada da cozinha, de casaco vestido, claramente pouco impressionada por ter ficado novamente pendurada com as tarefas de cuidar das crianças. O Thomas irrompeu pela porta, de cauda a abanar loucamente, quase a derrubá-la. Ela abanou a cabeça para o Max e depois disse qualquer coisa em voz baixa. Não consegui ouvir o que era, mas podia adivinhar.

A Daphne não tinha regressado.

Conformado, o Max disse: — Vou só arrumar o carro. — Olhou significativamente para mim.

A senhora Mins encaminhou-se para um trilho que ia pelo interior do campo, distanciando-se da casa e do mar. Uma pequena tabuleta da Casa Barnsley marcada com «Privado» indicava que não fazia parte do hotel. — E depois vens ter ao chalé? — perguntou ao Max.

— E depois vou ter ao chalé — respondeu ele num tom submisso que eu nunca tinha ouvido. Pareceu apaziguar a senhora Mins que se começou a afastar.

— Ao chalé? — perguntei.

— Assuntos do hotel. — Subiu de novo para dentro do *Defender* e bateu com a porta.

A senhora Mins já quase tinha desaparecido na linha de árvores quando se virou e me chamou. — O seu pai ligou-lhe para o telefone do hotel. Pediu que lhe ligasse de volta.

Fiquei petrificada.

Não devia ter subestimado o meu pai e a sua longa carreira no jornalismo. Aquele era o homem que tinha descoberto tanto escândalos de

alto nível de corrupção corporativa como de baixo nível de celebridades. Não lhe deve ter custado muito ligar os pontos entre a carta, o meu passaporte desaparecido e a despesa do cartão de crédito. Sabia que ia acabar por descobrir para onde eu tinha vindo. Só não pensei que o fizesse tão depressa.

A senhora Mins observou-me com atenção. — Ele parecia bastante... — Ela andou às voltas em busca da palavra certa, a apreciar o meu desconforto. — ...desesperado.

Não me atrevi a perguntar-lhe por detalhes. *Desesperado* resumia tudo. Pensei no que ele deveria ter passado nos últimos dias. Eu, desaparecida. O meu passaporte, desaparecido. O meu telefone, desligado, os meus *emails* por responder. A despesa no cartão de crédito.

Subiu-me ácido à garganta e fechei os olhos, concentrada em engoli-lo.

A senhora Mins não se mexeu, por isso enfiei-me para dentro com rapidez, antes que me pudesse fazer quaisquer perguntas, e encostei-me contra a lateral de dentro da porta, grata pela solidez do carvalho e do resistente ferrolho de bronze. Apesar da culpa que sentia, um pensamento persistia. *Por favor, que ele não lhes tenha dito quem eu sou. Por favor, que ele não lhes tenha dito quem eu sou.*

Quando aqui cheguei, a Casa Barnsley tinha sido um conto de fadas, habitado por personagens, em vez de seres humanos. E agora, mesmo quando estava a começar a conhecer a minha família de Barnsley como pessoas reais, parecia que as minhas mentiras iam ter consequências. De novo. Precisava de impedir o meu pai antes que ele dissesse alguma coisa.

Tinha a mão no auscultador quando as crianças entraram. O Robbie primeiro, e depois a Sophia, a empurrar a Agatha. — São horas de jantar? — perguntou inocentemente o Robbie.

Respirei fundo e retirei a mão do telefone. — Imagino que sejam. Torrada?

O almoço tardio, os dois copos de cerveja e o meu coração acelerado tinham-me tornado incapaz de fazer qualquer coisa mais elaborada.

A Agatha acenou alegremente com a cabeça e a Sophia produziu o suspiro profundo da adolescente desapontada enquanto se refugiava na salinha, à espera.

O jantar e os rituais de banho arrastaram-se indefinidamente nessa noite. A cada minuto que passava, o meu pai estaria a ficar mais furioso, com

maior probabilidade de ligar de novo e estragar o meu disfarce. Era surpreendente que não o tivesse feito já.

Por fim, as crianças já estavam todas na cama, ou pelo menos nos quartos. A Agatha e o Robbie estavam calmamente a ler e a Sophia a fazer os trabalhos de casa. Voltei para baixo para a cozinha, a apreciar o sossego. Comparado com os outros dias que tinha passado em Barnsley, aquele tinha sido agitado, quase demais. O encontro com o senhor Mins. A longa caminhada até à vila. O quase ter sido atropelada pelo autocarro. A viagem para a cidade. O almoço no *pub*. Parecia que tinha sido tudo há uma eternidade.

Uma das crianças tinha deixado uma cadeira de cozinha ao pé do fogão a lenha, por isso sentei-me lá e levantei os pés encostando as meias contra a porta quente, a teclar os números familiares do telefone do meu pai. Esperava convencê-lo de que o número de telefone de devolução de chamada era mera coincidência. De que tinha havido alguma espécie de confusão quando a senhora Mins tinha apontado o recado para mim. A diferença horária iria ajudar — o seu cérebro jornalístico normalmente astuto estaria confuso pelo sono, os seus óculos de ler pousados em cima da mesa de cabeceira. O número da linha privada da cozinha devia ser diferente o suficiente daquele que ele marcou antes para o escritório. Otimista? Sim. Iludida? Talvez. Mas não tinha outra escolha.

Atendeu logo. — Está? — disse, e mesmo através da ligação no estrangeiro, conseguia ouvir o farfalhar dos lençóis e a minha madrastra a murmurar em som de fundo. Pelos meus cálculos, devia ser bastante cedo, mas ele sempre tinha sido madrugador e tinha-me passado essa predileção.

— Pai, sou eu.

— Pequerrucha — disse-me a usar o nome que, apesar de um novo casamento, mais duas filhas e uma série de pequenos delitos da minha parte, felizmente nunca largou.

— Desculpa ter demorado tanto a ligar-te. Tem estado um bocado caótico por aqui. — Pelo menos aquilo não era mentira. — Hoje fomos até ao Liberty. Não deu para comprar nada, céus, de todo. Mas foi simpático fingir...

Ele interrompeu-me. — Sei onde estás.

— O quê?

— É má ideia, Miranda.

— A casa da Denise e do Terence é ótima, pai. Têm um apartamento para mim no andar de cima, por isso não faz mal se eu ficar mais uns tempos. Vamos seguir para França depois do Natal e ficar lá com uns amigos. Fazer esqui. Não o fazemos há imensos anos, pois não? Não desde o ano em que a Ophelia partiu o pulso no primeiro...

— Miranda — O meu pai interrompeu-me. *Demasiados detalhes. Simplifica, Miranda* —, telefonei-te para Barnsley.

A minha boca abriu-se e fechou-se em silêncio. As desculpas antes já eram esfarrapadas, mas agora totalmente implausíveis.

— Não devias estar aí. — Ele fez uma pausa e ouvi-o a reposicionar-se. Estaria a sair da cama, a abanar a cabeça para a minha madrastra, a dizer-lhe para não se preocupar e para voltar a dormir. Imaginei-o ao pé da janela, a olhar para os telhados dos vizinhos e em direção à baía.

— Onde? Em Londres?

— Para com isso.

Agora estava definitivamente a andar pela casa. Conseguia ouvir-lhe a respiração a alterar-se ao passar pelos quartos das minhas irmãs, a linha telefónica a ficar em silêncio por um instante. Depois o som da máquina de café a zumbir e outra vez a voz do meu pai, em volume normal. — A Casa Barnsley. Há uma razão para nunca te termos levado aí, sabias?

— O quê?

— Miranda. Para de mentir por uma vez na vida. Não consegues ver o perigo que corres?

Perigo? O meu pai costumava deixar quase sempre a histrionia para as mulheres da sua vida. A Fleur. A Ophelia e a Juliet. Eu. Sempre eu. O meu pai era o sensato. Pragmático. Às vezes duro, mas quase sempre justo.

Ri-me nervosamente.

— Porque é que achas que a tua mãe veio viver para o outro lado do mundo, para tão longe da família? Eles não são... boas pessoas, Miranda.

— Eles não sabem quem sou — sussurrei, admitindo a derrota, satisfeita por o Max estar com a senhora Mins e as crianças na cama. Uma tábua do soalho estalou no *hall* do lado de fora da cozinha. No hotel. Disse para mim própria que não estava ali ninguém.

— Porque é que não estou admirado? — Senti a frustração do meu pai, imaginei-o a esfregar os olhos e a abanar a cabeça, tal como fez na manhã em que tudo se desmoronou no ano anterior. Cedo, numa manhã de inverno.

Os fotógrafos e os jornalistas acampados ao fundo dos degraus da entrada, eu sentada no banco a chorar. O pai a fazer café, qualquer coisa para restaurar alguma normalidade à situação. Eu a beber o café, já sem fingir que não bebia café ou punha toxinas no meu corpo.

— Eu ia dizer-lhes... mas depois, quando aqui cheguei, eles pensaram que eu era a ama, por isso deixei-os acreditar...

O meu pai interrompeu-me. — Por uma vez na vida podes ter feito a coisa correta.

Pensei nos dias de desporto escolar em que tinha ganho medalhas. Os meus inúmeros relatórios de notas com Muito Bom. A melhor da turma no 12.º ano. Delegada de turma. Bolsa. Tinha-me esforçado infinitamente para não ser vulgar. E depois tinha apagado todos os feitos com a desgraça que tinha trazido a mim e à minha família.

Por isso, concordei com o meu pai. A melhor coisa acerca de estar em Barnsley era o anonimato. E não só porque me queria manter em segurança. Era por me estar a dar uma hipótese de ser vulgar. Ele interpretou mal o meu silêncio como rendição.

— Agora ouve. Não sei que história mal engendrada lhes contaste, mas quero-te fora daí. Vou comprar-te um bilhete de avião de regresso e mando-te os detalhes por *email*. Consegues chegar a Londres? Eu ligo à Denise e digo-lhe que estás a caminho.

— Vou ficar aqui, pai. — Não me tinha apercebido até dizer as palavras, mas era verdade. A Casa Barnsley era misteriosa, sim. Era assustadora, mas eu ainda não estava pronta para me ir embora.

— Não, Miranda. Chega. Não quero saber do que te prometeram. Depois do que eles fizeram à tua mãe... Não. Vou mandar a Susie reservar os voos hoje.

— O que é que eles fizeram à mãe? — Medo na minha voz. Ele tinha desligado.

A casa estava em silêncio. E depois, o som de passos na entrada. No hotel. Uma luz por debaixo da frincha da porta a desaparecer. Tinha estado ali alguém à escuta. Não podiam ter sido as crianças. Não havia maneira de terem chegado àquele lado sem que eu visse. O Max e a senhora Mins? Não tinha a certeza.

Pensei na minha conversa com o meu pai. A minha negação veemente do medo. Tinha voltado a mentir. Eu *tinha* medo. À medida que os dias

passavam, tinha ficado com medo do que teria acontecido à Daphne. Tinha medo de poder ter sido a última pessoa a vê-la. Tinha medo de que pudesse acontecer alguma coisa às crianças.

Tinha medo de que me pudesse acontecer alguma coisa.

— BELAS ORELHAS.

Sentia o hálito quente do Max na minha própria orelha, da sua cara perto da minha. Levou-me um momento a registar de que estava a falar sobre as orelhas de rena das crianças, a balançarem no palco diante de nós enquanto a escola inteira cantava a viva voz uma versão em crescendo do *Jingle Bells*.

— Duas libras — respondi a sentir-me orgulhosa do uso do vernáculo local e da minha frugalidade.

— Uma pechincha. — Ele afastou a cara e eu permiti-me voltar a respirar.

Estávamos todos numa fila, a família feliz de Barnsley. A Sophia ao lado do corredor, ali em sofrimento, só a muito custo a disfarçar o seu desdém; a senhora Mins com um casaco de pele de cervo que eu tinha a certeza de que não seria capaz de pagar com o seu salário, pelo menos se fosse parecido com o meu; e o Max, alegre e orgulhoso, e a provar que não era preciso uma esposa ou álcool para se divertir. Oscilava entre a senhora Mins e eu, incapaz de se manter quieto. Estávamos todos numa fila. Todos menos a Daphne.

Estava calor na sala, e apesar disso, o Max tinha um casaco comprido abotoado até ao pescoço, com botas enormes a despontar por debaixo. Mesmo com ele assim agasalhado, conseguia ver os olhares de aprovação de muitas das mães em redor. Se estava a tentar disfarçar-se, não estava a funcionar. Tirei o meu casaco e enfiei-o debaixo do assento, ao lado do saco enorme que o Max também tinha insistido em trazer.

A senhora Mins bateu-lhe na perna com um programa enrolado e eu virei a cara, determinada a não testemunhar mais nada. Concentrei-me no palco. A Agatha, numa ponta, de cadeira de rodas decorada audaciosamente com enfeites e estrelas recortadas em papel de alumínio. Uma menina pequena, não muito mais alta do que a cadeira de rodas, estava ao seu lado e agarrava de forma protetora nos punhos. Estava a levar a sua função muito a sério. Mais adiante na fila, e em cima de uma pequena bancada, estava o Robbie a cantar com entusiasmo e a seguir as direções, apesar de muitos dos rapazes em redor não estarem a fazer nenhuma das duas coisas.

— O que mais encontrou quando foi lá acima ao sótão? — Senti as palavras do Max antes de as ter ouvido. Uma doçura estranha no hálito. Deliberadamente cronometradas durante um momento estridente no processo, num ponto em que era improvável que os outros à nossa volta ouvissem. Também fiz de conta que não tinha ouvido.

Tentou novamente logo a seguir, repetindo a pergunta e colocando a mão ao de leve por um instante no meu braço para me chamar a atenção. — Encontrou alguma coisa interessante quando esteve no sótão?

«Interessante» era dizer pouco. Havia todo o tipo de coisas no sótão. Na verdade, tinha passado lá metade da manhã. Baús cheios de tecidos antigos, catálogos de sementes, a coleção de livros de receitas da Daphne que, fiquei surpreendida ao ver, incluía imensos dos títulos do estilo de vida limpo que eu costumava achar tão inspiradores. Uma grande parte do tempo tinha sido perdido a folheá-los, a recordar-me dos meus dias de bolas energéticas e taças de açaí. Havia dúzias de fotografias de corridas de cavalos, assim como um conjunto completo de jóquei. Tubos com plantas enroladas, incluindo algumas que pareciam detalhar a estrutura original do jardim. E caixas grandes, mesmo ao pé da porta, cheias de roupa contemporânea. Também da Daphne, presumi.

Mas alguma coisa que parecesse tão relevante naquele momento, no concerto de Natal das crianças, urgente o suficiente para necessitar de um sussurro ansioso no escuro? Não me parecia. — Não.

A minha resposta deteve-o e recostou-se no lugar, a bater com o seu programa na perna, em agitação. Tentei concentrar-me nas crianças em palco à minha frente, mas conseguia sentir os olhos da senhora Mins em cima de mim. O suor acumulou-se debaixo dos meus braços. Esforçava-me por manter o rosto impassível, mesmo apesar de ter a mente a correr a

milhões de milhas por hora. Tentei sorrir para a senhora Mins, mas ela colocou os olhos num ponto para além de mim, como se estivesse a olhar para lá o tempo todo.

As crianças pararam de cantar e o aplauso encheu a sala. Sorri para a Agatha, na esperança de que me pudesse ver na sala escura, a bater palmas como louca. Os seus olhos andavam à procura até nos ter finalmente visto e ter corado de orgulho. O Max gritava ao meu lado, e colocou o polegar e o indicador na boca, emitindo um assobio ensurdecedor. Eu não consegui evitar rir-me, e no palco, o Robbie e a Agatha também se estavam a rir. O Robbie abanou a cabeça, com embaraço, num gesto simbólico. O sorriso na sua cara contava uma história diferente.

Por um momento, as palmas e os gritos abafaram tudo o resto. A diretora subiu ao púlpito e a sala ficou em silêncio. Começou a falar, com as suas orelhas de enfeites a apanharem a luz, dando-lhe uma aura luminosa. Ouviu-se um grito no fundo da sala e ela parou. Semicerrou os olhos para as luzes do palco. As crianças esperavam ansiosamente atrás dela.

Por um momento, achei que era a Daphne.

— Max? — Depois a voz era inegável. O Max apertou o programa na mão, com os nós dos dedos a ficarem translúcidos à luz. Todas as cabeças na sala se viraram para trás, uma a uma.

Todas menos a do Max.

— Max? — A voz aproximava-se e as pessoas à nossa volta começaram a murmurar.

A alegria nas caras da Agatha e do Robbie foram substituídas por medo. Fixei os olhos neles, determinada a não mostrar o meu pânico. Só para o caso de olharem para mim, em vez de para o homem e a mulher a fazerem o seu caminho pelo corredor abaixo. O Max suspirou profundamente e levantou-se. — Estou aqui, Elizabeth.

— Ah, cá estás tu! — Desceu o corredor em alvoroço como se estivesse dez minutos adiantada, em vez de nunca sequer ter sido esperada. O Max gesticulou para nos apertarmos. — Aquelas orelhas ficam bem à Agatha — comentou enquanto se enfiava na fila, a puxar um Tom de ar desconcertado atrás dela. A seguir, levantou a mão e fez sinal à diretora para indicar que estava pronta para que o espetáculo continuasse.

Apareceu uma criança pequena das alas, a carregar um cheque em cartão bastante grande, e a diretora inspirou fundo antes de explicar à comunidade

escolar o trabalho que tinha sido feito nesse ano para angariar fundos.

— Seca. — A Elizabeth inclinou-se para a frente e revirou-nos os olhos. Um bafo a álcool flutuou pela fila abaixo. Mordi o interior da boca para evitar rir-me. A Sophia pegou na mão da tia e segurou-a com força, da mesma forma que se faz quando se tenta conter uma criança pequena. O Tom não ajudava. Na sua posição mesmo no final da fila, dedicava toda a sua atenção a não cair para o lado das cadeiras desdobráveis.

— Chiu! — A voz de uma mulher, em exaspero.

Torci-me na cadeira para ver quem teria tido coragem suficiente para silenciar a Elizabeth. A senhora Mins.

Ao meu lado, o Max fechou os olhos. Um homem levantou-se do público, aceitou o cheque em nome da St. John's Family Mission e falou sobre a necessidade de se ter uma comunidade caridosa. Pode ter sido imaginação minha, mas senti que os olhos dele se cravaram profundamente na nossa fila. Mais aplausos, particularmente dos que estavam sentados perto de nós.

A banda começou outra vez a tocar e o meu corpo relaxou. As crianças estavam a cantar com os outros e a Sophia manteve a mão da tia apertada, com o olhar sem se mexer do irmão e da irmã. Talvez vá correr tudo bem. A canção continuou.

A todos um Bom Natal, a todos um Bom Natal...

E depois uma voz na escuridão.

— Não me mandes calar — ralhou a Elizabeth. Os olhos do Max estremeceram ligeiramente. — Tenho mais direito a estar aqui do que tu. — O Max inspirou ruidosamente.

Que seja um Bom Natal para todos nós! No Natal pela manhã...

A Elizabeth inclinou-se para a frente e olhou significativamente para mim. O meu coração começou a palpitar e voltei a minha atenção de novo para o palco. Houve movimento ao meu lado e a sensação de espaço a abrir-se. Alguém atrás de nós arfou. A senhora Mins tinha-se ido embora. Os olhos de toda a gente na sala estavam em cima de nós e, ainda assim, a canção continuava. A maestrina, de costas viradas para o público, sem fazer ideia da celeuma atrás dela, abriu completamente os braços e as crianças chegaram a um inflamado crescendo.

— Elizabeth, não havia necessidade — disse o Max, e depois abriu os olhos. Onde esperei ver raiva, só havia pena. Uma tristeza profunda.

A Elizabeth pareceu magoada, ela própria à beira das lágrimas. — É um momento de família, Max.

As minhas coxas estavam à beira de se colarem ao assento, mesmo através das calças de ganga. O resto da família Summer parecia alheia ao espetáculo que estava a causar, com o material infindável que estavam a fornecer para a especulação que se seguiria no Cabeça de Veado ou em Minton.

— Família? — sibilou. — A Meryl faz mais parte da minha família do que tu. — Mexi-me desconfortavelmente no lugar enquanto ele continuava. — Onde é que estiveste nos últimos meses? Quando as crianças precisaram de ti? Quando eu precisei de ti? Sempre fora naquela maldita ilha, a fazer sabe-se lá o quê. No *raio do pub*.

A mulher ao meu lado fungou e depois tentou disfarçar a tossir. Virei o corpo de costas para ela para criar um escudo para o Max e a Elizabeth. A tentar protegê-los.

Agora a Elizabeth estava decididamente a chorar. Não de uma forma histérica. De uma forma profundamente típica dela, de lágrimas a escorrer pelas faces abaixo em rios ininterruptos. Lágrimas silenciosas. De rosto composto. E depois inclinou-se para a frente. Chegou-se para trás. Contou todos ao longo da fila, de expressão constricta quando se apercebeu.

— Onde é que está a Daphne?

— Agora não, Elizabeth. — O Max focou a sua atenção no palco. Inutilmente. Agora a Elizabeth sabia e não se ia calar. Até eu conseguia ver isso.

— ONDE É QUE ELA ESTÁ?

— Falamos sobre isso em casa — respondeu o Max em voz tensa. — Não aqui.

O Tom pegou na mão da Elizabeth, na esperança de acalmá-la.

Em cima do palco, a diretora estava novamente a falar, mas na nossa fila, para além da Sophia, que tinha estado sentada sem se mexer de cara resolutamente virada para o palco durante o tempo todo, estávamos presos num limbo complicado. Precisávamos de ir embora, mas como retirar as crianças do palco sem criar mais confusão do que já tínhamos criado? À nossa volta, a sala tinha ficado de novo em silêncio, mas um tipo diferente de silêncio. Havia um ambiente de expectativa. Olhei em redor à espera de perceber o que se estava a passar.

Os primeiros versos de outra canção familiar preencheram o ar. — Merda — disse o Max ao meu lado. — Merda. Merda. Merda. Merda. — Esticou o braço para debaixo da cadeira e arrastou de lá o saco. — Merda. Merda. Merda. — Olhei para a Elizabeth, mas ela tinha pousado a cabeça no ombro do Tom, cansada da emoção. Esgotada pela bebida. Um pequeno sorriso despontava à beira dos lábios da Sophia, mas mesmo assim não se virou. Aquela criança tinha uma compostura de alguém bem mais velho e eu não fazia ideia onde a tinha ido buscar. Entretanto, o pai estava a perder o juízo e começou a tirar a roupa.

Debaixo do casaco comprido gigante vestia um disfarce inteiro de Pai Natal. Pegou no saco, tirou um chapéu e uma barba e começando a dizer *ho ho ho*, levantou-se e abanou um sino. Encolheu-se para passar pela Elizabeth, pelo Tom e pela Sophia, e enquanto passava, dobrou-se para dar um beijo tanto na cabeça da irmã como da filha. Tinha um saco a balançar ao ombro e de lá de dentro puxou de caramelos e atirou-os para o público. Guinchos deliciados seguiram-no enquanto se encaminhava para o palco, com o seu *ho ho ho* e a tocar o sino sem parar. Pela altura em que chegou às escadas, já estava rodeado de crianças pequenas, todas agarradas a ele a pedirem-lhe doces.

A Daphne devia ter estado ali para ver aquilo, em vez de estar onde quer que estivesse. Aquele era o tipo de memória que uma família devia preservar. Não estava correto que não estivesse ali. Nada era mais importante do que aquilo. Nem os amigos. Nem o álcool. Nada. De modo algum a Daphne iria perder aquilo por opção própria.

Forcei-me a concentrar-me outra vez nas crianças. O Robbie, a Agatha, e até a Sophia, observavam o pai com adoração no olhar, a rirem-se e a sussurrarem com os amigos. A esticarem as mãos para os doces como os outros, mesmo apesar de eu saber que tinham os corações pesados pela ausência da mãe.

Eu sabia que precisava de óculos. Sabia que devia de estar a usá-los. Mas até uma pessoa cega conseguia ver que o Max tinha uma relação melhor com os filhos do que eu tinha pensado. Que, apesar de todas as suas falhas, e tudo aquilo que se tinha metido entre eles, o Max e a Elizabeth gostavam imenso um do outro. E que ninguém, nem mesmo a Elizabeth, sabia onde estava a Daphne.

NÃO FUI A única pessoa a reparar.

Mais tarde, quando já tínhamos regressado a Barnsley e as crianças estavam aconchegadas na cama — o Max carregou uma Agatha já adormecida e eu encaminhei um Robbie a protestar —, até eu estava a pensar em ir dormir. Mas não na pequena cama de Barnsley, e sim na minha de casal, com o seu edredão de penas e um colchão com travesseiros. Com lençóis quentes e estaladiços do sol de verão. De janela ligeiramente aberta para deixar a brisa da baía entrar. Era provavelmente a coisa de que tinha mais saudades da Austrália.

A virar-me e revirar-me debaixo dos cobertores, tentei convencer-me de que estava de regresso. Mas havia algo a inquietar-me que não me deixava adormecer. Não me faltavam preocupações, mas enquanto passava em revista as habituais — a minha relação com o meu pai, o meu passado, o meu futuro —, nada se destacava. Era qualquer coisa mais recente. Alguma coisa mais Barnsley.

Sentei-me direita. Tínhamos visto a Agatha e o Robbie na cama, mas e a Sophia? Não. Ela tinha idade suficiente para tratar de si. Lembrei-me de repente dela sentada no concerto, a olhar para o palco, de expressão fixa e determinada. Como se estivesse a tentar perceber qualquer coisa. Ou como se tivesse percebido qualquer coisa e estivesse a tentar não o mostrar.

Não faria mal ir ver dela. Claro que havia o risco de apanhar com um dos seus olhares fulminantes ou afastamentos brutais. Mas eu conseguia lidar com essa possibilidade, se significasse saber que estava em segurança na sua cama. Fiquei deitada por mais um momento, a tentar encaixar as peças dos nossos movimentos quando regressámos a casa. Tínhamos vindo a

andar todos juntos do parque de estacionamento — insistência do Max — e a Sophia tinha ficado para trás. Eu e o Max tínhamo-nos dirigido diretamente para o andar de cima com as crianças e eu tinha presumido que ela se tinha esgueirado para a salinha para ver um pouco de televisão. Mas não a tinha visto. Puxei os cobertores para trás e agarrei no casaco aos pés da cama. Só por precaução.

A Sophia não estava na cama. As luzes do quarto estavam desligadas, mas os cortinados estavam abertos, e à luz prateada da lua, conseguia ver que a cama não estava desfeita. Ela não tinha estado ali de todo. Olhei pela janela, para os jardins. Dali pareciam mágicos: os teixos despidos iluminados a partir de baixo, as luzes do jardim ainda ligadas para nos conduzirem a casa na vinda do concerto. Tinha caído geada na relva e brilhava nalguns sítios. Mesmo assim, eu não queria estar lá fora. Queria estar na cama.

Não servia de nada chamar pelo Max. Tinha desaparecido para o chalé assim que as crianças estavam na cama, citando outra vez «assuntos do hotel». Cabia-me a mim.

Não conseguia pensar onde é que ela poderia estar. Não sabia onde estava. Por isso comecei pelo chalé dos Mins, onde talvez tivesse ido à procura do pai.

Tinha a adrenalina a disparar pelo corpo, expulsando quaisquer últimos vestígios de cansaço que restavam enquanto me vestia com rapidez e saía para a noite fria. O tempo estava a meu favor. Grandes nuvens à deriva separaram-se quando cheguei à rua, revelando a lua, o que me facilitou a progressão pelo relvado em direção ao caminho onde eu estimava que se situasse o chalé dos Mins. Sem surpresa, a seguir à marcada com «Privado», não havia mais tabuletas de madeira que pudessem ajudar.

Ao longo do caminho na noite escura, ouviam-se camadas de sons sob o rugido arrebatador do mar e do vento sempre presente. A escuridão tornava os meus ouvidos ultrassensíveis. Cada pio de coruja a chamar pela cria ou grito de raposa assustava-me, fazendo-me parar. Não levava lanterna e demorou algum tempo até que os meus olhos se ajustassem, com os ramos entrelaçados sobre a minha cabeça a criarem um túnel de escuridão através da qual eu me aventurava lentamente.

Primeiro pensei ser o choro de um animal selvagem. Suave e consistente, parecia mais o gemido de uma pequena criatura separada da mãe do que um

ser humano. Vinha de trás de mim. Não da direção do chalé dos Mins, mas da direção da água. Vindo de baixo, em direção à casa dos barcos.

Virei-me e corri, com o sangue a latejar-me nos ouvidos, a tentar manter-me direita no terreno desnivelado. Foi um alívio emergir no relvado, ganhando velocidade ao atravessar a relva até encontrar o trilho para a enseada, em direção à casa dos barcos.

Ela não tinha chegado até ao fundo do trilho antes de cair. Deve ter sido a primeira ou segunda raiz da árvore que a fez cair e agora estava enroscada debaixo de um arbusto denso, agarrada ao tornozelo. Os olhos ergueram-se para se encontrarem com os meus, assustados. — Sophia! — sussurrei. — O que é que estás a fazer aqui fora?

O som da minha voz fê-la descontrolar-se e os gemidos escalaram em grandes soluços, histéricos e guturais. Tentei outra tática. — Estás bem? — Agachei-me ao seu lado. Ela afastou-se ligeiramente. — Magoaste o tornozelo? — Estiquei o braço e ela estremeceu. Tentei de novo, a pegar-lhe no tornozelo com a mão. Ela deixou-me, mas não servia de nada. No escuro, e através das calças de ganga, não havia nada para ver. — Vamos levar-te para casa.

Achei que ela ia protestar, mas não o fez. Qualquer bravura que a tivesse impellido a ir para ali numa noite escura tinha diminuído e o medo instalou-se no seu lugar. Fomos ao pé-coxinho por um pequeno caminho, com o seu braço à volta do meu ombro e o meu da sua cintura, e as lágrimas no seu rosto a brilharem ao luar. Eu gostava de a ter levado ao colo, mas sabia que mesmo que tivesse força suficiente, o orgulho da Sophia ia atrapalhar. Estava mais perto de ser uma mulher do que uma criança. — Pensei que a Elizabeth soubesse onde está a mãe. — O choro voltou a aumentar. — Achei que devia estar com ela.

Na escuridão, acenei com a cabeça. Também tinha pensado o mesmo. Esperado. Não consegui falar. Havia tanto que lhe queria dizer, mas nada me parecia correto naquele momento. — O pai e a senhora Mins disseram que procuraram nos terrenos, mas não pode ser. Ela tem de estar algures por aqui. Pode estar ferida. — Parou. — Como eu. Talvez tenha caído e precise de ajuda. — Tinha a cara perto da minha, de olhos arregalados pela revelação. Assim de perto, parecia-se tanto com a Daphne. — Vais lá abaixo ver por mim? À casa dos barcos?

— À casa dos barcos?

A Sophia olhou significativamente para mim. — À casa dos barcos. — Os seus olhos confessaram-se nos meus; *sim*, diziam, *sabemos da casa dos barcos*. Engoli em seco. À frente, conseguia ver as luzes do jardim e a sombra da casa por detrás. Quase conseguia sentir o calor do corredor do andar de cima, com o cheiro particular a lavanda dos lençóis.

E depois pensei na Daphne quando a vi pela última vez, pálida e frágil a meio da noite. Se se tivesse aventurado a sair no escuro, havia toda a possibilidade de ter caído ou tropeçado. Se estivesse algures por ali, estaria em mau estado. Umas horas podiam fazer a diferença entre a vida ou a morte. — Está bem.

Parámos num banco de jardim resguardado debaixo de um velho carvalho. No verão, imagino que fosse um lugar agradável para estar sentado, com o relvado a desenrolar-se até ao mar. Numa noite a meio do inverno, era pouco acolhedor. A Sophia não pareceu importar-se. — Eu espero aqui.

Corri. Com o coração acelerado o caminho inteiro. Eu não estava em forma, era verdade, mas a rapidez do meu fôlego devia-se mais ao medo do que a problemas respiratórios. Estava aterrorizada. Ficava cada vez mais escuro à medida que o caminho serpenteava por ali abaixo até à casa dos barcos, e esperava que o senhor Mins aparecesse a qualquer momento. Ou pior. Por fim, mesmo quando estava prestes a voltar para trás, o caminho curvou uma última vez e a água apareceu, a resplandecer a preto ao luar.

Não estava ali ninguém.

Bati bem alto às janelas, sem me incomodar que me ouvissem. Tentei a maçaneta, mas estava trancada, com os estores firmemente corridos. Os barcos balançavam e batiam contra o molhe, mas para além disso, não havia um som. Fiquei quieta, a tentar ouvir alguma coisa — qualquer coisa — para além do bater do meu coração. Mas não se ouvia nada.

A Daphne não estava ali.

Enquanto reunia o fôlego para a viagem de regresso, tentava imaginar a enseada como a Daphne a tinha descrito no caderno. A água quente o suficiente para se poder nadar. A música a soar pelo ar quente. O som de pessoas a rir, bebidas a serem servidas. Um guincho de um riso, depois um mergulho. Não o silêncio de morte que estava naquela noite. Era quase impossível.

E depois soou uma voz no meio da escuridão.

O meu nome.

Não era a Sophia. Era o Max.

Corri em direção à casa.

Quando finalmente cheguei à beira do relvado, onde eles estavam à espera, o Max estava desvairado e eu estava tão sem fôlego que não conseguia falar. O que provavelmente até foi bom. — Preciso de lhe recordar de que a sua única responsabilidade aqui é tomar conta das crianças? Graças a si, a minha filha ficou seriamente ferida.

Acenei, tentando controlar a minha respiração e parecer sincera ao mesmo tempo. — Se não estivéssemos tão próximos do Natal, arranjava alguém para substituí-la. Considere isto o seu único aviso.

A Sophia não disse nada e regressámos a casa, eu e o Max de cada lado, com a Sophia a coxear entre nós.

ERA A MANHÃ de Natal e a Daphne ainda não tinha voltado. A Elizabeth não tinha sido vista desde o concerto e as crianças mantiveram-me ocupada. O Max mal tinha falado comigo desde a noite do incidente da casa dos barcos. A Sophia tinha-lhe dito que eu a tinha convencido a ir à procura da Daphne. Eu não o tinha negado. A última coisa de que a Sophia precisava era de outro adulto a desistir dela.

As outras duas crianças estavam cansadas e a Sophia precisava de repousar o tornozelo, por isso os dias entre o concerto e o Natal tinham sido sossegados. Preenchemos o nosso tempo a fazer bolachas de manteiga e a ver filmes de Natal. *O Expresso Polar*, *Elf*, e, claro, *Sozinho em Casa*. Mantive-me de cabeça baixa e empenhei-me naquilo que, na opinião do Max, era a minha única responsabilidade.

Apesar de tudo, havia uma sensação mágica no ar quando as crianças se levantaram cedo na manhã de Natal. Conseguia ouvir barulho no corredor desde antes das seis da manhã, mas a cama estava tão quentinha e o céu atrás das janelas tão escuro que esperei até o barulho ter aumentado até um nível insuportável.

Quando saí do meu quarto, com um casaco de lã vestido por cima do pijama, o Robbie estava enfiado entre a cama da Agatha e uma estante, agarrado ao cotovelo. Apesar daquilo, estava bem disposto. Até a Sophia, do outro lado da cama e claramente a antagonista, sorria.

— Chiu! — disse eu. — Vão acordar o vosso pai.

— A ideia é essa! — disse a Agatha aos risinhos. — Se não fizermos barulho, ele nunca mais acorda.

— É demasiado tarde para isso — veio um resmungo em voz baixa atrás da porta. — Estou acordado.

— A mãe já voltou? — perguntou esperançoso o Robbie. Os risinhos pararam. A Sophia, em particular, parecia estar à beira das lágrimas. Doía-me o coração por eles.

Quando o Max apareceu de detrás da porta, tornou-se claro que também estava a ser difícil para ele lidar com a ausência da Daphne. — Acho que vai estar fora mais um tempo — respondeu ele de voz estranhamente estrangulada.

— Não vai estar aqui no Natal? — A voz da Agatha soou baixinho.

— Não parece dela. Não quero saber do que dizes — gritou a Sophia, e correu pelas escadas abaixo deixando o resto de nós em silêncio.

— Vamos descer, meninos? — O Max estava a tentar fazer uma expressão corajosa, mas tinha as mãos a tremer quando atou o cordão do robe. Beijou a cabeça do Robbie e depois levantou a Agatha da cama e levou-a ao colo para o andar de baixo. Ela enterrou a cara no sítio entre a gola do robe e o ombro. Pelo movimento de ombros, percebi que estava a chorar.

Lembrei-me do meu primeiro Natal sem a minha mãe. Eu e o meu pai tentámos celebrar sozinhos, mas o dia foi um falhanço. No ano seguinte, já estava lá a minha madrasta que, à sua maneira, conseguiu torná-lo novamente especial. Eu começava a apreciar todo o trabalho árduo dela para fazê-lo acontecer.

E ainda assim, ali em Barnsley não havia árvore de Natal e nenhuma decoração para além da corrente de papel que tínhamos feito e pendurado à volta da cozinha, sem cheiro a bolos de Natal. Podia muito bem ser outro dia qualquer. Eu não tinha visto os presentes de Natal desde que os esgueirámos para dentro de casa depois da nossa ida furtiva às compras. Durante dias tinha ficado à espera de que o Max me pedisse para embrulhá-los. Quando não o fez, apenas presumi que, ou fossem ser oferecidos no seu saco de compras, ou embrulhados de algum modo por ele.

Demorei-me a descer as escadas, a espreitar pela janela para a paisagem a ver se havia neve. Nenhum sinal. Quando cheguei à cozinha, estavam todos à minha espera. Até a Sophia. Não havia sinal de presentes nenhuns. Que espécie de manhã de Natal era aquela?

No entanto, o Robbie pareceu ter-se animado ligeiramente. — Anda lá! O pai disse que tínhamos de esperar por ti. — Agarrou-se à porta, a que dividia a cozinha do resto da casa. Para além dela ficava o hotel.

Aquilo não era habitual. As crianças não podiam ir para a parte da casa onde ficava o hotel, e tirando o nosso grupo de busca na outra noite, eu tinha tido muito cuidado para assegurar que essa restrição era cumprida.

Mas parecia que o dia de Natal era uma exceção à regra. O Max ajudou o Robbie com a porta e as crianças voaram por ela. Ele e a Agatha seguraram-me a porta, deixando-a fechar suavemente atrás de nós depois de eu ter passado.

— Exatamente a mesma sensação de quando eu era pequeno — disse o Max com um arrepio fingido. — Que sorte a vossa.

Não admira que a minha mãe tenha escapado para a Austrália. Duvidava que eu aguentasse sequer uma noite naquela parte da casa. Pensei na cozinha aconchegante mesmo atrás das portas, na salinha quente, no escritório com lareira. Porque é que não podíamos ficar lá?

O Robbie e a Sophia deslizaram até pararem ao pé de umas portas duplas, olhando para o pai a pedirem permissão para entrar. Quando ele a deu, abriram as portas de rompante e soltaram suspiros de prazer, apesar de tudo. O Max apressou o passo até quase à corrida, empurrando a cadeira de rodas para perto para que a Agatha não perdesse nada.

Era a sala para onde eu tinha espreitado naquela primeira manhã: uma grande sala de estar formal, emoldurada numa extremidade pela janela panorâmica que reconheci, e na outra, por uma lareira enorme onde estava um tronco em grandes chamas a arder. Os candeeiros estavam acesos e brilhavam velas em todas as superfícies, mas o destaque real era o pinheiro gigantesco de Natal ao pé da janela panorâmica, revestido de uma ponta à outra com luzes e enfeites de vidro. Era espetacular e a quantidade de presentes lá debaixo ainda mais. Havia caixas deles, montes enormes de prendas, muitos mais do que os que tínhamos comprado. O Max, ou outra pessoa, tinha evidentemente feito imensas compras de Natal, por isso, qual tinha sido o objetivo da nossa missão repentina e urgente apenas uns dias antes?

Pus esses pensamentos de lado e tirei um momento para apreciar as reações das crianças ao espetáculo. Era mágico até mesmo para um adulto que o Max se tivesse dado a tanto trabalho para fazer o Natal especial. A

minha ideia do Max estava a mudar diante dos meus olhos, o seu carácter tão fluido que mal o conseguia agarrar.

Hesitando, a apreciar o calor da sala, mas a sentir-me supérflua, perguntei-me se haveria maneira de poder recuar sem que ninguém notasse. A mesa estava posta para o pequeno-almoço e pelas minhas contas, havia um lugar para mim, mas a minha presença parecia suspeita. Mantive-me deliberadamente na sombra enquanto as crianças exploravam os montes de presentes e as meias por embrulhar cheias de chocolates, bugigangas e clementinas.

— Há um presente debaixo da árvore para si — disse o Max, apanhando-me a meio enquanto eu me afastava cada vez para mais longe. — Acho que até mais do que um.

— Oh. Eu tenho algumas coisas para as crianças. Vou buscá-las — respondi, a pensar em demorar o máximo de tempo possível, talvez até preparar um banho e deixá-los sozinhos.

— Acho que temos aqui suficientes por agora. Venha. Sente-se. Aqui, ao lado da Aggie. — Era a primeira vez que ouvia o Max a usar um nome carinhoso. Ele moveu-a para mais perto dele. Não tendo uma razão real para me retirar, cedi. Observei enquanto as crianças abriam os seus presentes, enfiando o pequeno monte que se estava a acumular para mim de um lado do sofá, para que eu os pudesse abrir mais tarde na privacidade do meu quarto.

As crianças estavam em êxtase, a rasgar o papel de embrulho dos seus presentes. Entre eles, reconheci as coisas que tínhamos escolhido na nossa ida às compras e vi que tinham sido todos bem recebidos, mesmo que desnecessários naquele dilúvio. Quem tinha organizado aquilo para o Max? Comigo nas lojas, ele tinha-se sentido desconfortável e parecia não fazer a mais pequena ideia sobre os desejos dos filhos, e ainda assim, havia guinchos de leite quando prenda após prenda era desembulhada. Não havia sinal da senhora Mins, mas, ainda assim, eu detetava a sua mão. Só ela naquela residência possuía as capacidades gémeas do subterfúgio e da eficiência. Suspeitei que os comentários da Elizabeth no concerto fossem a razão de ela estar a perder o seu momento de glória.

O Max não deixou escapar nada e claro que não lhe podia perguntar, pois o generoso conjunto diante de nós era obra do Pai Natal. Mas quem tinha decorado a árvore e enfeitado a sala? Qual era o objetivo de ter decorações

tão elaboradas e só as revelar na manhã de Natal? O Max trouxe-me café e eu provei-o com cuidado, convencendo-me de que gostava tanto do paladar quanto do cheiro. — Tem sido uma tradição aqui desde que eu era pequeno — explicou ao ver a minha confusão. — A árvore de Natal não é revelada antes do dia de Natal. Não é fora do normal, na verdade. Antigamente era assim que se fazia.

— Preso ao passado, como é costume — comentei, querendo fazer uma piada, mas a achar que as palavras me soaram amargas nos lábios. Era raiva, imagino, pela sua capacidade de apagar completamente a minha mãe dessas memórias. Como se nunca sequer tivesse existido. Estaria a planear fazer o mesmo com a Daphne? Não iria deixá-lo.

— Só com coisas com importância. — O Max observou-me com atenção. Dei mais um gole de café e virei-me para as crianças.

— É linda — disse eu, e era verdade. A sala, grandiosa e imponente como estava, sentia-se quente e acolhedora, diferente do dia em que eu tinha espreitado pela janela. A árvore era uma coisa, mas o entusiasmo que irradiava das crianças é que a tornava especial. A única coisa que faltava era a mãe.

Como se me estivesse a ler a mente, o Max contou: — A Daphne sempre adorou passar aqui o Natal. — As decorações, as luzes, e o fogo da lareira tinham avivado a sala, mas eu sentia vivamente a ausência da Daphne. Nem conseguia imaginar como é que as crianças se estavam a sentir.

— Adorou? — perguntei, com as palavras amargas na ponta da língua, mas o Max tinha-se virado de costas.

— Abre os teus presentes! — Senti um puxão na manga e era o Robbie.

— Anda lá, tens um grande monte. — Ele tinha razão. Ao meu lado, a pilha ameaçava cair.

— Vá. — O Max acenou para as prendas. A Agatha e a Sophia pararam o que estavam a fazer para ver. Eram três embrulhos, variando em tamanho, de grande até ao formato de livro. Abri primeiro o maior, uma reminiscência da infância, imaginei, e descobri outra caixa por debaixo, onde estava guardado um par de botas vermelhas brilhantes.

— Botas de borracha! — exclamei.

— Galochas — corrigiu-me a Agatha do seu lugar no sofá. — O que é que lhes chamaste?

— Botas de borracha.

— É isso que a mãe também lhes chama.

— É verdade, ela também as chama assim. — O Max pareceu ligeiramente abalado. Flutuava entre falar abertamente sobre a mulher e arrepiar-se à sua referência. Era como se fosse simultaneamente demasiado difícil falar dela e demasiado difícil não falar: eu achava difícil determinar qualquer padrão no seu comportamento.

— São adoráveis. Perfeitas para o tempo aqui. Vou poder levar-vos em longas caminhadas, agora que tenho as botas certas. — Todos se calaram e apercebi-me do meu erro. Sem olhar para a Agatha, acrescentei rapidamente. — Adoro o vermelho.

— Assim vamos poder ver sempre onde anda — disse calmamente o Max, com a leve ameaça no tom de voz a contrastar com o seu comportamento festivo. Cruzou o olhar comigo enquanto eu pegava na prenda seguinte.

O papel era grosso, como se fosse pardo, e tinha um relevo pesado em padrões dourados. Eu tinha as mãos a tremer e os meus dedos andavam às voltas com a fita de seda, incapaz de soltar o nó.

— Dê cá, eu ajudo. — O Max meteu a mão no bolso e revelou uma pequena navalha com um abre garrafas e uma chave de fendas, do tipo que se consegue encontrar numa loja de ferragens. Colocou a mão em cima da minha, onde eu segurava o embrulho, que estava quente. Aplicando uma pressão suave na minha mão, cortou a fita que caiu ao chão.

Tinha papel de seda lá dentro e depois um casaco de algodão impermeável, uma versão mais curta daquele que tinha visto no senhor Mins na enseada, debruado a suave algodão em xadrez. Tirei-o do embrulho e levantei-o. Conseguia ver ao olhar para ele que era do tamanho perfeito. Não era algo que pudesse usar na minha vida normal, mas essa vida parecia estar em espera, e este casaco era mais adequado à minha nova vida ali em Barnsley. O meu leve casaco comprido não se dava bem com os chuviscos implacáveis e os ventos frios. Fiquei comovida por o Max ter reparado. Comovida e um pouco preocupada.

Estava a contemplar abrir o meu terceiro presente quando a porta se abriu e a senhora Mins chegou. A presença dela, combinada com a ausência da Daphne, fez-me sentir inquieta.

A senhora Mins também pareceu inquieta, em contraste com o seu comportamento imperturbável habitual. — Feliz Natal, família Summer! —

exclamou, jovial e festiva. Vestia de novo outro vestido cingido ao corpo, desta vez de veludo vermelho. Tinha as faces rosadas e, embora estivesse toda aperaltada, havia cansaço no seu olhar. Tinha ar de quem já estava a pé há algum tempo. Senti-me culpada pela forma como tinha ficado na cama até ao último momento possível.

— Feliz natal, senhora Mins — responderam as crianças sem mostrarem inclinação para se levantarem para a cumprimentar.

A senhora Mins desapareceu porta fora e regressou a empurrar um carrinho carregado de travessas prateadas com tampas. Mudou-as para o aparador, uma a uma, pousando-as nos suportes especiais e colocando colheres de servir a condizer à frente de cada uma. Assim que ficaram todas em ordem, aproximou-se do sofá e beijou as crianças uma a uma. A Agatha e o Robbie sorriram-lhe, mas a Sophia virou-se ligeiramente, com o beijo a pousar algures mais próximo da linha de cabelo, ficando com uma mancha reveladora de batom vermelho na têmpora.

Oferecendo ao Max uma grande panorâmica do seu decote, a senhora Mins dobrou-se para beijá-lo na face. Ele lembrou-se das suas maneiras nesse momento e pôs-se em pé num pulo, agarrando-lhe na mão e quase batendo com a cabeça antes de se recompor e lhe dar dois beijos nas faces. — Feliz Natal, Meryl. Obrigado por tudo.

— Não foi nada — respondeu ela, ainda agarrada à mão dele, embora cada centímetro da sala onde estávamos indicasse que tinha havido imenso trabalho. — O ganso está no forno e deixei instruções para quando devem tirá-lo. Os vegetais estão no aquecedor de alimentos — sei que gostas deles macios — e os molhos estão na despensa. Tenho aqui o pequeno-almoço para vocês. A Sue vem mais tarde para limpar, por isso não têm de se preocupar com isso.

Espetáculo. A Sue. A empregada bisbilhoteira do *pub*. Fiz uma nota mental para me retirar de cena mal pudesse, mais tarde nesse dia.

— Obrigado, Meryl. Pensaste em tudo.

— Tens a certeza acerca do bolo inglês, Max?

— Sim, bastante. As crianças iam preferir gelado de qualquer modo.

— Nunca gostei de bolo inglês — declarei na esperança de aliviar a tensão na sala. Era verdade: o pão de ló com frutas cheio de álcool era a coisa menos favorita quando era pequena e só o comia para poder avançar para as moedas de chocolate.

— Há alguma coisa sobre a qual não tenha uma opinião forte? — perguntou o Max.

— Acho que tenho sido bastante reservada nas minhas opiniões até agora.

O Max fungou. Senti os olhos da Sophia em cima de mim. Cuidado.

— Muito bem. Bom, o pequeno-almoço está pronto — disse a senhora Mins. — Têm ovos mexidos, salmão fumado e panquecas para as crianças.

À palavra *panquecas*, fiz um som involuntário, mas audível, de entusiasmo. O que é que me deu? Passados anos a evitar açúcar refinado, agora estava a ficar obcecada. Parecia que não havia fim para os meus desejos de comida desprovida de qualquer valor nutricional. — E para a Miranda — disse o Max, erguendo-me as sobancelhas.

A senhora Mins olhou para nós os dois e depois, com falta de capacidade ou desejo de decifrar o que se passava, virou costas e saiu da sala. O Max sorriu-me e fez um gesto a implorar-me para me servir. — Venham, meninos. Deixem essas coisas por um minuto.

Arrastaram-se um a um para longe dos presentes, com a Sophia a ajudar a Agatha a subir para a cadeira de rodas e a empurrá-la até à mesa. O Robbie foi o último a levantar-se, com uma pequena câmara empoleirada na cabeça.

— Robbie, o que é isso? — perguntei. O Max avançou até ao meu lado.

— É uma câmara — começou ele a explicar — e filma tudo o que vê. Por isso, neste momento, está a filmar-te a ti. E agora — virou-se —, está a filmar o pai.

— Desliga isso, Robbie — pediu o Max. — Às vezes, nem consigo acreditar no Pai Natal. — E piscou-me o olho por cima da cabeça do Robbie, sem se incomodar se a câmara apanhava ou não o momento.

QUENTE E FRIA. Era essa a natureza do Max. Primeiro pensei que era só comigo, até ter visto que o Max era assim com todos, até mesmo com os filhos. Assim que uma pessoa se acostumasse a isso, tornava-se mais fácil de suportar: estando nas suas graças, o prazer era atenuado pelo conhecimento de que acabaria em breve, e vice-versa. Mas não era forma de as crianças serem criadas, com um terreno instável debaixo dos pés. O amor incondicional era um conceito desconhecido para as crianças Summer. Para eles, o amor estava aqui e ali, arbitrário e raramente previsível. As grandes demonstrações de amor ou de generosidade eram seguidas de revolta abrupta ou crítica. O Natal não ia ser exceção.

A senhora Mins tinha providenciado mais do que pequeno-almoço suficiente para nós os cinco, tendo especialmente em conta que também tinha deixado um jantar de Natal completo na cozinha, mas demos o nosso melhor para tratar dele. O Max comeu com vontade, assim como o Robbie. A Sophia comeu ovos e salmão, mas sem torradas e a Agatha fez uma concessão especial para a ocasião e provou as panquecas. Estávamos a fazer progressos.

— Não abriu o último presente — disse o Max enquanto víamos as crianças a brincar com as prendas. Tinha esperança de que ele não tivesse notado, mas não fazia sentido fazer de conta que não.

— Não, não abri.

Não lhe tinha comprado nada. Por que haveria?

O presente em formato de livro estava embrulhado no mesmo papel luxuoso do que os outros, e eu desembulhei-o com rapidez, falando com as crianças enquanto o fazia, qualquer coisa para aliviar a sensação de tensão

que sentia por ter os olhos do Max em cima de mim. Era, sem surpresa, um livro. A biografia do Winston Churchill que eu tinha visto o Max a escolher na livraria. Uma escolha estranha e não fui capaz de disfarçar a minha confusão. Nunca tinha exprimido qualquer interesse no Winston Churchill, e sabia muito pouco sobre ele, mas ainda assim a prenda deu-me uma pequena sensação de conspiração. Talvez o Max tenha visto algo em mim que eu própria não tenha reconhecido? Um interesse latente, mas incentivante em primeiros-ministros do passado?

— Oh, céus! — exclamou o Max. — Ela embrulhou o livro errado. Perguntei-me onde é que isso tinha ido parar. — Arrancou-mo das mãos. Desnecessariamente, pensei. — Não faço ideia onde é que está a outra prenda. — Falou como se o presente tivesse desaparecido por minha culpa e eu pestanejei, chocada.

— Talvez seja este, pai? — Uma voz baixinha do outro lado da mesa. O Robbie. Tímido. A acenar com outra prenda com formato de livro.

— Bem, então trá-lo cá. — O Max esticou a mão e tirou o livro ao rapaz de forma rude, sem ver a preocupação no seu rosto. Atirou-o na minha direção. Agora ciente de que tinha quatro pares de olhos em cima de mim quando antes só tinha um, desembulhei-o tão depressa quanto possível. Parte de mim sabia o que poderia ser, e outra parte achava que ele não se atreveria.

Atreveu-se mesmo.

A capa familiar. Uma edição nova em folha, com o título gravado a ouro. A parte de trás da capa inteira tinha uma fotografia de perfil da minha mãe a sorrir para alguém acima dela. — *A casa das noivas* — li, como se o estivesse a ver pela primeira vez, esperava eu.

— Já ouviu falar dele? É muito famoso — disse o Max. Abanei a cabeça e estudei a capa com atenção. Uma ilustração estilizada, mais ao género *Art déco* do que as edições anteriores, dando-lhe um ar de P. G. Wodehouse. Outra mentira. Aquilo não era uma comédia. — Foi a minha irmã que escreveu.

— Ah sim? — Fingi surpresa, a pensar no capítulo sobre a mãe do Max. Sobre todos os outros segredos de família postos a nu. Porque é que ele haveria de querer que eu lesse aquilo?

— Achei que pudesse estar interessada na história da casa, da minha família. Claro que não pode acreditar em tudo o que vai ler aí. Ela apanhou

umas pontas erradas, aqui e ali. Mas o básico está correto.

— Obrigada.

— Depois de estarmos no outro dia na livraria — ele lançou um olhar rápido em direção às crianças para ver se estavam a ouvir; a Agatha e o Robbie estavam absorvidos com os Legos, mas a Sophia olhava com um pouco de intensidade a mais para o folheto de instruções para não estar a prestar atenção —, achei que pareceu muito interessada...

Levantei o olhar, em pânico.

— Interessada na zona. Achei que pudesse gostar.

Enfiei-o debaixo do braço. — Obrigada — agradei, recuando até à porta. Era difícil falar a andar para trás nas novas botas de borracha vermelhas que tinha calçado antes a pedido da Agatha. — Acho que agora vou embora para vos deixar ter algum tempo para vós. Em família. Quero dizer... — Não sabia o que queria dizer. A ausência da Daphne era gritante. Porque é que ele não tinha ligado à polícia? Ela agora já estava desaparecida há dias. Mesmo se estivesse com uma bebedeira, a esta altura podia estar caída numa sarjeta. Ou pior.

— Antes de ir, acha que posso falar consigo sobre uma coisa? — perguntou o Max, a olhar inquieto para as crianças. — Talvez ali fora? — Só podia ser sobre uma coisa: a Daphne. Era como se ele me pudesse ler a mente. O Max conduziu-me através das portas duplas e fechou-as suavemente, com as músicas de Natal só levemente audíveis no ar frio do corredor.

— Estava mesmo assim este frio? Quando era pequeno? — perguntei. Pensei na nossa casa quentinha na Austrália. Com radiadores em cada divisão. O meu pai disse que a minha mãe tinha sido bastante específica em relação a isso nos planos, mesmo apesar de nunca ter sobrevivido para o ver cumprido.

— Não. Só quando a caldeira avariava, o que tinha tendência a acontecer de tempos a tempos. O meu avô modernizou a casa — com aquecimento e o resto —, mas o meu pai lembrava-se dela assim, e gostava de nos recordar como era, mantendo o nível do aquecimento baixo. A Daphne não queria acreditar no frio que estava quando veio para cá, mas rapidamente tomou posse e colocou todos os radiadores a funcionar em pleno. Estragou-me com mimos. Já não consigo aguentar tanto o frio como costumava. Mas as contas!

— Alguma vez viveram nesta parte da casa? Você e a Daphne? — Queria trazê-la à conversa. Mais ninguém parecia capaz de fazê-lo. Senti a intensidade dos olhos do Max em cima de mim.

— Achámos que iríamos — acabou por responder. — Tínhamos um quarto na parte da frente, mesmo acima do sítio onde estamos. Tinha vista para o mar e tínhamos quartos ao lado para as crianças, todos alinhados em fila. Mas o hotel tornou-se muito popular e decidimos mudar-nos para as traseiras da casa, deixando esses quartos para os hóspedes. Todos queriam ter vista para o mar. Ainda querem.

— O Quarto Amarelo? — perguntei, surpreendida por o Max levar a sua nova noiva para o quarto onde a mãe tinha morrido.

— Sim. É esse. — Pareceu prestes a acrescentar mais qualquer coisa, mas impediu-se. Colocou fisicamente a mão sobre a boca.

— O que é que a Daphne achou disso? — A Daphne parecia-me ser o tipo de pessoa que iria preferir as vistas mais dramáticas para o mar, mas também pensei que se pudesse recusar a dormir no quarto onde a sogra tinha morrido.

— Ah, ela é uma mulher de negócios, antes de qualquer outra coisa. Não era como as outras raparigas inglesas que tinha trazido para cá, todas embrenhadas na importância do local e a sentirem-se colocadas de lado se as puséssemos num quarto no sótão. Ela conseguia ver que essa forma de vida estava acabada e que precisávamos de fazer qualquer coisa de novo aqui.

— E tinha razão — disse eu. Por aquilo que me era dado ver, a Daphne tinha sido precisamente aquilo que aquele local precisava. O seu restaurante tinha feito da Casa Barnsley uma atração turística e um nome reconhecido, e mesmo apesar de ela estar agora numa espécie de hiato, já tinha deixado um legado maior do que o de muitas das mulheres Summer imortalizadas n' *A casa das noivas*. As memórias do Max a franzir a testa para o livro de contabilidade e a repescar na carteira por um cartão de crédito viável vieram-me à cabeça. Durante quanto mais tempo é que Barnsley conseguiria coxear sem ela?

— Tenho de ir a Londres — disse o Max de rompante, mantendo o olhar num ponto acima da porta de entrada. Havia um brasão de família ali, esculpido na madeira, e ele concentrou-se nisso como se estivesse a vê-lo pela primeira vez. — Esta noite.

— Esta noite?

— Chiu. Sim. Não faça uma cena. — Devo ter feito um som, um guincho de descrédito. Ele acrescentou. — Pelo bem das crianças.

— Mas porquê? É Natal. — Por qualquer razão, eu estava quase em lágrimas. Ele não era meu pai, mas era Natal, e sabia como era estar frágil no Natal, e lembrava-me do quanto precisei do meu pai nesse dia, acima de todos os outros. A Agatha estava finalmente a comer uma coisa diferente, e a Sophia estava tão desejosa de mostrar os presentes ao pai. O Robbie estava morto por explicar ao Max como é que a câmara funcionava e planeou ir caçar fantasmas com ele depois de escurecer.

— Sei que é Natal, por amor de Deus. — Pareceu chateado, e com razão, mas alguém precisava de defender aquelas crianças. Primeiro, a mãe desaparece, e agora o pai vai-se embora no dia de Natal. — É por causa da Daphne.

— Ela está em Londres?

— Não sei! — O Max rebentou. Esfregou os olhos, o queixo, a cabeça. Curvado sobre a entrada da porta. — O irmão está, o Daniel. Ele poderá saber de alguma coisa.

— Poderá? Isso é um tiro no escuro. Porque é que não telefona simplesmente à polícia? Como uma pessoa normal.

A sua cabeça virou-se de repente. — Não vamos ligar à polícia.

— Tem mesmo de ir? As crianças vão ficar tão perturbadas.

— Acha que eu iria se não tivesse de ir? Não sou completamente idiota.

— Não é o que parece — repliquei com cuidado para não levantar a voz, ciente de que as crianças viriam ver de nós a qualquer momento. Ciente de que estavam a começar a confiar em mim. Não queria que me vissem a discutir com o pai.

— O que é que parece?

— Ouvi gritos. Na noite em que ela desapareceu. Ela estava com medo, Max. Pode ter-lhe acontecido alguma coisa de mal. — Não quis dizer-lhe que a tinha visto.

Movi-me para a frente da porta, querendo bloquear a rota de fuga do Max antes de lhe fazer a próxima pergunta. — O que é que aconteceu, Max? O que é que aconteceu à Daphne?

O mais pequeno dos sorrisos aflorou-lhe aos lábios. Tão ténue e desaparecido num instante. No silêncio, distinguiram-se as notas de abertura

do *Good King Wenceslas*. — Talvez você saiba alguma coisa, Miranda? Foi a última pessoa a vê-la.

Engoli nervosamente em seco, mas ele continuou, alheado. — A bisbilhotar nos quartos dos hóspedes. A Daphne estava claramente perturbada quando vos encontrei às duas. Tive de ir pô-la na cama.

Ele aproximou-se e sentia-lhe o cheiro a café no hálito, o forte odor a sobrepor-se a todos os outros. — O que é que andavam a fazer? — Ele inclinou-se para mim. — Quem é você?

Tentei não respirar. Ele tinha a cara tão perto da minha, a proximidade igualmente ameaçadora e íntima. Cravei as unhas na carne da minha mão, a desejar que não se aproximasse mais. Sem perceber qual era a sua intenção.

— Ninguém. — Foi um sussurro.

— Linda menina. — O Max levantou o dedo indicador e pousou-o nos meus lábios. — Linda menina.

A bÍlis subiu-me à boca e forcei-me a engoli-la, tentando não mexer os lábios. Tentando não dar ao Max nenhum encorajamento. Recuei, para longe da entrada. O dedo dele pairou no meio do ar, agora como aviso.

Por fim, baixou a mão para a maçaneta de cobre na porta entrando de novo na sala de estar. — Só estou a pedir para tomar conta das crianças. Eu vou-me embora depois de irem para a cama e voltarei assim que possível. — Calou-se. — Vamos encontrá-la, Miranda. — A sua voz foi-se abaixo, mas foi-se embora antes de eu conseguir ver se havia lágrimas.

A PARTIDA DO MAX foi um sinal de alerta. Assim que a sua presença hipnotizante foi removida, fiquei presa a uma obsessão estranha. Impulsionada não bem pela fúria, mas por algo similar, resolvi tirar o melhor partido da sua ausência e continuar com as minhas investigações. Desta vez não ia deixar que os obstáculos tecnológicos, ou assuntos de decoro, atrasassem o meu progresso. Seria implacável na perseguição do que queria saber.

Ia descobrir o que aconteceu à Daphne. Ia descobrir o que o Max tinha feito à minha mãe. Ia descobrir o que a Elizabeth sabia. Ia descobrir o que isso tinha a ver comigo.

O carro do Max ainda mal tinha saído do caminho de casa e eu já estava a bater à porta da Sophia. Ainda era cedo, mas não se via luz por debaixo da porta. Perguntei-me se o teria deixado para tarde demais. Os dois pilares do Natal, entusiasmo e exaustão, tornaram o dia comprido, mas normalmente ela tinha o hábito de ler à noite até tarde. A Agatha e a Sophia escapavam para dentro dos seus livros, enquanto o Robbie compensava excessivamente com simpatia e alegria de viver. Todos eles pareciam sofrer precocemente de insónias.

Depois de um instante de pausa, ela disse: — Sim? — em tom preocupado. A sua timidez surpreendeu-me. Casmurra e combativa na maioria das vezes, depois dos acontecimentos da outra noite, parecia intimidada pela escuridão.

— Sou só eu — disse a puxar a maçaneta da porta. Veio de lá de dentro um cheiro enjoativo a adolescente: desodorizante perfumado misturado com perfume barato e *lip gloss* pegajoso. Fazia-me lembrar os vestiários da

escola e as grandes emoções que lá se viviam. Engoli nervosamente em seco, pondo de lado essas memórias, com a minha compaixão pela Sophia a aumentar por ainda estar a meio desses anos. Apesar da escuridão por debaixo da porta, um candeeiro na mesa de cabeceira lançava um pequeno halo de luz perto da sua almofada. Estava a ler uma velha edição de bolso esfarrapada, e não um dos livros que lhe tinham oferecido no Natal, e parecia tão tranquila que me senti mal por incomodá-la. — O que é que estás a ler? — perguntei, a reunir a coragem para dizer porque é que estava realmente ali.

— Era um dos preferidos da minha mãe — respondeu a levantá-lo. — Tirei-o da sua mesinha de cabeceira depois... — As palavras não saíam, por isso interrompi-a ao ler o título em voz alta.

— *Castelo dos sonhos*. Não conheço.

— Acho que a Elizabeth o ofereceu à minha mãe quando ela se mudou para cá, mesmo depois de se terem casado. Disse que ia explicar muita coisa sobre o local e sobre os ingleses. Ela disse que eu o podia ler quando fosse um bocadinho mais velha.

— E agora já és um bocadinho mais velha.

— Sim. — Não tinha bem a certeza se seria apropriado, mas sentia que não me cabia meter-me entre mãe e filha daquela maneira.

— Talvez me possas emprestar quando acabares.

— Está bem. — Ela fechou o livro e olhou para a capa. — Mas já tens bastante que ler.

— *A casa das noivas*?

— Sim.

— Já leste? — Eu tinha mais ou menos a mesma idade da Sophia quando o li pela primeira vez. Passei grande parte à frente, especialmente as longas passagens descritivas sobre a arquitetura da igreja e da paisagem. Em grande parte, fiquei só desiludida por não conter mais da essência da minha mãe. E que não houvesse nada sobre mim.

— O pai não me deixa.

Não era bem uma resposta. Deixei ficar assim. — Como é que está o teu tornozelo?

Um vislumbre de culpa atravessou-lhe a cara e esticou instintivamente a mão para o pé. — Está muito melhor, obrigada.

Esperei durante um instante pelo que esperava que viesse a seguir.

Nada.

— Gostaste do dia? — perguntei.

Ela pensou por um momento, sentando-se na cama e encostando-se contra a cabeceira forrada, com o seu cabelo louro comprido ligeiramente despenteado pela almofada. — Não foi tão mau quanto esperava — disse devagar. — Foi diferente sem a mãe. Sabia que seria, mas também foi estranho que a Elizabeth e o Tom não viessem. O Natal costumava ser uma coisa em grande. Costumávamos ir cantar as músicas de Natal à vila e depois a Elizabeth e o Tom regressavam connosco para a casa principal. Mesmo quando éramos pequeninos, era-nos permitido ficar acordados até tarde e os crescidos deixavam-nos jogar jogos com eles e também cantávamos. Num ano, recebi uma máquina de *karaoke* e mal consegui cantar uma vez: a minha mãe e a Elizabeth não a largavam, sem pararem de cantar uma série de canções antigas, enquanto o pai e o Tom reviravam os olhos. Foi divertido.

— Como é que a tua mãe era? Antes do acidente — perguntei.

— A mãe era tão divertida. Estava sempre feliz. Costumava deixar-nos ajudá-la na cozinha. A descascar favas. A partir espargos. Dizia que a única forma de aprender era se nos envolvêssemos. E nunca perdia a paciência, nem mesmo uma vez quando tentei abrir ostras sem a sua permissão. — A Sophia calou-se e mostrou-me a pequena cicatriz em meia-lua na palma da mão. — Ela era sempre tão encorajadora. Estás a ver o Robbie? E os fantasmas? — Acenei, incentivando-a a continuar. — O pai costumava revirar os olhos, mas a mãe ia com o Robbie a todo o lado para encontrar fantasmas. Mesmo quando vinha exausta do restaurante. Dizia que eu também iria encontrar o meu interesse. E que não interessava o que fosse, que me iria apoiar sempre.

— Mesmo assim, ser filha de um pai ou mãe brilhantes pode ser difícil. Pode colocar-nos pressão em cima.

A Sophia ficou com um ar perplexo. — A minha mãe não é assim.

Eu tinha sentido tanta a falta da minha mãe ao crescer, mas sentia ainda mais falta agora enquanto adulta. Tudo o que eu tinha conseguido tinha resultado do seu conselho, cada segundo de sucesso que consegui deveu-se à sua insistência para eu fazer algo especial. Houve alturas na minha vida em que quis tanto que ela estivesse vida — o lançamento da minha aplicação, o fim de semana em que saí na capa da revista suplemento do

Sunday — e depois de todas as vezes em que eu estava tão contente, e ela não estava lá para ver no que me tinha tornado. Andava sempre tão preocupada em fazer com que se orgulhasse de mim. Talvez a Sophia percebesse quando fosse mais velha. — Ela parece ser incrível. Percebo porque é que tens saudades dela. — Eu também teria.

O silêncio da casa era agora ainda mais assustador em comparação com estas memórias. Ainda não eram dez da noite e já a casa estava quase completamente imersa na escuridão. A Sue tinha-se ido embora e levado todas as provas do jantar de Natal com ela. A árvore, tão resplandecente ao amanhecer, estava a milhas de distância do quarto minúsculo onde estávamos agora. Quando chegássemos à manhã seguinte, antecipava que não houvesse mais qualquer sinal do Natal em lado nenhum da casa. — Gostaste do teu presente? — perguntei. O *necessaire* que lhe tinha comprado estava pousado em cima da secretária, junto a um monte de prendas. Era prático para dormidas fora de casa, um sítio para ela guardar os infindáveis frascos de água de colónia, e para quando ia em viagens de estudo, mas agora parecia só uma recordação da sua possível partida. Olhando agora para ela, na segurança no seu quarto forrado a papel de parede, não a conseguia imaginar longe daquele lugar. Precisaria de ir embora, se eu ficasse?

— É ótimo, obrigada. — As suas maneiras surpreendiam-me, sugerindo que o mau humor violento não era, afinal de contas, a sua forma de lidar habitual. Alguém tinha tentado educá-la bem. Seria a Daphne ou o Max, ou teria ela aprendido as suas maneiras por osmose, rodeada de pessoas que se comportavam bem em público, mas escondiam tantos segredos?

Fez-se silêncio. Por uns instantes, ambas ficámos a escutar os sons da casa. Nunca se ficava em silêncio absoluto nesta casa ao pé do mar. O barulho do oceano era uma constante, mas quando o vento soprava pelos ramos nus das árvores, era difícil distinguir os dois. As janelas favo de mel de origem nos quartos daquela parte da casa eram lindas, mas barulhentas. Alguém tinha dobrado cartão e colocado dentro das fendas para aliviar o barulho do chocalhar.

Era agora ou nunca. A odiar a ideia de perturbar o santuário da Sophia, e desejando tê-la apanhado sozinha em qualquer lado sem ser ali, sentei-me na sua cama. Alisei a colcha com a minha mão, remexi com uma borla e respirei fundo. A Sophia olhou para mim, expectante. — Sophia?

— Sim.

— Porque é que mentiste sobre a carta?

— Não menti. Não te mandei uma carta.

Obtusidade clássica de um mentiroso. Reconhecia os sinais. — Porque é que mentiste acerca de teres mandado uma carta à minha mãe?

— Porque é que mentiste sobre tê-la recebido?

Cheguei-me para ao pé dela. Às vezes, dizer a verdade requeria consolo e proximidade. — Eu não menti.

A Sophia olhou incisivamente para mim.

— Não menti. Nunca ninguém me perguntou quem eu era. — Tirando o Max, nesse dia, no corredor. Mas isso tinha sido retórico, achava eu.

— Não estava a planear mentir. Planeei vir cá ver-te e verificar se estava tudo bem. Planeei ajudar. Que foi aquilo que pediste na tua carta — recordei-lhe.

— Então porque é que não disseste de imediato quem eras? — perguntou a Sophia enquanto mexia numa borla do final da colcha.

— Foi tudo um bocado esquisito quando cá cheguei, para ser sincera — respondi. Os seus olhos arregalaram-se, mas continuei. — Dificilmente podia aparecer e pedir para falar contigo sem dizer quem era, por isso, quando a opção de ser a ama se colocou, pensei que fosse uma boa solução temporária. — Não fiz referência aos avisos do meu pai. Ou à minha própria apreensão à chegada. A sensação de que havia alguma coisa que não batia certo.

— Temporária — repetiu Sophia.

— Sim, bem... — Ambas a modos que nos rimos. Ligeiramente, pelo menos. — Mas agora percebes — disse eu.

— Agora percebo — concordou a Sophia.

— Sabe bem falar abertamente — disse com sinceridade. — E torna mais difícil para mim ir-me embora agora.

— Ótimo. — Ela fez um ligeiro sorriso. — Pensei que o pai ia pedir-te para te ires embora na outra noite, quando magoei o tornozelo.

— Também eu, para ser sincera — disse.

— Desculpa ter dito que me obrigaste a ir procurar a minha mãe. — Finalmente. O pedido de desculpa que estava à espera.

A Sophia continuou, devagar. — E não te quis mentir sobre a carta. Estava um pouco, bem, confusa de início. E depois perguntaste-me em

frente do Robbie e da Agatha, e eu não queria que soubessem. Mas estou contente por estares aqui. Especialmente agora que a mãe desapareceu.

Aproveitei a oportunidade para saber mais coisas. — Ela já fez isto antes? Simplesmente desaparecer? — perguntei.

A Sophia corou e senti-me mal por lhe estar a pedir para trair a mãe. Eu teria defendido a minha até aos confins da Terra.

— Algumas vezes. Uma vez foi para uma clínica de desintoxicação. Mas eu não sabia disso na altura. Nenhum de nós sabia. Pensámos que tinha apenas ido de férias. Ouvi o pai e a Elizabeth falarem sobre isso mais tarde. De outra vez, esteve desaparecida durante uma semana. Mas na maioria das vezes, era só por uns dias. Depois do serviço de almoço a um domingo, tomava algumas bebidas e não a víamos até ser segunda ou terça-feira. — Fechei os olhos. Não admirava que ninguém parecesse demasiado perturbado com o seu último desaparecimento. Tinham tido de lidar com isso imensas vezes ao longo dos anos.

— Mas desta é diferente. — A insistência na sua voz fez-me abrir os olhos. — Ela nunca nos deixaria no Natal.

O quarto ficou em silêncio enquanto as palavras ficaram a pairar. — Eu sei. — Foi tudo o que me ocorreu dizer.

— O que é que o pai foi fazer a Londres? — perguntou a Sophia de repente. A minha lealdade balançou do Max para a criança vulnerável à minha frente.

— Foi ver o irmão da tua mãe. — O Max tinha-me pedido para não fazer alarido acerca da sua partida. Mesmo apesar de não estar disposta a seguir as suas instruções naquele momento, a expressão da Sophia fez-me arrepender de imediato da minha indiscrição. Percebia que tinha sido no melhor interesse das crianças.

— O tio Daniel?

— Não sei. O teu pai não disse.

— O tio Daniel sabe onde está a mãe?

— Imagino que o teu pai ache que possa saber.

A Sophia bocejou. Já era tarde. Sentia que de modo algum ia conseguir dormir, mas que a devia deixar para que pudesse fazê-lo. Mas havia algo que me estava a incomodar. — Porque é que achaste que a minha mãe vos podia ajudar?

A Sophia ficou com um ar acanhado. Agora que estava ali, percebi como deve ter sido difícil tal feito de escrever aquela carta. Dificilmente a teria conseguido enfiar na caixa para o correio no escritório do hotel. Teria de conseguir arranjar um selo internacional, encontrar a morada da minha mãe e, depois de tudo isso, ir até à vila para expedi-la. Não era impossível, mas para a Sophia, uma criança que mal conseguia ter energia para conversar na maioria dos dias, parecia uma tarefa insuperável.

— Foi só por causa de uma coisa que a minha mãe costumava dizer às vezes sobre ela. A maioria delas quando estava bêbada.

— E o que era? — O meu coração bateu mais rápido na perspectiva de ouvir qualquer coisa sobre a minha mãe. Qualquer coisa nova. Qualquer coisa sobre ela e Barnsley. — A mãe costumava dizer: «Nunca conheci a Tessa, mas é a única Summer com algum bom senso, por ter partido naquela altura.».

O ESCRITÓRIO ESTAVA vazio, mas mantinha a sensação de ocupação recente. Um ligeiro calor, um odor humano inidentificável. Verifiquei as portas de correr. Destrancadas. Olhando para fora para a noite escura, percebi que qualquer pessoa lá fora me podia ver. A tentar parecer oficial e a recordar-me de que o Max me tinha pedido para tomar conta das coisas na sua ausência, tranquei as portas e fechei bem os cortinados para deixar de fora a noite escura. Deixar de fora a senhora Mins. Quem mais poderia ter sido?

O fundo do ecrã do computador era uma fotografia de Barnsley. O relvado estava coberto por uma camada de neve, ou de geada, era difícil de perceber. Seja como for, a beleza do lugar fez-me parar. A majestosidade etérea do salgueiro podado e das sebes cortadas em nuvem a pairarem sobre o chão era do outro mundo, e ainda assim, estava tudo a meros metros de onde estava sentada. Mal conseguia acreditar que alguém pudesse deixar este sítio e nunca mais regressasse. Apesar de todas as provas em contrário, mal conseguia acreditar que alguém pudesse ser infeliz aqui. A minha mãe. A Daphne. Cliquei no ícone do navegador, esperando encontrar algumas respostas.

Primeiro, e para que tivesse um álibi no caso de alguém aparecer, entrei no meu *email*. As mensagens começaram a aparecer às centenas. A maioria delas era lixo, mas muitas eram do meu pai, com frases no assunto em letras maiúsculas, de algum modo a transmitir a sua frustração crescente. O grande número delas ameaçava assoberbar-me de culpa e vergonha, por isso ignorei as mais antigas e abri as últimas, enviadas apenas horas antes. A

frase do assunto era «Tessa». Ou mais precisamente: «TESSA». Com relutância, tirei os óculos do bolso do casaco e comecei a ler.

Miranda.

Não me estás a responder aos emails. Gostava de pensar que há uma boa razão para isso, mas suspeito que não. O máximo que posso desejar é que os estejas a ler, mesmo que não respondas. O que, por si só, é bastante malcriado, e eu esperava que te tivéssemos educado melhor do que isso.

Revirar de olhos.

Não fui inteiramente honesto contigo.

A carta que leste da Sophia não foi a primeira de alguém de Barnsley a tentar contactar contigo.

Um respirar fundo enorme que só podia ter vindo de mim. Tinha a sensação de que sabia o que vinha a seguir.

A tua tia Elizabeth anda a tentar contactar-te há algum tempo.

A Elizabeth saberia quem eu era? Porque é que não disse nada?

Ela vai tentar convencer-te de que a tua mãe cometeu uma grave injustiça quando era jovem. A Elizabeth nunca foi capaz de prová-lo e, com o passar do tempo, as suas cartas tornaram-se mais histéricas, zangadas. Preocupa-me que possa descarregar essa fúria em cima de ti.

Por favor, Miranda, por muito que estas pessoas sejam da tua família, não são teus amigos. O seu interesse súbito deve ser tratado com cautela. Só

espero que possas desvencilhar-te antes que descubram a tua verdadeira identidade.

Pai

Era aquilo. Só «Pai». Sem amor nem qualquer cumprimento caloroso. Tinha-o chateado outra vez.

Ele sempre me tinha apoiado, até mesmo nos tempos piores, e agora parecia que lhe tinha finalmente testado os limites dos nossos laços. Andava tão embrenhada nas vidas daquelas pessoas que mal sabia que tinha de algum modo conseguido destruir a única relação verdadeira na minha própria vida.

Antigamente éramos tão próximos. Quando éramos só nós os dois, e depois ainda quando a Fleur e depois a Ophelia e a Juliet apareceram. Achei que ficaria orgulhoso de mim quando eu comesse a ser bem-sucedida, mas foi aí que se começou a afastar de mim. E depois, quando tudo aconteceu, parecia mais zangado do que deveria. Começou a olhar para mim como se não me reconhecesse. Ou pior, como se reconhecesse.

Comecei a teclar-lhe uma resposta, mas as palavras não se encaixavam. Não iam dizer o que eu queria sem parecerem fingidas ou histéricas. A cada palavra escrita, aparecia o fantasma de outra palavra.

Fraude, burlona, mentirosa

Mentirosa mentirosa

Fechei o *email*, frustrada. Teria de voltar a ele mais tarde. Teria de arranjar uma forma de me desculpar convenientemente perante o meu pai. Abrindo outra janela, comecei a teclar as coisas diretamente no Google da forma como me vinham à cabeça.

Casa Barnsley. Max Summer. Daphne Summer. A Casa Summer. Daniel.

Todas as pesquisas resultavam em resmas de informação, páginas infundáveis de histórias sobre as mulheres famosas que tinham vivido na Casa Barnsley, o passado escandaloso que parecia ecoar até aos nossos dias. Havia artigos mais sérios dispersos pelo meio, relatórios das incontáveis estruturas significativas que a Sarah Summer tinha salvado da ruína ou críticas dos melhores romances policiais da Gertrude, todos passados, parecia, na área local e alguns mesmo ali na Casa Barnsley.

Examinei inúmeros artigos da *Country Life*. Havia um de antes do tempo do Max sobre o seu pai e a sua modernização da casa. O pai do Max tinha achado difícil encontrar funcionários depois da morte da esposa, dizia-se, à medida que persistiam os rumores de que havia um fantasma a assustar muitas potenciais ajudantes domésticas para se irem embora. Por fim, fechou aquela secção da casa e arranjou-se com menos empregadas.

Havia outro artigo a destacar um leilão de muitos dos quadros e valores da casa que tinha decorrido na Sotheby. Um retrato famoso da avó do Max pintado por John Singer Sargent arrecadou a maioria do dinheiro e estava agora pendurado numa galeria de Chicago. Uma bandeja de prata tão grande como um pequeno carro tinha antigamente suportado quase cem garrafas de champanhe e o autor do artigo especulava que fosse ser derretida e reutilizada.

Um artigo mais recente ecoava o sentimento do perfil sobre a Daphne. Uma história de amor, uma casa em ruínas transformada. «A fénix renascida das cinzas» era o título, e estava acompanhado por uma fotografia da Daphne e do Max que eu nunca tinha visto, a posarem nos degraus de entrada, ambos de galochas, com um jovem Thomas obedientemente esticado à frente deles. Ao lado dessa fotografia estava outra fotografia de um quarto. Na legenda lia-se: «O famoso Quarto Amarelo com vista para o relvado que desce a colina até ao mar da Cornualha onde Gertrude Summer escreveu os seus livros está agora disponível para os hóspedes do hotel.»

Algo no canto inferior do monitor chamou-me a atenção. Um ícone de uma câmara, o programa de vigilância. O meu coração começou a acelerar. A Daphne estava desaparecida e eu tinha a certeza de que a resposta podia estar nas gravações das câmaras, apesar da recusa dessa possibilidade pelo Max. Atrever-me-ia? As minhas mãos começaram a suar em cima do rato. Não havia ninguém por perto, as crianças estavam a dormir. O Max estava muito, muito longe. Cliquei antes de me conseguir convencer a não o fazer. A caixa abriu-se de imediato a pedir uma palavra-passe.

Claro. O Max não era parvo. Pensei em quem teria a palavra-passe. O Max, decididamente. A senhora Mins? A Elizabeth? Não sabia. Havia tantas palavras-passe possíveis. Tentei «Barnsley». Tentei «Daphne». E depois a ligação caiu. Era verdade, então, acerca da ligação duvidosa de Internet. Pousei a cabeça em cima da secretária para pensar.

Só por um minuto. E depois adormeci.

Sonhei que alguém chamava o meu nome. Uma mulher. Não lhe conseguia ver a cara, mas reconhecia-lhe a voz. Parecia-me natural, no meu estado de semiconsciência, que a voz fosse uma mistura da minha mãe e da Daphne, mesmo apesar de não me conseguir recordar de nenhuma das duas quando estava acordada. Morte e humanidade, natureza e horror, pareciam tão intimamente ligadas naquela casa.

A porta abriu-se, depois pequenos passos. Outra vez o meu nome, agora sussurrado, numa voz hesitante de criança. Não de mulher, de todo. Um rapazinho.

— Robbie, assustaste-me — disse eu com cuidado. — Podes por favor tirar essa coisa? — Fechei rapidamente o computador.

Ele levantou a mão até à câmara na cabeça. — O quê, isto?

— Sim. Precisas de pedir permissão às pessoas para as filmares — disse eu a tentar enquadrar a situação como um dilema moral e não um assunto de conduta enganosa a meu respeito.

— Porquê? O meu pai não pede.

— Isso é diferente.

— Não é. A Elizabeth disse. É suposto ter-se cartazes, pelo menos.

— O que é que a Elizabeth disse mais? — perguntei. Que outras conversas é que o Robbie tinha ouvido? Teria eu dito alguma coisa perto dele?

— Disse que devia de haver qualquer coisa nos vídeos. Estava muito chateada.

Aposto que sim. — Quando é que foi isso?

— No dia a seguir ao concerto da escola.

Claro que foi. — O que é que o teu pai disse?

— Disse que tinha verificado e que não havia nada.

Era demasiado. Sentia que só tinha estado a dormir durante dois minutos e que agora o meu cérebro se recusava a acompanhar. — Ainda é cedo, Robbie. — Será que ninguém dormia naquela casa?

— Não é assim tão cedo, na realidade. Só está escuro.

— Não acredito em ti.

Mostrou-me o seu relógio, prenda de Natal. Os números inicialmente ficaram difusos e chocantes aos meus olhos turvos. Esfreguei os olhos. Ficaram menos difusos, mas não menos chocantes. — Robbie!

Ele sorriu. — Anda lá, Miranda. Não tem piada quando é de dia. Não gostavas de ir ver alguns verdadeiros fantasmas ingleses?

Gemi. — Gostava só de dormir qualquer coisa.

O Robbie olhou inocentemente para mim. Suspirei e levantei-me. Isto afinal não se estava a tornar num emprego das nove às cinco. Talvez a Grant and Farmer tivesse sido mais apropriada, afinal de contas. — Podes desligar isso? — pedi. A luz vermelha ainda estava a brilhar. Eu não precisava de ser filmada tão cedo, àquela hora, particularmente depois do pouco sono que tinha dormido na noite anterior.

— Tenho mesmo? Vou à procura de fantasmas. O meu livro novo diz que há um na ala leste. — O Max tinha-lhe dado o livro, afinal de contas. Suspeitava que seria eu quem ia lidar com a consequência dessa decisão parental em particular. Se ao menos tivesse tirado tempo para lê-lo antes, como tinha planeado.

— O que é que o teu livro diz? — perguntei. O Robbie não era o único com fantasmas na cabeça. Eu não queria validar a sua crença em fantasmas, mas estava a começar a ser menos cética.

— Vou ler-te. — Estava a usar uma espécie de colete utilitário, como um pescador, com dúzias de bolsos e redes. De um bolso particularmente grande do seu lado esquerdo retirou o livro que o Max tinha comprado na livraria na cidade. Mesmo que só tivesse um dia, já tinha os sinais de estudo intenso: havia páginas vincadas, secções sublinhadas a caneta de cor e notas autocolantes a sinalizar capítulos de interesse.

— Tens andado ocupado — comentei.

— Eu não durmo bem.

— Talvez dormisses melhor se lesses menos histórias de fantasmas.

O Robbie olhou para mim com ar interrogador e começou a ler. — «A Casa Barnsley, na costa escarpada de West Country, tem uma posição espetacular com vista para a famosa Ilha Minerva. São ambas propriedade da família Summer e diz-se serem assombradas por habitantes prévios. O fantasma da Casa Barnsley é um fenómeno relativamente recente e, ao contrário dos outros fantasmas sinalizados neste livro, não emergiu da histeria da caçada que cativou a sociedade do início do século XIX. Em vez disso, o fantasma da Casa Barnsley foi avistado pela primeira vez nos anos 1970 e, apesar das tentativas dos especialistas em *poltergeists* de o

filmarem, nunca foi capturado em filme. A Casa Barnsley é atualmente gerida como hotel de charme e os hóspedes reportam ouvir gritos nos corredores quando não se vê a presença de ninguém. Num quarto em particular, no Quarto Amarelo, na ala leste, houve numerosas situações de água a correr na banheira durante a noite. A primeira aparição do fantasma foi mesmo a seguir à morte de Beatrice Summer, mãe do atual proprietário, Max Summer. Beatrice morreu queimada num incêndio na casa durante um festival de música de verão.»

O Robbie parou de ler, com os olhos muito abertos em busca dos meus, à espera de que eu fizesse a ligação. — A avó — disse com espanto. — A minha avó é um fantasma.

A minha também, apeteceu-me dizer. Mas em vez disso, disse: — Não sejas tonto, os fantasmas não existem. — Como é que era possível que eu começasse a ter mais medo do que um rapazinho? — Dá-me esse livro. — Virei-o para ver quem o tinha escrito: Hugo Whittal, um tipo com boa aparência, óculos de armação em massa de tartaruga e a camisa abotoada até acima. — O Hugo Whittal não faz ideia do que está a falar. Suspeito que ande pelas casas antigas à procura de pessoas que morreram e depois inventa histórias para condizer.

— O Hugo Whittal é um caçador de fantasmas muito conhecido. — O Robbie arrancou-me o livro das mãos. — Uma vez a minha mãe levou-me a ver uma palestra dele à Universidade de Exeter. Vou lá acima ver a avó.

— Robbie. Espera. Tens a certeza de que queres ir até lá acima sozinho?

— Não tenho hipótese. Espero que não estejas com demasiado medo de vir comigo. Mesmo apesar de os fantasmas não existirem.

Mesmo que estivesse com algum medo, não podia deixá-lo avançar sozinho. Esperando que as meninas ainda dormissem mais um pouco, concordei em ir com o Robbie, na condição de ele desligar a câmara e mostrar-me onde ficavam os interruptores. Depois de muitos resmungos e protestos, lá concordou, fazendo-me prometer que podia voltar a ligar a câmara e desligar as luzes se ouvíssemos alguma coisa suspeita.

O Robbie foi à frente subindo a escadaria larga de madeira, que virava em ângulos retos sobre si mesma, com uma janela de vitral no patamar. As paredes estavam vazias e agora eu sabia porquê: tudo vendido no leilão e nunca substituído. — Esta é a ala leste — sussurrou o Robbie.

Apesar da minha recusa em acreditar nos devaneios do Hugo Whittal, havia uma sensação peculiar de ocupação naquela ala, mesmo a partir do sítio onde estávamos. De novo. Os meus sentidos estavam em alerta máximo. Alguma coisa não batia certo. — Aquilo é uma luz? — sussurrei. Apesar de toda a minha bravura, não conseguia falar num volume de voz normal.

— Vou ver.

O Robbie fez o caminho pelo corredor, passando as mãos ao longo dos painéis enquanto avançava, com os passos a serem silenciados pela carpete felpuda debaixo dos pés.

— O que é aquilo? — perguntei. Ouvia-se música. Clássica. Baixinho, mas não tão baixo que não se conseguisse ouvir através das portas pesadas.

O Robbie encolheu os ombros. Avançou com rapidez por uma saída de incêndio — obviamente instalada já demasiado tarde para a Beatrice — e lá estava, à direita no final da passagem.

O Quarto Amarelo.

A música subiu de tom quando parámos do lado de fora da porta. O Robbie olhou para mim, com um ar inquiridor. Concordei com a cabeça e ele carregou no pequeno botão de lado da sua câmara. A luz vermelha ligou-se. No brilho, vi a sua respiração a fazer formas no ar. Deixei escapar o fôlego que estava a sustentar e a minha fez o mesmo.

O Robbie colocou a mão na maçaneta. Esperei que a puxasse, com esperança de que encontrasse resistência e que recuássemos, talvez com planos de encontrar a chave noutro dia, ou esquecendo a missão por completo. Qualquer uma das opções parecia preferível a entrar e encontrar o que estava para além dela. Para minha grande surpresa, a maçaneta cedeu e a porta libertou-se da ombreira.

O Robbie olhou para mim e apontou lá para dentro. Acenei com a cabeça. Estávamos a ter conversas inteiras em linguagem gestual. O Robbie continuou a empurrar e eu não o impedi. A música estava decididamente a vir lá dentro. Ele entrou, parou e olhou para trás para mim em terror. Inclinei-me para a frente, ainda com os pés presos no mesmo sítio e ouvi. Água a correr.

A porta da casa de banho estava fechada, com uma pequena linha de luz por debaixo. Os cortinados tinham sido puxados para trás para permitir que a madrugada entrasse enquanto se aproximava lentamente. Pelo que me era

dado saber, ninguém tinha estado naquela parte da casa depois de mim e da Daphne, há dias. Estaria ela ali o tempo todo?

Sem ter a certeza em que estado é que estaria, agarrei na mão do Robbie para puxá-lo para fora do quarto. Ele arrancou-a da minha, a apontar para a cama. Estava desfeita e parecia que alguém tinha lá dormido recentemente. Havia um rádio *Roberts* na mesinha de cabeceira sintonizado numa estação, com a música a vibrar. O ar do quarto também tinha um cheiro diferente do cheiro do corredor, com o ar húmido ali a ser suplantado por uma humidade perfumada. Estava alguém na casa de banho, demasiado humano para ser fantasmagórico.

O Robbie agarrou-me na mão e virámo-nos para desatar a correr. Nesse momento, o volume de disparates do Hugo Whittal escorregou do bolso do Robbie. Caiu no baú aos pés da cama, fazendo um baque ao aterrar. A água a correr parou. Houve uma pausa e depois uma voz a chamar. — Max, és tu?

— É A SENHORA MINS.

O Robbie ainda estava branco de terror quando sussurrou aquelas palavras. Parte dele não estava convencido. Ainda podia ser um fantasma e queria a minha confirmação.

Tentei esconder o desapontamento na voz quando respondi. O desapontamento de não ser a Daphne. — Acho que sim, que é — respondi. E a porta abriu-se.

— O que raio é que estão a fazer aqui? — Era a senhora Mins, e ainda assim, naquela manhã tinha um ar tão diferente da última vez que a tinha visto, que duvidava que a conseguisse identificar numa linha de reconhecimento. Apesar do seu ar frígido, vestia um robe debruado a renda que segurava com força, o que só fazia com que se tornasse mais revelador, pois colava-se a todas as curvas do seu corpo e traía a nudez por debaixo dele. Sem maquilhagem, a sua cara era pálida, com os seus traços a desaparecerem no nada, quase sem sobrancelhas e pestanas. Os lábios comprimidos de raiva.

— Olá, senhora Mins. Achávamos que era um fantasma.

— Não me venhas com olás, Robbie. Sabes que não é suposto estares aqui — ralhou ela com rispidez e o Robbie pareceu ficar abatido. Não estava habituado a que lhe falassem assim, não por ela.

Virou-se para mim e revelou o tamanho da sua raiva. — Você devia de saber. Esta zona está fora de limites para as crianças. E para si.

— Peço desculpa. O Robbie queria procurar fantasmas. — A desculpa era fraca e o meu julgamento pobre, mas a sua reação parecia exagerada. Não estávamos a meio da noite, era quase hora do pequeno-almoço e,

embora tecnicamente estivéssemos no hotel, era, afinal de contas, a casa do Robbie. Ele tinha mais direito a estar ali do que ela, do meu ponto de vista.

— Vou ter de contar isto ao Max.

Era a primeira vez que me ameaçava. — Desculpe?

— Vou contar ao Max que foi contra as suas ordens e trouxe as crianças até aos quartos de hóspedes. Fantasma! A sua função é ser responsável e não encorajar as pequenas obsessões do Robbie. — Inclinou-se para a frente e vi-lhe a pele macia do peito, o inchaço dos seus seios generosos enquanto apanhava o livro. Não o devolveu.

— Foi o Max que lhe comprou o livro e não eu.

Ela ignorou-me e começou a folheá-lo. O Robbie agarrou-me na mão com mais força e olhou-me de forma implorante, claramente a querer sair dali o mais rápido possível. — Achei que ficaria a dormir esta manhã, depois de se ter deitado tarde — disse ela, mantendo os olhos no livro. Eu conseguia ver que já tinha encontrado a página sobre a Casa Barnsley, mas era difícil de dizer se estava de facto a ler ou só a segurá-lo para nos atormentar.

— Como assim?

— Sabe bem a que me refiro. A bisbilhotar pelo escritório. A usar o computador de trabalho. Pergunto-me o que o Max pensará sobre isso. Você não? Não se pergunta?

— Não estava a bisbilhotar. Estava a mandar um *email* ao meu pai. — Senti-me como se fosse outra vez menina de escola, embora nunca tivesse tido uma professora tão ameaçadora como a senhora Mins naquela manhã.

— Porque é que está aqui? — perguntou ela de olhos a pestanejar. O seu mau génio, suspeitado, mas nunca visto, tinha vindo à superfície.

— Porque é que *você* está aqui? — ripostei. O ataque era a melhor forma de defesa e as suas mentiras sobre Itália ainda estavam frescas na minha cabeça.

O Robbie, quer fosse de forma planeada ou por acidente, veio em meu socorro. A luz vermelha da sua câmara ainda estava a piscar. A senhora Mins virou a atenção para ele, com o seu tom de voz a voltar quase ao normal. — O teu pai pediu-me para ficar aqui na casa para manter um olho nas coisas enquanto ele está fora. — Sorriu prosaicamente.

— O Max não mo referiu.

— Acho que vai perceber que há imensas coisas que o Max não lhe refere.

Ela tinha razão. — Vamos andando para agora ir ter com as meninas — comecei a dizer.

A senhora Mins ignorou-me e começou a ler o livro em voz alta. — «A Casa Barnsley é atualmente gerida como hotel de charme e os hóspedes reportam ouvir gritos nos corredores quando não se vê a presença de ninguém. Num quarto em particular, no Quarto Amarelo, na ala leste, houve numerosas situações de água a correr na banheira durante a noite. A primeira aparição do fantasma foi mesmo a seguir à morte de Beatrice Summer, mãe do atual proprietário, Max Summer. Beatrice morreu queimada num incêndio na casa durante um festival de música de verão.». — Fungou. — Água a correr! Imagino que devam ter ficado aterrorizados quando me ouviram a preparar um banho.

— Ah, não... Nem por isso — gaguejei, embora tenha a certeza de que a nossa palidez tenha demonstrado o oposto.

— Ouvi pessoas a dizer... — Ela inclinou-se e devolveu o livro ao Robbie, assegurando-se de que estava a ouvir — ... que a velha senhora Summer estava a preparar o banho para se tentar salvar. Não é verdade. Eu estava lá. Vi tudo. Estava a preparar aquele banho para afogar...

— Já chega, senhora Mins. — Arrastei o Robbie para fora do quarto, puxando-o pela carpete de tal forma que os seus pés mal tocavam no chão.

— É da minha avó que ela está a falar — sussurrou o Robbie em choque quando finalmente chegámos ao fundo da escadaria e finalmente o deixei andar sozinho.

Da *minha* também, apeteceu-me dizer. Da *minha* também.

DEPOIS DAQUELA MANHÃ, sentia a presença da senhora Mins por todo o lado. Mesmo que nem sempre conseguisse vê-la, ela parecia sempre capaz de ver-me. Tinha de batê-la no seu próprio jogo. Se conhecimento era poder, podia armar-me contra ela. Tinha a certeza de que ela sabia qualquer coisa sobre o desaparecimento da Daphne. Tinha a certeza de que tinha alguma coisa a esconder.

Era mais difícil para mim andar secretamente por ali: enquanto ela se escondia nas sombras e tinha chaves para todas as fechaduras, eu tinha três crianças a reboque; enquanto tinha acesso aos computadores e conhecimento sobre a história da família, eu andava a raspar as migalhas de informação e a estudar fotografias antigas. Era hora de encontrar uma aliada.

Por sorte, nessa mesma manhã, a Elizabeth telefonou a partir da ilha. Eu não a via desde o concerto, mesmo apesar de ela ter estado em alguma altura na casa para ter a conversa que o Robbie ouviu. Estava a ligar, disse ela, para ver como tinha corrido o Natal, mas suspeitava que estava na verdade a telefonar por causa da Daphne. Encarei a altura do seu telefonema como um qualquer sinal de que poderia confiar nela. O *email* do meu pai sugeria que sabia da minha existência desde sempre e, ainda assim, não tinha desvendado a minha identidade. Apesar dos avisos do meu pai, eu não conseguia ver perigo na Elizabeth.

Eu e o Robbie estávamos de regresso à cozinha, a comermos um monte de torradas quentes com manteiga e doce de ameixa, frascos que tinha encontrado na despensa, etiquetados com a letra da Daphne, escrita à mão. Havia pilhas de frascos guardados: compotas de marmelo e *pickles* de

pepino, geleias de pera e *chutneys* de maçã e eu estava a tentar encorajar as crianças a comê-las. Na minha cabeça, estava a reforçar a ligação entre elas e a Daphne, mas, a um nível mais egoísta, estava à procura de uma desculpa para poder comê-los. Eram absolutamente deliciosos e eu começava a ver a Daphne como mais do que a carcaça da mulher que tinha encontrado no restaurante.

— Olá, querida — cumprimentou a Elizabeth, continuando sem me dar a oportunidade de responder nada. — O Max já se foi embora para Londres? — Nada permanecia secreto por ali. Perguntei-me como é que a Elizabeth sabia daquilo.

— Sim, foi-se embora ontem à noite. Teve um bom dia? — A torradeira enviou devagar mais quatro torradas para cima. O seu mecanismo gradual era perturbador, tão diferente das torradeiras que saltavam com violência que tinha conhecido até então. Fiz um gesto para o Robbie colocar manteiga na torrada e depois observei-o enquanto ele enfiava a faca na manteiga e fazia riscos profundos no pão com ela.

— Um bom dia? Sim, claro que tive. — Mesmo através da ligação telefónica péssima, eu conseguia pressentir a sua perplexidade.

— De Natal.

— Foi? Ah, sim. Foi ontem. Não admira que o Max tenha ido para Londres.

— Ela vai sempre para Londres no Natal? — A viagem repentina e urgente a Londres era outro mistério que tinha ficado ensombrado pelos desenvolvimentos da noite e manhã. Também tinha pesquisado o nome do Daniel no Google, mas sem apelido ou qualquer outro detalhe, o que se tinha vindo a provar bastante inútil.

— Não. Porque é que ele haveria de ir para Londres no Natal?

Era demasiado cedo e eu não tinha dormido o suficiente para lidar com o estilo de conversa em circuito da Elizabeth. — Quer falar com as crianças? — perguntei a mudar de rumo na esperança de que ela o seguisse.

Não queria. — Para quê?

— Para lhes desejar um feliz Natal?

— Já viram a Daphne? — A sua construção frásica foi peculiar. Como se a Daphne estivesse a dormir ou a tomar banho. Mantive o Robbie debaixo de olho e disse que não.

Um longo suspiro ouviu-se na linha. — Talvez tenhamos de voltar ao plano A.

— Plano A?

— Falámos sobre ele ao telefone da última vez.

Tinha acontecido tanta coisa nos dias intermédios que mal me conseguia lembrar do último telefonema, quanto mais do plano A. Levou-me alguns segundos a lembrar que tinha telefonado para cancelar a nossa viagem à ilha. — A ilha?

— Sim. Mudei de ideias. Acho que seria adorável se viesse até cá.

— À ilha?

O Robbie levantou o olhar do seu massacre de pão sovado e acenou furiosamente, unindo as mãos num movimento de prece.

— Sim.

— Seria bastante difícil, só eu e as crianças, especialmente com a Agatha.

— Oh, não — disse ela, estridente e a interromper. — Não traga as crianças. — Abanei a cabeça ao Robbie e tentei virar-me de costas para ele, com a cabeça enfiada na cómoda numa tentativa inútil de ter uma conversa privada.

— Mas tenho de fazê-lo. O Max está fora e...

— Eu falo com a Meryl.

Conseguia sentir os olhos do Robbie cravados nas minhas costas e achei que deveria voltar pelo menos a tentar de novo, por causa dele. — Talvez ela pudesse vir comigo? Dessa forma podíamos ir todos.

— Não. Não é uma boa ideia. Só você. Amanhã?

— Hum... está bem. — Abanei a cabeça ao Robbie no que esperava que fosse uma forma de compaixão. — Se conseguir resolver isso com a senhora Mins.

O Robbie fungou de desapontamento e levou o seu prato de torrada dissecada com ele para a salinha.

— Elizabeth? — Inclinei a cabeça para trás para me assegurar de que o Robbie se tinha ido mesmo embora. Que estava fora de alcance.

— Hã.

— A Daphne tinha mesmo medo da água?

Uma pausa. O barulho da televisão flutuou vindo da sala. — Era o que ela afirmava.

— E era essa a razão de nunca ter levado as crianças à ilha.

— Imagino que fosse. — A Elizabeth estava habituada a manipular a conversa. O seu desconforto era palpável.

— Porquê?

— Porquê o quê? — A sua voz era distante, como se tivesse afastado a cara do auscultador. Parecia certo que estava a fazer outra coisa qualquer. O clique do isqueiro e uma inalação confirmaram-no.

— Porque é que ela tinha medo da água?

— Para vocês, os jovens, tem de haver uma razão para tudo. Algumas coisas são só assim.

Esperei.

— Houve uma parvoíce qualquer sobre um incidente com um catamarã no porto de Sydney. Nunca percebi muito bem a história toda. Para além disso, ela não gostava de falar sobre isso.

Fazia sentido, supunha. Fazia tanto sentido quanto as histórias da Elizabeth faziam. — Certo. Bom, agora ouça-me. Esta é a parte importante. Estive a pensar muito sobre a Daphne nos últimos dias e acho que ela me deixaria alguma coisa. Uma mensagem, qualquer coisa. Você anda para cima e para baixo pelo sítio inteiro. A enfiar o nariz em tudo, ouvi dizer. Perguntei-me se teria encontrado alguma coisa.

Numa fração de segundo, decidi confiar na Elizabeth. Tinha de confiar em alguém. Esmaguei a vozinha da consciência dentro de mim, aquela a perguntar-me porque é que a Sophia não tinha ido ter com a Elizabeth para ir buscar ajuda. A Sophia era uma criança, incapaz de tomar decisões adultas. As próprias crianças tinham falado da grande proximidade que a Elizabeth e a Daphne tinham tido. Coloquei os avisos do meu pai de lado. Alguma coisa tinha acontecido à Daphne, eu tinha a certeza, e a Elizabeth podia ajudar-me a descobri-la. — Talvez tenha encontrado uma chave que podia tentar... — comecei, sem saber bem o quanto deveria confessar.

— Não diga mais nada. Traga amanhã consigo o que quer que encontre. Vá até ao molhe às dez e o Leonard vem cá trazê-la. — Desligou.

DIA A SEGUIR AO NATAL, aquele que parecia sempre nunca mais acabar. Desta vez não foi diferente, fazendo-me lembrar dos dias seguintes ao Natal, quando era pequena e os adultos pareciam dormitar o dia inteiro, fazendo poucas refeições interessantes, o que me fazia ansiar que passassem. A funcionar praticamente sem dormir, andava a atacar o esconderijo de Natal das crianças e a usar o abastecimento delas de açúcar para me manter acordada. Muito para horror da Sophia, já tinha consumido metade da sua lata de chocolates, e apesar das minhas promessas de substituí-la, ela observava a fazer contas de cabeça à medida que o monte de papéis coloridos de celofane crescia a bom ritmo.

Quem dera que os meus milhares de seguidores me pudessem ver agora, a subsistir de açúcar e amido, com o meu corpo a gritar por umas verduras fibrosas e o meu olho esquerdo a tremer constantemente devido à falta de magnésio. Sabia do que o meu corpo precisava, mas pela primeira vez em anos, andava a ignorá-lo, a acumular quilos e a ignorar o baixo nível de ansiedade que os acompanhava. Era ótimo.

As crianças tinham imensas coisas para as manter ocupadas — uma pequena consolação, já que a maioria requeria ou a minha participação ou supervisão. Depois de inúmeros jogos de *Twister* com a Agatha a girar, enquanto nós os três nos contorcíamos no tapete, finalmente declarei que estava na hora de ver um filme. Sentámo-nos todos juntos e vimos os filmes de Natal em repetição na televisão, alguns que eu já tinha visto e outros mais tradicionais que ainda não, para grande indignação das crianças. Durante o tempo inteiro, o caderno chamava por mim da gaveta no andar de cima. Tinha-o colocado de lado, com a frustração, mas depois do

telefonema da Elizabeth, tinha a certeza de que havia lá alguma coisa de importante. Uma pista para o desaparecimento da Daphne.

Tínhamos mesmo começado a ver o *Música no coração* — não um filme de Natal, mas escolhido por ser tradição de família — quando o Robbie falou. — O pai costumava ver isto connosco todos os anos, normalmente na cama. Passávamos o dia inteiro a seguir ao Natal na cama. A mãe dormia e o pai fechava os cortinados e ia rodando os chocolates. — Mantive os olhos no Capitão Von Trapp, sem grandes dificuldades, para disfarçar o meu interesse nesta última dica sobre a Daphne.

— A vossa mãe dormia o dia todo? — perguntei.

— Normalmente ficava cansada depois de todas as festas de Natal e de cozinhar para nós no dia. — Não havia tristeza na sua voz, apenas aceitação.

— E do *karaoke* na noite de Natal — acrescentou secamente a Sophia.

Comemos restos ao jantar e mantivemos o telefone debaixo de olho. O Robbie trouxe o aparelho para dentro e pousou-o na mesinha de café e, sem o referirmos diretamente, esperávamos todos que tocasse e que a chamada fosse do Max. Não tocou. Eventualmente, os bocejos sobrepuseram-se à conversa e até a Sophia parecia ensonada. Os últimos dias tinham pesado tanto nas crianças como em mim. — Hora de ir para a cama, meninos — disse eu a olhar manifestamente para o meu relógio. — Já é tarde.

— Não é, na verdade. Não para tempo de férias — disse a Sophia, e os outros juntaram-se num coro de apoio.

— Foi um longo dia. Eu também me vou deitar. — A ideia do que me esperava trouxe-me energia, apesar da manifestação da recessão pós-açúcar.

— Só mais um bocadinho? — A Agatha levantou a cabeça da almofada só o tempo suficiente para murmurar as palavras.

— Não. — Desliguei a televisão e arrastei-me para fora do sofá. As crianças seguiram-me, relutantes.

O vento começou a bater contra as estruturas das janelas. Parecia ter um sentido particular de oportunidade. Todas as noites, assim que as crianças estavam na sua cama, crescia de um sussurro a um rugido, lançando os ramos pendentes uns contra os outros, arranhando as janelas.

A senhora Mins estava no meu pensamento nessa noite. Cada rajada de vento nas árvores disfarçava a sua aproximação, cada galho a partir-se debaixo dos pés era ela a espreitar entre as árvores retorcidas. Até os

mochos e as raposas pareciam estar a uivar o seu nome. Estava em todo o lado: à espreita na horta de madrugada; escondida do lado de fora da janela do escritório no meio da escuridão; a dormir e a tomar banho na ala leste. Para alguém cuja missão principal era gerir o hotel, parecia andar a gerir muito mais. Tinha a certeza de que ela tinha tido alguma coisa a ver com o desaparecimento da Daphne.

O Robbie, em particular, estava aborrecido nessa noite. A nossa aventura da madrugada tinha-o afetado de formas que ele tinha habilmente ocultado. Aquelas crianças eram especialistas em camuflagem, a esconderem-se, tanto a elas como as suas emoções. Mesmo à medida que ficava mais próxima delas, conseguia senti-las a refugiarem-se.

Levou algum tempo a acalmar o Robbie, não da forma que se possa acalmar um bebé, através do carinho e toque humano, mas através da distração e senso comum. Sabia bem que não devia mencionar abertamente a caçada aos fantasmas daquela manhã, mas em vez disso, chamar-lhe a atenção para outros livros na sua pilha do Natal. Havia uma história de aventura e uma novela gráfica, e eu esperava que a sua leitura trouxesse à sua mente ativa algum alívio. Poderia um rapaz tão novinho fazer a ligação entre a história do fantasma e o que a senhora Mins estava a dizer, que a sua própria avó tinha tentado afogar o pai? A minha raiva contra a senhora Mins agitou-se, crescendo a cada segundo que pensava naquilo.

Finalmente, já estavam todos a dormir. Até a Sophia tinha adormecido com o *Castelo dos sonhos* aberto na almofada ao seu lado. Coloquei o marcador na página em que estava e fiz questão de fechar bem todas as portas. Assobieei suavemente ao Thomas, e quando ele veio, movi a cama dele da porta do quarto do Max para o patamar, mesmo ao cimo das escadas, para que se alguém tentasse passar, tivesse de lidar com o leal Thomas.

Depois retirei o caderno do seu esconderijo e instalei-me no confortável cadeirão do meu quarto, colocado ao lado de uma lareira sem uso, para poder ter vista aberta para a porta, que ia deixar aberta para poder ouvir o tranquilizador som constante do Thomas a rressonar. Em segundos, apesar do tempo lá fora, estava de regresso à agonia daqueles dias abafados de verão.

Anos mais tarde, a Meryl, sem se importar com o facto de a Beatrice ser mãe do Max, descreveu-lhe com grande detalhe o que viu nessa tarde. Ele estava perturbado quando me contou, e o meu ódio pela Meryl começou naquele momento. Percebia como tinha manipulado o Max a vida inteira e, de algum modo, ganhado um enorme poder, não só sobre as suas emoções, mas também sobre o seu estado psicológico.

A Meryl estava presa numa espécie de limbo entre duas gerações e, eventualmente, sem que se enquadrasse propriamente na idade de qualquer uma, fez uma jogada em ambas. Quando falhou com o Maximilian, esperou o seu tempo durante uma série de anos e depois avançou para o Max. Na ausência da mãe, ele estava vulnerável e ela tornou-se tudo para ele.

Tudo.

Imagino que isto não seja uma revelação chocante para ti.

Foi para mim.

Claro que tinha suspeitado daquilo. Tinha reparado nas vezes que o Max desaparecia para o chalé dos Mins, sob o pretexto dos «assuntos do hotel», noite após noite, deixando os seus frágeis filhos ao meu cuidado. Tinha sentido o forte olhar territorial da senhora Mins em cima de mim à medida que me movia pela propriedade. Mas pensar que o relacionamento tinha começado quando o Max ainda mal se podia considerar adulto, e estava aos cuidados da senhora Mins, era perturbador.

Virei algumas páginas do caderno. Se a senhora Mins tinha catorze anos e o Max tinha dois quando ela veio para Barnsley, então na altura em que Max fez dezoito — e eu esperava mesmo que tivesse dezoito —, a senhora Mins teria trinta anos. Presumi que a diferença de idade fosse semelhante entre a senhora Mins e o meu avô. Depois do encontro com a senhora Mins na ala leste quando casualmente referiu a morte da avó do Robbie à sua frente, suspeitei que não tivesse escrúpulos. Agora tinha a certeza.

Deve ter havido algumas repercussões para a minha mãe e também para a Elizabeth. E voltei a sentir pena da minha mãe e da infância que tinha perdido.

Portanto, naquela tarde, na tarde final do festival, a Meryl estava a banhar-se no mar. Tinha contado os seus planos ao pai do Max, Maximilian, e antecipado que ele fosse até lá abaixo vê-la. Na minha cabeça, isto foi uma armadilha da Meryl — ela sabia o que se estava a passar e atraiu o teu pai até à enseada. Queria que ele visse o que a Beatrice andava a fazer. O meu Max nunca concordou comigo neste ponto. Ou não percebe como as adolescentes podem ser manipuladoras, ou subestima a Meryl.

De repente, a porta da casa dos barcos abriu-se. Apareceram a Beatrice e o Peregrine. A Meryl deu um mergulho elegante para debaixo de água e nadou sob a superfície de modo a ficar parcialmente escondida pelo molhe. A Meryl nunca tinha visto a Beatrice com um ar tão desleixado. O seu cabelo, normalmente apanhado num coque solto no pescoço, estava desarranjado, e apertava o quimono de seda com uma mão, tarefa dificultada por uma garrafa de champanhe na outra.

Estavam a discutir e a Meryl escutou com atenção, desejando que as ondas parassem de bater com tanto barulho contra o molhe. Esforçou-se por ouvir tudo, mas na sua essência, o que se passava era que o Peregrine ia regressar a Londres e a Beatrice não queria.

Era um romance de verão para o Peregrine, mas para a Beatrice tinha sido mais do que isso. Via-o como o seu bilhete de ida para Londres. Ele conhecia as pessoas certas, tinha uma bela casa em Chelsea e, mais importante do que isso, não queria mais filhos naquela idade. A Beatrice vivia com pavor de ter mais um filho.

A Meryl observou enquanto a Beatrice fazia de tudo ao seu alcance para o obrigar a ficar. Nessa altura, estavam mesmo por cima dela e conseguia ouvir claramente através das fendas das tábuas. Os pés deles moviam-se para a frente e para trás. O Peregrine tentava subir a bordo do seu barco e a Beatrice agarrava-lhe o braço.

— Eu não amo o Maximilian. Sabes disso. — A sua voz implorava e a do Peregrine, quando respondeu, estava calma e indiferente. Até mesmo a Meryl adolescente conseguia ver que era uma batalha perdida e que a Beatrice estava a ir na direção oposta. Deixa-o ir!, pensou ela, mesmo que estivesse a torcer por tudo que o Peregrine cedesse e deixasse a Beatrice

subir a bordo com ele, deixando o Maximilian todo para ela. Tinha esperança de que ainda estivesse no cimo da colina, a ver aquilo tudo.

— És casada. És linda... — Houve uma pausa no preciso momento em que a beijou e a luz do sol diminuiu entre as fendas quando se aproximaram num abraço. — Mas já tivemos os nossos momentos. Não posso mesmo aproveitar-me durante mais tempo da hospitalidade do Maximilian.

— Não sou casada! — gritou a Beatrice. — Já não!

A Meryl teve a certeza de que o Maximilian tinha ouvido. Fez-se silêncio. E depois qualquer coisa pequena passou de raspão pela cabeça da Meryl, aterrando na água com um delicado chapinhar. Esticou instintivamente a mão e apanhou o objeto, tão pequenino que parecia um milagre que os seus dedos o tivessem agarrado. O anel. A Meryl tinha-o admirado na Beatrice, com a safira enorme em comparação com os seus dedos pequeninos, e enfiou-o rapidamente no seu roliço dedo anelar, forçando-o a entrar, preocupada que uma onda inoportuna o levasse naquele momento, quando finalmente se tinha tornado dela. Pois agora era dela, conseguiu ver isso de imediato. O Maximilian nunca poderia aceitar a Beatrice de volta após o que tinha visto naquela tarde, e seria finalmente dela. Que tivesse salvado a preciosa safira de família seria apenas a cereja no topo do bolo.

Nesse momento, o Maximilian, horrorizado por ver a herança de família a desaparecer na água, e incapaz de ver mais um segundo da humilhação da sua mulher — e, por extensão, também a dele — soltou um poderoso grito. Veio a correr a toda a velocidade por entre os arbustos, saindo das pedras como um guerreiro enlouquecido.

— Beatrice! — chamou em voz firme. — Não te atrevas a entrar nesse barco.

A Beatrice protestou, claro, mas a força combinada do Maximilian e do Peregrine foram demasiado para ela. Estavam em conluio e ela não tinha força para fazer frente aos dois. O Peregrine aproveitou a confusão para se afastar do molhe, despedindo-se do Maximilian, com simpatia na voz, como se tivessem estado apenas num jogo bastante competitivo de ténis e um deles tivesse de perder.

A Beatrice fugiu em direção à casa, onde o festival decorria a todo o vapor, recusando-se a olhar para o Max, com o quimono aberto a esvoaçar na parte de trás, e os seus soluços audíveis mesmo após ter desaparecido pelo caminho acima. A Meryl viu ali a sua oportunidade e saiu da água, ciente de estar completamente nua, mas sem querer saber, não agora que ia ser a senhora de Barnsley. Subiu pela escada, e o Maximilian, que tinha ficado a observar o barco do Peregrine a recuar à distância, ficou chocado ao vê-la. Até se tinha esquecido de que ela estava ali.

Dei-me à liberdade de inventar a maioria das conversas reportadas neste caderno, partindo do que a Meryl contou ao Max, e do que o meu Max me contou a mim, mas esta próxima conversa é citada com precisão. O meu Max disse que a Meryl foi bastante determinada em relação a isso, como se nunca se tivesse esquecido das palavras que lhe foram proferidas no pontão naquele dia. Se o tivesse esquecido, talvez as coisas tivessem sido diferentes, mas as palavras do Max naquela tarde magoaram-na profundamente, queimando-lhe a alma e mudando-a para sempre. (Parto do princípio de que não tenha nascido psicopata!) — Maximilian, lamento — disse ela.

Ele não respondeu. Em vez disso, abanou ligeiramente a cabeça, como se estivesse a sacudir uma mosca irritante. Tinha a cara vermelha, um olhar de louco e virou costas com nojo da nudez da Meryl.

A Meryl chegou-se por detrás dele, e com cuidado para não revelar o anel no dedo, ainda não, abraçou-o pelas costas, encostando o corpo ao dele, sentindo-lhe o calor através da camisa e esperando que ele sentisse a frescura do seu corpo da mesma forma. Tinha havido momentos durante esse verão em que ela se esgueirava até ao seu quarto de vestir, cheirava-lhe as camisas que tinha deixado em cima de uma cadeira, pulverizava o seu aftershave nos próprios pulsos, mas nada que se comparasse àquilo: a fragância familiar intensificada pelo suor, pelo calor, por um ser humano vivo a respirar. Inalou-a profundamente, enterrando-lhe a cara nas costas e esperou que ele relaxasse no abraço.

— O que é que estás a fazer, sua criança tola? — A rejeição foi abrupta e ela quase caiu nas tábuas lascadas.

— Não te preocupes mais com ela. Foi-se embora. Podemos ficar juntos — disse ela.

O Maximilian virou-se, de olhar frio. A Meryl sentiu os olhos dele a viajarem pelo seu corpo de alto a baixo, a avaliarem friamente o que viam, demorando-se nos seus seios fartos, com o lábio a levantar-se em desgosto.

— Veste alguma coisa — esgarçou ele.

A Meryl entrou em pânico. O poder que tinha sobre ele murchava e tornou-se na mesma mulher que a Beatrice foi, no mesmo preciso lugar, apenas momentos antes. — Eu amo-te, Maximilian — gritou. E amava. Ela amava-o mesmo. O meu Max nega-o, mas uma mulher sabe. O amor que se sente por alguém na adolescência não é menos poderoso do que o que se sente enquanto adulto. Na verdade, na maioria dos casos, é mais forte. Acho que o amor dela pelo Maximilian esteve na base de tudo o que aconteceu mais tarde. Sabes do que estou a falar.

— Eu não te amo. Estás a fazer figura de parva. — Ele virou-se para se ir embora, com a forma do corpo dela amplamente impressa nas costas, uma lembrança de como tinham parecido tão próximos apenas há uns instantes.

— Mas a Beatrice... — A Meryl agora chorava, a perguntar-se como é que aquilo tinha corrido tudo tão mal. O Maximilian virou-se de repente, olhando em redor para ver se estava alguém a observar. — A Beatrice o quê? — perguntou com frieza. — A Beatrice é adulta, o que quer dizer que estará de volta a casa para se preparar para o jantar final esta noite. Vai descer e entreter os nossos convidados, e vai sentar-se à mesa de jantar como se nada tivesse acontecido. Vamos beber um vinho, e quando a refeição terminar, vai piscar-me o olho em reconhecimento de mais uma noite bem passada, e mais tarde eu mesmo a trago até aqui, já que gosta tanto. Se tiveres algum juízo, desapareces.

A pobre Meryl nunca mais foi a mesma depois daquele dia.

— MÃE! MAMÃ!

O grito irrompeu pelo ar da noite calma e eu entrei em pânico por instantes, as palavras tão estranhas e nunca ouvidas naquelas partes que o calor se espalhou pelo meu corpo, fazendo-me o coração acelerar. Um fantasma? Foi o meu primeiro pensamento, em parte trazido pelo que estava a ler, e em parte por causa da caça aos fantasmas do Robbie no dia anterior. E depois a criança voltou a chamar e desta vez a voz era reconhecível. O Robbie.

Enterrei o caderno de lado no cadeirão, lastimei deixá-lo mesmo por um minuto que fosse, sabendo que cada instante que passava longe dele significava mais uma possibilidade de a senhora Mins — ou a Meryl, como é conhecida no caderno — fazer a sua jogada. Pensando melhor, voltei para trás e escondi-o com outra almofada por cima, mesmo apesar de duvidar que todas as almofadas no mundo pudessem impedir a senhora Mins. Não havia nada no caderno que a implicasse a ela ou ao Max. Claro que iria mentir sobre o seu passado na Casa Barnsley quando os seus primeiros tempos tinham sido tão humilhantes. Mas eu não conseguia perceber bem porque é que a Daphne dava tanta importância a esta história do passado.

O Robbie estava sentado na cama, febril.

— Mãe? — chamou ele quando passei a porta, o som da palavra nos seus lábios a fazer o meu coração apertar-se por ele.

— Não, sou só eu, Robbie — respondi ao ligar o candeeiro da secretária, com o quarto a iluminar-se quando o fiz. Os cobertores tinham voltado a cair e o pijama estava húmido de suor. — A Miranda.

— Não me sinto muito bem — disse de lágrimas a virem-lhe aos olhos.
— Quero a minha mãe.

Parecia tão destroçado naquele momento que eu teria feito qualquer coisa para evocar a Daphne por ele. Precisava da mãe. Tendo acabado de passar a última hora com a sua voz dentro da minha cabeça, conseguia perceber. Também eu a queria de volta.

Não havia nada que pudesse dizer, por isso fui até ao roupeiro e tirei um pijama lavado, um conjunto de algodão curto para substituir o grosso de inverno que ele tinha vestido. — Toma, veste este. Vou buscar um pano húmido — informei. — Ele parecia tão infeliz e vulnerável que quis ficar e ajudá-lo, mas sabia que ficaria envergonhado. Quando voltei com o pano húmido e lençóis lavados, estava a começar a chover, com as gotas nas janelas a escalarem rapidamente de espirros isolados até correntes furiosas. — Parece que amanhã vai ser um bom dia para ficar na cama — disse eu a fazer a cama de forma tão eficiente quanto conseguia, retirando a colcha. Quando o disse, lembrei-me do pedido da Elizabeth para ir até à ilha. Não me conseguia imaginar num barco com aquele estado de tempo, mas duvidava que ela me deixasse adiar.

— Dói-me a garganta — disse o Robbie quando se voltou a deitar. — Posso tomar paracetamol? — Tinha a voz rouca do esforço de falar.

— Vou já buscar. — Calei-me, relutante em perguntar, mas sem fazer qualquer ideia de onde podia encontrá-lo.

Não havia armário de medicamentos na casa de banho pequena e também não tinha visto nenhum na casa de banho das crianças. Apesar de todas as falhas do Max e da Daphne enquanto pais, parecia que pelo menos tinham tomado atenção ao conselho das companhias farmacêuticas de manter os medicamentos fora de alcance das crianças. Como que a pressentir a minha hesitação, o Robbie rouquejou: — Na casa de banho da mãe. Os comprimidos, não. Não consigo tomá-los. Aqueles que se põem na água, se faz favor.

A casa de banho do Max e da Daphne abria-se diretamente para o quarto deles no final do corredor. A porta estava sempre muito bem fechada. O que quer que estivesse para lá dela era misterioso e impenetrável para mim. Só passar a porta parecia-me uma transgressão imensa, mas não tinha mesmo outra hipótese. Em vez de ficar preocupada, senti a minha raiva a crescer

numa nova onda por causa do Max ter deixado as crianças sozinhas no Natal.

A tempestade estava a crescer em redor da casa e, pela janela do corredor, vi uma luz a brilhar num ponto distante, a avisar os navios e os outros veleiros. Havia perigo no mar naquela noite. Esperava que a Daphne estivesse num sítio quente. E seco.

Caminhei pelo corredor e passei pelo Thomas que, pressentindo a minha intenção, se levantou da sua almofada e me seguiu, sempre leal, até ao quarto do dono. Estava frio para além da porta do Max. Ele deve ter desligado o radiador, tentando emular as condições austeras da sua infância. Os cortinados estavam abertos. O quarto do Max e da Daphne era o único lugar nas acomodações privadas de onde se podia ver o mar. A vista abria-se na direção oposta à do terreno do hotel, sobre o caminho privado de entrada e, para além dele, o mar aberto. A cama estava posicionada para ter esse aspeto em conta, e imaginei o Max e a Daphne ali deitados nos braços um do outro enquanto olhavam para as ondas a baterem contra as rochas distantes.

Ciente de que o Robbie estava à espera, e sentindo a presença inquiridora do Thomas, fui até à pequena casa de banho. O cheiro do Max estava por todo o lado assim que abri a porta. Liguei a luz e vi que, ao contrário do resto da casa, a casa de banho era completamente moderna, com azulejos do teto ao chão em mármore escuro e apetrechado com elegantes torneiras pretas. Conseguia imaginar a Daphne, do pouco que a conhecia, numa casa de banho assim.

O pequeno cesto de comprimidos e xaropes foi fácil de encontrar: estava no armário debaixo do lavatório, não fora de alcance das crianças, afinal de contas, e estava a transbordar de frascos e comprimidos embrulhados em alumínio. Procurando pelo paracetamol, encontrei frascos com o nome da Daphne e fiquei triste. Quem me dera saber mais sobre medicamentos.

Mas a Daphne não era a minha preocupação principal naquele momento. Ou era, mas de um modo diferente. Estava preocupada com o que a sua ausência significava para o Robbie. O pobre rapaz estava ali deitado febril e perturbado e só a queria a ela. Naquele momento, mais ninguém ia servir. Nem eu. Nem a senhora Mins. Sabia como ele se sentia. Mas graças à Fleur, sabia que um pouco de cuidado e atenção podiam fazer maravilhas em fazê-lo ter menos saudades da mãe.

Pondo os comprimidos da Daphne de lado, peguei na caixa de paracetamol. Estava curiosamente pesada quando lhe peguei e o fundo abriu-se, sobrecarregado pelo peso que lhe tinham pedido para transportar. Espalharam-se as lâminas de comprimidos para fora e depois um objeto pequeno bateu no chão da casa de banho com um baque suave. O Thomas soltou um ganido ansioso. — Chiu, rapaz, está tudo bem — murmurei, tentando não deixar que ele sentisse a minha inquietação. Era uma pequena caixa de anel, coberta de feltro bordô, gasto nalguns lados, com as dobradiças enferrujadas. Sabendo que não deveria abri-la, que não tinha nada a ver com isso, abri-a devagar ao de leve e suspirei. Lá dentro estava um anel. O anel. Mesmo não sabendo nada sobre joias, reconheci-o pela descrição no caderno. A Meryl deve tê-lo devolvido à família.

Incapaz de resistir, tirei o anel da caixa e deslizei-o no dedo. A joia azul oval ao centro — a safira — era flanqueada por dois diamantes triangulares, e mesmo com a luz suave da casa de banho, a coisa inteira brilhava de uma forma mágica. Era lindo e tirei-o com relutância, perguntando-me se haveria uma altura no futuro em que eu poderia ter um anel assim. Se houvesse, eu nunca o tiraria. Pensei na razão de a Daphne o ter feito.

O Robbie gemeu na sua cama. Lembrando-me da minha missão, devolvi o anel à sua caixa e agarrei no paracetamol do chão. No último momento, peguei na caixa do anel e coloquei-a no bolso, com um instinto repentino a dizer-me que era a coisa correta a fazer. Apesar de a minha mente racional me estar a dizer que não era, guiei-me pelo meu instinto.

A senhora Mins estava à espera à porta. Arfei quando a vi e apareceu-lhe um ligeiro sorriso nos lábios. Pensei na porta que eu tinha trancado com todo o cuidado lá em baixo anteriormente. — Vi as luzes acesas — disse ela. — Está tudo bem? — Tinha-me encurralado entre a porta do quarto do Max e o corredor, com a caixa do anel no meu bolso a causar uma protrusão óbvia nas minhas calças de ganga. Calças de ganga que eu já devia ter despido há muito tempo. Até o facto de eu estar completamente vestida era suspeito. Se ela olhasse para mim de muito perto, ia ver de certeza a caixa do anel e ela estava a olhar para mim de perto, examinando o quarto atrás de mim e depois para a minha cara em busca de provas dos meus delitos.

— O Robbie está doente. Tive de vir buscar paracetamol — disse eu a odiar o gaguejo na minha voz, desejando ser capaz de acalmar os nervos.

— Deve ser outra vez amigdalite, pobre pequeno. Está sempre a aparecer no inverno. — As palavras dela eram carinhosas, mas ditas com frieza. O seu cabelo, molhado da chuva, estava colado contra as bochechas, dando-lhe um ar ligeiramente maníaco, e tinha as faces coradas da mudança de temperatura ou da excitação de me encontrar a entrar onde não devo.

— Como é que entrou? — Eu estava a tentar ganhar o controlo, mas qualquer pessoa podia ouvir o medo na minha voz. — Tranquei as portas. Com o Max fora, achei...

— Entrei pelo lado do hotel, querida. — Ela tilintou as chaves na ponta do cordão que trazia ao pescoço. — O Max paga-me para manter as coisas debaixo de vista.

A senhora Mins estava a passar-me à frente. Andava a ter a mesma quantidade de sono do que eu e era mais velha, ainda assim ágil enquanto eu era lenta, e implacável quando eu era cautelosa. Conseguia ver que a não ser que mudasse de marcha, ela ia acabar exatamente com aquilo que queria. Eu só ainda não tinha percebido o que era.

O caderno estava mal-escondido entre as almofadas do cadeirão e fácil de ela o detetar. Escondido em segurança pela Daphne, e apenas descoberto passados apenas uns dias na minha posse. O peso da desilusão atravessou o meu terror: eu tinha desapontado a Daphne, depois de tudo o que ela tinha aguentado.

Levantei o paracetamol, com a mão a tremer. — Eu devia mesmo...

— Eu trato disso — respondeu ela com firmeza. — Deve estar cansada depois de toda a circulação pelo local. Primeiro no computador do escritório, depois a ala leste. A sua luz está sempre ligada. Pergunto-me quando é que vai aprender que é melhor deixar as coisas em paz.

A senhora Mins conduziu-me de volta ao meu quarto e disse-me para me ir deitar e descansar. Que as coisas estariam melhores de manhã. Esperou enquanto eu me despia na casa de banho e ainda lá estava quando reapareci.

Deixando pensar que estava humildemente a obedecer, subi para a cama e fingi um bocejo. Ela puxou a manta até ao pescoço, aconchegando-me bem, com o seu corpo baixo e pesado sobre mim quando o fez, e a língua a fazer um som de clique estranho. Tinha a mão pousada no meu ombro, tão perto que eu conseguia cheirar-lhe o hálito e o cheiro nocivo do seu perfume. Eu estava morta de cansaço e, apesar de o caderno chamar por

mim do cadeirão, sentia o meu corpo a relaxar no colchão e os olhos pesados.

— Eu tomo conta do Robbie. Não se preocupe. Estarei mesmo aqui ao lado — sussurrou ela. Para qualquer outra pessoa, aquelas palavras teriam sido de reconforto.

ACORDEI CEDO e saltei da cama. O sono não era meu amigo na Casa Barnsley. Vinha quando eu menos o queria e iludia-me em alturas de exaustão. Mas naquela manhã, fiquei agradecida pela minha incapacidade de dormir muito. Precisava de voltar ao caderno.

Quanto mais lia, com mais pena ficava da senhora Mins. Sentia que me conseguia identificar com ela, da mesma forma que me sentia atraída pela Daphne. Ela, tal como eu, tinha sido seduzida pelo romance da Casa Barnsley; ela, tal como eu, tinha-se sentido atraída pela casa e pelas pessoas nela, apesar das diferenças de idade e de origens. Consequia ver as sombras do seu pai no comportamento do Max em relação a mim: carismático e atencioso num momento, indiferente e distante no outro. Pensei se a Daphne teria sentido o mesmo. Ainda faltavam algumas páginas, páginas cheias dos familiares rabiscos antes que as palavras se voltassem de novo para as listas e receitas. O tempo estava contra mim. Sentia que as crianças se iam agitar em breve e queria acabar antes disso.

Demasiado tarde.

Ouviu-se um leve bater na porta, seguido de imediato da maçaneta a girar antes mesmo de eu ter oportunidade de responder. A senhora Mins. Quem mais haveria de ser?

Depois de me repreender por ainda não estar vestida e de me recordar das minhas funções, a senhora Mins disse-me que o Robbie tinha acordado muito pior. A febre tinha subido e a leitura do termómetro agora era alta o suficiente para ser motivo de preocupação. Eu sabia o básico para lidar com a febre e interrompi-a, dizendo-lhe que era capaz de lidar sozinha com a situação.

— Você toma conta das meninas e eu tomo conta das coisas aqui em cima — disse a senhora Mins, em tom ligeiramente ameaçador.

Não tinha hipótese. A Agatha e a Sophia precisavam de tomar o pequeno-almoço, e mesmo apesar de eu poder confiar na Sophia para fazer algumas torradas com Marmite, ainda me sentia inquieta a pedir-lhe para carregar a Agatha nas escadas. Fui ver o Robbie e prometi-lhe que voltava em breve.

Com a senhora Mins abrigada em segurança no andar de cima a fazer de enfermeira, aproveitei a oportunidade para ligar à Elizabeth. Tudo em mim queria livrar-se do caderno; os detalhes daquilo que tinha lido na noite anterior e nas primeiras horas da madrugada ainda andavam às voltas na minha cabeça, e as imagens negras não me largavam. Fogo e traição, ódio e vingança. Sentia-me como se tivesse tropeçado num novo mundo horrível, uma arena macabra e corrompida que não era da minha conta. Os relvados tranquilos de Barnsley já não me pareciam assim tão mágicos. A ideia de entregar o caderno à Elizabeth e de esquecer aquilo tudo estava a começar a parecer-me tentadora.

A Elizabeth atendeu de imediato. Assim que eu falei, ela disse: — Pensei que seria você.

Todas as conversas que eu tinha tido desde que tinha chegado a Barnsley tinham sido ouvidas por alguém, quer com o meu conhecimento, quer sem, e esta não foi diferente. Tentei comunicar da forma mais indireta possível, ciente de que as duas raparigas me observavam com atenção enquanto mastigavam as suas torradas.

— Posso ir aí levar... a coisa — comecei virando-me para a parede, rezando para que a Elizabeth não me pedisse para repetir.

— Encontrou alguma coisa? Um caderno? — perguntou ela. De forma brusca.

— Sim, mas não posso ir hoje à ilha. O Robbie está doente. E o tempo...

— Deixei a frase por acabar, à espera do seu acordo, que eu tinha a certeza de que viria.

— O tempo? — A Elizabeth riu-se, estridente na sua descrença. — Oh, querida, isto está só a começar. Espere até fevereiro antes de começar a usar o tempo como desculpa.

— Bem, o Robbie... — Uma mão agarrou-me no ombro e eu dei um pulo. Virei-me, à espera de ver uma das raparigas, e arfei. Era a senhora

Mins, que gesticulava loucamente. — Espere um segundo — disse eu para o telefone —, a senhora Mins quer dizer qualquer coisa.

Conseguia ouvir a Elizabeth a resmungar enquanto eu cobria o bocal. Tinha o coração acelerado e tentava reproduzir o meu lado da conversa rapidamente na minha cabeça. Teria dito alguma coisa demasiado reveladora? Algo no olhar da senhora Mins me dizia que sim.

— Preciso que vá buscar alguns medicamentos para o Robbie à vila — disse ela.

— O que é que ela está a dizer? — A Elizabeth estava a reclamar, mas eu ignorei-a.

— O tempo... — comecei a dizer —, está bastante mau. — Bastante mau era dizer pouco. Tinha vontade de gritar com aquelas pessoas e dizer-lhes para olharem pela janela para a chuva abundante, o vento a soprar vergava as árvores quase horizontalmente até ao chão. Havia algumas nas pontas do jardim que estavam permanentemente naquela forma e agora eu conseguia perceber como é que tinham ficado assim.

— Cara menina, o Leonard pode levá-la à ilha se precisar de lá ir — disse a senhora Mins em som de fundo, a dar um espetáculo a varrer as migalhas das torradas da bancada com as suas mãos cheias de veias. — Apenas não hoje.

— Então, sempre vem? — A voz da Elizabeth soou em linha, autoritária e insistente.

Era difícil ignorar a Elizabeth, e eu sentia a pressão das duas, por razões diferentes. Sabia porque é que a Elizabeth queria que lá fosse. A descoberta do caderno tinha marcado uma reviravolta na sua atitude em relação a mim. Pela primeira vez, eu tinha alguma coisa que ela queria, e ela mal disfarçava o seu desespero. Eu também queria desesperadamente ver o que a Elizabeth conseguia decifrar do caderno. O relógio estava a contar para a Daphne a cada dia que passava.

Mas a minha lealdade era para com as crianças. Afinal de contas, estava ali como sua protetora. Mas mais do que isso, eu era família. Eu e a Sophia estávamos a aproximar-nos. O Robbie estava doente e a Agatha precisava da minha ajuda. Na verdade, sabia bem ser necessária. Por mais que eu quisesse voltar ao caderno, ia ter de esperar. — Vou ter de ir amanhã. Se o tempo melhorar.

— Você fica bem. Há um pequeno abrigo no barco do Leonard e tem aquele casaco janota que o Max lhe deu no Natal — disse a Elizabeth, resignada com o novo plano. Eu tinha desistido de me perguntar como é que as pessoas em Barnsley sabiam coisas sobre mim aparentemente mesmo antes de eu saber.

— Amanhã, então — disse eu à Elizabeth, que ficou um momento calada antes de responder.

— Só a Meryl seria capaz de mobilizar o farmacêutico nesta altura do ano — comentou ela em tom malicioso, a rir-se.

— Hum... — respondi, complementemente ciente da proximidade da Meryl. — A senhora Mins vai pedir ao senhor Mins para me levar aí.

— Sua sortuda. Eu gostava de sair numa tempestade com o Leonard em qualquer dia. Pode trazer alguns ovos consigo?

E mais uma vez, desligou sem se despedir. Só mais tarde é que me apercebi que eu nunca lhe tinha realmente dito que o que eu tinha encontrado na gaveta era um caderno. De algum modo, ela tinha descoberto isso sozinha.

A MINHA SEGUNDA CAMINHADA para a vila foi extremamente diferente da primeira. Só tinham passado uns dias e, no entanto, o caminho que tinha parecido tão mágico e exuberante naquela primeira caminhada, parecia agora sinistro e coberto de vegetação. Apesar da copa das árvores em cima, a chuva ainda passava, caindo sobre mim com gotas pesadas. Numa corrida, tinha decidido enfiar as galochas que o Max me tinha dado, mas apenas a alguns metros de caminho, já as sentia pesadas, a esfregarem-se nos meus tornozelos e a tornarem cada passo difícil. Ia ser uma longa e lenta caminhada.

Estava a amaldiçoar a minha decisão, a perguntar-me se deveria voltar para trás, quando o senhor Mins apareceu ao cimo do caminho para a enseada. Tal como a sua irmã, ele tinha aquela coisa apreensiva de andar à espreita. Mesmo com mau tempo, parecia que não havia escapatória à família Mins. Será que o Max lhes pagava mais pela sua estranha vigilância ou seria uma coisa que fariam por conta própria?

— Outra vez você? — Tentei ganhar vantagem ao falar primeiro.

— Belo tempo para uma caminhada — respondeu ele, desviando-se para me deixar passar.

— A ideia não foi minha. — Contornei-o com a maior margem de distância possível, o que quase me provocou um empalamento num ramo caído.

— Ah, não?

Eu não ia parar para conversar. Não naquele dia. — Foi sugestão da sua irmã.

Ele estremeceu. — Tenho a certeza de que terá boas razões para a enviar para a rua assim. — Via-se tristeza nos seus olhos profundamente enfiados debaixo da aba do chapéu.

— O Robbie está doente.

— Outra vez! — Suspirou. — Pobre pequenito.

Acenei com a cabeça. A empatia na sua voz fez-me vir lágrimas aos olhos, como se estivesse prestes a começar a chorar. Com receio de dizer mais alguma coisa, fiz um aceno de cabeça em direção à cidade. Barnsley tinha-me trazido todas as emoções à flor da pele. Eu parecia oscilar loucamente entre a ansiedade e a euforia, o medo e a nostalgia.

Afastar-me do local — das pessoas que lá viviam — durante um tempinho ia ser bom para mim, mas mesmo sem olhar em redor, sabia que o senhor Mins não se tinha mexido. Ainda conseguia sentir a sua presença.

— Miranda. — Não era uma pergunta. Tinha chamado o meu nome com rapidez, como se a sua boca se tivesse aberto sem o consentimento do seu cérebro.

Parei. Esperei. Mas ele não disse nada. Suspirei profundamente e continuei a andar.

Quando já estava a passar pela pequena capela de St. John — onde a Sarah Summer tinha começado a sua distinta carreira — e pelo cemitério até à cidade, a ameaça das lágrimas já tinha passado. O esforço físico tinha feito a sua magia; um ligeiro aumento do meu ritmo cardíaco tinha trazido o doce alívio das endorfinas. Não era nada comparado com a onda que costumava obter com uma corrida matinal e uma sessão dinâmica de Pilates, mas o meu corpo ainda o acolhia como um velho amigo de confiança. Exercício. Precisava dele para me manter sã. Não admirava que estivesse a ficar tão louca.

As ruas de Minton estavam sossegadas, dificilmente surpreendente logo a seguir ao Natal. A maioria das pessoas ainda estava a celebrar com a família, a comer sanduíches de peru e a contar os dias até terem de voltar ao trabalho. Eu quase que estava à espera de que a farmácia também estivesse fechada, mas a senhora Mins tinha tomado conta disso. Um homem baixo de cara redonda e cabelo penteado à pressa estava à porta com um pequeno saco de papel. — Você deve ser a Miranda — disse o farmacêutico. Esperou que eu acenasse antes de me entregar o embrulho, como se pudesse haver

um número incalculável de jovens mulheres a vaguear pelas ruas com vista a obter medicamentos ilícitos. — Simon Pale.

— Obrigada. É muito simpático da sua parte num dia como este.

Olhámos ambos para a pequena estrada empedrada em direção ao porto; as decorações de Natal baloiçavam desvairadamente ao vento e ondas fortes batiam contra a muralha. Era a farmácia com a localização mais pitoresca que eu alguma vez tinha visto. — Isto aqui deve ser muito bonito no verão — disse eu, a papaguear o que todos não paravam de me dizer, uma vez que o Simon parecia desejoso de conversa e sem pressa. Talvez estivesse a escapar dos parentes em casa, ou se sentisse desconfortável em estar a entregar medicamentos a uma estranha. De qualquer das maneiras, não mostrava sinais de avançar, apesar dos salpicos do mar que estavam a ser trazidos até nós pelo vento, deixando manchas húmidas no saco de papel na minha mão.

— Oh, se é — respondeu com entusiasmo, como se fosse a primeira vez que tivesse ouvido tal ideia. — Quanto tempo é que planeia ficar?

— Não sei bem.

Ele coçou o cabelo, deixando-o oblíquo. Talvez não tivesse sido penteado à pressa. Talvez fosse mesmo assim.

— Vai ser bom para a Daphne. Ter alguma ajuda. — Apanhou um saco de plástico solitário que ia a passar, alisou-o e atou-o com um nó.

— Também penso que sim.

— Eu disse à Meryl que ia lá levá-los de carro, sabe? Isto não é tempo para se andar na rua a pé.

Na ponta da minha visão vi movimento, um veículo. Concentrei-me nele, li a matrícula.

HV 323 THF

Eu e o meu pai costumávamos jogar um jogo com as matrículas em viagens longas. O objetivo era inventar uma frase sem sentido usando as letras. Quanto mais tola fosse, melhor. O prémio era uma das raras e intoxicantes gargalhadas profundas do meu pai.

TEMIDOS HÁBITOS FÁTUOS

TECIDAS HEROÍNAS FAMOSAS

TÉDIO HÁ DE FARTAR

Às vezes, nem sequer em apercebia de que estava a jogar. Era como um hábito. O meu cérebro detinha o controlo. Como naquele momento. Tentei concentrar-me, compreender o que o farmacêutico varrido pelo vento me estava a contar.

TEIMOSA HOSTIL FÊMEA

Abanei a cabeça. — O que é que disse?

— Eu disse que levava isto até Barnsley. Não me custava nada. Fica praticamente a caminho de casa. — Ele riu-se para desarmar o ar de confusão na minha cara.

— O que é que a senhora Mins disse?

— Ela disse... — Ele pareceu desconfortável. Fez-se luz.

Acenei devagar com a cabeça, encorajando-o a continuar.

— Disse que você não tinha nada melhor para fazer.

— Ah. — A minha mente regressou à cozinha, à chamada com a Elizabeth. A senhora Mins tinha definitivamente ouvido. Sabia dos meus planos de ir à ilha. Porque é que ela fazia tanta questão de impedir-me?

— Ah, ali está a Jean Laidlaw.

Virei a cabeça de repente, com os pensamentos sobre a senhora Mins a desaparecerem. Jean Laidlaw!

Havia alívio na voz dele, um entusiasmo pela alteração de rumo na conversa. — Olá, Jean! Feliz Natal! Passou-se bem?

— Oh, sim, às mil maravilhas! Vou estar sem comer durante dias. — Continuaram a conversa a grande distância, com os braços a gesticular e o barulho do vento e das ondas a não impedirem as suas brincadeiras animadas. Depois tinha acabado, tão depressa como tinha começado. O farmacêutico fez-me uma rápida vénia antes de se enfiar para dentro da loja ignorando a porta, satisfeito por ter evitado uma conversa traiçoeira.

Parecia-me boa ideia ir falar com a Jean Laidlaw, mesmo apesar de eu saber que me devia apressar para ir para casa para levar o medicamento para o Robbie. Quando ia a andar pela superfície desnivelada em direção à sociedade história, a matrícula da carrinha acenou-me mais uma vez.

HV 323 THF

TENTAR HARMONIZAR FÉ

— OLÁ, JEAN! — disse eu a tentar emular a afabilidade íntima do Simon. A Jean olhou para mim sem expressão. Não lhe podia levar a mal. Depois o reconhecimento despertou.

— Você é a Lisa. Da igreja. Disseram-me que vinha cá ajudar. — Ela gesticulou para a carrinha. De perto, dava para ver que estava cheia de cadeiras de plástico, do tipo que se pode alugar para uma festa. — Onde é que está o Tony? Pensei que vinham os dois.

Ela abriu a porta da carrinha. Apesar da sua idade — devia estar perto dos setenta anos —, era ágil. Ainda tinha o cabelo escuro e cortado à pajem. Nem um único cabelo se mexia enquanto ela subia os degraus. Hesitei. Poderia fingir ser a Lisa da igreja? O meu coração começou a disparar em antecipação por um subterfúgio inesperado. Mas e se o Tony aparecesse? E se a Lisa aparecesse?

— Sou a Miranda — apresentei-me, por fim, sentindo a adrenalina a retirar-se com tristeza. — Estou a trabalhar na Casa Barnsley.

— Ah! — A Jean Laidlaw virou-se e olhou-me com atenção. — Então aposto que gostava de ser a Lisa da igreja! Aquele lugar... — Abanou a cabeça. — Bem, não há sinal da Lisa e do Tony, por isso você terá de servir. Presumo que tenham ficado retidos por causa de uma árvore caída ou pelo Natal.

— Na verdade, queria fazer-lhe algumas perguntas. — Enfieei o medicamento no bolso do meu casaco. O Robbie podia esperar mais um pouco. A Daphne também podia esperar. Eu queria saber mais coisas sobre a minha mãe.

— Aposto que sim. — A pequena figura da Jean desapareceu mais para dentro da carrinha e depois já estava um monte de cadeiras empilhadas a ser empurrado contra mim por uma força invisível. — Fale e trabalhe, querida, fale e trabalhe.

— Para que é que é isto tudo? — perguntei enquanto puxava as cadeiras para mim, com algumas do cimo a ameaçarem derrubar o monte inteiro. — Onde é que as coloco?

A Jean indicou a porta aberta da sociedade história. — É o nosso evento de Fim de Ano. Não me admira que não saiba nada sobre ele. Nenhum dos Summer veio cá em anos.

— É uma festa?

— Bom, isto é uma sociedade histórica, por isso usamos a palavra «festa» de forma vaga, Miranda. — Sorriu quando vinha a sair da porta. — Fazemos uma reconstituição da história local. Ali o Simon da farmácia é muito ativo, sempre feliz por assumir um grande papel. Contrabandistas. Piratas. Algo na cidade se o tempo estiver mesmo mau. Como hoje. E depois voltamos todos para aqui para beber um vinho e comer uns salgadinhos.

A Jean percebeu a minha falta de interesse e parou de falar por um momento enquanto descia da carrinha, a bater a porta atrás dela. — Então o que é que quer saber? — Apontou para a porta aberta e entrámos. Pouco mais quente estava lá dentro do que na rua.

— Um pouco da história da casa, acho. E da família. — E depois, para mostrar que estava a falar a sério: — Li *A casa das noivas*.

A Jean fungou. — Isso é estranho. — Mantendo-se ocupada na *kitchenette* mínima, preparou uma pequena chaleira. — Chá?

— Sim, por favor. O que é que é estranho? — A Jean pegou em duas canecas do lava-louça, verteu a água turva que lá tinham dentro e colocou um saco de chá em cada. As canecas não tinham ar de terem sido bem lavadas. Nunca.

— Uma rapariga como você a vir aqui ver-me. Há quanto tempo é que lá está?

— Há uma semana. Mais ou menos. — A Jean olhou para mim com ar suspeito e eu amaldiçoei a minha sinceridade recém-descoberta.

— E já leu aquele livro?

Desta vez estava preparada. — Não há muito para fazer por lá durante a noite. O Max ofereceu-mo no Natal. — Pensei no meu exemplar todo marcado bem escondido no meu saco.

— O Max? Parece que já é muito próxima do senhor Summer.

A chaleira ferveu, mais numa erupção do que num assobio. O vapor saiu e as portas dos armários ficaram imediatamente húmidas. A Jean serviu a água, agitou apressadamente os sacos e depois salpicou algum leite lá para dentro de um pacote com um ar imundo.

— Sabe muito sobre a autora? — perguntei. — A outra irmã? Sabe o que é que aconteceu de facto? Ninguém fala disso em Barnsley.

— Não me admira. Foi uma grande confusão. — Fomos para uma sala pequena do outro lado da *kitchenette*. Estava cheia do chão ao teto com livros, sendo o único buraco entre as estantes uma janela turva com vista para o porto, que há muito tempo que não era limpa. O único lugar para sentar eram duas cadeiras de plástico, do género das que se podiam levar para acampar ou para um churrasco. A Jean Laidlaw sentou-se e tirou uma pasta de uma prateleira atrás dela. A mim parecia-me igual às outras todas da prateleira, mas ela mal deu atenção às outras, como se soubesse exactamente de qual é que precisava. — Aquelas pobres raparigas — disse ela a folhear o que pareciam ser artigos de jornal antigos e amarelados.

— A Sophia e a Agatha? — perguntei.

— A Therese e a Elizabeth.

A caneca abanou ligeiramente na minha mão. Dei um gole para parar o movimento e o chá era tão mau quanto eu tinha esperado, com o leite ligeiramente azedo. — Conheceu... Conhece a Therese e a Elizabeth?

— Eu era a diretora da Casa Balcombe. — A Jean deve ter pressentido a minha confusão. — Era a escola primária do outro lado do pântano. Há muito desaparecida, agora. Todas essas pequenas escolas desapareceram. A casa foi vendida e transformada em apartamentos para os *baby boomers*. — Continuava a folhear pelos artigos.

— E elas andavam na escola?

— Se andavam? Sim. Claro que o pai as mandou para estabelecimentos bem melhores quando ficaram mais velhas, mas nos primeiros anos foram minhas. — «Dêem-me uma criança até aos sete anos e eu mostro-vos o homem.», disse Aristóteles. Ele tinha razão e não eram só os rapazes. Eu

podia ter-lhe dito o que ia acontecer àquelas raparigas desde o primeiro dia em que as acolhi. Não consigo encontrar.

A Jean fechou o livro com força e levantou-se, de caneca já vazia. O intervalo tinha acabado. — Espero que aquele Tony e aquela Lisa apareçam em breve. Temos imensas coisas a tratar.

— O que é que estava a dizer? Sobre a Elizabeth?

— A Elizabeth? Pensei que queria saber sobre a Therese?

— Ah, estou interessada neles todos, na realidade.

— Aquele livro. As pessoas dizem que fez maravilhas para a área. Que criou um interesse. Houve conversas sobre fazer-se um filme aqui durante uns tempos. Pode imaginar como é que ali o Simon ficou! Achou que ia ser a sua grande oportunidade! Não deu em nada, graças a deus. Não me interessa o que é que as pessoas dizem, mas aquele livro não fez mais nada do que causar problemas desde o primeiro dia em que foi publicado. Até mesmo antes disso.

— Como assim?

A Jean suspirou. Baixou o olhar diante dela e pareceu estar a reunir forças do que é que quer que estivesse a ver. — Aquelas raparigas. A Therese e a Elizabeth. Não podiam ser mais diferentes. A Therese, oh, se era afiada. Afiada como uma navalha, como costumávamos dizer nesses tempos. E aquele charme dela. Conseguia safar-se de um crime, só a mandar um dos seus sorrisos.

Aquilo encaixava com aquilo que eu recordava da minha mãe, mas era simpático ouvi-lo de um estranho. Sorri e acenei com a cabeça, apesar de tudo, sentindo outra vez as lágrimas nos olhos. O que é que se passava comigo? Devia ser de toda aquela comida processada que eu andava a comer.

A Jean olhou para mim com estranheza, mas continuou. — A Elizabeth era só cérebro, mais do que os três juntos, na verdade. Nunca ensinei o Max, mas ele safou-se devido à sua aparência e ao seu nome, e foi uma sorte que os tivesse, porque não tinha muito mais. Oh, ela era esperta. Podia escrever como um anjo, mas desistiu depois do que aconteceu com a Therese. Pedi-lhe para me ajudar com a *newsletter* uma vez no *pub* e o olhar que me lançou! Pensei que ficasse contente por ter alguma coisa que fazer. Adiante. Isso é passado.

Ouviram-se vozes lá fora. Contra o barulho do vento e os gritos sempre presentes das gaivotas a circular, o som de humanos era distinto. A Jean levantou-se, dando por terminada a reunião. — Mas você é a sociedade histórica! Você trata do passado! — gritei.

Eu queria mais. Aquela mulher tinha conhecido a minha mãe! Já tinha passado tanto tempo desde que alguém me tinha falado sobre ela, e agora ia apenas sair para empilhar cadeiras?

A velha diretora levantou a cabeça; a Jean puxou os ombros para trás, levantou o queixo e de repente pareceu muito mais alta do que antes. Senti uma estranha afinidade com a minha mãe; ter-se-ia também ela acobardado antes perante aquela mulher imponente? — Porque é que está tão interessada? — Lá fora, ouviu-se a porta da carrinha a abrir com um guincho. O Tony e a Lisa, embora atrasados, tinham chegados prontos a trabalhar. — Como é que disse que se chamava?

— Miranda — guinchei. — Miranda Courtenay. — Fiquei subitamente grata por a minha mãe nunca ter utilizado este apelido, preferindo chamar-se Therese Summer mesmo após o casamento. O alívio da decisão de a minha mãe ter mantido o nome de solteira invadiu-me o corpo.

— Miranda.

A Jean nem estremeceu, apenas se virou de novo para as estantes. Partindo do princípio que era o final da conversa, peguei no meu chá e despejei-o rapidamente no lava-louça enquanto a Jean não estava a ver e chamei-a para me despedir. Quando me virei para me ir embora, a Jean estava atrás de mim. A segurar outra pasta. Era quase tão grande como a sua figura minúscula e, ainda assim, ela parecia não ter tido qualquer problema a carregá-la. Quando falou, a sua voz era calma e sem pressa, com o seu pequeno dedo enrugado a apontar para um artigo de jornal.

A história intitulava-se «Produção da Casa Balcombe de *A Tempestade* Provoca um Furacão na Zona!» As pessoas na fotografia antiga que o acompanhavam vestiam figurinos e algumas delas tinham as caras obscurecidas por barbas ralas e perucas desalinhadas, mas uma rapariga, no centro da fotografia, era magnética, com os olhos a olhar a câmara diretamente e uma expressão de triunfo puro na cara. Era a minha mãe.

Levantando o olhar para a Jean, senti orgulho e entusiasmo, como se estivesse a forjar uma ligação com a minha mãe por estar ali, no local onde ela tinha crescido. Era como se estivesse destinada a estar ali, como se

tivesse sido atraída até à Jean por uma razão. Sorri-lhe, encantada pelo que ela sabia sobre a minha mãe e a pensar que outros tesouros é que ela podia desvendar para mim. Mas a expressão da Jean era dura como pedra, com a sua boca plácida torcida de raiva. — És igualzinha a ela. Não é só a aparência. É também outra coisa. — Examinou-me e eu senti as costas a enrijecer. A minha mãe sempre tinha sido picuinhas com a boa postura. — A sua segurança. E o nome. É mesmo da Therese dar-lhe o nome daquele papel. A sua hora de glória.

Arfei, com a ferocidade da sua declaração a apanhar-me de surpresa.

— Tem mesmo muita lata, a vir aqui depois de tudo o que a sua mãe fez. Se eu fosse a si, teria muito cuidado por aqui. E não diria a ninguém, mesmo ninguém, quem é. — Fechou a pasta com força, tanta que uma lufada de ar me levantou o cabelo da cara.

Fuji. Corri o caminho todo de volta para Barnsley, com o pacote de papel pardo a saltar para cima e para baixo no meu bolso e a criar atrito no meu peito. Quando cheguei a casa, mal conseguia respirar e tinha os pés lacerados pela borracha das galochas. A senhora Mins deu um olhar à minha cara pálida e suada, viu alguma coisa nos meus olhos em pânico e preparou-me um banho, substituindo-me nas minhas tarefas durante o resto do dia.

PRECISAVA DE dormir. Era tudo demasiado para mim. Ou talvez estivesse a ficar com o que o Robbie teve. De qualquer modo, quando a senhora Mins enfiou a cabeça pela porta e me contou que o Robbie, medicado com o paracetamol e os antibióticos, estava a dormir profundamente e que as meninas também tinham ido sem problemas para a cama, eu estava demasiado cansada para argumentar. Demasiado exausta para me importar. Enfiando a caixa do anel no bolso do meu pijama e o caderno debaixo da almofada, desliguei a luz.

E fiquei ali deitada. Durante horas e horas. Por fim, acabei por ceder e tirei o caderno do seu esconderijo. A voz da Daphne levou-me de imediato de volta ao passado.

Mas não se lhe podia levar a mal, pois não? Sei como o Max é, e a julgar pelo que me contou, o pai era cem vezes pior. Quer dizer, eu fico chateada se o meu Max me pedir para colocar mais um tronco na lareira. É só qualquer coisa no seu tom de voz, às vezes. Sabes do que estou a falar. O velho charme Summer: quando está ligado, é muito, muito bom, e quando não está, é letal. Literalmente.

Adiante. A Meryl estava furiosa por causa do que tinha acontecido naquele dia, mas não culpou o Maximilian, como uma pessoa normal faria. Não, culpou a Beatrice. Havia duas razões para isto: a primeira porque a Beatrice tinha feito o seu querido Maximilian de parvo, traindo-o em vez de o apreciar a ele e aos seus preciosos filhos; e segundo por não ter saltado para

o barco do Peregrine e velejado com ele até estar à distância. Isso teria resolvido todos os problemas da Meryl, na opinião dela.

Provavelmente já percebeste a este ponto que é aqui que as coisas ficam turvas, onde há um abismo entre o que a Meryl contou ao meu Max sobre a noite em que a Beatrice morreu, e aquilo que o meu Max acha que realmente aconteceu.

O meu Max e a Meryl dormiram juntos durante anos — ele contou-me isso logo na primeira noite em que nos conhecemos. E arrependeu-se de mo ter dito desde esse dia, acho.

Mas tinha isso tudo à frente enquanto crescia. Tudo o que ele sabia era que a Meryl o amava, e quando se tornou num adolescente, esse amor pareceu mudar para algo mais sensual. Tens de te lembrar que mesmo que pensemos que ela agora é velha, era apenas doze anos mais velha do que o Max. Por isso, quando ele tinha dezassete anos, que foi o ano em que aconteceu pela primeira vez, ela tinha vinte e nove, e era deslumbrante.

Dezassete!

Posso não estar a ser cem por cento precisa acerca das suas idades, mas tinha razão sobre a parte de não ter escrúpulos. Não quero saber quão deslumbrante a senhora Mins era. O Max ainda nem sequer era adulto!

Posso apenas reiterar isso? Deslumbrante. O meu Max mostrou-me fotografias — bom, está bem, encontrei-as na gaveta das meias — e ela era bombástica. Bombástica. Ainda lá estão, se conseguires arranjar uma desculpa legítima para lhe espreitar a gaveta das meias.

Durou algum tempo. O Max vinha do colégio interno e esgueirava-se pelo corredor até ao quarto dela. Naqueles tempos, os quartos em que vivemos agora eram as acomodações dos empregados e a Meryl vivia lá, no quarto da ponta com a casa de banho pequenina.

O meu quarto. Olhei em redor cheia de nervos, a sentir de repente a forte presença da senhora Mins. Não sejas ridícula, disse para mim, e continuei a ler.

O meu Max ficava na ala leste, a alguns quartos do velho quarto da Beatrice.

O Maximilian tinha assumido a biblioteca no andar de baixo como quarto, dizendo que não aguentava as escadas, mas o meu Max sabia que era porque não conseguia aguentar estar perto do sítio onde tudo tinha acontecido. Adiante, durou anos, com o par a esconder-se, e a Meryl sem nunca se libertar dos seus sentimentos pelo Maximilian. Ela só lhe contou sobre aquele verão fatídico anos mais tarde.

A relação entre o Max e a Meryl continuou durante os anos de faculdade do meu Max e mesmo quase até à morte do Maximilian, que foi quando ele assumiu a propriedade. O meu Max tinha sentimentos pela Meryl. Ele agora diz que não era amor, mas acho que me está a tentar poupar os sentimentos, e também a ele, ao ridículo. Não houve mais ninguém antes de mim, só a Meryl, e quando nos conhecemos ele já estava no início da casa dos trinta anos. Alguma coisa estava a impedi-lo de encontrar uma namorada como deve ser, e essa coisa era a Meryl, por muito que ele diga que não. Na verdade, uma das minhas condições em vir para Barnsley era a de que a Meryl tinha de ir embora. Ela não tinha ido para a universidade para ficar à espera do Max, e na altura em que percebeu que o Max não ia casar com ela, já era demasiado tarde. O Max arranjou-lhe um trabalho num pequeno hotel gerido por uma família em Capri, propriedade de um amigo do pai. Ela tornou-se bastante experiente, muito respeitada dentro da indústria. Passadas algumas épocas desastrosas e problemas com os funcionários, o Max convenceu-me a viajar até Capri com ele e a trazer a Meryl de volta para ajudar. Pergunto-me agora se esse sempre foi o seu plano desde o início.

Adiante, isto é adiantar as coisas e quero regressar ao que aconteceu naquele verão, o verão em que eles perderam a Beatrice.

O Maximilian tinha razão: naquela noite, depois da cena na enseada, a Beatrice desceu para jantar, como era habitual. E como era habitual, tinha afogado as suas misérias com um número de gins antes do jantar. Estavam todos lá, todos os amigos próximos reunidos para a última noite do festival. A Beatrice continuou o seu caminho durante o jantar, constantemente a levantar o copo para o encherem de vinho, mal tocando na comida no prato, e a fumar como uma chaminé. (É obviamente aí que o foste buscar, Elizabeth.)

A Meryl, entrando com as crianças para dar as boas-noites, só viu parte da exibição, mas disse que a Beatrice arrastava as palavras e já segurava a cabeça com a mão, de cotovelo pousado em cima da mesa, a espalhar cinza por todo o lado enquanto gesticulava como louca. Os convidados daquela noite eram uma combinação de errantes de festas de verão e novas chegadas para o festival. Só havia uma cadeira vazia visível, à qual a Beatrice ainda parecia estar a dirigir toda a sua atenção: a do Peregrine.

A Meryl cruzou-se outra vez com a Beatrice, a cambalear pelo corredor do andar de cima, não muito depois de as crianças terem ido para a cama. Ela ajudou-a pelo caminho e viu-a a ir para o seu quarto. Disse que não entrou no quarto nessa altura, que apesar de a Beatrice estar bêbada, sentiu que não seria apropriado. Esta pode ser verdade. Talvez.

Desculpa, sei que é tua mãe, e vai ser difícil leres isto, mas muito disto está naquele maldito livro, de qualquer forma. Por muito que tu e o Max o odeiem, tenho a certeza de que o deves ter lido. O Max diz que o problema da Tessa era não se ter importado com mais ninguém quando escreveu aquele livro. Que é uma narcisista. Mas ele está tão preso à mitologia de Barnsley e à A casa das noivas como ela estava.

Quer dizer, acho que tenho a agradecer à Tessa pelo meu casamento. Tenho a certeza de que o raio do livro foi a razão de ele não ter conseguido casar com a Meryl. Uma empregada. Não era propriamente digna d'A casa das noivas.

Adiante.

Algum tempo mais tarde, talvez uma ou duas horas depois, a Meryl foi até à ala leste para ver se estava tudo bem com as crianças. Ouviu gritos vindos do quarto principal, mas não pensou nada de mais daquilo, especialmente depois dos acontecimentos da tarde.

Foi só quando entrou no quarto do Max e a sua cama estava vazia que se começou a preocupar.

Correndo de volta ao longo do corredor, sentiu o cheiro a fumo pela primeira vez. As paredes antigas naquela parte da casa são sólidas e têm a espessura de um metro nalgumas partes, com portas feitas do carvalho mais pesado e quase igualmente impenetráveis, por isso o fumo estava maioritariamente contido até a Meryl voltar até à porta. Abriu-a, desta vez sem se preocupar em bater. O fumo era tão denso que era difícil ver e ao início não havia sinal de ninguém.

As chamas já tinham pegado aos grossos cortinados e quando entrou, a sanefa caiu ao chão e o fogo saltou pela carpete.

Eles estavam na casa de banho: a Beatrice deitada em cima do tapete da casa de banho, com a água da banheira a transbordar em seu redor, e o pequeno Max a chorar em cima do seu corpo imóvel. A Meryl agarrou no Max, mas deixou a Beatrice para trás. Disse que não a conseguia mexer, mas será que ao menos tentou?

Nessa altura, a Meryl foi aclamada como heroína. Salvou o Max e fez soar o alarme de fogo, salvando a Casa Barnsley de ser completamente engolida pelas chamas. O Maximilian ficou destroçado e sentia desesperadamente a falta da mulher. Se a Meryl achava que a morte da Beatrice ia criar uma abertura, estava enganada. Só tornou o seu fardo mais pesado, pois a ama que trabalhava a tempo inteiro despediu-se, indignada com o escândalo, deixando a Meryl com os cuidados integrais das crianças. O Maximilian desapareceria durante meses a fio, escapando das más memórias em Barnsley a favor de férias no estrangeiro e casas de amigos.

Imagino que saibas que o teu pai nunca estava presente: não precisas que te diga isso. Também sabes que morreu quando o Max tinha vinte anos, depois de o caso entre ele e a Meryl ter começado. Os rumores começaram de

imediatamente na vila. Sabes como é, mas não tenho a certeza se alguma vez chegaram aos ouvidos do teu pai. Seja como for, ele nunca disse nada ao Max.

O Max, agora um jovem adulto, e a Meryl estavam juntos naquela casa. E então, o irmão mais novo da Meryl, o Leonard, que tinha andado fora no mar com o pai, sofreu um acidente feio numa traineira. Um gancho apanhou-lhe a cara e lançou-o a voar pelo convés, partindo-lhe as pernas no processo. Regressado a casa para recuperar, era mais um fardo para a mãe.

O Leonard veio viver para Barnsley, e a sua presença tirou a pressão de cima dos outros durante uns tempos. Tu estavas fora, na escola e na faculdade durante estes anos, mas entre os três mantiveram Barnsley mesmo no limite, e impediram-na de ter o mesmo destino que tantas outras casas de campo naquela altura. De forma invulgar para alguém tão novo, o Leonard tinha um forte instinto para a agricultura, e sem demora, estava a aconselhar o Max na maioria dos assuntos da quinta, assim como a gerir a manutenção da propriedade. Não há problema com o Leonard, nunca houve. Na verdade, foi algo que ele disse, depois do acidente da Agatha que me pôs a matutar. Que me fez perceber que o meu Max e a Meryl andavam outra vez a dormir juntos.

O Max não me ouve. De cada vez que levanto qualquer questão sobre a Meryl, acha que são os ciúmes a falar, ou que estou a tentar culpá-la pelo acidente. Sei que o acidente se deu por minha culpa. Mas acho que ela não vai esperar para sempre. Fez a sua jogada a seguir ao acidente e funcionou para ela. Não o vai voltar a largar. É perigosa e preciso da tua ajuda.

Era ali que terminava. Folheei furiosamente o resto das páginas, com os olhos a correr cada linha para o caso de terem algum código incorporado, alguma pista escondida, mas não havia nada. Nada senão medo e desespero. O mesmo medo e desespero que eu começava a sentir.

O DESEJO DE me ir embora foi repentino e incontrolável. As últimas palavras da Daphne no caderno eram ambíguas. Eu estava fora de mim. O sítio parecia podre até ao núcleo e conseguia perceber porque é que a minha mãe tinha fugido. Tinha a certeza de que a minha presença, anónima ou não, estava a agitar as coisas. Mais cedo ou mais tarde, o Max ou a senhora Mins iam perceber que eu tinha o caderno, que a Daphne tinha confiado em mim. Mais cedo ou mais tarde, iam perceber quem eu era. Eu era do sangue deles, sim, mas do mau sangue. E Barnsley seria um sítio mais seguro para todos sem mim.

Mas seria mesmo mais seguro para as crianças sem mim? O pensamento persistiu enquanto eu agarrava na minha mochila e atirava lá para dentro todos os pertences que conseguia apanhar. A única coisa que me importava mesmo era o meu velho exemplar desgastado d' *A casa das noivas*. Assegurei-me de que deixava aquele que o Max me tinha dado em cima da mesinha de cabeceira, resolutamente por abrir. No último momento, peguei no caderno e coloquei-o debaixo da almofada. Estava farta do caderno e dos segredos, farta de tudo. Não era a minha história para proteger.

No interior, a casa estava sossegada. Parei à porta do quarto de cada criança, oferecendo não propriamente uma oração silenciosa, mas um desejo, uma esperança de que com a minha saída, a paz pudesse ser restaurada em Barnsley. Que a Daphne regressasse. Que não viesse a haver outra geração de crianças que se vissem a afundar, sem mãe, em Barnsley. E também um pedido de desculpas por não estar à altura da tarefa.

Mas lá fora, o vento uivava, batendo contra as paredes sólidas de Barnsley, encontrando resistência e voltando a bater com mais força. O

Thomas levantou a cabeça quando passei, com o interior dos olhos vermelhos e pesados. Fechou-os de novo, sem pena de me ver a ir embora. Abotoei o casaco e pensei em fazer-lhe uma festa atrás da orelha. Mas em vez disso, continuei a andar. Antes que mudasse de ideias.

Não havia nada para mim em Barnsley. Não seria ninguém ali, assim que descobrissem quem era. Pelo menos na Austrália, era eu mesma. Uma pessoa que não era muito popular, mas ainda assim. Ali seria sempre a filha da Tessa, e não me tinha apercebido até chegar do que é que isso significava. Tal como a minha mãe era a filha da Beatrice, eu ficaria para sempre na sombra da minha mãe. Tinha visto a repulsa no rosto da Jean Laidlaw. Mais valia merecer essa repulsa do que herdá-la.

A carrinha não estava no pátio. Alguém a tinha guardado. E talvez desde a noite em que eu tinha ido lá abaixo até à casa dos barcos por causa da Sophia, as luzes do jardim tinham sido desligadas. A chuva tinha começado de novo a cair enquanto eu me arrastava pela escuridão em direção ao parque de estacionamento, com cuidado para não deixar a gravilha esmagar-se debaixo dos meus pés, mantendo-me nas beiras do pátio, onde os ramos suspensos me davam alguma proteção. Ignorando o *Volkswagen* batido da Daphne, com o seu para-brisas estilhaçado, subi para a carrinha, agradecendo em silêncio às minhas estrelas da sorte quando o motor pegou à primeira. O barulho pareceu imenso e esperei que as luzes se acendessem na casa, mas só se via o brilho constante da luz de presença da Agatha nas janelas do andar de cima.

Ao modo da Beatrice, e da minha mãe, tinha tentado fugir dos meus problemas. A Beatrice tinha tentado escapar, sem sucesso, no barco do Peregrine; a minha mãe tinha embarcado num avião e nunca mais tinha olhado para trás. E ainda assim, os seus problemas tinham-nas encontrado. A Beatrice tinha tido uma morte horrível e solitária, e a minha mãe nunca se reuniu com a sua família. De uma vez só, consegui ver o que tinha em casa: um pai que me amava e me apoiava e uma família que me tinha protegido do pior ano da minha vida. Um trabalho. Um novo começo *verdadeiro*.

Eu nunca tinha conduzido para além dos portões da Casa Barnsley, mas esperava ser capaz de encontrar o caminho. Devia haver sinais para South Bolton, imaginava. Podia esperar lá até ser de manhã e apanhar o primeiro autocarro para Londres. A Denise ia ficar contente de me ver e talvez, apenas talvez, eu conseguisse compor as coisas com o meu pai. Encontrar

um emprego, pagar-lhe de volta. Aos poucos. O Max acabaria por encontrar a carrinha.

Eu não estava a roubar, na verdade. Tal como usar o cartão de crédito do meu pai para comprar um bilhete de avião não era mesmo roubar. Mas isto era diferente. Esta era a última vez. Ia escrever uma carta ao Max a explicar tudo assim que regressasse a casa. Assim que estivesse em segurança fora dali.

O caminho também estava completamente às escuras, mas eu não me atrevia a ligar os máximos até estar longe da casa, na parte já densamente alinhada pelas árvores. O carro avançava e eu inclinei-me para a frente, de algum modo a conseguir encontrar o limpa-para-brisas. O chiar era ensurdecedor no silêncio do carro.

A Daphne também tinha ido embora a meio da noite. Talvez até mesmo logo a seguir a eu a ter visto no corredor do andar de cima. Ela tinha parecido assustada, sim, mas havia mais qualquer coisa nos seus olhos que eu não tinha conseguido perceber. Uma ligeira indicação da mulher que tinha sido antes do acidente. A imagem dela a abanar a cabeça veio-me à memória, como tinha vindo tantas vezes nos dias que se antecederam. O dedo sobre os lábios, o olhar inflexível.

Determinação.

Era isso.

Eu estava a sentir uma força semelhante. Estava a deixar Barnsley nos meus próprios termos. E tinha a sensação de que o que quer que tenha acontecido à Daphne naquela noite, tinha surgido de uma vontade que despertou da determinação latente. A mesma determinação que tinha empurrado os seus livros de cozinha para as listas dos mais vendidos e que a fez ganhar uma estrela Michelin. A mesma determinação que tinha crescido na Casa Summer e dado a volta à sorte de Barnsley.

Mantendo um olho no espelho retrovisor à cata de sinais de vida na casa, semicerrei os olhos com força para ver o caminho à minha frente. Apanhei um vislumbre de movimento nas árvores e desviei-me, a pensar no para-brisas partido da Daphne, a antecipar um veado, uma pessoa. Mas era só um coelho. Observei-o a saltar dali para fora, lembrando-me de respirar e voltei a olhar para a estrada à minha frente.

Quase não vi a árvore. Liguei os máximos mesmo a tempo. Era enorme, bloqueando a estrada inteira. Carreguei nos travões. A carrinha deslizou na

estrada de gravilha e derrapou lentamente. Agarrei o volante, com medo de que não parasse a tempo. Com medo de que o barulho acordasse a casa inteira. A carrinha ficou paralela à árvore quando conseguiu parar, com o tronco mesmo ao lado da minha janela, escuro e nodoso. Se as janelas estivessem abertas, podia esticar o braço e tocar-lhe. Se estivesse melhor tempo, até poderia ser capaz de subi-la. E trepar para a segurança.

Mas depois para onde?

Não havia sítio nenhum para onde ir.

Pousei a cabeça em cima do volante por um instante, com o coração a bater depressa. A chuva estava a cair com força, a carrinha a afundar-se na lama que estava a ficar mais mole a cada segundo.

Tinha de sair já dali. A minha única esperança agora é que conseguisse colocar a carrinha de volta no parque de estacionamento antes que alguém se apercebesse de que a tinha levado. Antes de ficar atolada na lama. Antes de me descobrirem.

Engatei a marcha-atrás, mas as rodas giraram inutilmente. Carreguei no acelerador mais suavemente uma segunda vez e a carrinha deslizou ligeiramente para a frente. Afundada de novo. Fechei os olhos, inspirei profundamente.

Tentei outra vez. A carrinha finalmente recuou, saindo da terra alagada. Fui devagar, coloquei-a em marcha e virei-a de modo a estar outra vez de frente para a Casa Barnsley.

A casa parecia ainda mais escura. Disse para mim que era da minha imaginação. Quando avançava ao longo do caminho de entrada, havia decididamente alguma coisa diferente. Onde antes se via a luz de presença do quarto da Agatha, agora não se via nada senão negro. A minha pele arrepiou-se. Comecei a tremer dentro da minha roupa húmida.

Estacionei a carrinha e tateei pelo caminho no parque de estacionamento escuro. Quando regressei ao vestíbulo, tive a certeza. A casa estava em escuridão total e quando me esgueirei pela porta para entrar na cozinha, senti imediatamente a diferença. A divisão ainda estava quente do calor do fogão a lenha, mas não se ouvia o murmurar constante do frigorífico, nem se via o brilho suave das luzes de presença. Não havia luz em lado nenhum. Mesmo apesar de ter a certeza, liguei o interruptor ao meu lado para confirmar. Nada.

Não havia eletricidade.

Levou-me bastante tempo a encontrar o caminho de volta para o meu quarto. De braços esticados, a dar passos cuidadosos, tateei ao longo das paredes frias e desniveladas até chegar à porta pesada ao fundo da escada. Assim que a empurrei para ir para a escadaria foi mais fácil, cada passo a conduzir-me ao relativo santuário da minha cama.

— Miranda?

O chamar era baixinho, hesitante. Se estivesse a dormir, duvido que o tivesse ouvido. Nem sequer *tinha* a certeza de ter ouvido bem até o Thomas ter choramingado suavemente em resposta.

— Miranda? — Ouviu-se de novo.

Agatha.

Parei nas escadas, a desejar poder tirar a roupa molhada. Tomar um duche. Enfiar-me no meu pijama de flanela. — Vou já — respondi. Os gritos dela eram diferentes dos do Robbie. Menos urgentes. Não me rasgavam o coração como os dele faziam, mas a genuína necessidade na sua voz fez-me andar mais depressa pelo corredor escuro. — Agatha.

Os meus olhos tinham-se acostumado à escuridão e consegui ver logo que estava sentada na cama, de olhos a brilhar no escuro. — A minha luz de presença! Desligaste a minha luz de presença. — Apontou para a mesinha de cabeceira, onde a luz de presença estava sem utilidade. Com a forma de um ganso, encantadora quando estava iluminada, parecia ligeiramente repelente como sombra. Tentei não olhar para ela.

— Não, Agatha. Está tudo bem. — Sentei-me ao lado dela e fiz-lhe uma festa no cabelo. Senti-lhe a testa com as costas da mão. Era instinto. Uma coisa que tinha aprendido com a minha mãe e nunca me tinha esquecido. Mas o movimento agitou outra coisa. Uma coisa que *tinha* sido esquecida. Antes de poder agarrar a memória e fixá-la, a Agatha falou e escapou-se.

— Achei que a tinhas desligado.

— Não, Agatha, não faria isso. Faltou a eletricidade. Deita-te e tenta dormir.

Ela olhou para mim como se tivesse sugerido que nadasse até à lua. — Não consigo dormir sem a minha luz de presença.

— Sim. Certo. Faz sentido. — Pensei por um momento. Também um pouco sobre a minha cama, mas na sua maioria sobre como ela deveria estar assustada. Primeiro a mãe desaparece, depois o pai. Depois acorda num

quarto escuro. Há quanto tempo é que estaria acordada? — E que tal se eu ficar aqui?

Ela concordou com a cabeça e voltou a enroscar-se debaixo dos cobertores. Havia um edredão velho aos pés da cama, por isso puxei-o sobre os ombros e enrosquei-me numa bola, ignorando a ganga molhada pegajosa das minhas calças o melhor que pude. Passava um radiador ao longo da parede e coloquei os pés lá em cima, à espera de algum calor, mas estava frio como pedra.

E então apareceu uma mão quente de debaixo dos cobertores, à procura da minha e agarrou-a com força. Apertei-a de volta, encontrando conforto no contacto pele com pele e um pequeno sorriso formou-se nos lábios da Agatha. Fechei os olhos.

A memória anterior reapareceu, completa. O quarto escuro da minha infância, uma noite febril. Era sempre o meu pai que vinha durante a noite quando eu estava doente: para limpar o vomitado, administrar o paracetamol, ir buscar peluches e mudar os lençóis húmidos. Mas desta vez o meu pai tinha ido jantar fora e tinha vindo a minha mãe.

A porta tinha-se aberto de rompante, com a luz do corredor a inundar o interior. A minha mãe tinha horror à fraqueza e desde cedo que tinha sido treinada a dormir na escuridão total, de porta fechada. Tal como ela tinha sido educada, costumava dizer-me. — O que se passa? O que são estes miados incessantes? — perguntou.

Engoli nervosamente em seco enquanto ela marchava até à minha cama e empurrava as costas da mão contra a minha testa. De repente, a minha garganta não parecia doer tanto e a minha cabeça deixou de doer de todo. — Nada.

A sua mão permaneceu na minha testa e esperei pelo seu veredito. Suspirou profundamente e por fim retirou-a. — Tens razão. Mal estás tépida.

Levantou-se para ir embora e depois parou. — Sabes que tenho uma reunião importante amanhã. Disse-te que precisava de uma boa noite de sono.

Recordava-me de qualquer coisa, mas a minha mãe precisava de uma boa noite de sono todas as noites. Achava que *tudo* o que fazia era importante. Um jantar requeria um calendário de preparação de um mês inteiro, de limpeza e planeamento frenético, só para que ela se risse e sorrisse quando

os convidados a elogiassem pelo seu «interessante entretenimento». Trancava-se no escritório durante dias de avanço para um segmento de dois minutos de rádio.

Não valia a pena defender-me. Fingi que voltava a adormecer e quando ela bateu com a porta, fechei os olhos com mais força para evitar que as lágrimas caíssem. Na manhã seguinte, o meu pai tinha-me levado ao médico de família, que tinha prescrito de imediato antibióticos para uma infecção virulenta que me fez faltar uma semana à escola.

Deixei-me cair no sono na cama da Agatha depois de me forçar a tirar aquela memória da mente. Sentia que era desleal. Tinha a certeza de que a minha mãe teria uma explicação, caso estivesse ali para se defender.

Após o que pareceu apenas só uns instantes, ouvi a senhora Mins a bater à minha porta no corredor. — São sete horas! — chamou ela, com uma entoação drástica. — Toca a acordar!

A mão da Agatha ainda estava na minha, e quando abri um olho para ver se estava acordada, fiquei surpreendida ao ver a Sophia também na cama. Estava acordada e parecia contente de me ver.

— Obrigada — soletrou.

— Não foi nada — sussurrei em resposta.

— Eu *estou* acordada, sabem? — A voz da Agatha soou abafada, mas espirituosa. — Sophia, sabias que faltou a eletricidade?

— Calculei. — A Sophia esticou as suas pernas compridas para fora dos cobertores apontando os dedos dos pés para o teto. O inchaço do tornozelo parecia ter diminuído. — Os geradores vão disparar esta manhã. A senhora Mins vai tratar disso.

— Caiu uma árvore no caminho de entrada — contei. — Presumo que tenha alguma coisa a ver com isso. — A Sophia olhou para mim de forma curiosa. — Estamos aqui presas para sempre — brinquei. As raparigas não se riram.

Lembrei-me do caderno deixado debaixo da minha almofada e dei um pulo, mas a senhora Mins já estava à porta da Agatha, de mãos caídas e vazias. Tinha a boca comprimida com a desaprovação dos arranjos da dormida. Veio-me outra vez à cabeça que a minha mãe tinha crescido com a senhora Mins. A educação rígida que ela descrevia tinha vindo da mão dela. Fez-me ficar ainda mais ressentida.

Com a senhora Mins.

E não com a minha mãe.

Não nessa altura, mas havia alguma coisa a começar a mudar. — A Elizabeth ligou outra vez — disse a senhora Mins depois de eu me ter arrastado para fora da cama, completamente vestida, embora ligeiramente húmida, um benefício de mais uma excursão noturna tardia, e estarmos a caminho do quarto do Robbie. A senhora Mins também não estava com o seu ar arranjado habitual: tinha o cabelo ligeiramente oleoso na raiz, e a pele debaixo dos olhos escura e luzidia. Estava a começar a ter o ar de todos os anos da sua idade.

— Ah?

— Combinou com o senhor Mins levá-la hoje à ilha.

— O tempo...

— O Leonard é capaz. Fica em segurança com ele. — A senhora Mins nem sequer olhava para mim.

Dei uma fungadela disfarçada debaixo do braço e esperava que houvesse bastante ar fresco no barco.

— Como é que está o Robbie? — A porta do seu quarto estava fechada e quando a abrimos, saiu uma baforada de ar frio.

— Estou bem. — O Robbie estava acordado e sorriu-me debilmente. — Pensei que talvez pudéssemos descarregar hoje as gravações da outra manhã.

— De mim em camisa de dormir? Isso bem que seria aterrador — disse a senhora Mins e virou-se para abrir os cortinados. Não era típico da senhora Mins fazer piadas e eu não conseguia perceber se estava ou não a sorrir. O Robbie levantou-me as sobrancelhas. Era bom ver um pouco de animação na sua cara, depois do torpor abatido do dia anterior.

— Está um gelo aqui — disse eu a apertar o casaco.

— Desliguei os radiadores ontem à noite. Ele estava a arder em febre. — A senhora Mins dobrou-se para tocar no painel. — Não o consigo voltar a ligar.

— Volta para debaixo dos cobertores, Robbie. — Inclinei-me ao lado dela e tentei virar o botão. Ela tinha razão. Estava firmemente preso.

— O que é que fez a isto? — Saiu de uma forma muito mais acusatória do que eu queria.

— Canalização antiga, Miranda. Não há nada que se possa fazer.

Já estava farta da sua atitude derrotista. *Havia* algo que podíamos fazer. Todos os quartos ao longo do corredor de cima tinham uma bonita lareira de canto, algumas delas bem maiores do que os quartos mereciam. Se acendêssemos o lume no quarto do Robbie, ia aquecer num instante. — Há, sim.

Ajoelhei-me na lareira e enfiei o pescoço pela chaminé. Parecia desimpedida. Mesmo que partes de Barnsley tivessem boa manutenção, não tinha a certeza se isso se estendia às lareiras e chaminés. Numa casa como aquela, as chaminés deviam ser constantemente limpas. De outro modo, podia haver ninhos de pássaros, morcegos. O meu pai mandava limpar as chaminés no início de cada inverno, até aquelas que não usávamos. Com certeza que o Max ou a senhora Mins faziam o mesmo. Havia um monte de lenha na porta das traseiras para a lareira da sala de estar. Eu podia acender o lume num instante.

— Não, Miranda. — A senhora Mins agarrou-me no braço quando eu ia a sair da porta. — Não é seguro.

Por uma vez, não ia deixar que ela me intimidasse. Não ela, a das portas dos quartos fechadas e lábio superior comprimido. Estas crianças precisavam de se sentirem amadas e seguras. Isso era o mais importante. Precisavam de saber que eu ia tomar conta delas. Não ia deixar o Robbie congelar. Arranquei o meu braço da mão dela e forcei a saída.

— OS OVOS!

O senhor Mins de algum modo lá me ouviu no meio da chuva torrencial e do vento rasgado. Mas colocou a mão em concha no ouvido, a achar que tinha ouvido mal. — A Elizabeth queria que eu lhe levasse alguns ovos.

O senhor Mins encolheu os ombros. Não há muito que possamos fazer, diziam os seus ombros.

— Por favor?

— Talvez eu tenha alguns no chalé. — Suspirou e levantou o olhar da corda que estava a desatar. — Vamos lá.

Subimos a colina, lado a lado, mas sem falar. Eu tinha resgatado o caderno do sítio onde tinha ficado, intacto debaixo da minha almofada, e enfiei-o dentro do meu casaco, a salvo do mau tempo. Mesmo apesar do meu empenho em falar com a Elizabeth, tinha a certeza de que não havia ali nada que pudesse ajudar-nos. A Daphne tinha-me dado a chave, como se fosse desvendar algo importante, e não tinha oferecido nada para além de mais um relato sórdido dos Summer. Não havia nada que nos dissesse onde é que estava.

O senhor Mins parecia imerso nos seus pensamentos. Já estávamos quase no chalé quando me arrastou para debaixo da copa de um teixo. A chuva chicoteava-nos e o vento rugia entre as árvores. Teve de gritar para ser ouvido. — O que é que estás aqui a fazer?

O sangue subiu-me aos ouvidos. O coração acelerou. — Estou a tomar conta das crianças.

Os seus olhos demoraram-se profundamente dentro dos meus. Esperando ver hostilidade, surpreendeu-me perceber apenas preocupação. — Isto não é

seguro para alguém como tu. — Sim, preocupação. Mas também ternura. Há muito tempo que ninguém se mostrava preocupado com o meu bem-estar.

— Alguém como eu? — Estávamos aos gritos e, ainda assim, parecia intimista.

— Uma rival. É só o que és para ela.

Tentei não lhe fitar a cicatriz enquanto falava. Agora que sabia a sua origem, perguntei-me como é que aguentava estar de novo num barco.

— Para quem? — Mas eu sabia. Queria ver até que ponto ia a sua deslealdade. Queria vez se me ia dizer a verdade. Ele não teria coragem de dizer o nome dela.

— Não estavas melhor a trabalhar para uma família simpática normal?

— Isso existe, sequer?

— Não por aqui. — Fez uma careta e olhou mais uma vez em redor. A chuva tinha finalmente parado, mas o vento avançou no vazio que tinha deixado. Puxou-me mais para debaixo da árvore, onde estávamos quase protegidos do mau tempo. Mesmo apesar de o meu corpo querer responder, forcei-me a ficar parada. Não queria cair na sua armadilha. Afinal de contas, era irmão da senhora Mins. — Mas o que é que se passa aqui, de verdade? — perguntou. — Porquê esta viagem repentina para a ilha a meio de um ciclone?

— Pensei que era só um aguaceiro de passagem.

Ele abanou a cabeça. Esfregou o queixo, como se tivesse barba.

— Não sei se a Elizabeth será capaz de ajudar-te.

— Talvez eu esteja a ajudá-la a ela.

— Talvez sim. Mas estás mais em perigo do que ela. Já há suficientes pessoas desaparecidas por aqui. — Ele murmurou mais qualquer coisa, mas eu não percebi bem. O que quer que tenha sido, fez-lhe subir uma sombra carmesim às faces. Ou seria do ar frio?

— Não tenho mais sítio nenhum para onde ir. — Era verdade, e podia ter feito de conta que não, mas a altura de encobrimento e do ego já tinha passado para nós. A confiança estava a tomar o seu lugar.

— Não estás também apaixonada por ele, pois não? — A sua cabeça virou-se na direção da minha, os seus olhos a observarem-me com toda a atenção.

Sentámo-nos por um instante. Sozinhos. Pela primeira vez desde que tinha chegado a Barnsley, estava sem vigilância. Sem ser seguida. Deu-me coragem.

— O Max é meu tio.

O senhor Mins não disse nada, só assobiou. Um longo e lento assobio incrédulo. — Ele sabe?

— Não. Acho que não.

— Alguém sabe?

— A Elizabeth, parece-me. E a Jean Laidlaw.

— Mais um maldito segredo dos Summer — disse o Leonard, a abanar a cabeça perante o pensamento.

As palavras atingiram algo na minha mente. O pensamento irritante de que havia algo no caderno que me estava a escapar.

A receita secreta do bolo inglês dos Summer.

— Senhor Mins! — gritei. — Tem Internet no chalé?

— OBRIGADA, SENHOR MINS. — Encostei-me a ele, a sentir-me divertida com uma nova sensação. Esperança. Sabia melhor do que cem gostos numa publicação. Melhor do que mil gostos.

— Chama-me Leonard.

— Obrigada, Leonard. — Sorri-lhe e ele sorriu-me em resposta, com alguma cautela, mas o suficiente para lhe franzir ligeiramente o lábio e fazer com que os olhos brilhassem. Era o suficiente para mim.

Estávamos sentados no sofá do Leonard, num pequeno espaço confortável escondido nos confins do chalé. Era mais um apartamento independente do que um quarto, com uma zona de estar e uma *kitchenette* e, para além delas, o que imaginava ser um quatinho pequeno. A divisão inteira cheirava ao Leonard e estava aquecida de uma forma que eu quase me tinha esquecido de ser possível desde que estava em Barnsley. O portátil no meu colo significava que estávamos sentados tão perto um do outro que os nossos pés calçados só com meias se tocavam.

Um movimento estranho no meu bolso fez-me dar um pulo. O meu telefone. Pela primeira vez em dias, tinha apanhado uma Wi-Fi sem querer. Tirei-o de forma hesitante para fora, inclinando o ecrã para que o Leonard não conseguisse ver. Mensagens. Alertas. Notificações. A vibração era interminável e à vista de todas as atualizações, regressou a ansiedade habitual, repentina e insistente. O Leonard observava-me, curioso. Inspirei profundamente e desliguei o telefone. Senti-me melhor instantaneamente.

Voltámos a nossa atenção para o caderno que estava aberto ao meu lado no sofá. No título ao cimo da página lia-se: «Receita secreta do bolo inglês Summer de Natal» e por baixo uma lista de ingredientes. Nada de invulgar

e certamente nada que se pudesse considerar altamente secreto, mas nunca tendo sido uma grande fã de bolo inglês, dificilmente me podia chamar de perita. Fruta desidratada. Pão ralado. *Brandy*. Não me admirava de que não gostasse.

Escrita a lápis de carvão, debaixo dos ingredientes, em letras muito pequeninas havia uma palavra que consistia numa mistura de maiúsculas e minúsculas. Agora que sabia do que é que estava à procura, parecia óbvio, e perguntei-me como é que me podia antes ter escapado. — Espera aí — disse eu a enfiar a mão no bolso do casaco para tirar os meus óculos.

As letras e números tornaram-se claras:

ThOmAs
1732

O Leonard observava enquanto eu colocava a palavra no sítio da palavra-passe das câmaras de vigilância. O pequeno círculo arco-íris girou e o programa abriu. — Devia ter adivinhado que «Thomas» seria a palavra-passe.

— Nunca subestimes o amor entre um homem inglês e o seu cão. — O Leonard encostou outra vez uma meia contra a minha. Era grossa e de lã, como se alguém a tivesse tricotado. De um vermelho vivo. A outra era castanha.

— O que é se passou em 1732?

— É o ano em que Barnsley foi construído. É mais antigo do que a tua Austrália.

— Tal como essas meias, a julgar pelo seu aspeto. — Calei-me. — E como tu também.

— É essa a tua forma de me perguntares a idade?

— Não me parece que queira saber.

— Tenho perto de quarenta anos — disse ele a sorrir. E por um instante esqueci-me do desaparecimento da Daphne. Do mau tempo, do barco que estava à minha espera para me levar por águas traiçoeiras até à ilha. Da Elizabeth à minha espera. Do caderno secreto. Da minha mãe. Desapareceu tudo. Estava só sentada numa sala quente com um tipo com bom aspeto que não era assim tão velho e que, a julgar pelos toques de pés, a modos que também gostava de mim.

Tinha passado tanto tempo desde que me tinha permitido sentir alguma coisa por alguém. Tinha tido bastantes namorados na escola, mas assim que entrei na faculdade, tive medo de me envolver numa relação séria com alguém. Medo de que alguém se apaixonasse por mim. Medo de que me viesse a pedir para ir morar com ele. Medo de que me fizesse abrandar.

A minha mãe tinha escrito *A casa das noivas* e depois mais nada. Disse-me que casar tinha mudado tudo para ela. E que ter um bebé tinha sido o prego final no caixão da sua criatividade. De cada vez que a incomodava quando estava à secretária, costumava abanar a cabeça e murmurar: «Um carrinho de bebé no corredor...»[4], antes de me mandar fechar a porta quando saísse.

E agora aqui estava o Leonard. A fazer-me duvidar de tudo aquilo em que eu tinha acreditado. Como se me tivesse lido os pensamentos, ou talvez interpretando-os mal como apreensão devido à tarefa que tínhamos em mãos, apertou-me a mão e continuámos.

Os vídeos estavam ordenados em pastas por datas e locais. Havia gravações do restaurante, do átrio do hotel, do corredor da ala de hóspedes, da entrada principal do hotel, da casa dos barcos, do parque de estacionamento, do campo de ténis e da piscina. Da piscina! Não me tinha apercebido de que havia uma. Não havia câmaras na zona privada da casa.

Contei para trás pelos dedos para descobrir em que data é que a Daphne tinha desaparecido. Tinha sido só há seis dias, mas parecia há uma eternidade. Podia acontecer imensa coisa em seis dias. Não pela primeira vez, esperava que ela estivesse em Londres com amigos, ou de regresso à desintoxicação, ou até — e isto revela como estava a ficar desesperada —, algures num bar. — Por onde é que começamos? — perguntou o Leonard.

— Pelo parque de estacionamento? — Era um tiro no escuro, mas talvez ela tivesse passado pela entrada.

— Não. O carro dela ainda lá está. Batido do acidente, mas o que é certo é que está lá.

— Pela entrada do hotel? — Cliquei lá em cima mesmo enquanto ainda decidíamos. — Ela deve ter saído algures entre a meia-noite e a madrugada. — Avancei rapidamente pelas horas.

— Não acontece nada de bom depois da meia-noite — disse o Leonard e dedicámo-nos a ver a entrada vazia do hotel.

— O que é que te fez vir para Barnsley? — Sabia o que tinha lido no caderno, mas não conseguia acreditar que um homem como o Leonard não fizesse alguma coisa a não ser que quisesse mesmo.

— Fui para o mar com o meu pai quando era muito novo. Não tive escolha, na realidade. Foi uma vida dura, mas não havia outra hipótese. Não podia vir para casa e tornar-me num fardo para a minha mãe, especialmente depois do meu acidente. A Meryl disse que o Max pagaria todas as minhas cirurgias — houve bastantes e era imenso dinheiro —, e que pagaria a minha desintoxicação.

Não havia nada nas gravações da primeira câmara.

— Casa dos barcos? — perguntou o Leonard.

Cliquei na pasta. O Leonard afastou o pé e tossiu. — Houve uma coisa. No dia a seguir à Daphne ter desaparecido. Na altura não dei importância.

— Hã? — Eu estava concentrada no ecrã.

— Um barco. Não estava bem preso. Ficou um pouco danificado pelas rochas.

Levantei os olhos do ecrã, a olhá-lo com cautela. — Não deste importância?

— A Daphne tem medo da água. Não ia sair de barco.

Nesse momento houve movimento no ecrã e eu coloquei o vídeo em pausa para recuar e voltar a ver. Uma sombra e depois apareceram duas figuras. Vimos sem falar. Sustive a respiração, a vê-los de costas, à espera de que se virassem. Estavam de mãos dadas, um homem e uma mulher. Um cão. O Thomas.

O homem largou a mão para destrancar a porta e a mulher esfregou as mãos e puxou o cabelo para trás. As suas argolas douradas brilharam à luz. O homem virou-se e olhou para a câmara antes de fechar a porta, deixando o Thomas lá fora. Era a senhora Mins e o Max. Arfei, mesmo estando à espera de vê-los. Os estores foram corridos e depois nada. Durante bastante tempo. Eu e o Leonard esperámos. Mudei-me para o chão, a precisar de algum espaço. Houve movimento no ecrã.

— Leonard, olha! — Ele aproximou-se e sentou-se ao meu lado. Uma figura a cambalear ao fundo da imagem, uma mulher muito pequena vestida com um vestido fininho, apesar da altura do ano. A Daphne. Tropeçou e caiu no molhe, deixando cair o que estava a segurar. O cão correu para ela. Ela deixou-o lambe-lhe a mão e fez-lhe uma festa nas orelhas.

— A Daphne.

Eu acenei com tristeza. O Leonard pegou-me outra vez na mão e eu deixei que o fizesse.

A mulher levantou-se, inspecionou o joelho por um instante. Esfregou-o e dobrou-se para pegar naquilo que tinha deixado cair. Uma garrafa. Levantou-a até à boca, bebeu durante bastante tempo e depois atirou-a à água. Levantou a mão no ar, satisfeita pela forma como tinha aterrado. Depois virou a cara para a casa dos barcos. — Oh, não — disse eu.

Primeiro a Daphne tentou a maçaneta. Quando não se mexeu, começou a bater com força à porta. Aos murros, como louca. O Thomas farejava atrás dela, a achar que aquilo era um jogo. Não havia forma nenhuma de quem estivesse lá dentro não a ouvir. Não havia forma nenhuma de o Max e a senhora Mins poderem não a ter ouvido. — Vá lá, Meryl — disse o Leonard num murmúrio. Percebi-lhe a vergonha. — Abre a porta.

Não abriram a porta. Passados alguns minutos, a Daphne parou de bater e espreitou pelas janelas. Quando eles não desistiram dos seus segredos, ela sentou-se no molhe e ficou a olhar para o mar. Os minutos passaram.

E então um movimento na janela. O movimento inconfundível dos estores quando alguém espreitou lá para fora. Depois nada. A Daphne ficou sentada mais algum tempo, até que algo para além da câmara lhe despertou o interesse. Rolou para a frente de gatas e empurrou-se para cima, andando ligeiramente a cambalear. — Não faças isso, Daphne. — Não conseguia evitar. Ela não me ouvia e eu não conseguia ouvi-la, mas sabia no que estava a pensar. Que o Max e a senhora Mins tinham ido para a ilha.

Os minutos seguintes foram insuportáveis enquanto a víamos a desatar a corda de uma pequena lancha de madeira. O Leonard suspirou e eu tive a certeza de que a reconheceu como o barco danificado pelas rochas. Puxou pela correia e caiu para trás. Tentou de novo e ligou o motor do barco. E depois a Daphne desapareceu.

O telefone do Leonard começou a tocar. — Ela vai querer saber onde estou — disse ele com o telefone a tremer-lhe ligeiramente nas mãos grandes. — Disse-lhe que te ia levar lá primeiro.

— Quem? — perguntei. O olhar temeroso nos seus olhos fez-me ficar nervosa. Só uma irmã conseguia provocar um olhar daqueles.

Imaginei a senhora Mins a vigiar-nos a partir de Barnsley, à espera de que chegássemos ao molhe da ilha, a ficar cada vez mais ansiosa com o

nosso atraso. Estaria a vigiar da janela da ala leste, ou teria ficado tão desesperada que tinha vindo cá fora, enfrentando a tempestade só para poder manter a vigilância?

O tempo tinha melhorado ligeiramente enquanto estávamos dentro de casa, mas agora estava outra vez brutal. O Leonard olhou da janela para o céu, com os dedos brancos de tensão no sítio onde agarrava o telefone, ou do esforço, ou ambos. — É melhor irmos andando. Não quero que ela fique desconfiada.

Já estávamos no barco, a meio caminho entre o continente e a ilha, ainda escondidos pela ponta da enseada quando o Leonard falou. Eu estava enroscada no pequeno abrigo, a tentar inutilmente manter-me seca e a não pensar na Daphne. A gravação não parava de se repetir na minha cabeça. — Eu pesquisei-te no Google, sabias?

Apesar da ferocidade do vento contrário, a minha cabeça virou-se para ele.

— Miranda Courtenay. — O som do meu nome nos seus lábios soava-me bem.

— Como é que descobriste o meu apelido?

— Vi a tua bagagem. Não és a única a bisbilhotar por aqui. — Deve ter sido ele que a levou para o meu quarto. Esperei que a vergonha amainasse perante a ideia de o Leonard me descobrir *online*. Nada. A verdade parecia estranhamente confortável. — Uma charlatã dos tempos modernos... mais um embuste do bem-estar.

— Encontraste-me — disse a suspirar, e o Leonard assentiu. — O meu pai pagou imenso dinheiro a uma companhia para enterrar o meu perfil antigo. Não funcionou. É suposto eu estar a criar uma presença *online* para ajudar a acelerar a tarefa, mas aqui é um pouco difícil.

— Sim, estava lá tudo.

Por alguma razão, achei aquilo reconfortante. Queria que ele soubesse a magnitude daquilo que eu tinha feito. Se me coubesse a mim explicar, talvez me sentisse tentada a amaciar o golpe. — Consigo entender porque é que podes ter querido fugir — disse ele. Não era uma piada, apesar de o seu forte sotaque fazê-lo soar como uma.

— Sim.

— Mas não consegui perceber porque é que havias de vir para aqui.

— E agora sabes.

— Agora sei.

Olhei para as unhas, a puxar as peles soltas. Qualquer coisa para não encarar o Leonard.

— Que idade tinhas, Mãe Miranda?

Fiz as contas de cabeça para trás. — Tinha vinte e quatro.

O Leonard gemeu. — Perguntaste a algum médico?

— Não perguntei a ninguém. Tinha tanta certeza dos benefícios nutricionais da minha dieta que nem pensei que deveria fazê-lo. Tive tanta gente a dizer-me que as minhas limpezas lhes tinham mudado a vida. Pensava que era invencível. — Era verdade. Pensava.

— Mas não é que tenhas mesmo prometido alguma coisa, pois não? Fizeste apenas uma vaga sugestão.

— Hum...

— Oh, Miranda. E alguém te cobrou por isso. — Compaixão. Havia decididamente compaixão na sua voz. Trouxe-me esperança.

— Cobrou mesmo. — O nome dela tinha ficado gravado para sempre na minha mente.

[4] Referência à famosa expressão do escritor e crítico literário inglês Cyril Connolly sobre a relação entre a vida criativa e a parentalidade. No original: «There is no more somber enemy of good art than the pram in the hall.». (*N.T.*)

NÃO HAVIA NINGUÉM à espera no molhe. O barco lançou-se contra o cais e o Leonard esticou um pé para fora, impedindo-o de bater com um empurrão certo e firme. Atirou a corda e saltou para fora para lhe pegar. — Tenho de te deixar — disse ele enquanto observava a extensão da costa rochosa de alto a baixo. — A Meryl precisa de mim na casa. Caiu uma árvore no caminho.

Fiquei com as bochechas a arder. O Leonard interpretou-o mal, como sinal de raiva.

— Mas volto para te vir buscar. Digamos, daqui por uma hora? Duas? — Olhou para mim de forma tranquilizadora.

Eu não fazia ideia. O terreno parecia inóspito e duas horas ali fora pareciam uma eternidade. Ainda assim, ali com a Elizabeth, senti que podíamos fazer alguns progressos. Queria contar-lhe o que tínhamos visto nas gravações. Queria que viesse comigo à polícia. — Eu fico bem. — Não era uma das minhas melhores mentiras e o Leonard não me pareceu convencido.

— Está bem. — Ajudou-me a subir para o molhe e deu-me um pequeno apertão na mão antes de a largar.

O meu coração pulsou em resposta e fiz-lhe um sorriso tímido. — Fico mesmo. — Esforcei-me mais daquela vez para fazer com que acreditasse em mim. Sabia que a Elizabeth vinha à minha procura. Conhecia a ilha de trás para a frente. Tinha fé de que aparecesse a qualquer momento. Afinal de contas, eu tinha os ovos para ela.

O Leonard fez-me continência e disparou em direção ao vento. Eu apressei-me a sair dali, à procura de abrigo.

À procura da Elizabeth. No final do molhe havia um velho portão enferrujado com uma lanterna solitária por cima. Pelo que me era dado entender sobre a escuridão profunda naquela parte do mundo, na melhor das hipóteses a luz seria ineficaz. Da forma como as coisas eram mantidas por ali, provavelmente nem funcionava de todo. Para além do portão, o terreno inclinava-se acentuadamente, com um conjunto de escadas vertiginosas a serpentear pela colina acima no meio de uma densa folhagem.

E ao cimo das escadas estava a senhora Mins.

— A Elizabeth afinal não pôde vir — disse ela enquanto começava a descer as escadas.

Virei-me para correr de volta para o molhe, mas o barco do Leonard já estava longe, a empurrar-se para terra. Fiquei petrificada. Não havia para onde ir.

A senhora Mins era ágil, apesar da sua idade, e desceu as escadas num instante. Enfiou o seu braço pelo meu de uma forma alegre, como se estivéssemos prestes a partir numa feliz aventura. Não me deixei enganar. Tinha o cotovelo demasiado esticado e agarrava com força a mais. Mas não havia forma nenhuma de me retirar sem arranjar confusão. O que quer que eu fizesse, onde quer que fosse, ainda estava sozinha numa ilha com a senhora Mins. — Tenho uma coisa para lhe mostrar, querida — disse-me ela a puxar-me pelas escadas acima. — E acho que tem qualquer coisa para mim.

Tive de recorrer a todos os *memes* inspiradores que alguma vez republiquei para mexer as pernas uma a seguir à outra e seguir a senhora Mins pela colina acima. *Faz alguma coisa que te assuste todos os dias. Sente o medo e fá-lo na mesma. De um grande risco surge uma grande recompensa.*

Não tinha a certeza disso, apesar da ausência do urso polar que acompanhava a parte gráfica, mas face a um perigo real, não eram assim tão eficazes quanto eu tinha antes acreditado que fossem. Mais uma vez senti-me envergonhada pela minha própria falta de sinceridade. A minha falta de sinceridade passada.

Enquanto subia aquela colina a ofegar, a preocupar-me e a desconfiar, sabia que nunca mais seria essa pessoa. A pessoa que faria coisas sem pensar nos outros. A pessoa que faria qualquer coisa só para que parecesse bem.

— Com certeza que sabe a história da ilha — gritou a senhora Mins enquanto subíamos. — Todas aquelas horas tardias ao computador! Atualmente é tão fácil descobrir as histórias das pessoas. Claro que o que se encontra *online* nunca é a história toda, não é verdade?

Apesar da severidade da inclinação e da sua idade, mal se lhe notava um sopro na voz. Entretanto, eu, décadas mais nova, estava com dificuldades. Precisei de todas as minhas forças para a acompanhar, e se não fosse ela ainda estar fortemente agarrada ao meu braço, teria caído para trás. — Na Wikipédia. Essa. Há lá bastantes coisas, imagino. Mas sabia que qualquer pessoa pode entrar naquele *website* e alterar? Acrescentar uma coisita aqui e ali. Mudar um nome, mudar uma data. É bastante fácil se se souber o que se está a fazer. — Ela estava louca, decididamente. Olhei para trás e conseguia ver o barco do Leonard à distância, a esforçar-se para voltar para o continente, com o casco a cortar as ondas em formação. Depois desapareceu. — É mesmo como a vida. A verdade é o que se faz dela: acrescenta-se uma coisita aqui e ali, retira-se o que for preciso. É uma obra em desenvolvimento. Você em especial percebe o que quero dizer, não é?

O calor disparou-me pelo corpo. Pânico. Ela queria mesmo dizer o que eu pensava que ela queria dizer?

Ainda não estávamos mesmo ao cimo da colina quando ela parou e me puxou para o lado. Não tinha reparado enquanto estávamos a subir, mas o caminho bifurcava-se à nossa frente e havia um trilho estreito que fazia um desvio ligeiramente à direita. Estava coberto de vegetação, tal como tantos caminhos à volta de Barnsley, mas aqui as plantas que cresciam ao longo do trilho eram subtropicais. Desta vez havia fetos, e não silvas, a bloquearem-me o caminho.

O embrulho debaixo do meu casaco pressionava-se contra a minha pele. Esperava que a senhora Mins não reparasse. A copa das feteiras protegia-nos do pior do mau tempo, mas de repente o silêncio pareceu sinistro. Assustador. Imaginei a Daphne a chegar ali a meio da noite. No meio de toda aquela escuridão. Ela era a única coisa que me fazia continuar a avançar. O pensamento dela, por ali, este tempo todo.

Não tive hipótese senão seguir a senhora Mins para dentro do trilho, entrando mais profundamente no meio da vegetação. Parecia improvável que alguém tivesse ali passado recentemente. O trilho debaixo dos pés estava lamacento e quase intransponível. — Onde é que vamos?

— Era um sítio especial da trisavó do Max. Vai ver quando lá chegar. É difícil de explicar.

— Não era melhor regressarmos?

— O tempo inglês é demasiado para si?

— Dificilmente está dia para um passeio ao ar livre, não é?

— É uma sorte que nos estejamos a dirigir para um abrigo, então.

Daphne, aguenta, pensei. Estou a caminho.

O trilho curvava em redor de folhagem mais exuberante. De um lado, plantas com ramagens do tamanho de pequenos carros elevavam-se sobre nós, alheias na sua dominância.

— Gunnera.

— Desculpe?

— As plantas. *Gunnera manicata*. Algumas pessoas chamam-lhes comida de dinossauro. Parecem amistosas, não parecem? — Ela parou, virando-se para me encarar. — Mas não são. Se vir ali por baixo, repara que têm milhares de pequenos picos. — Estiquei a mão para apalpar a folhagem, hipnotizada com o tamanho das folhas. Deviam ter pelo menos cerca de dois metros de largura.

Voltámos a subir. A senhora Mins disse qualquer coisa que não ouvi bem. Pedi-lhe para repetir e ela riu-se e disse-me que estávamos quase lá. As folhas desapareceram, revelando um edifício pequeno mesmo à beira da falésia. Parei mesmo a tempo e a senhora Mins sorriu maliciosamente. Era a estrutura que tinha visto de relance do escritório na primeira manhã na Casa Barnsley. — É uma casa de conchas. O trisavô do Max construiu-a para a mulher. Fizeram furor naquela altura. Não consigo imaginar o que é que os levou a fazê-la aqui. Ou até consigo, sabendo qualquer coisa sobre como são os homens da família.

Momentos antes, sentia-me quente e suada da escalada pela colina. Agora a humidade do meu pescoço tornou-se fria, depois de o calor evaporar. Ela continuou sem olhar para mim ou me dar qualquer sinal de atenção. Disse para mim que me acalmasse. Tentei não pensar nos avisos do meu pai. Estava tudo bem.

A senhora Mins tinha-lhe chamado casa, mas para mim parecia-se mesmo com um pequeno forte. Tinha uma forma hexagonal, com as suas seis paredes a erguerem-se até um teto montado em pedra, ali situado a dado momento na História para treinar caminhantes mais bem-comportados

do que aqueles que agora a cercavam. Uma pequena porta de carvalho, construída para pessoas de uma geração mais baixa estava parcialmente coberta de vinhas. A senhora Mins desviou-as cuidadosamente para o lado. Não vinha qualquer som de lá de dentro. — Daphne! Estou aqui — gritei.

A senhora Mins fungou e pôs-se à minha frente. — Não seja estúpida.

Encostei-me contra a parede, tentando ganhar algum abrigo debaixo da pequena saliência do beiral.

— É o esconderijo da família — disse a senhora Mins, ainda à chuva com ar de verdadeira psicopata. — Algumas famílias têm uma *villa* no Algarve. Ele tem isto. A família Summer sempre foi autoflageladora. As gerações dos homens Summer escondiam-se aqui quando as coisas ficavam difíceis. Mas o Max, não. — Ela fungou. — Ele procura refúgio no Mediterrâneo. Sem olhar a custos.

Ela estremeceu e espreitou pela janela. Estava imunda, com anos de sujidade em cima e eu duvidava que conseguisse ver grande coisa. Esperava que a Daphne nos pudesse ouvir.

Daquele ponto tínhamos vista desimpedida para Barnsley. Se a Daphne estivesse ali, seria capaz de vigiar o local. À noite, imaginava que pudesse localizar os ocupantes da casa pelas luzes nos quartos, e de dia, ficava suficientemente perto para se verem as silhuetas na relva, e provavelmente adivinhar as suas identidades. Nenhum barco conseguia passar a enseada para Barnsley sem ser visto daquele ponto de vigia.

— Tem o caderno? — perguntou ela sem olhar para mim.

Tinha a certeza de que não tinha referido o caderno à senhora Mins. O pânico diluiu-se pelo meu corpo, tornando os meus membros líquidos. — Que caderno?

A senhora Mins riu-se e abanou a cabeça. — A Daphne andava sempre a escrever no seu caderno de apontamentos. Receitas, listas, planos de ementas. A vida dela estava naquele caderno. E agora desapareceu.

Fechei os lábios com firmeza e abanei a cabeça.

A senhora Mins inclinou-se para mim. — Desapareceu mesmo na altura em que chegou.

— Não sei nada sobre caderno nenhum. — A minha mentira soava bastante convincente. Os anos de experiência tinham valido a pena. A senhora Mins recuou por um momento.

Pensei em fugir, mas o trilho por onde tínhamos vindo era escorregadio. Bastava um passo em falso e estaria perdida para as falésias abaixo. Se com alguma sorte chegasse ao fundo do trilho sem cair, o que faria depois? A senhora Mins deve ter um barco algures, mas eu não o tinha visto. Para além da casa de conchas, na direção oposta, a ilha parecia selvagem e desconhecida. Ela sabia que eu estava encurralada. Eu sabia que estava encurralada. A Sophia tinha-me vindo pedir ajuda. A Daphne tinha-me pedido ajuda. Tinha dececionado toda a gente.

— O Max disse que andava toda amiguinha da Daphne antes de ela ter desaparecido. Enfiadas nos quartos de hóspedes. A conversar! — A senhora Mins estava calma. Sabia que tinha todos os trunfos. — Não a vou deixar ir embora antes de me dizer onde está. Ninguém vai sentir a sua falta. Ninguém sente a falta da Daphne. — Uma pequena gargalhada triunfante.

— O Leonard sabe que estou aqui.

— Ah, sim, o Leonard. Como é que é aquele velho ditado?

Sabia onde ela queria chegar. — O sangue é mais denso do que a água.

— Precisamente.

PRIMEIRO pensei estar a alucinar. Os acontecimentos da manhã tinham-me virado do avesso e parecia certo que o meu cérebro me estivesse a pregar partidas, a tirar imagens d' *A casa das noivas* para as tornar reais à minha frente. Mas depois fechei os olhos com força e voltei a abri-los, e abanei a cabeça para ter a certeza de que as chamas ainda lá estavam. Distantes, mas estavam.

Oh, meu deus.

O fogo.

Nuvens de fumo ascendiam de uma janela do andar de cima da Casa Barnsley e as chamas perseguiam o fumo em rajadas. Foram as rajadas que me chamaram a atenção: as descargas breves de vermelho e cor de laranja num céu inglês de outro modo sem cor.

Robbie.

Tinha tanta certeza de que tinha razão. A culpa inundou-me o corpo, liquidificando-me os membros. Tinha tido tanta certeza de que estava a fazer o que era correto para o Robbie que não tinha ouvido os avisos da senhora Mins. Tal como não tinha ouvido o meu pai quando me avisou de que eu me estava a dirigir por um caminho perigoso com a Mãe Miranda. — Senhora Mins — disse eu, primeiro calmamente, ciente de que ela estava à espera de uma resposta à sua pergunta. — Meryl. — Esta não era a altura para gentilezas.

— O que é que sabe acerca do caderno? — repetiu chegando-se ainda mais perto.

— Senhora Mins! Há um fogo.

— Ah! Acha que eu vou cair nessa...

A senhora Mins não se queria virar. Não queria tirar os olhos de cima de mim, mas conseguia ver o pânico na minha cara. Não tinha hipótese. Os seus ombros descaíram em redor das orelhas e a cabeça inclinou-se ligeiramente, como se estivesse a decifrar alguma coisa numa língua estrangeira. E só a seguir a isso é que se começou a mover de um lado para o outro em negação.

— É na ala leste? — perguntei esperançosa. Mas sabia que não era. Queria culpar o sobrenatural. Queria que fosse como nas histórias de fantasmas que tinha ouvido. Um fogo fantasmagórico. Um talismã do passado. Uma profecia para os vivos. Sabia que não seria isso. Era real. E por minha culpa.

— Não parece. É difícil de dizer.

Difícilmente conseguia ver para além da senhora Mins. Queria fugir, mas não podia. A paisagem inóspita e a ameaça de mais tempestades. As probabilidades estavam todas contra mim.

— Disse-lhe para não acender a lareira! Sua miúda estúpida! — Por um segundo, achei que me ia esbofetear e depois recuou. Quase desejei que o tivesse feito.

— Na ala das crianças? — A minha voz vacilou. Mais do que tudo, queria que ela estivesse errada.

— Sim. — Começou a falar sozinha. Um emaranhado de nomes. *Robbie. Agatha. Max.*

— O Robbie. Ele ainda está na cama. — Eu mal conseguia proferir as palavras. — Com quem é que o deixou?

Mas não era só o Robbie. Havia uma hipótese de estarem todos lá em cima. A Sophia passava imenso tempo no seu quarto, tal como a maioria dos adolescentes, e a Agatha, se estivesse lá em cima sozinha... Nem aguentava pensar nisso.

A senhora Mins fez um som que não tinha nada a ver com ela. Um movimento de ar, um som de esmagamento, um grito incontrolável. O som animalesco de uma mãe cuja prole está sob ameaça. Uma vez. E depois outra. E outra. E depois só uma palavra. — Max. — Sacudi a cabeça. O Max nem sequer lá estava. — Ele pediu-me para tomar conta das crianças.

— O Leonard está lá. Elas vão ficar bem — gritei, mesmo apesar de não acreditar.

— Tenho de ir. — A senhora Mins começou a afastar-se da casa das conchas. Corri atrás dela.

— Também vou!

— Não! — Ela empurrou-me para trás e estiquei o braço para a agarrar, pegando-lhe na manga. Som de tecido a rasgar. Ela desviou-se, com os braços puxados para trás. Inclinação para a frente, quase mal na vertical.

— Senhora Mins! — gritei. — Também vou. — Corri outra vez atrás dela, escorregando na lama. — Também vou — repeti. — As crianças...

— As crianças? — perguntou. Atrás dela conseguia ver Barnsley. As chamas lambiam a parede do exterior e ainda assim a casa parecia estranhamente sossegada. Deveria haver pessoas no relvado da frente a esta altura, a soar o alarme. Devia ser capaz de ver o Leonard, ou as crianças, ou os bombeiros. Mas havia a árvore caída e seria difícil os bombeiros passarem. Tinha o coração acelerado com a ideia do que podia acontecer. — As crianças não são da tua conta.

— Mas a Agatha... — Calei-me. O nome pareceu desajeitado nos meus lábios, como um nome carinhoso com o qual eu não estava suficientemente familiarizada para usar.

A senhora Mins olhou em redor e depois abriu a porta da casa das conchas. — Entre lá para dentro. — O desprezo era evidente na sua expressão, com o escuro debaixo dos olhos a cavar-se mais fundo a cada minuto. Estava a pensar.

Um minuto, dois minutos. Senti um puxão no braço e vi-me a ser empurrada em direção à casa das conchas. A porta bateu e ouvi uma chave a girar. E depois a voz soou pelo buraco da fechadura. — Não achou mesmo que eu a ia libertar, pois não, Miranda?

JÁ NÃO HAVIA DÚVIDA de que eu era mesmo prisioneira. Gritei em frustração. Gritei pela senhora Mins. Gritei o nome do Leonard. Em desespero, chamei pela Elizabeth. Bati à porta de madeira até a pele das minhas mãos ficar rasgada e cheia de lascas. Ninguém veio.

E então, derrotada, deixei-me afundar e cair até ao chão de costas encostadas à porta e olhei em redor. Não havia sinal da Daphne. Cheirei o ar pelo meio das minhas lágrimas, mas não havia nada. Nem o mínimo cheiro de uma mulher. Só o cheiro da maresia na proximidade e da humidade. Há muito tempo, alguém tinha coberto cada centímetro da parede interior com conchas: umas grandes, outras pequenas, algumas mais parecidas com pedras do que conchas, alguma de espécies exóticas de praias estrangeiras. Deve ter sido concebida como casa de verão, já que a temperatura lá dentro, no meio do inverno, era cruel. O tapete no chão, antigo e gasto nalguns sítios, não impedia o frio de subir a partir do terreno húmido por debaixo, quanto mais o vento a soprar por debaixo da porta.

Tinha três janelas, colocadas de forma equidistante à volta das paredes, e todas estavam tão cobertas de folhagem que eram impenetráveis, à exceção de uma. Tinha vista para o mar, e por debaixo dela havia uma pequena secretária, uma escrivaninha, pois em cima tinha uma máquina de escrever e outros sinais de vida de quem escrevia: cadernos de apontamentos, uma velha lata de sopa cheia de lápis, montes de papéis presos com elásticos e livros abertos a meio, com as pontas das capas enroladas pela humidade. As estantes baixas que corriam a toda a volta da divisão estavam cheias de livros. Alguns eu reconhecia, muitos não. Um esconderijo de um escritor. Mas quem era o escritor?

Atrás de mim, estava montada uma cama de campanha. Parecia que alguém tinha lá dormido recentemente. A almofada ainda estava abaulada pela forma da cabeça de alguém. Tinha de ser a Daphne. Talvez ela tivesse estado ali e eu me tivesse desenhado.

A ideia daquilo encheu-me outra vez de raiva e agarrei nos cobertores atirando-os para o outro lado da divisão em frustração. Depois apanhei-os e tentei rasgá-los ao meio. Com as mãos, com os dentes. Não servia de nada. Tinham sido feitos numa era diferente, num tempo em que as coisas eram feitas para durar. Cada centímetro da lã rugosa resistia às minhas tentativas de rasgá-lo. Não havia forma de conseguir sair. As janelas eram demasiado pequenas e a porta sólida.

A imagem do Robbie no fogo não me saía da cabeça nem por um instante. A sensação de vergonha regressou e sucumbi-lhe, rendi-me por completo à culpa destrutiva habitual. A senhora Mins tinha-me dito para não acender o lume e eu não lhe tinha dado ouvidos. Achava que sabia melhor. De novo. Estava errada. De novo.

Gritar não me estava a levar a lado nenhum. Deixei os olhos correrem pelas lombadas dos livros. *Reviver o passado em Brideshead*. *Fazenda maldita*. *Rebecca*. Sem surpresas ali, mas nada que me pudesse ajudar. Uma estante inteira com livros da Agatha Christie. Obras de referência: *O dicionário da Arte*, *Um dicionário médico*, *Debrett*. Livros de receitas: *Larousse*, Elizabeth David, Anna Del Conte. E depois ali estava, quase escondida, sobre um monte de velhas revistas *Country Life: A casa das noivas*.

Deixei que os dedos corressem pela lombada sobre o nome, seguindo as letras dentro e fora da inscrição a invocar a memória de cada uma. O livro caiu aberto com facilidade. Era de capa dura, uma primeira edição, pelo seu aspeto. Virei a página da capa, esperando ver a letra da minha mãe com uma inscrição significativa para a sua única irmã, mas não havia nada.

Também não havia nada na página seguinte.

Folhee o livro, à procura de um cartão, uma nota, algo pessoal da minha mãe. Caiu um envelope. Um envelope grosso de papel pardo, com a cola seca e amarelado pelo tempo. O envelope abriu-se com um leve toque. Recortes de artigos de jornal. Tirei-os para fora, um a um, à procura de uma nota que eu tinha a certeza de que estaria escondida lá dentro. Queria alguma pista sobre o relacionamento entre a minha mãe e a Elizabeth.

Queria saber o que ela lhe chamava, que expressões usava, se tinham nomes carinhosos uma para a outra, uma forma fraternal abreviada.

Em casa, numa pequena pasta vermelha na casa do meu pai, eu tinha guardado todos os cartões que a minha mãe me tinha dado nos aniversários. Desde o meu primeiro até ao meu oitavo ano, tive um em cada aniversário, cada um preenchido com a sua letra grande e arredondada: uma mensagem engraçada, uma anedota acerca de algo fofinho que eu tinha feito nesse ano, a razão de ela ter escolhido aquela prenda em particular para o meu aniversário. No conjunto, não tinha mais do que quatrocentas palavras da minha mãe. Mas essas quatrocentas palavras diziam-me quase tudo o que sabia sobre ela. Estava desesperada por mais.

Não havia mais nada para além dos recortes. Só críticas do seu livro da altura da publicação. Não havia nada ali que eu não soubesse. Atirei os recortes para cima da cama e regressei à janela. O tempo tinha piorado outra vez, tornando difícil ver a casa. Havia um brilho desmaiado à distância, mas não conseguia mesmo ver chamas, como tinha visto antes. Não parecia possível que um fogo pudesse arder a chover. Esperava que estivesse sob controlo e que alguém reparasse que eu não estava lá. Esperava que o Leonard se lembrasse que eu estava ali, no meio de toda a confusão.

Peguei nos recortes, em vão, e folheei-os. Não havia nada ali que eu não tivesse lido antes. Os títulos eram semelhantes ao que ainda surgiam de tempos a tempos em artigos nostálgicos sobre um momento particular no passado.

«A HISTÓRIA DE UMA CASA E DE UMA FAMÍLIA.»

«CASA BARNSLEY: O NASCIMENTO DE UM
MOVIMENTO FEMINISTA.»

«*A CASA DAS NOIVAS:*
A HISTÓRIA DE UMA CASA CONTADA ATRAVÉS DE
QUATRO MULHERES FORMIDÁVEIS QUE LÁ VIVERAM.»

«UMA CASA DE NOIVAS, E FOI PRECISO UMA FILHA
PARA JUNTÁ-LAS A TODAS.»

Peguei num ao acaso e comecei a ler.

A história espantosa das mulheres que viveram na Casa Barnsley só podia ser contada por alguém próximo da família. Alguém que tivesse acesso aos documentos nos vastos arquivos de família. Alguém que pudesse reunir o que devem ser centenas de fotografias daquele tempo e retirar apenas a mais evocativa. Alguém que sabia onde estavam escondidos todos os esqueletos e que não tivesse medo de destrancar o armário e deixá-los cair ao chão, expostos. É preciso uma alma corajosa para fazer tudo isto. Só houve uma mulher capaz de fazê-lo.

Uma mulher capaz de fazê-lo. A minha mãe. Ela sempre disse que teve de sair do país depois de ter escrito o livro, que nunca se poderia manter ali depois de ser publicado. A sua família ficou furiosa, humilhada. Imagine-se trazer os segredos de família assim a público, daquela maneira! Não admira que tenha ido para a Austrália e nunca tenha regressado. Conseguia agora vê-lo mais claramente.

Peguei noutro artigo. Este centrava-se menos no aspeto histórico e mais na prosa.

Therese Summer escreve como um anjo, o que dificilmente surpreende, dada a linhagem da sua família. Summer foi criada nos tranquilos circuitos da Casa Barnsley e trilhou os mesmos caminhos do que Gertrude Summer e Sarah Summer, por isso, parece inevitável que o seu impulso e prestação criativa lhe entranhasse os ossos por alguma espécie de osmose mística. Cada palavra é ponderada, e cada palavra ponderada, precisa. Ler-se-ia como ficção, se não fosse demasiado fantástico para se acreditar.

A minha mãe nunca mais voltou a escrever depois de ter terminado *A casa das noivas*.

Em público, dizia que tinha feito o que estava destinada a conseguir: tinha escrito a sua obra de uma vida e que não tinha sobrado mais nada para escrever. Mas eu lembro-me dela sentada à secretária, zangada quando as palavras não surgiam. A soluçar de frustração. A arranjar desculpas. E a fazer qualquer coisa para evitar admitir o falhanço.

Enquanto estava ali na casa das conchas, rodeada pelos sinais de uma vida de escrita, algo se agitava no meu cérebro. Algumas frases começaram a repetir-se.

As coisas começaram a empilhar-se e a encaixar-se. Pessoas. Histórias. Factos. Ficção.

Os postais de aniversário: engraçados e exuberantes, mas vagos e descritivos. Nada como *A casa das noivas*. O que é que a Elizabeth disse na primeira vez em que a vi? «Muito promissora, mas sem nunca ter chegado a lado nenhum.» Haveria ali amargura na sua voz que então não consegui distinguir?

A história espantosa... só podia ser contada por alguém próximo da família... Só podia ser contada por uma mulher... mas e se houvesse outra mulher que a pudesse ter contado? Não. Não podia ser. É igualzinha à sua mãe...

A Elizabeth era uma verdadeira contadora de histórias. As histórias sobre o passado que ela recontava eram tão reais, tão dinâmicas no detalhe que às vezes acabava por se confundir entre factos e ficção.

Os livros que escreveu para a Daphne. Os sinais mesmo ali à minha frente de que continuava a escrever.

Regressei à estante, tirei um livro pelo qual tinha passado anteriormente. Um exemplar do livro de receitas mais famoso da Daphne, *A Casa Summer*. Tinha de haver uma pista para a escrita da Elizabeth. Li a introdução. Era a voz da Daphne, que eu conhecia do caderno de apontamentos.

Simpática, familiar, apaixonada. Tudo o que a Elizabeth não era. Não conseguia detetar a sua mão.

Folhee o livro mais uma vez, avidamente à procura de fotografias para ter uma visão da Daphne e da sua família. Não havia fotografias da Elizabeth e do Tom, só das crianças e do Max. Quase já tinha desistido

quando o livro caiu aberto na página do título. Não havia dedicatória n' *A casa das noivas*, mas a Daphne tinha escrito uma na *Casa Summer*.

Para a Elizabeth, a verdadeira escritora da família, beijos

— MERYL! MERYL! MERYL?

Silêncio.

Estava prestes a gritar outra vez quando um pequeno olho brilhante apareceu pelo buraco da fechadura. — Miranda, é você?

Uma voz de homem. E depois uma cara à janela, gnômica e preocupada.

— Consegue ver o incêndio? Já parou? — A minha voz estava desesperada e assustou-me quando ele não respondeu. A chave girou na fechadura e ali estava ele: ensopado, com a roupa molhada a enfatizar-lhe a pequena estatura.

Ele registou a surpresa na minha cara. — Eu costumava treinar como jóquei. — Abanou a cabeça. — Você nunca devia ter vindo aqui.

Passei por ele com força. — Porque é que toda a gente passa a vida a dizer isso?

Comecei a correr e o Tom seguiu-me. Continuei a correr, com medo de que ele fosse mudar de ideias e forçar-me a voltar a entrar para a casa das conchas. Novamente envolta pelas profundezas da folhagem verde, não conseguia ver o que se estava a passar no continente e não tinha outra estratégia para além da de regressar para lá o mais depressa possível.

— Abrande! — chamou o Tom. — Vai cair.

— O fogo! Preciso de voltar para ao pé das crianças.

— O Leonard está lá. — Não foi o suficiente para me fazer abrandar. Sabia que o Leonard era capaz, mas precisava de vê-las com os próprios olhos. Tocar-lhes. Convencer-me de que a vida humana não era dispensável. O que me fez pensar na minha mãe. E o que eu começava a suspeitar acerca da verdade por detrás da sua partida de Barnsley.

— Porque é que o Max e a Elizabeth nunca falam sobre a Tessa? — Outra vez silêncio. Isto não estava previsto e sem a Elizabeth ele ficava inseguro. — Tom?

— Tessa? — Não era a pergunta de que ele estava à espera.

— A Tessa. A minha mãe. — A verdade surgiu com facilidade. Soube bem. Senti qualquer coisa a desdobrar-se, a soltar-se.

O Tom ficou calado por um instante. — A Elizabeth disse que era assim e eu não acreditei nela.

— Porque é que a odeiam?

— Por amor de deus, mulher, estou a pensar.

— Não sei o que é que aconteceu entre eles.

— Como pode não saber?

— Era muito nova quando ela morreu. — Já tinha começado a ofegar. O Tom corria atrás de mim, a parecer ainda pior. — Foi alguma coisa a ver com o livro? *A casa das noivas*? — A minha voz vacilou.

— O seu pai nunca lhe disse nada?

— Não — respondi com firmeza. — Não me parece. — Com menos firmeza. Pensei na Fleur. O meu pai sempre tinha apreciado profundamente os seus feitos criativos. Levava os convidados em visita guiada ao nosso jardim, e desviava o carro sempre que ela pedia para que pudesse admirar os jardins. Ele adorava-a e respeitava o seu trabalho.

Ele amava a minha mãe, mas o exemplar desgastado d' *A casa das noivas* tinha sido escondido no meu quarto desde que tive idade suficiente para ler. Ele nem uma única vez foi à procura dele. — Não era coisa sobre a qual falássemos.

A cada respiração, mesmo a inspirar o ar frio com rapidez, estava a ter dificuldades em manter-me calma. Inspira, expira. Inspira, expira. O pânico à espreita. Era ainda mais difícil descer a colina do que subir. De cada vez que pousava o pé na lama, acabava por ficar muito mais baixo no caminho do que tinha sido a minha intenção, por isso estava mais ou menos a deslizar e a cambalear em direção ao fundo. As raízes ficavam mesmo abaixo do lodo e ameaçavam fazer-me tropeçar a qualquer momento.

— Odeio pensar nas pessoas a rirem-se da Elizabeth nas suas costas — disse o Tom.

— Porque é que ela não fez nada? Se era isso que pensava?

— A tua mãe era muito esperta. Levou todos os cadernos de apontamentos e todas as notas da Elizabeth com ela quando se foi embora.

— O Max teria sabido se a Elizabeth estava a dizer a verdade. O Max diria alguma coisa. — Havia um fogo a arder do outro lado do mar, mas à medida que os minutos passavam, eu sentia-me menos certa de que seria capaz de fazer alguma coisa para ajudar. Os minutos estavam a passar. Eu não estava mais perto das crianças. Não estava mais perto de encontrar a Daphne.

— Não. Ele não acreditou na Elizabeth. Ela tinha um historial de cenas históricas — disse ele, ofegante. — Para além disso, ela gostava de beber, mesmo nessa altura. Não gostávamos todos?! O Max achou que era uma mais um dos delírios da Elizabeth. Ele não sabia que ela andava a escrever aqui, dia após dia. A casa e a sua história eram as suas obsessões. O Max achou que ela tinha apenas ciúmes.

O Max conhecia a Elizabeth melhor do que qualquer um de nós e não acreditou nela. Tinha de ser um disparate. O meu descrédito tornou-se em raiva. Virei-me para olhar para o Tom e bati numa raiz de uma árvore. Os meus joelhos bateram primeiro no chão e não fui rápida o suficiente para usar as mãos para amparar a queda. Mal senti a dor.

— A minha mãe não ia fazer isso! — Sabia que não. A lama era espetacular. Cobriu a parte de baixo do meu corpo quase instantaneamente. Levantar-me parecia-me impossível. Tudo me parecia impossível. A noção de derrota esmagava-me.

O Tom esticou a mão. Assim de perto conseguia ver-lhe os poros abertos no nariz, o suor a formar-se no bigode. Cheirava como a Elizabeth. Arranquei o braço da lama e deixei-o ajudar-me a levantar-me. — Foi numa altura terrível. O campo estava num tumulto. Ela tinha falhado, de forma estrondosa, e perdido imenso dinheiro. Causou imensos problemas a Barnsley e a outros agricultores da zona — contou ele.

Não conseguia ver como é que a minha mãe, com os seus robes de seda compridos e óculos demasiado grandes podia causar problemas a agricultores. Começámos a coxear pela colina abaixo, a movermo-nos mais devagar, agora com mais cuidado.

O Tom pressentiu a minha confusão. — Sabe alguma coisa sobre esses tempos? — perguntou. — A sua mãe enterrou imenso dinheiro numa raça

rara de ovelhas. Tinha fantasias de se tornar pastora. Não consegue ver onde quero chegar com isto?

— Não. — Mais uma vez, a minha espetacular falta de interesse nos assuntos mundanos era evidente.

— Houve um vírus. Foi anos antes do surto de febre aftosa, mas quase tão mau. Não só todo o rebanho que ela tinha trazido de Yorkshire estava infetado, como também se pegou ao rebanho existente em Barnsley. Fechou a quinta durante meses. Muitos deles tiveram de ser queimados. Assim como os das quintas circundantes. Ela não era uma senhora popular por estas bandas. A Elizabeth e o Max ficaram destroçados. Ela nem sequer os tinha consultado. Um tipo de Yorkshire tinha-a convencido a fazer aquilo.

Este capricho, a desconsideração pelos sentimentos das outras pessoas parecia-se mais com a mãe de que me recordava. Se eu não quisesse ir às aulas de natação em criança, então — puf — eram canceladas. A escola, opcional. Em dias soalheiros, íamos até à praia ou ao parque, fossem quais fossem os outros compromissos que pudéssemos ter planeado. Da perspetiva de uma criança era delicioso, mas agora, enquanto adulta, conseguia ver o pouco respeito que tinha pelas outras pessoas e pelas suas emoções, e como isso se podia rapidamente tornar cansativo. — Por isso fugiu para a Austrália — adivinhei.

A cara do Tom estava triste. — E levou o livro da minha Elizabeth com ela.

A ELIZABETH ESTAVA À ESPERA no molhe, de motor ligado. Dei um salto em voo para o barco, mexendo-me o mais rapidamente que os meus joelhos esfolados permitiam. — Segura-te, senão caís. — Pegou-me no braço quando entrei a bordo. O Tom parou debaixo da lanterna e dobrou-se. Acenou-nos para irmos embora.

— Elizabeth. — Puxei do colar de berloque para fora do casaco, prestes a explicar-me.

A Elizabeth fez um curto aceno de cabeça. A coisa que se tinha anteriormente soltado de mim, a mentira, descobriu-se ainda mais. — És pior do que a tua mãe — disse ela a puxar a correia.

— Quando dizes coisas assim, não me surpreende que a minha mãe tenha fugido daqui.

A Elizabeth riu-se alto, numa gargalhada rica e melódica e o motor ligou-se a palpitar.

— Onde é que estavas? Achei que vinhas para a ilha para vires ter comigo. — A libertação da energia nervosa e a emoção da conversa com o Tom tinham-me levado a melhor e comecei a chorar. — Achei que a Daphne pudesse estar na ilha.

Havia compaixão na expressão da Elizabeth, e também um ligeiro ar de desagrado em relação ao meu estado emocional. — A Meryl telefonou-me e disse que o Leonard se recusou a fazer a travessia por causa do mau tempo. O Leonard! Ele nunca faria tal coisa. Eu devia ter percebido logo que ela estava a mentir. — A Elizabeth abanou a cabeça, chocada com a sua própria ingenuidade.

O barco era mais pequeno do que aquele em que eu tinha vindo. Sem abrigo, sem toldo. Eu tinha pescado em barcos parecidos em Wilsons Prom quando era pequena. Chamávamos-lhes latas, e a única diferença entre uma e eles era a pequena bandeira australiana desfeita presa a um leve poste metálico na parte de trás. O balouçar interminável não parecia incomodar a Elizabeth, com o seu pequeno corpo a parecer tão ágil na água como em terra.

Quando recuperei o fôlego, olhei em direção à casa. Encoberta pela tempestade, era difícil ver claramente, mas parecia que o fogo tinha diminuído. Onde antes pulsavam chamas vivas cor de laranja pelo meio das nuvens, agora só se viam densos focos cinzentos. *Por favor, que as crianças estejam bem.* Não havia ninguém no relvado. Deviam estar atrás da casa. Esperava que estivessem atrás da casa. Não parava de repetir o meu mantra: *Por favor, que as crianças estejam bem.* Houve um *flash* de movimento pela relva e inclinei-me mais para fora do barco, tentando distinguir a figura.

A Elizabeth seguiu a minha linha de visão. — O Leonard tem as crianças. O alívio invadiu-me. Pelo menos as crianças estavam bem.

Estávamos a afastar-nos da ilha, mas não em direção à enseada da casa dos barcos e do molhe. Em vez disso, o barco curvava à volta do continente e seguia costa acima, em direção ao sítio onde o Max tinha estacionado no dia da nossa ida às compras.

— Onde é que vamos? — perguntei.

— Quero mostrar-te uma coisa — respondeu a Elizabeth.

Estava um gelo. A lama começava a secar em grandes pedaços gelados e tinha cada centímetro da roupa encharcada. Tentei libertar-me da preocupação por um momento.

— Elizabeth, sei o que pensas que a minha mãe fez. — Mal conseguia falar, com os dentes a bater com tanta violência.

Ela não pareceu surpreendida. — Maldito Tom. Não fala com ninguém durante dez anos e depois abre a boca quando é menos preciso. — A boca dela comprimiu-se à volta das palavras.

— Percebi sozinha. — *E o Tom confirmou-o.* — Quando é que percebeste quem eu era?

A Elizabeth ignorou-me. — Antigamente éramos muito próximas, eu e a Tessa. Acho que foi por isso que estava tão disposta a aceitar a Daphne

quando chegou. Tinha saudades da dinâmica entre irmãs. E a Daphne era tão, bom, a Daphne. Podia tê-la odiado, mas podia odiar qualquer pessoa se me decidisse a isso, imagino. Ela era tão fresca e descomplicada. Não tinha nada a ver com o que tinha vindo antes. Gostava disso nela. Há gerações que os Summer andavam a dar cabo do local — e deles próprios — e ela não se viu apanhada por tudo isso. — A sua expressão ensombrou-se e pareceu estar a recordar-se de alguma coisa. Parou o motor e ficámos a balouçar no meio do mar agitado. Já não conseguia ver a ilha, ou Barnsley.

— Porque é que achaste que a Daphne estava na ilha? — perguntou.

Proferi outro pedido silencioso de desculpas à Daphne enquanto desapertava um pouco o casaco para retirar o caderno. A Elizabeth abanou a cabeça, sem mostrar intenção de lhe pegar. — Então não vais lê-lo? — perguntei, incrédula.

Todo o trabalho a que se tinha dado para pôr as mãos na porcaria do caderno, colocando a minha vida, e a do Leonard, em risco para que eu lho levasse e agora nem sequer olhava para ele. Não fazia qualquer sentido.

— Lê-lo? — A Elizabeth riu-se. Instalou-se uma expressão perplexa na sua cara. — Faz-me só um resumo. Onde é que ela está? Encontrei a palavra-passe das câmaras?

— Mas a Daphne...

— Se eu bem conheço a Daphne, são uma série de baboseiras sobre o Max e a Meryl e o passado. Imensa emoção e floreios. Na maioria das vezes, a Daphne nem conseguia conjugar duas palavras.

Eu não concordava. Ler o caderno tinha-me dado uma noção não só de quem a Daphne era, mas também da história por detrás d' *A casa das noivas*. A verdade por detrás da mitologia. Para além disso, não fazia sentido. A Daphne tinha construído um mini-império baseado na comida: a cozinhá-la, servi-la, mas, maioritariamente, a escrever sobre ela.

— Então e os seus livros de cozinha?

A Elizabeth virou-se para mim. O seu cabelo, normalmente tão perfeito, tinha-se soltado num dos lados. — Os seus livros de cozinha? Escrevi cada palavrinha deles. Ela conseguia cozinhar como um anjo, mas sabia escrever? Não.

Era demasiado para eu assimilar. Não conseguia perceber o que ela estava a dizer. A voz da Daphne naquele caderno era tão semelhante ao tom

amigável do seu livro de cozinha. *Tão* Daphne. A Elizabeth devia ser uma escritora talentosa. Lembrei-me da dedicatória:

Para a Elizabeth, a verdadeira escritora da família.

— Como é que te sentes por teres sido enganada? — Os olhos da Elizabeth, que tinham andado a dardejar em redor, fixaram-se nos meus. — Hã?

Fiquei sem palavras por um instante. Era suposto a Elizabeth ser a minha aliada. A pessoa em quem eu podia confiar em Barnsley. O mundo inclinou-se ligeiramente e eu estava agarrada à beira do barco, a pensar por breves instantes que teria alguma coisa a ver com a água. Ela continuou. — E de que forma é diferente daquilo que fizeste? Ou do que a tua mãe fez? Diria que a fraude corre mesmo nas veias da família.

A Elizabeth suspirou e atirou o cigarro para um canto, onde se juntou ao monte já substancial de beatas empapadas. — Percebi de imediato, mas parecias tão convencida de que ninguém sabia quem eras. Mesmo que não o soubesse, teria descoberto num instante. Primeiro, o teu nome. *Miranda!* Claro que a Tessa te ia chamar Miranda. Ficou insuportável durante a produção de *A Tempestade*, a exalar pela casa inteira recitando as suas deixas.

Vi-me a acenar involuntariamente com a cabeça. Parecia uma coisa que a minha mãe teria feito.

— A agência das amas ligou na manhã em que estávamos no escritório do Max e disse que estavam a ter dificuldades em encontrar candidatas tão perto do Natal. Tiveste sorte de ter sido eu a atender a chamada. E vi o teu colar de berloque — acrescentou.

A minha mão voou até à garganta, agarrando no colar, com medo de que a Elizabeth pudesse arrancá-lo de repente do meu pescoço.

— Podia continuar.

Abanei a cabeça. Ela já tinha dito o suficiente.

— Pareces-te muito com ela, assim que se sabe. Não parava de pensar que o Max ia reparar, mas não reparou. Andava demasiado distraído com o teu traseiro para olhar para a tua cara. O costume. Ele não leva todos os funcionários a almoçar ao Cabeça de Veado, sabes? — A sua cabeça inclinou-se. — Na verdade, provavelmente levaria a Meryl. E o Leonard. Mas houve qualquer coisa estranha em ter-te levado a ti.

Corei e senti-me agradecida por ela não ter estado na livraria. No concerto. Na manhã de Natal.

Depois viu-se na sua cara que se lembrou de qualquer coisa. — Onde é que estão os ovos?

Tal como o irmão, era dada à conversa errática.

— Os ovos?

— Pedi-te para trazeres ovos.

Não fazia ideia de onde é que tinha deixado os ovos, no meio de toda a comoção. Ou porque é que eram tão importantes. — Não sei — respondi.

— Claro que não sabes. És igualzinha a ela. Só te preocupas contigo. Eu também não me preocupei contigo, ao início. Nunca me interessei muito por crianças, quanto mais a dela. Pesquisava-te, de tempos a tempos, para ter a certeza de que não estavas em nenhum sítio perto de Barnsley. O Facebook é fantástico para investigar as pessoas. E depois começaste a avançar com todo aquele disparate da vida saudável e todas aquelas fotografias. — A voz dela vinha cheia de desdém. — As receitas. Abacate esmagado. Omeletes da deusa verde.

Baixei a cabeça com vergonha. Nunca me tinha deixado, mas sentia-me menos afetada por todo aquele episódio desde que estava em Barnsley. A reação do Leonard tinha sido tão gentil que me tinha esquecido do fel das outras pessoas em relação a mim. E agora tinha voltado em força.

— As fotografias da comida não eram más, pareceu-me. Algumas delas eram bastante atrativas. Não és má com a máquina fotográfica. A não ser, claro, que outra pessoa tenha tirado as fotos? Não seria de admirar. — Olhou para mim com desconfiança.

— Fui eu que tirei as fotografias. — Era verdade. Não era difícil tirar uma boa fotografia. Tinha feito cursos. Havia imensos à disposição. Como maximizar o perfil no Instagram. Como vender no Instagram. Linhas planas. Gastei muito dinheiro em coisas do género, noutros tempos, mas nem me conseguia imaginar a explicar isso à Elizabeth.

— Mas então começaste a gabar-te de todos os benefícios da tua comida. A fazer promessas daquilo que as tuas receitas podiam fazer pelas pessoas. Sistema imunitário. Fertilidade. Acne. Estavas a dizer às mulheres que podias curar a sua infertilidade.

Ela tinha razão. Só o tinha feito uma vez, mas tinha-me arrependido de imediato. Tinha-o retirado quase de imediato, e por sorte não houve muita

gente a ver. Mas a Elizabeth tinha visto. As pessoas costumavam sempre dizer que as nossas pegadas *online* duram para sempre e eu nunca tinha percebido, de facto. Agora percebia. Todas aquelas afirmações que tinha feito sem que ninguém me questionasse... E depois, um dia, houve alguém que o questionou. Fez uma publicação no Facebook, que depois foi republicada, e então uma rede de programas sobre questões da atualidade pegou nela. Não foi o programa do meu pai, pelo menos a princípio. Ele evitou-o o máximo que pôde, mas a história acabou por se tornar demasiado grande e acabou por ceder.

As pessoas apareceram do nada, a dizerem que eu tinha feito afirmações sobre fertilidade, perda de peso, envelhecimento e inflamação na minha aplicação. Diziam que não havia verdade em nenhuma delas. Algumas das minhas ideias eram exageradas, admito, mas outras, achava eu, eram verdade na altura. No entanto em relação a algumas, o número menor, quase mínimo, sabia serem mentira no preciso momento em que as escrevi. — Estava a tentar ajudar.

— Pfffff. — A Elizabeth semicerrou os olhos. À luz forte do dia, parecia mais velha do que nunca. Na minha vida antiga, teria recomendado *shots* de curcuma para a inflamação e o envelhecimento. Sumos verdes com couve, cenoura, ananás e pepino. Ter-lhe-ia dito para largar a bebida e livrar-se dos cigarros. Ela tinha traços marcados de quem bebia e leves rugas à volta da boca devido ao excesso de inalações. — Achavas mesmo que estavas a ajudar? Fiz alguma pesquisa sobre a tua aplicação. Fizeste imenso dinheiro com as tuas mentiras, não foi?

— Despareceu tudo. — Era verdade. Tudo gasto. A editora processou-me quando teve de deitar fora a publicação inteira do meu livro de cozinha e o resto tinha ido para os advogados. Tinha um exemplar escondido para uma altura no futuro em que pudesse ser capaz de olhar para ele sem sentir uma onda de náusea. *Uma vida farta*, de Miranda Courtenay. Só de pensar nisso ficava com um aperto no estômago.

— Todas aquelas pessoas enganadas por ti. A alimentarem as tuas mentiras com o seu dinheiro. Tive de parar-te. — Ela parou de falar e olhou para mim. — És mesmo igualzinha a ela.

— Para de dizer isso! — gritei. A saliva saltou-me em borrifos pela boca, com as palavras a magoarem-me a garganta à saída. — Para.

A Elizabeth endireitou-se. — Seja como for, resolvi *isso*. — Tinha começado novamente a chover, a cair fortemente sobre nós, tornando difícil ouvir a Elizabeth. Ela começou a gritar por cima do barulho.

— O quê?

— Pus termo às tuas mentiras. Era demasiado tarde para a tua mãe, mas podia fazer alguma coisa por ti. Por isso, foi o que fiz.

— PENSEI QUE JÁ tivesses percebido a esta altura.

Sacudi cegamente a cabeça. Mais do que tudo, estava mais desnorteada do que nunca. Quanto mais coisas ouvia da Elizabeth, menos sabia. A verdade andava a pairar sobre mim, mas só a conseguia agarrar sem perceber, sem sequer saber se tinha apanhado o pedaço certo de informação.

A Elizabeth. A Daphne. A senhora Mins. As crianças.

A minha mãe.

Era tudo demasiado para mim. Desejei ter conseguido ir embora de Barnsley na noite anterior. Desejei que a árvore não tivesse caído. A esta altura já podia estar sentada na cozinha da Denise, a beber chá e a partilhar histórias sobre a minha mãe com alguém que se recordava dela com prazer. Em vez disso, estava presa num barco com a Elizabeth.

Mares e pântanos estendiam-se entre mim e a minha casa. Mares e pântanos estendiam-se entre mim e a paragem de autocarro mais próxima. Dificilmente conseguia acreditar que tivesse sido assim tão ingénua ao ponto de confiar nela. O que é que ela queria dizer com ter posto termo às minhas mentiras? A Internet é que tinha colocado termo às minhas mentiras. A rede viciosa que me tinha ajudado a tornar-me em alguém importante tinha dado uma reviravolta e tinha-me atacado. As pessoas que tinham sido os meus campeões, a republicarem as minhas fotografias e a partilharem as minhas ligações, que me seguiam, davam-me gostos, comentavam e colaboravam, tinham sido igualmente rápidas a puxar-me para baixo do meu pedestal virtual. A não ser...

Ela quase que sorriu, orgulhosa da sua obra. — A Internet é uma verdadeira piada para pessoas como eu.

A fúria cresceu em mim. A minha tia. A irmã da minha mãe. A arruinar-me a vida por desporto. Os dias negros que se seguiram ao meu artigo nas atualidades da sociedade estiveram entre os piores da minha vida. Piores do que perder a minha mãe, pois desta vez a culpa era minha. Tinha desiludido o meu pai. Tinha desiludido todos os meus seguidores.

E bem que eles mo deram a conhecer! Os *trolls* apareceram de imediato. Alguns eu conhecia e com quem até tinha conversado *online*. Outros, não. Uma liderava os ataques, em particular. Lizzie Winter. O seu nome tinha-me perseguido e andei em espiral na Internet durante dias a tentar descobrir a sua verdadeira identidade. Agora já sabia.

Lizzie Winter. Elizabeth Summer.

— Tenho andado a seguir-te durante estes anos todos, a pensar se quem sai aos seus não degenera. E não. — Fez má cara, como se se tivesse lembrado de alguma coisa desagradável. — O que é que dizia aquele caderno?

Engoli em seco. De modo algum lhe ia contar o que tinha visto no vídeo. Depois de tudo o que ela me tinha feito.

Olhei fixamente para o mar. A fúria tinha-me feito ficar calada. Dormente. Durante toda a minha vida tinha querido a atenção da família da minha mãe em Barnsley. Mais do que isso, tinha querido amor. E, no entanto, o que a Elizabeth me tinha dado era vingança. Vingança insensível e amargurada.

— Eu levo-te de volta — disse a Elizabeth, alheada. A interpretar erradamente o meu silêncio. — Embora tenha a certeza de que o Leonard tem a situação sob controlo.

Empurrou a manivela para a potência máxima, com renovado foco no horizonte. O barco virou e balouçou à distância, escondido em grande parte pela ondulação do mar. A náusea cresceu-me na barriga e tinha a cabeça a latejar.

A dormência dentro de mim transformou-se noutra coisa qualquer, numa onda gigantesca de emoção. Solidão na infância. Ressentimento por ter perdido a minha mãe. Vergonha daquilo em que a minha vida se tinha tornado. E manifestou-se em pura raiva, física. Uma alquimia violenta de culpa. Ódio pela mulher que tinha à minha frente.

Queria fazer-lhe mal. Escapou-se um grito pela minha boca, cru e mortífero, e investi contra a Elizabeth, com o choque estampado no seu

rosto ao perceber as minhas intenções. Desviou-se para o lado e o barco inclinou-se. O ímpeto foi demasiado grande. Ouvi a Elizabeth a gritar enquanto eu voava em direção à água. O gelo foi imediato, deixando-me atordoada. Sem saber onde estava. Sem saber que tinha caído borda fora.

Sem perceber que me estava a afogar.

ESTAVA TUDO TRANQUILO.

Tão tranquilo.

Por um instante, talvez até durante mais tempo, fiquei parada, com a água a girar em bolhas silenciosas em meu redor. A transição de estar acima da água até debaixo foi tão súbita, tão brutal, que durante alguns batimentos cardíacos nem a consegui compreender. E depois comecei a debater-me. Mexia as pernas e braços de forma tão selvagem que andava em círculos, sem perceber o caminho para cima ou baixo, se estava a afundar-me ou a subir à superfície.

Já tinha ficado debaixo de água bastantes vezes na Austrália. Ondas grandes e poderosas tinham-me deixado sem fôlego. Uma vez a corrente tinha-me puxado mesmo em direção à areia, deixando a minha cara arranhada e cheia de sangue. Mas tinha sempre encontrado forma de vir à superfície. A luz brilhante do sol de verão tinha-me mostrado o caminho, e num episódio particularmente difícil, um jovem surfista tinha-me puxado para a sua prancha e remado comigo de volta para onde tivesse pé.

Mas desta vez, não. A água em meu redor era escura. A minha roupa pesada de inverno puxava-me para baixo, negando qualquer possibilidade de boiar naturalmente. E a água estava fria. Muito mais fria do que alguma vez poderia imaginar.

O pânico instalou-se e mexi os braços e as pernas com mais força, com o meu corpo inutilmente a pulsar em círculos inúteis. Parei. A seguir nadei em direção ao que achei ser a superfície, tentando não considerar a hipótese de não ser. Tentando não pensar sobre o que tinha acontecido à Daphne. O que aquelas águas tinham formado.

O meu peito começou a doer. Fechei os olhos, esperando de alguma forma poder voltar a orientar-me. Alguma coisa me bateu contra o ombro, com força e insistente. A adrenalina, já a correr e estridente, voltou a pulsar. Tentei não pensar em tubarões. Voltou a bater. Abri os olhos e vi madeira escura. A vir de cima.

Agarrei-me a ela e puxei. E depois fui puxada de volta. Em segundos estava à superfície, na água agitada e feroz, mas que não se igualava à grande massa de ar sobre ela. Engoli a respirar profunda e avidamente, em partes de água salgada e oxigénio. As minhas mãos mantiveram-se agarradas com força ao remo e virei-me para ver a Elizabeth, firme e cheia de força em pé, apesar do oceano agitado.

— Miranda! — chamou, com uma voz já diferente. Tinha perdido o tom áspero, a segurança, e no seu lugar havia medo e incerteza. Acenei com a cabeça para lhe mostrar que estava bem. Era o máximo que conseguia fazer.

Anos de treinos de segurança aquática vieram-me à memória enquanto tentava nadar, à espera de que a Elizabeth me puxasse para o barco. Que me puxasse de novo para a segurança. Só mais tarde me ocorreu que podia não o ter feito.

Mas fez.

Puxou-me de volta para o barco com uma força vinda de anos a cavalgar, a remar até à ilha quando os motores dos barcos falhavam, a subir o caminho de cabras até à casa das conchas quando para lá ia. Mas o seu poder era mais do que físico. Era uma força que vinha de dentro, de uma série de decepções que só agora eu começava a compreender.

A Elizabeth despiu o seu casaco de lã grosso, colocou-o nos meus ombros e instalou-me na popa. Mantendo um olho em mim, ligou o motor e mergulhou ao de leve com a cabeça, como se estivesse a tentar ver qualquer coisa à distância. Os meus dentes começaram a bater. Pouco depois, tinha o lado esquerdo do corpo a estremecer. Estava completamente descontrolada.

— É do choque — disse. — Já vai passar. — As suas palavras eram reconfortantes. — A Daphne tremeu durante uma hora após o parto. Todas as vezes. Vê o bolso de dentro.

Encontrei um pequeno frasco no bolso interior do casaco da Elizabeth.

— Medicinal. — Acenou com a cabeça. — Foi uma pena não me terem deixado dar o mesmo à Daphne a seguir ao parto. Teria resolvido tudo de imediato. — Tinha as mãos a tremer tanto que mal conseguia desapertar a

tampa. Tirando-mo das mãos, a Elizabeth abriu-o com rapidez e entregou-mo de novo.

O líquido queimou-me a garganta, mas o efeito foi estabilizador. Tossi. Voltei a tossir. Uma mistura horrível de água do mar e *brandy* apressou-se a vir ao de cima e não fui rápida o suficiente. Vomitei-a vinda das minhas profundezas, escorrendo pelo casaco da Elizabeth até ao chão do barco, onde se ficou a balançar contra as minhas botas.

— Pronto, mais vale sair do que entrar — disse a Elizabeth. Mas estava a olhar para outra coisa qualquer. À espera de ver Barnsley, ou outro barco, virei-me para ver o que lhe tinha desviado a atenção do meu vomitado pavoroso. A face de um grande penhasco escarpado levantava-se do mar à minha frente, um muro de rocha impenetrável.

— É bastante inconclusivo, não é? — perguntou a Elizabeth com gentileza, voltando a virar-se para mim.

— O quê? Como assim?

— Acho que ninguém se atira da beira daquilo e espera viver, não achas? Foi onde a Gertrude morreu.

Gertrude Summer. A escritora. A herdeira americana e minha tetravó. — É difícil de imaginar o estado de desespero dela, não é? — perguntou a Elizabeth, com os olhos a correrem a face do penhasco como se isso lhe pudesse revelar os segredos. — Nem mesmo nos meus dias mais negros me senti tentada a fazer esse tipo de coisa. Tu sentiste?

Abanei a cabeça, com os tremores no resto do corpo a começarem a diminuir. Era verdade, simplesmente nunca tinha sentido. Tomei um gole cauteloso de *brandy*. O meu estômago protestou um pouco, mas registei um acalmar dos piores efeitos do meu choque. Mais outro pequeno gole, só para confirmar.

— Não me parece que a Daphne estivesse desesperada. Tinha os seus problemas, como todos nós, mas tinha coisas pelas quais ansiava. E isso faz toda a diferença, não é?

Os meus olhos saltavam de forma inquieta entre o penhasco e o barco. Para a Elizabeth. Sabia algo que a Elizabeth não sabia.

— O que é que achas que aconteceu à Daphne? — Os cantos da minha boca estavam secos e a ameaçar rasgar com o frio. Lambê-los só fazia pior, e para além disso, tinha a boca igualmente seca. Depois de tudo o que tinha

passado, precisava de beber água. A Elizabeth riu-se, mas não da mesma forma que se tinha rido antes. Desta vez, foi um riso triste, quase amargo.

— Não sei, mas sei que não se suicidaria. E certamente não no mar! Era por isso que gostava dela. Não se queixava. Era quase como nós. — Lança-me um olhar — eu encharcada até à medula e quase afogada — e fez um aceno de cabeça, incluindo-me na resiliência da família. Eu acenei em resposta. A odiar-me, pois apesar de tudo, ainda queria que a Elizabeth gostasse de mim.

— Vamos lá levar-te a casa — disse ela ao ligar o barco.

A ELIZABETH COMEÇOU a falar e não parou. Só mais tarde percebi que o fez para me manter acordada, que estava mesmo em risco de entrar em hipotermia e de perder a consciência. Conhecia o suficiente sobre as mulheres da nossa família para saber que uma boa história me ia manter acordada. Que no fundo somos todas contadoras de histórias.

— A Agatha nem sempre esteve numa cadeira de rodas. Imagino que saibas do acidente. Tinhas conhecimento sobre o catolicismo da Daphne? É quase um segredo sórdido por aqui. O meu pai teria caído morto se soubesse que o Max tinha casado com uma católica. Mas, por sorte já estava. — A Elizabeth parecia nervosa, de sobrancelha franzida enquanto os olhos dardejavam entre mim e o mar à nossa frente.

Eu não lhe disse que já me tinha contado o que tinha acontecido à Agatha logo na minha primeira manhã em Barnsley. Para além disso, imaginei que a história desta vez fosse diferente.

— A Daphne andava sempre a entrar e a sair da Igreja. No fundo, gostava era de se ver vestida com o manto que usava na igreja sempre que sentia o chamamento. Nunca desperdiçou uma oportunidade de experimentar uma coisa nova, se isso significasse estrear uma roupa. Caça. Ténis. Vela. Durava cinco minutos em cada uma das atividades, mas estava sempre bem vestida para o papel. Acho que a sua parte favorita de montar o restaurante foi desenhar os uniformes das empregadas de mesa. Acabou por escolher uns aventais escandinavos desconstruídos. Não o meu estilo, de todo.

Os meus olhos começaram a fechar-se, mas sentia um pequeno sorriso nos lábios. A Elizabeth era mesmo tão... Elizabeth.

— Então, a igreja. Aos domingos de manhã ouvíamos sempre o carro a pegar logo de manhãzinha, e lá ia ela para a primeira missa. Confessar os pecados. As crianças costumavam ir com ela, até o Max lhes dizer que não tinham de ir. Só a Agatha, a pequena e querida Agatha, é que ainda ia com ela. Não gostava de magoar ninguém. Ela não gosta de levantar ondas, pois não?

Confirmei com um aceno de cabeça. Quis fazer uma piada sobre levantar ondas, mas não consegui encontrar as palavras certas. Ou a energia para formá-las. Não tínhamos outra hipótese senão ficar ali sentadas debaixo de chuva incessante. O meu cabelo molhado parecia que tinha pingentes de gelo à volta da minha cara, que estava corada, ainda assim, como se tivesse estado o dia inteiro ao sol. Doía-me a garganta. A cabeça latejava.

— A Daphne não devia ter conduzido. Tinha acabado de sair de uma recente temporada na desintoxicação e ficava sempre no seu pior logo a seguir a regressar a casa. Era cedo. Ela gostava de ir cedo à missa para poder voltar a tempo de preparar o almoço de domingo. Era o dia mais cheio da semana no restaurante.

Foi no início de novembro. Eu e a Daphne tínhamos estado a beber até tarde, a falar sobre um novo livro de cozinha que ela estava a planear. Deixei-a por volta da meia-noite para ir para a ilha. É a minha altura favorita para lá estar, mesmo a meio da noite. Estava calmo, por isso a travessia era fácil. Nem sempre é fácil a meio da noite quando já estamos com os copos. Eu estava na casa das conchas a trabalhar e conseguia ver que as luzes do restaurante não se tinham desligado, por isso sabia que ela tinha encontrado alguém com quem fazer a festa. Havia sempre trabalhadores temporários no restaurante. Imensos australianos — nós colocávamo-los nos chalés das quintas para terem algum sítio onde morar. Era mão-de-obra barata e eles ganhavam experiência com uma chefe *Michelin*, por isso funcionava bem para toda a gente.

— O problema é que traziam sempre droga com eles quando vinham de Londres, e a Daphne não conseguia dizer que não a nada. Gostava de experimentar coisas novas, mas mais do que isso, não queria é que aqueles jovens cozinheiros pensassem que era uma velha bota de elástico. Queria que pensassem que ela era como eles. Queria esquecer-se de que tinha três crianças a dormir no andar de cima.

Penso que dormitei por um momento, com o balançar do barco e o *brandy* a embalarem-me o sono. A mão da Elizabeth no meu ombro acordou-me e abri os olhos à espera de ver Barnsley, ou o pequeno molhe na casa dos barcos, mas não havia nada. Nada para além do mar e da sua cara preocupada. A falar. Ainda a falar.

— Dei um grande avanço nessa noite. A bebida às vezes faz isso. Bebe-se a quantidade certa e é como um nirvana criativo. A menos, adormece-se, a mais e fica-se uma lunática desvairada. Atingi o ponto ideal nessa noite e criei a introdução para um novo livro de cozinha. Estava estruturado em torno das estações, estás a ver...

Fechei os olhos de novo a sentir aquela sensação de criatividade. Tive-a na noite em que me surgiu a ideia da aplicação. A agitação que eu senti com a ideia, a certeza de que era a coisa certa e a energia que criou em mim. Como se pudesse fazer qualquer coisa. Essa era a sensação de que eu sentia mais falta, a da efervescência criativa. Talvez eu e a Elizabeth fôssemos mais semelhantes do que eu pensava.

— Nessa manhã, depois de ter dormido muito pouco, a Daphne levantou-se. Depois de uma noite em grande, tinha muito a confessar. Os outros ainda estavam todos a dormir quando ela e a Agatha saíram de casa. Ainda estavam a dormir quando a polícia bateu à porta um pouco mais tarde. Apanhou um veado na estrada. Agora andam a caçá-los. Insuficiente e um pouco tarde demais, diria. Consegues imaginar o que é acordar com aquele tipo de notícia? O Max nem sequer sabia que elas tinham saído.

Os meus olhos abriram-se de repente. Era demasiado horrível de imaginar.

Atrás dela havia uma mancha de movimento na água. Um barco, talvez, mas eu duvidava que qualquer outra pessoa fosse louca o suficiente para estar no mar com aquele tempo. Sacudi a cabeça, convencida de que devia estar a alucinar.

— A Daphne nunca se perdoou. A polícia fez testes no local do acidente, mas ela estava mesmo abaixo do limite. Mas foi tudo o resto, as coisas que eles não podiam testar. Talvez se tivesse tido uma boa noite de sono, tivesse sido mais rápida a reagir, esse tipo de coisa.

— E ainda achas que ela não se matava? — A minha voz soava arrastada até aos meus ouvidos. Como se estivesse debaixo de água. Tentei pensar no que tinha visto na gravação da câmara de vigilância. Daquilo que tinha lido

no caderno. Os meus pensamentos estavam nublados, mas apesar da minha confusão, lembrava-me que a Daphne tinha medo da senhora Mins.

Mas medo não provava nada. E a gravação da câmara de vigilância não provava que a Daphne *não* se tinha suicidado. Só provava que a Daphne saiu para o mar e que o Max e a senhora Mins podiam tê-la impedido. Era demasiado para mim.

— Não. Ela estava a melhorar. Estava mesmo. Estávamos a acabar o novo livro de cozinha e estava a correr bem. Era o culminar do trabalho de uma vida. Um guia de cozinha por estações. Mas eles agora vão recuar. Sem ela não vale nada. Todo o meu trabalho para o lixo. Outra vez.

O motor rugia pelo caminho, com ondas ligeiramente menos ferozes, mas vento igualmente difícil. Pensei nas crianças, esperando que estivessem bem. A urgência de vê-las puxou-me da exaustão. Precisava de vê-las.

Como se me estivesse a ler os pensamentos, a Elizabeth falou. Gritou por cima do barulho do motor. — O Max encontrou um novo cirurgião em Londres, alguém que pensa que consegue ajudar a Agatha. É só uma questão de mais algumas operações e talvez possa voltar a andar. Apesar do que os cirurgiões locais disseram. A Daphne vai ficar tão contente quando regressar. — Pela primeira vez, o sorriso na cara da Elizabeth era genuíno, com os olhos cheios de amor. Fizeram-me lembrar os da minha mãe, da forma como olhavam para mim.

Os rostos delas misturaram-se. Vi-a, finalmente, como a irmã da minha mãe. Vi que era capaz de amar, apesar de tudo. Começava a perceber as perdas que se empilharam no seu canto. A mãe. A irmã. A fertilidade. A Daphne. Talvez até *A casa das noivas*. Eu, mais do que ninguém, entendia que as pessoas cometem erros. Eu, mais do que ninguém, percebia o significado do perdão.

— Elizabeth. Quero contar-te uma coisa. Sobre a Daphne. — As palavras enrolavam-se na minha boca.

O sorriso dela desapareceu. Deu uma curva com o barco e parámos numa pequena baía. Estávamos agora tão perto de Barnsley. Pelos meus cálculos de amadora, a enseada com a casa dos barcos ficava já na curva seguinte. Mas o que eu tinha a dizer não podia esperar mais. Tive de forçar a minha lucidez. Empurrei o casaco da Elizabeth para fora dos meus ombros e senti-me mais leve.

A baía ficava protegida da parte pior do mau tempo. Até a cor da água era diferente, de um azul translúcido, tão brilhante que quase não parecia natural, depois do mar picado. Cheguei-me com cuidado para a Elizabeth e peguei-lhe na mão, mais para me equilibrar. Era tão pequena como a de uma criança, delicada e vulnerável. À ideia da tarefa que tinha à minha frente, senti a tensão a voltar-me ao corpo, com as minhas mãos nas dela.

Contei-lhe o que eu e o Leonard tínhamos visto na gravação. Ela ofegou e tentou arrancar a mão da minha. Mesmo enquanto o barco não parava de balançar, manteve os olhos firmemente fixos num ponto do horizonte. As faces ficaram encovadas e as narinas abriam-se como se estivesse a fazer um grande esforço para se controlar. Só quando lhe coloquei a cabeça no ombro é que as lágrimas começaram a rolar-lhe pela cara abaixo. Eu também chorava. Mas enquanto a Elizabeth chorava como uma estrela de cinema, eu soluçava e ofegava sem parar. A raiva e o medo estavam a abandonar-me o corpo.

— Então o Max não é criminoso — disse, por fim. — Tinha pensado... — Parou. — Ele é fraco e tem defeitos, mas não é criminoso. — Havia alívio na sua voz.

— É só um homem numa família cheia de mulheres mesmo muito fortes — disse eu. A Elizabeth fungou. Achei que estava outra vez a chorar, mas quando olhei para ela, ria-se. Mesmo de olhos inchados e de nariz vermelho do frio, parecia mais viva do que alguma vez a tinha visto. Senti uma onda de amor por ela. Apanhou-me de surpresa, esta onda de afeto urgente e repentina por alguém que momentos antes tinha odiado profundamente.

Vi movimento pelo canto do olho. Não estava a alucinar, afinal de contas. Vinha a navegar na nossa direção, em potência máxima, a dirigir-se para o mesmo porto seguro em que tínhamos parado. — Está ali um barco.

A Elizabeth virou-se com rapidez, quase caindo à água ao fazê-lo. Os seus olhos semicerraram-se por um segundo e depois suspirou profundamente.

— A Jean Laidlaw e o raio da sua sociedade histórica.

— ESTÁ TUDO BEM aí, Elizabeth? — gritou a Jean à distância, com a capacidade de projetar a voz claramente saída dos seus dias de ensino.

— Tudo bem, Jean. — A Elizabeth acenou. Como se o que estivéssemos a fazer fosse normal. Como se eu não estivesse nos limites da hipotermia. Como se ambas as nossas caras não estivessem inchadas de chorar. Bom, a minha, pelo menos. A da Elizabeth tinha dois elegantes rastos de lágrimas.

Ainda assim, o barco aproximou-se mais e consegui ver claramente a cara da Jean. Tinha a preocupação estampada no rosto com os seus já de si profundos sulcos. Estranhamente, estava vestida de pirata — ou possivelmente de contrabandista. Fosse o que fosse, tanto ela como o homem que estava com ela vestiam ceroulas. A Elizabeth não comentou, apenas baixou ligeiramente a cabeça para esconder os olhos vermelhos.

— Não a mandaste borda fora, pois não, Elizabeth? — Houve um momento de silêncio. — Olha, eu não te ia levar a mal. — Um olhar áspero na minha direção. Desaprovação. Não vinha só da professora nela. Era algo mais profundo, mais como repulsa. — Ela não é parecida com a mãe, pois não?

— Não, não é. Ao início não. Mas há sinais dela, quando comesas a conhecê-la. Ri-se da mesma forma. Tem as mãos parecidas. — A Elizabeth estava a comparar-me com a minha mãe de uma forma positiva. Sabia bem. Mesmo assim, queria regressar a Barnsley. Precisava de regressar a Barnsley. Sentia uma atração quase visceral em relação às crianças e não estávamos a aproximar-nos disso.

— Jean, será que posso saltar a bordo para o seu barco? — pedi cuidadosamente. Era maior e mais robusto. Tinha uma cabine. Todos me

ignoraram.

— O que é que estás a fazer no mar num dia como este? — perguntou a Elizabeth.

— Ensaios.

— Nada te para, pois não?

— Também não parou os contrabandistas.

— Lá isso é verdade. — Acenaram de acordo.

— Já quase passou, de qualquer modo — disse a Jean a olhar para o céu. Ela tinha razão. Enquanto eu e a Elizabeth estávamos distraídas, a chuva tinha parado. Até havia um pequeno pedaço de céu azul entre as nuvens da tempestade.

— Jean — repeti, desta vez com uma voz já não tão calma —, podia por favor levar-me de regresso à Casa Barnsley? Houve um fogo. Estou preocupada com as crianças.

— Já foi apagado. Ouvi na rádio. — Falou para a Elizabeth. — A casa vai ficar boa. Só danos mínimos no estuque, aparentemente. Os cortinados vão precisar de ser substituídos.

— E as crianças?

— Todas bem. — A Jean e a Elizabeth trocaram um olhar.

— O Leonard?

— Bem.

— Que grande alívio.

— Sim.

Fiquei sem fôlego, com a ansiedade a flutuar para longe. O Leonard tinha salvo o dia, parecia. Duvidava que fosse conseguir mais informação.

— O que é que estás a fazer aqui, Elizabeth? — perguntou a Jean. — Nada de bom sai deste tempo. Se tem a ver com a rapariga, podemos resolver isso em terra seca.

— Resolver o quê? A história sobre o livro? — disse eu de rompante, com o meu desespero a regressar e a fazer-me ficar furiosa.

— A história? — repetiu a Jean enquanto trazia o barco para mais perto. O mar estava mais calmo e ela conseguia vir mesmo até ao nosso lado. O homem atrás dela entrou em foco. Era o Simon, o farmacêutico, que tinha um ar apreensivo. Não era para menos. Tinha-se comprometido com uma leve reconstituição de contrabandistas e não com uma batalha em pleno mar. — Miranda, tens uma oportunidade de repor a situação da tua mãe.

— Não podem provar nada. — A minha voz agora não soava tão confiante.

— A Elizabeth não pode, mas eu posso — disse gentilmente a Jean.

— Ela está a mentir — declarei a olhar para a Elizabeth, mas ela não olhava para mim. Os seus olhos seguiam a água a chapinhar para cima e para baixo na parte do fundo do barco.

— Eu ensinei ambas as raparigas, Miranda — disse a Jean. — Uma professora sabe quem tem cérebro e quem tem uma certa coisa que a vai levar mais longe do que o cérebro alguma vez levará. Tenho a certeza de que sabes quem tem o quê na tua família. De modo algum a tua mãe seria capaz de escrever aquele livro.

— Porque é que não fez nada antes?

— Era demasiado tarde para isso quando descobri e a Elizabeth não falava sobre o assunto, para começar.

— A minha mãe *era* uma escritora. — A sua vida inteira tinha-se centrado em ter escrito *A casa das noivas*. Entrevistas na rádio, a perita local em história social britânica, citações de capa em livros de outras pessoas. E ainda assim nunca tinha publicado nem mais uma palavra.

— A tua mãe era uma fraude, querida.

Fazia sentido. Um sentido brutal e chocante.

Tal como eu. Eramos farinha do mesmo saco, eu e a minha mãe. Eu tinha enganado milhares de pessoas e ela também. Eu tinha enganado os que me eram mais próximos, e ela também. Eu tinha vindo para Barnsley à procura de uma ligação com a minha mãe e tinha-a encontrado. Não era algo de que me pudesse orgulhar.

A Elizabeth, por fim, falou. — Primeiro fiquei zangada. Culpei todas as outras pessoas. Culpei a tua mãe por ter levado o livro. Culpei o Max por não ter acreditado em mim. Culpei-me a mim por ter escrito o raio do livro, para começar, e libertar todos aqueles demónios. Culpei o Tom porque não sabia se me estava a contar toda a verdade. A tua mãe fez-me um favor ao roubar aquele livro. Teve de lidar com as repercussões. E nunca mais pôde voltar. Eu nunca teria conseguido deixar Barnsley como ela deixou.

— Ela não podia voltar por causa das ovelhas e não do livro.

A Elizabeth ergueu uma sobrancelha. — E quem é que te contou isso, o Tom?

Acenei com a cabeça.

— A Tessa não se ia preocupar minimamente com uma coisa como a das ovelhas. Estava apaixonada pelo Tom.

Funguei. Quase me ri.

— Pode ser difícil para ti acreditares, mas o Tom era um ótimo partido quando era jovem. — No outro barco, a Jean acenava com a cabeça em acordo. O Simon, pelo menos, teve o bom senso de parecer surpreso. — O Tom passava imenso tempo com a nossa família quando éramos pequenos. Eu, o Max e o Tom éramos muito unidos. A Tessa era a irmã mais nova. Confundi a benevolência dele com afeto.

— Não tinha tido muito disso — acrescentou a Jean.

A Elizabeth olhou para a Jean com má cara.

— Achámos que ela ia andar fugida só durante uns dias. Já tinha feito isso antes, fugia da escola, fugia nas férias. Passados uns dias, descobri que o meu disco tinha desaparecido. Depois o Tom admitiu que tinha havido um momento entre eles e que ele tinha rejeitado os avanços dela.

— E depois veio o postal da Austrália — gritou a Jean do outro barco. Eu olhei para a Elizabeth.

— E foi isso — disse ela.

— E foi isso — sussurrei para mim. Acreditei nela. As peças em falta na vida da minha mãe andavam a flutuar à minha volta, a ameaçar cair para se encaixarem como parte de uma fotografia desconhecida monstruosa. Outras partes circulavam, ainda sem parecerem caber em lado nenhum.

— Depois chegou a Daphne e pensei que ia correr tudo bem — explicou a Elizabeth. — Pensei que o Max tinha desistido da Meryl e que a tradição da casa das noivas ia continuar: mulheres incríveis a integrarem a família Summer pelo casamento.

— Mas não correu. — Estava a começar a ver onde é que aquilo ia chegar.

— Não, nem por isso. — Ele tinha desistido de casar com ela, mas nunca parou de a amar. Amava a Daphne, mas ela nunca teve hipótese contra a Meryl. Contra toda a história. Não no final.

— Podemos agora ir até às cavernas? — pediu o Simon do seu lado do barco.

A Jean fez-lhe má cara. — Não vamos perder isto, Simon — ralhou-lhe. — A Elizabeth já esperou demasiado tempo para contar o seu lado da história. Um dia vamos recriar isto, marca o que te digo.

— Mas o que é que tu queres? — Abri os braços ao máximo para abarcar a viagem de barco, a face do penhasco, Barnsley. Eu. Tudo.

A Elizabeth sentou-se. Deixou-se descair ligeiramente, com os seus ombros estreitos a perderem a postura direita, para variar. — Achei que queria vingança. Achei que queria os créditos pelo livro. Achei que queria que soubesses como era ter a tua paixão a ser arrancada de ti.

— E agora? — perguntei calmamente, a pressentir que algo tinha mudado. Finalmente a perceber o que a levou a fazer o que me tinha feito. Vendo que estava a dizer a verdade.

— Agora só quero que aquele livro pare de magoar as pessoas.

— Bom, então está resolvido — declarou a Jean. Fez um gesto ao Simon para se aproximar mais. — Se estiver bem para ti, Elizabeth, eu levo a Miranda de volta a casa. Está com um ar um pouco abatido. — Sentindo-me de cabeça leve, estiquei a mão para a Jean, pronta para saltar na sua direção. Em direção ao calor. E depois voltei a olhar para a Elizabeth. A irmã da minha mãe.

Ela fez um aceno. Estávamos agora tão perto de casa.

— Não é preciso, Jean — disse eu a puxar a mão para trás. — A Elizabeth leva-me.

A Jean olhou para nós as duas e sorriu. Muito disfarçadamente. Mal se teria notado se a sua cara não estivesse antes tão séria.

A voz da Elizabeth cortou-me os pensamentos. — Jean, andamos à procura da Daphne. Está desaparecida há dias. — A Elizabeth explicou que a Daphne tinha desaparecido de Barnsley há cerca de uma semana. Que pensámos que tinha ido para casa de amigos, para a vila, para Londres. Mas que não tinha regressado e que estávamos a temer o pior.

— No Natal? — A Jean franziu as sobrancelhas.

— Conheces a Daphne.

A Jean Laidlaw acenou sombriamente com a cabeça, mas mal conseguia esconder a excitação da perspectiva de gestão de uma crise. Proferiu de imediato direções ao Simon e foi até à cabine pegar no rádio. — Não te preocupes — gritou sobre o ombro. — Juntamos uma equipa de busca num instante.

Esperei até que a Jean e o Simon se tivessem ido embora em direção à cidade. Com o fraco sol inglês à espreita nas nuvens acima de nós, eu e a Elizabeth ficámos sentadas em silêncio, lado a lado. Todas as partes de mim

queriam desesperadamente um duche quente, uma chávena de chá. Dormir. Peguei-lhe na mão e fingi que não me sentia desconfortável. Fingi que não a senti a encolher-se. Coloquei a outra mão em cima. Tentei fazer o que achei que a Daphne faria, tentei canalizar o seu calor e vitalidade. As boas partes. — Vamos encontrá-la — disse. E a Elizabeth sorriu com tristeza.

ALGUNS SÍTIOS entram-nos no sangue. Barnsley está no meu, agora. Foi uma das coisas que a minha mãe me passou, juntamente com uma aversão à verdade e uma natureza impulsiva. Estou a trabalhar nas últimas duas, mas sinto-me feliz por manter a minha ligação forte a Barnsley, durante o tempo que todos eles me deixarem.

Os meus amigos chamar-lhe-iam um #lugarfeliz. Mas é mais do que isso. É um contentamento profundo, uma sensação de pertença. Um respirar fundo e um relaxar de ombros. Quando ali cheguei pela primeira vez, parecia cheio de tensão e tristeza, mas tal como tudo a que os seres humanos se dedicam, Barnsley libertou-se da melancolia. Agora sei como as pedras douradas da casa ficam quentes ao sol de verão. Ouço os gritos das gaivotas e o bater das ondas do mar. Vejo o vasto verde do relvado, os jardins completamente floridos. O verão em Barnsley é o paraíso. Tal como todos diziam.

Encontraram o corpo da Daphne na tarde do incêndio. Depois da tempestade. Deu à costa numa baía nas proximidades. A polícia apareceu e interrogou-nos a todos. Viram as gravações das câmaras de vigilância e leram o caderno. Houve uma autópsia final. O exame toxicológico da Daphne estava bem acima do normal. Morte accidental por afogamento foi o veredito. Foi morta pela coisa que mais temia e não foi a senhora Mins.

Eu e a Elizabeth falámos sobre tudo após o fogo, após o incidente no barco. Eu tinha adoecido com uma gripe severa, mas a Elizabeth insistiu em levar-me outra vez à casa das conchas assim que me sentisse um pouco melhor. Disse que se queria explicar. Aconchegou-me numa das camas de campanha com cobertores e um saco de água quente e não cheirava tão mal

quanto eu me lembrava. Enquanto estava lá deitada, puxou de papéis sem parar, folheou livros, leu-me cartas em voz alta. Era uma catarse de uma vida em formação.

Descobri que a Elizabeth tinha escrito todos os dias desde que a minha mãe se tinha ido embora. Tinha guardado resmas de papel, todos meticulosamente escritos à mão e depois passados à máquina numa velha máquina de escrever manual. Havia romances, alterações à *A casa das noivas*, o começo das suas memórias. Um dos seus manuscritos meio acabados chamava-se *Pecado hereditário* e pelo que consegui ver, era vagamente baseado em mim. Ela arrancou-me esse da mão rapidamente com um sorriso apologetico.

E havia uma pasta repleta de papéis. Centenas de cartas de rejeição. Todas a acabar de forma diferente, mas a dizerem a mesma coisa.

Lamentamos dizer que o seu livro não se enquadra na nossa lista a esta altura.

Infelizmente, não estamos a aceitar quaisquer novos clientes, a não ser que fiquemos absolutamente apaixonados pelo seu trabalho.

Escreve muito bem, mas não o suficiente, lamento dizer.

Talvez queira voltar a submeter no futuro.

Algumas delas tinham anotações da Elizabeth: impulsos de raiva acalorados e rabiscados a lápis de carvão. Não me admirava a sua ira. Porque é que a sua irmã haveria de ter todo o sucesso literário, enquanto a Elizabeth trabalhava dia após dia, de algum modo incapaz de fazer uma pausa, mesmo conseguindo escrever tão bem como qualquer outro?

Contou-me que todas as manhãs se revigorava com uma bebida forte e que depois se encaminhava por mar ou terra até aos correios, fazendo a longa caminhada para ir recolher a sua correspondência. Todos os dias à espera de boas notícias, ou talvez só de algum encorajamento, e todos os dias novamente a regressar — com passagem pelo *pub* — desanimada a casa e já completamente bêbada. Posteriormente, as rejeições começaram a vir por *email*, e aí podia começar a beber de imediato, no conforto da própria casa. A única luz na sua vida era a Daphne e os livros de cozinha que escrevia com ela. Sem qualquer reconhecimento. Não admira que tivesse ficado zangada. Agora perdoo-a.

As crianças parecem mais fortes a cada dia. Têm a pele menos pálida e o cabelo brilhante e luminoso do sol. Passam horas a brincar na areia e na

piscina. A Sophia parece ter regredido uns anos e brinca como uma criança. O Robbie filma tudo com a sua *GoPro*. O colégio interno está fora da agenda por agora. A cirurgia da Agatha na Páscoa correu bem e já anda por todo o lado só com uma muleta. Com o tempo, até isso largará.

Não é dia para fazer isto, mas tenho esperado a semana inteira pela altura certa e nunca chega. Quero fazê-lo antes de hoje à noite, antes que os primeiros hóspedes cheguem e que comece um novo capítulo na Casa Barnsley. Encontrei o Max no jardim do chalé onde vive com a senhora Mins. Ainda não consigo chamar-lhe Meryl.

— Max. — Ele levanta o olhar, alarmado. A conversa direta é algo que temos evitado maioritariamente desde que lhe revelei a minha identidade. Temos comunicado resumidamente ou através das crianças. O seu embaraço flutua dele em ondas subtis. — Tenho uma coisa para ti.

O embaraço é substituído pelo medo. A sua maçã de Adão mexe-se na garganta, traindo o seu desconforto. As vozes das crianças são trazidas até nós vindas da piscina abaixo e penso que gostava era de estar com elas. Mas estão em boas mãos com a Juliet e a Ophelia. Gostava de estar noutro sítio qualquer do que sozinha naquele jardim com o Max. Em desespero, pego na mala. As minhas mãos encontram de imediato a caixa de veludo. Passados dias a lá mexer, os meus dedos já nem precisam de procurar. O Max reconhece-a instantaneamente. Antes de se conseguir impedir, as suas mãos esticam-se para lhe tocar. Eu atrapalho-me. A caixa do anel, pequena e inconfundível, é revelada. — Porque é que tens isto? Onde é que arranjaste isto? — O seu tom de voz é firme, com as vogais fechadas. Formal.

De todas as coisas que me poderia ter perguntado, aquela, para mim, era a menos importante. — Encontrei-o. Na tua casa de banho.

— Pensei que o anel estava perdido para sempre — é o que ele me diz quando finalmente fala.

— Encontrei-o numa embalagem de comprimidos na tua casa de banho quando andava à procura de um medicamento para o Robbie.

— A Meryl uma vez encontrou esse anel — diz, ignorando-me. Tem agora a pele pálida por debaixo do bronzeado.

— Achei que podias querer o anel para a... — Não me consigo fazer dizer o nome dela.

— A minha mãe atirou-o ao mar, lá em baixo na enseada. A Meryl estava a nadar e encontrou-o. — É uma versão resumida, mas ainda assim, bate

certo com a história da Daphne.

— Achámos que podias gostar dele... para a Meryl. — Pronto. Tinha dito. Mas parecia forçado, estranho.

— Achámos?

— Eu e a Elizabeth.

— O prémio de consolação? — perguntou ele. Havia tristeza na sua voz, mas não a amargura de que estava à espera. Tinha sido duro para ele renunciar ao controlo de Barnsley a meu favor e da Elizabeth. Mas não tinha outra hipótese, não depois do que vimos nas gravações das câmaras de vigilância. Nem depois de todos termos tido oportunidade de passar os olhos pela contabilidade.

— Parece-me que o prémio de consolação foi o Cabeça de Veado.

O Max permitiu-se sorrir um pouco. — A Elizabeth provavelmente diria que foi a Meryl.

Tinha o sol por detrás, por isso não lhe conseguia ver a cara, só sentir a intensidade do seu olhar. — A Elizabeth nunca gostou da senhora Mins — concordei.

O Max abanou a cabeça e riu-se com tristeza. — Não, isso está errado. Ela odiava a Meryl.

— Sim. — Era verdade. A Elizabeth tinha-o dito assim.

— Começou antes disso. — O Max pegou na caixa do anel e colocou-a na mão.

Abriu-a e ficou a olhar para o anel lá dentro. — A Elizabeth morria de medo de que eu fosse casar com a Meryl muito antes de a Daphne ter entrado em cena. Não achava que a Meryl fosse suficientemente boa. Não achava que a Meryl tivesse o que é necessário para se ser uma esposa Summer. A Elizabeth convenceu-me a não pedir à Meryl para casar comigo. Disse-me para encontrar uma pessoa nova. Eu era demasiado jovem para ter a certeza do que pensava. — *Era impossível discordar da Elizabeth.* Tinha aprendido isso ultimamente quando discutíamos sobre os planos para as ementas, os preços dos pratos e as estratégias de relações públicas.

— Quando trouxe a Daphne para casa, a Elizabeth adorou-a de imediato. Teria adorado qualquer pessoa que não fosse a Meryl, parece-me. Desde o início que andavam sempre juntas. Achei que ela ia morrer de felicidade quando a Daphne lhe pediu para ajudar com as receitas. Adoravam as

mesmas coisas: Barnsley, cozinha, bebida. Eu nem conseguia vê-la na maioria das vezes.

— Então foi por isso...

— Sim — disse ele com tristeza. — Eu só voltei para a Meryl depois do acidente da Agatha. Só depois de não haver mais hipóteses de salvar o meu casamento.

Tinha mais uma pergunta que não tinha feito ao Max. Não tinha tido coragem.

— O que é que aconteceu entre ti e a minha mãe? — Na verdade, era a peça final do *puzzle* para mim. O último obstáculo entre a minha vida antiga e a minha nova vida em Barnsley.

— No início, fiquei zangado por causa das ovelhas.

Suspirei de uma forma bastante mais sonora do que tinha intenção. Possivelmente até revirei os olhos.

— Eu sei, eu sei. Não parece grande coisa, mas houve bastantes desavenças na vila por causa disso.

— E depois?

— E depois saiu o livro. E depois do que ela escreveu sobre a minha mãe, a nossa mãe, as ovelhas perderam a importância em comparação.

Eu não disse nada. Não me cabia a mim revelar os segredos da Elizabeth. Ela tinha tentado contar-lhe, há muito tempo, e ele não tinha acreditado nela. Talvez fosse mesmo pelo melhor.

O passado é passado, como diz o meu pai. Tal como me recordou ao telefone, quando lhe contei que ia ficar por ali mais uns tempos.

O meu pai tinha então parecido ficar pensativo. Fiquei preocupada que o tivesse zangado, logo agora que estávamos a começar a reparar o nosso relacionamento. Mas mais tarde nessa noite enviou-me um *email* com um poema de A. D. Hope, *A morte de um pássaro*, embora com a situação da Internet, só o tivesse descoberto passados dias. O poema tinha trazido consolo à minha mãe nos seus últimos dias, escreveu ele, e quando li o segundo verso, senti o mesmo conforto.

Ano após ano, uma mancha no mapa, dividida

Por um hemisfério inteiro, convoca-a a vir;

Estação após estação, com certeza e segurança conduzida,

É também o regresso a casa ao se ir.

Com o poema, o meu pai tinha-me dado a dádiva da bênção da minha mãe, e a sua, para avançar com a minha vida, assegurando-me de que fazer de Barnsley a minha casa não me ia custar aquela que eu antes tinha.

O Max estava à espera que eu respondesse.

— Parece-me justo — disse eu, por fim. Toquei no meu colar, lembrando-me de como o sentia no pescoço da minha mãe quando me abraçava. A agarrar-me às boas memórias.

O Max brincou com o anel, levantando-o ao sol, como se quisesse ver se era real.

— Eu sabia que ela não o tinha deitado fora. Apesar de todos os seus defeitos, a Daphne não era cruel. — A sua voz embargou-se e parou de falar, com os dedos a fazerem festas de forma ausente no veludo gasto da caixa do anel. — A Daphne tinha os seus problemas, mas era um génio com a comida. Adorava-a. Merece o seu lugar naquele livro.

— Ela tinha os seus próprios livros.

O Max pareceu chocado e depois assentiu. — Tens razão. Ela tinha os seus próprios livros.

— É melhor assim — disse eu. Os olhos do Max espelhavam os meus sentimentos de alívio e tristeza.

Deixei-o sentado ao sol e regressei à casa principal. A Elizabeth e o Leonard estavam a instalar as grandes mesas compridas debaixo da sombra da glicínia. Havia baldes a abarrotar de grandes dalias por todo o lado, à espera de serem arrançadas pela Fleur. Ela e o meu pai desceriam a qualquer minuto. A vista do terraço fez-me parar, mesmo apesar de eu a ver todos os dias. Mesmo apesar de agora ser a minha casa.

— Vai ser tão bonito. — Suspirei.

A Elizabeth ergueu uma sobancelha. — Há imenso que fazer antes de ser bonito, Miranda. Toma, Leonard, pega na outra ponta disto. Despachate, não temos o dia todo. — Pegou na ponta da mesa antes de o Leonard ter sequer hipótese de pegar na do seu lado. Ele sorriu e piscou-me o olho.

— Fui ver o Max — contei a pegar numa toalha de linho do monte e a esticá-la sobre a mesa. — Dei-lhe o anel.

— E já foi tarde — disse a Elizabeth de rompante. — Esse anel só tem dado problemas. — A sua própria fina aliança de ouro brilhou ao sol.

— Eu acho-o bastante bonito — disse a lembrar-me de como me tinha sentido quando o encontrei. Nunca tinha visto uma pedra assim.

— Bem, não vais receber um anel assim se insistires em continuar com ele. — Fez um gesto na direção do Leonard.

O Leonard abanou a cabeça, incapaz de conter uma gargalhada. — Ela tem razão, não sei se sabes.

Eu peguei em duas garrafas frescas de água mineral das geladeiras, aproximei-me da Elizabeth e abracei-a.

— Não vamos falar mais de anéis e noivas. Esta noite é sobre nós. As mulheres Summer. — Tínhamos trabalhado muito, era verdade. Durante a primavera inteira pintámos, limpámos e jardinámos, eu, o Leonard e a Elizabeth e o Tom.

Planeámos uma nova ementa para o restaurante, respeitosa para com a Daphne, mas com um toque em direção às minhas paixões. À comida saudável e ao bem-estar. Às plantas, frutos e ingredientes crus. Arranjámos a Internet duvidosa e eu voltei a pôr o dedo nas redes sociais, hesitante, ao início, e depois com grande prazer. Mas já não me controlavam. Assim que terminava o trabalho do dia, simplesmente desligava e esquecia-me daquilo.

A inauguração desta noite vai fazer-nos transbordar em termos de seguidores. O sítio vai estar cheio de influenciadores, profissionais do Instagram, *bloggers* e jornalistas. Estava contente por deixá-los fazer o seu trabalho e eu fazer o meu.

Por fim, a Elizabeth acabou por colocar o braço em redor da minha cintura. Estava a melhorar em relação ao contacto físico, tinha de dizê-lo. — À Daphne — disse a Elizabeth, a levantar a sua garrafa de vidro.

Levantei a minha em resposta. — À última das noivas.

Brindámos com os gargalos das garrafas, uma irmã e uma filha unidas no relvado de Barnsley, a recordar as mulheres que tinham vindo antes de nós e a imaginar as que ainda estavam para vir.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, estou tremendamente grata ao meu agente, Rob Weisbach. Obrigada por teres concordado em ler o meu manuscrito, por me ofereceres conselhos tão inspiradores e transformadores e por me guiares em cada passo desta viagem incrível.

Um agradecimento enorme à Sara Nelson por abraçar o meu livro com tanto prazer. O teu entusiasmo e comentários perspicazes foram incríveis e é uma honra trabalhar contigo.

Tendo experiência com publicações, tenho bastante noção do trabalho incansável que se passa por detrás de cena, nas vendas e no *marketing*, e agradeço a todos na HarperCollins por todas as vezes que leram, apoiaram e recomendaram o meu livro. Uma menção especial à Mary Gaule por me segurar na mão durante o processo de ser uma autora debutante, e à Miranda Ottewell pelo olhar preciso e comentários inequívocos durante o processo de revisão e edição.

Mais próximo de casa, gostava de agradecer à Kate Daniel por ler um manuscrito inicial e me dar uma opinião bastante útil na altura em que mais precisava dela, e à Olivia Buxton pela sua calma e conselhos práticos.

Obrigada ao meu gangue de escrita — Lisa Ireland, Vanessa Carnevale, Anna George e Kirsty Manning — que me forneceram conversas escritas, gargalhadas intermináveis e encorajamento constante. Um agradecimento especial à Sally Hepworth pelas leituras repetidas dos manuscritos e pela generosidade interminável. Foi mesmo um prazer.

Fui encorajada por muitos queridos amigos e família durante a longa gestação deste livro, mas gostava de agradecer especialmente às famílias Chisholm e Cockram. Aos meus pais, Rosanne e Robert Chisholm, e aos

meus irmãos, Jack e Sam, que me apoiaram na escrita desde os primeiros dias na *Boscobel News*, e à minha irmã, Anna, que todos os dias me inspira.

Um agradecimento muito especial aos meus amados Alice e Ed, que tantos dentes-de-leão sopraram a pedir desejos por mim.

Por fim, e acima de tudo, ao Wally, que continua a acreditar em mim, e que sempre, mas sempre, me encoraja a seguir os meus sonhos. Não podia ter escrito este livro sem ti. Espero que gostes.